

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

Cecília Maria Cunha

**VIVÊNCIAS EM RETALHOS:  
UM ENSAIO SOBRE A CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ  
NAS PÁGINAS DE O CRUZEIRO  
(ANOS 50)**

Florianópolis-SC  
2011



Cecília Maria Cunha

**VIVÊNCIAS EM RETALHOS:  
UM ENSAIO SOBRE A CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ  
NAS PÁGINAS DE O CRUZEIRO  
(ANOS 50)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Doutor em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart

Florianópolis-SC  
2011

#

Cecília Maria Cunha

**VIVÊNCIAS EM RETALHOS:  
UM ENSAIO SOBRE A CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ  
NAS PÁGINAS DE O CRUZEIRO (ANOS 50)**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título Doutor em Literatura, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Área de concentração em Teoria Literária.

Florianópolis-SC, 31 de março de 2011.

---

Profa. Dr. Stélio Furlan  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart

ORIENTADORA

---

Profa. Dra. Constância Lima Duarte (UFMG)

---

Profa. Dra. Cristina Steves (UNB)

---

Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

---

Profa. Dra. Helena Heloísa Fava Tornquist (UFSC)

---

Profa. Dra. Rosana Cássia Kamita (UFSC)



## RESUMO

Esta tese tem por objetivo o estudo da crônica de Rachel de Queiroz (1910-2003) publicada na revista *O Cruzeiro* no decênio de 50. Proponho uma avaliação ensaística da sua contribuição para o gênero e tento detectar a relevância de sua escrita para a crítica e a historiografia literárias. Com um amplo repertório de crônicas, publicadas por cerca de 77 anos, Rachel de Queiroz escreveu sobre os mais diferentes temas e estratégias discursivas na imprensa brasileira. Perpassado por leituras multidisciplinares, este estudo está dividido em cinco partes: anotações sobre o campo biográfico e um breve perfil do periódico; breves percursos teórico e histórico sobre a crônica; levantamento das crônicas que tematizam questões ligadas às mulheres e à literatura de autoria feminina, e, por último, crônicas que tratam de algumas facetas do artesanato da escrita. A análise da crônica de Rachel de Queiroz, portanto, é uma oportunidade de ampliação e (re) configuração do seu repertório literário na cena brasileira do século XX.

**Palavras-Chave:** Rachel de Queiroz. Crônica. Literatura Brasileira.



## ABSTRACT

This thesis aims at studying the chronicle production of Rachel de Queiroz (1910-2003) published in the “*O Cruzeiro*” magazine in the 1950s. I propose an essay evaluation of her contribution to the genre and try to detect the relevance of her writings to literary critics and historians. With a vast repertoire of chronicles, published over a period of 77 years, Rachel de Queiroz wrote on the most diverse themes and discursive strategies of the Brazilian press. Supported by multi-disciplinarian readings, this study is divided into 5 parts: notes on the biographical field; a brief profile of the periodic; a brief theoretical and historic overview of the chronicle genre; a list of chronicles which deal with issues related to women and the literature produced by women; and, at last, chronicles which dwell on different facets of the writing craft. The analysis of the chronicle production of Rachel de Queiroz is, therefore, a great opportunity to enlarge and reconfigure her literary repertoire in the 20<sup>th</sup>-century Brazilian Literary Scene.

**Key Words:** Rachel de Queiroz. Chronicle. Brazilian Literature.



## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Zahidé L. Muzart pela orientação, marcada pela liberdade de escolha de meu recorte e compreensão dos meus pontos de vista e limitações, e, principalmente, por seu exemplo de vida.

Ao incentivo e à generosidade intelectual da Profa. Dra. Constância Duarte, minha gratidão sempre.

Aos professores da Pós-Graduação, em especial: Dra. Tânia Regina Ramos, Dra. Cláudia Lima Costa, Dra. Suzana Scraminn, Dra. Simone Schmidt e Dr. Hernesto Weber pelos cursos ministrados.

Sou muito grata a Elba Ribeiro, secretária da Pós-Graduação, pelo acompanhamento carinhoso.

Agradeço à Fundação Cearense de Pesquisa (FUNCAP) pela bolsa.

Ao Sr. Nirez Azevedo, Sra. Zenita e ao seu filho, Mário, pela gentileza de dar acesso ao Arquivo Nirez e me propiciar a leitura da revista *O Cruzeiro*.

Aos pesquisadores e professores Dr. Sânzio de Azevedo, Dr. Gilmar de Carvalho, Dra. Martine Kuntz, Ms. Lourdinha Barbosa, Dra. Aurineida Cunha, Dra. Clara de Paula, escritora Ms. Socorro Acioli, Dra. Cleudene Aragão, Ms. Vânia Vasconcelos, Bibliotecária Madalena Figueiredo, gratidão pelos ensinamentos e apoio.

Às amigas e amigos de sempre, em especial: Inês Medeiro.

Sou grata ao Paulo Roberto pelo suporte técnico.

Pela valiosa colaboração na organização das crônicas, sou grata a Karine Farrapo e Ana Orlane.

Ao Núcleo Gestor da EEFM Dom Lustosa e aos professores, pelo incentivo e apoio durante a escrita, gratidão.

Por fim, agradeço a minha família – em especial a vó Laura -, aos meus irmãos - Gláucia, Rejane, Aloísio, Djalma e Marquinhos -, aos cunhados e aos pais - Dona Raimunda e seu Elon - pela solidariedade e apoio nesta jornada acadêmica.



*Aos meus filhos:  
Diego e Levi, com todo o meu amor.*

*Ao meu avô Grijalva, um candango especial.*

*Às tias Ancila, Preta e Isaura,  
pelo mundo particular de cada uma.*



**Quarta-feira, Outubro 11, 2006**

**Um texto mal feito pra comentar algo bem feito**

Tendo que fazer um ensaio sobre *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e no desespero de não saber o que fazer, comecei a ler mais sobre ela algumas crônicas, alguns textos, e cada vez mais me identifiquei com o jeito dela. Ela é, como dizem, modesta e acha que escreve mal pacas (e realmente também não acho grande coisa certas coisas...), assim como eu. Só a carinha de tartaruga dela (concordo numa das crônicas em que ela dizia que beleza era sim importante e fundamental, não só por atitude contraintelectual típica de quem quer ser diferente até dos que concorda, mas porque devia ter auto-crítica suficiente pra não se perdoar a feiúra) já fazem você detestar ela. Agora, junte uma carinha de vovó-tartaruga com uma comunista que virou direitona... bom, eu não gosto dela ao mesmo passo que não detesto. Realmente não concordo com tudo, mas me identifico mesmo assim. Af não sei sobre o que falo no meu ensaio... ainda. Descobri nela uma temática que se repete bastante - e que seria um campo fácil pra eu abordar: a da morte como libertação, coisa boa - creio que ela morreu aos 92 anos por tanto dizer que dá uma preguiiiiiiiiça viver! Por mais que ela diga que a vida não promete nada e tatatá, essa foi uma sacanagem da vida que dá até pra ouvir um risinho irônico no ar. Outra temática é dela como mulher falando de mulher e criando personagens mulheres. Alguns textos ela até dá raiva de tanto que chega a ser machista... e ao mesmo tempo ela era a maior feminista enrustida da paróquia. É foda escrever sobre alguém assim..... ambígua, ambivalente... enfim, nada de diferente. E chata. Só não devo entender direito ela, nem gostar, pela situação constrangedora e forçada em que nos conhecemos. Deve ser isso.

**Eu sou:**

Marcely Costa, 20 anos. Morbidamente consciente. Ambígua, ambivalente. Nada de diferente. Aturando um monte de gente em Curitiba, estudando Letras.

Disponível

em:

<[http://filosofiacronica.blogspot.com/2006\\_10\\_01\\_filosofiacronica\\_archive.html](http://filosofiacronica.blogspot.com/2006_10_01_filosofiacronica_archive.html)>. Acesso em: 28 fev. 07.



## SUMÁRIO

Introdução.....	17
1. Biografia, revista.....	27
2. Crônica: essa praia literária .....	93
3. Observadora literária.....	119
4. Literatura feminina, sim senhor!.....	191
5. Babugem e ruminção.....	247
Conclusão.....	321
Referências Bibliográficas.....	327
Anexo.....	363



## INTRODUÇÃO

*Posso dizer que, desde o meu primeiro livro, faço arte interessada. (...)*

*O artista pode não ser político, enquanto homem, mas a obra de arte é sempre política enquanto ensinamento e lição; e quando não serve a uma ideologia serve a outra, quando não serve a um partido serve ao seu contrário.*

Mário de Andrade.

O objetivo desta tese é mostrar a contribuição de Rachel de Queiroz para a crônica, a partir da sua presença no corpo editorial da revista *O Cruzeiro* na década de 50, e tentar detectar a relevância de sua escrita para a crítica e a historiografia literárias no Brasil.

Fala-se muito de Rachel de Queiroz. Por muitos anos ela escreveu sobre as diversas possibilidades da vida. Ela foi tradutora (mais de 100 títulos), romancista (7 livros), contista, escritora para crianças, dramaturga e, principalmente, cronista (15 livros e milhares de crônicas dispersas em periódicos). E assim, o nome de Rachel (vida/literatura) comporta amplos contextos sócio-políticos e culturais do Brasil. Neste sentido, este estudo faz parte das linhas de pesquisas - Mulher e Literatura e Literatura e Memória - e busca contribuir para que as crônicas de Rachel de Queiroz sejam consideradas como um patrimônio importante para a história das mulheres e para a memória cultural brasileira do século XX.<sup>1</sup>

O meu projeto inicial se propunha a ter como corpus de análise as crônicas publicadas em livros e como objetivo o de investigar qual seria a contribuição da escritora para o gênero crônica para a literatura brasileira. Após algumas leituras dessa bibliografia e da escrita de alguns estudos monográficos, passei para o momento das anotações a fim de delinear a caracterização dessa contribuição.

Em meio às minhas leituras, me deparava, ao final das crônicas, com referências dos periódicos – especialmente nas primeiras

---

<sup>1</sup> Parte do acervo particular da escritora foi doada em 2006 ao Instituto Moreira Salles. O material está em fase de catalogação. Cerca de 5 mil itens, entre livros, periódicos, recortes de jornais, manuscritos, correspondências, fotografias e demais documentos. Disponível em: <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=20> . Acesso em: 17 out. 2008.

coletâneas. Imbuída fiquei por uma mordaz curiosidade de ler na própria revista. Procurei então “guardar” as leituras dos livros já feitas e partir, em vôo cego, diretamente em busca da revista *O Cruzeiro*. Inicialmente, sondei as instituições públicas - Bibliotecas públicas municipal e estadual, Instituto Histórico e Geográfico - sem êxito. Finalmente, por intermédio do jornalista, pesquisador e historiador Miguel Ângelo de Azevedo – Sr. Nirez -<sup>2</sup>, tive acesso às revistas para consulta.

Esclareço a escolha da revista por dois desejos prementes. Primeiro não conhecia a revista *O Cruzeiro* e seria uma oportunidade de aprendizagem. Segundo poderia observar na revista quais as crônicas que foram “recusadas” para seleções de antologias.

Durante vários meses, percorri páginas e páginas da revista entre o deslumbramento e a hesitação pela grandiosidade do acervo. Labutei entre leituras das crônicas, anotações, até chegar o momento de fotocopiar.

Mesmo faltando alguns números da revista, a leitura dos textos - de 1945, início da publicação dos textos de Rachel até 1973, quando o seu nome desaparece do periódico<sup>3</sup> - foi muito morosa e angustiante. Evidentemente com o avançar do tempo e da leitura, percebi a necessidade de situar o meu recorte de crônicas em recorte menor, mais viável.

Após muitas reflexões, limitei o meu corpus nas crônicas de *O Cruzeiro* da década de 50. O total disponível no acervo Nirez é de 519 crônicas.<sup>4</sup> Paralelamente, por várias semanas, me empenhei em fazer uma revisão das minhas leituras sobre a ampla produção literária de Rachel de Queiroz, inclusive suprimir as lacunas de títulos aos quais até então não tinha acesso. Tal tarefa, como afirma Nelly Novaes Coelho<sup>5</sup> é

revisitarmos um mundo construído por uma Palavra de densa beleza e emoção, um mundo de ficção e realidade, cujo lastro mais significativo é

---

<sup>2</sup> Em sua casa, funciona o Arquivo Nirez - Museu Cearense da Comunicação -, propriedade privada, composto por inúmeros produtos, como bibliografia referente aos autores cearenses, coleções de periódicos (jornais e revistas) e, em maior destaque, um riquíssimo acervo da Música Popular Brasileira. Atualmente Diretor do Museu da Imagem e do Som, do Ceará.

<sup>3</sup> O curioso é que costumeiramente cita-se como término de sua contribuição em *O Cruzeiro*, o ano de 1975, o que não confere com o nosso levantamento. Encontrei crônica de Rachel até o ano de 1973.

<sup>4</sup>No Acervo Nirez, faltam 57 crônicas para fechar todas as semanas da década de 50. Encontrei 04 crônicas no site Memória Viva que foram incluídas no meu levantamento.

<sup>5</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p.552.

o amálgama entre uma funda consciência do ser-mulher, num mundo em acelerada transformação e uma entranhada fidelidade ao húmus nordestino, a mundo fronteiro entre a civilização e o primitivismo, entre a cidade e o sertão. Amálgama alimentado pelo mais puro caldo de ternura humana. (...)

Escritora de linguagem humanista, Rachel de Queiroz revela em seu universo literário a crença de que o humano se caracteriza pela vida do espírito, aquela que decide, no íntimo sentir de cada um, o verdadeiro valor das coisas, pois reduzidas a si mesmas, elas não valem nada. Consciente de que toda mudança estrutural, em qualquer sistema social, depende visceralmente de mudanças profundas na consciência ou mentalidade de cada indivíduo. Rachel cria um universo dramático, mas fundamentalmente permeado por uma intensa paixão pela vida e sede de comunhão humana.

Para mim, observar o livro na crônica e a crônica no livro era um dos pontos mais instigantes. Outra busca era perceber como Rachel de Queiroz atuava no momento literário brasileiro. Também procurei montar um repertório multidisciplinar de leituras sobre história, crítica e teoria literárias, gênero e feminismo, cultura e historiografia do período escolhido. Não pretendo descrever exaustivamente esse elenco de leituras, tendo em vista que considero essas mesmas leituras presentes palimpsesticamente na minha escrita.

É sabido que a pesquisa arqueológica, como esta de análise de periódicos, muitas vezes requer que o pesquisador construa durante o processo de levantamento de dados o seu método e as possíveis hipóteses. Neste sentido, o meu desconhecimento do suporte textual (revista) adiou as minhas formulações para que o estudo viesse a redundar em uma tese. Dizer algo de novo - aumentar a lucidez, como afirma Pierre Bourdieu<sup>6</sup> - sobre a “crônica de Rachel de Queiroz”. Sem as amarras seguras de um rigor metodológico para uma investigação, continuei à deriva. Por muitos meses ruminava leituras, gravava arquivos, passeava nos *sites*. E, concomitantemente, fui vivendo a minha

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 321.

vida miudinha. Porém, a cada nova data no calendário, a minha “demanda de responsabilidade” aumentava.

Certa tarde, vendo TV, tive uma iluminação que amenizou os meus tormentos de pesquisadora, referente às decisões que o meu objeto (dez anos de crônicas semanais) me solicitava. Era 15 de julho de 2009. A atriz e diretora teatral Bia Lessa falava no programa “Sem Censura” (*TV Brasil*). Naquela ocasião, a curadora e diretora teatral divulgava a peça - *Exercício N. 2: formas breves*. Da sua explanação o que me interessou sobremaneira foi o seu procedimento de composição da escrita teatral, marcado pela aglutinação de vários autores, partindo do livro *Formas breves*, de Ricardo Piglia<sup>7</sup>, cuja composição é uma híbrida mistura de textos na qual fio condutor é a palavra, o discurso, enfim a própria literatura. Como se o palco fosse a extensão de sua casa, o público pode apreciar os “pequenos experimentos narrativos e relatos pessoais” ou “fragmentos do mapa de um território desconhecido”, explica Bia Lessa.<sup>8</sup>

Dito isto, o gênero ensaio<sup>9</sup> se justifica como procedimento de leitura e escrita. Lembro que Montaigne,<sup>10</sup> em tempos de censura (século XVI) ficou famoso pela visão particular apresentada em fragmentos sobre diversos assuntos.

Perseguindo esta linha de pensamento e escrita, o ensaio aqui proposto pode ser visto como uma espécie de “colcha de retalhos” na qual os muitos retalhos - um mais colorido, outro com gradações de tons e entretons<sup>11</sup> - formam tecidos de diferentes fontes e vozes um jogo de sentidos múltiplos presentes na escrita.

---

<sup>7</sup> PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>8</sup> A peça é montada ou apresentada a partir de fragmentos das obras de diversos escritores (Dostoiévski, Tchecov, Thomas Bernhard, Kafka, Sérgio Sant’Anna, André Sant’anna, Anaís Nin, Pedro Almodóvar, Walt Whitman, Antonin Artaud, Elias Canetti, Bertold Brecht, Ian MacEwan, Marguerite Duras, Honoré de Balzac) Cf. notícia. Disponível em:< [http://www.cronicascariocas.com.br/cade\\_teatro.html](http://www.cronicascariocas.com.br/cade_teatro.html)>. Acesso em: 16 jul. 09.

<sup>9</sup> BURKE, Peter. Um ensaio sobre ensaios. Disponível em: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/ensaio>. Acesso em 05 fev. 2008.

<sup>10</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Livro 1 Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Da mesma tradutora e editora seguem os dois volumes nas seguintes datas: O livro 2 (2006) e o Livro 3 (2009).

<sup>11</sup> É muito interessante o ensaio de Lúcia Miguel quando usa a imagem de retalhos para falar da obra machadiana. Cf. “Colcha de Retalhos” MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Escritos da maturidade*. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1994, p. 15-18. Originalmente publicado no Suplemento Literário. Estado de São Paulo, 27/10;19556.

Atualmente vivemos um tempo marcado pelos estudos culturais. Tempo onde, tão apropriadamente resume Eduardo de Assis Duarte<sup>12</sup>, lendo Derrida, chama de “fonologocentrismo, falocentrismo, etnocentrismo” - são questionadas, desconstruídas. E é nesta atmosfera de incertezas que proponho os “retalhos” das vivências de Rachel de Queiroz, costurados pelas variadas relações intertextuais do poder e do saber presentes no texto.

Nesta atmosfera, a crônica ocupa uma espécie de “entre-lugar”<sup>13</sup>, uma zona de fronteira entre o jornalismo e o campo literário. Atuando como uma entretenedora do público, Rachel ora informa, como uma boa repórter, ora “recorre aos artifícios poéticos e ficcionais para minorar as agruras do dia-a-dia, deliciando os leitores com a aparente frivolidade que não exclui, todavia realça a crítica social.”<sup>14</sup>

Os 77 anos de sucesso de Rachel na imprensa é história muito especial. É oportuno deixar claro que a sua vida faz parte da longa trajetória de luta das mulheres brasileiras para ocupar o espaço público do saber, e, em diferentes tons, a sua vida faz parte da longa história do feminismo no país.

Segundo Zahidé Muzart,<sup>15</sup> foi no século XIX que ocorre a relação do feminismo com a literatura e com a questão dos direitos à educação e à profissão. Em sua pesquisa sobre as escritoras brasileiras do século XIX, ela deparou-se com inúmeras publicações marcadamente feministas. Muitas mulheres exerciam o seu feminismo de modo ativo como periodistas, fundadoras de jornais e periódicos. Até chegarmos os anos 50, há uma longa lista de nomes femininos que antecedem o nome de Rachel, formando uma espécie de tradição jornalística das mulheres.

É oportuno esclarecer o recorte temporal. A década de 50, marcada pelo pós-guerra, segundo Eric Hobsbawn,<sup>16</sup> está inserida no momento em que as nações do planeta conhecem extraordinário crescimento econômico e transformações sociais. Isto é, em poucos anos

<sup>12</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política e identidades*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2005, p. 68.

<sup>13</sup> Cf. “O entre-lugar do discurso latino-americano” em SANTIAGO, Silviano *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

<sup>14</sup> MELO, José Marques. A crônica. In.: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. Coleção Ensaios Transversais*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 154.

<sup>15</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In.: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. Traduzido por Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

mudaram a sociedade humana de maneira mais profunda que qualquer outro período de brevidade comparável. Nesta atmosfera, em diversas crônicas da década de 40, Rachel de Queiroz escreve com desencanto com o dito progresso, tendo em vista que a violência do período deixou marcas profundas sobre os destinos da humanidade.

Em dezembro de 1945, Rachel de Queiroz é convidada para ser responsável por uma página na crônica de *O Cruzeiro*, na época a mais prestigiada e influente revista brasileira. Ela, com certa humildade, escolheu a Última Página, tornando-a um valoroso espaço midiático.

Assim, em uma entrevista Rachel explica a razão do seu ofício:

Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesmo: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve.<sup>17</sup>

É importante frisar que, mesmo sendo textos superficiais escritos para um leitor comum – conforme a definição de Silviano Santiago<sup>18</sup> - “aquele que, diante de um texto dramático, qualquer que seja ele, se sente mais à vontade no explicado do que no enigma”- muitas vezes é a crônica a porta de entrada para a boa literatura para esse mesmo público. Neste sentido, tendo como matéria os fatos do dia-a-dia ou as vivências da escritora, a crônica é o espaço de exercício da sua liberdade da escrita marcadamente autobiográfica, o testemunho de seu tempo.

A missão do cronista é divertir. Marilena Chauí,<sup>19</sup> ao comentar sobre a indústria cultural, lembra que os seres humanos necessitam vitalmente de lazer e entretenimento. Deste modo, pensando em Roland Barthes,<sup>20</sup> a crônica deve ser um texto marcado pelo prazer e fruição,

---

<sup>17</sup> GIOVANI, Ricciardi. *Auto-retratos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<sup>18</sup> Cf. SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 90-91.

<sup>19</sup> CHAUI, Marilena. *Simulacro e poder*. Uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 20.

<sup>20</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

que dê euforia, sabor, valores e lembranças. Enfim uma linguagem marcada pelo tempo e pela vida.

O estudo aqui apresentado é marcado pela curiosidade. Nesse espaço privilegiado da revista, Rachel exercitou e aprimorou o seu ofício em diferentes gêneros textuais, tais como, conto, anúncio, ensaio, notícia, entrevista, debate, carta, testemunho, denúncia etc. A diagramação da página de Rachel em *O Cruzeiro*, uma revista de requinte e luxo, por exemplo, até o final da década era ilustrada com desenhos que enriqueciam o assunto tratado. No final da década de 50, a página traz, no canto superior, uma foto da cronista. Muitas vezes o *design* da letra impressa era comprimido mediante a necessidade de conversar com leitor, pois o tema exigia fôlego. Outros geralmente longos ou divididos em blocos, fragmentos mediados por asteriscos quando a conversa era diversificada.

É oportuno lembrar que na crônica a voz do leitor ganha importância e proporções não alcançadas em outros gêneros literários. Deste modo, a experiência da escritora, os fatos do dia-a-dia, as suas vivências, são matérias fecundas de composição de sua escrita e compartilhadas ao pé do ouvido do leitor. Para tanto, a cronista – animadora da página literária - vai “puxar conversa,” na expressão de Mário de Andrade, e “se aproxima agressiva e despididamente, sensual e fraternalmente do outro, para que este, ao passar de indivíduo a cidadão e de objeto a sujeito do conhecimento, transforme o sujeito que puxou a conversa em receptáculo de um saber que desconhecia e que, a partir do conagração, passa a também ser seu.”<sup>21</sup>

\*\*\*\*

O estudo está dividido em cinco capítulos. A disposição de cada capítulo é composta com montagens – “retalhos” – de crônicas que se entrelaçam nos diferentes capítulos, perfazendo uma escrita em trânsito, que se move nas diferentes temporalidades.

No primeiro capítulo “Biografia, revista” – examino as práticas bio-biográficas e afetivas que viabilizaram a trajetória de Rachel de Queiroz. Mediante análise das relações familiares, aspectos dos campos litero-jornalísticos e de excertos de publicações da juventude, procuro iluminar alguns momentos da sua vida literária. Neste capítulo, ressoa a

---

<sup>21</sup> SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 29.

voz de Virginia Woolf com o livro *Um teto todo seu*,<sup>22</sup> escrito em 1928. Nesta obra, ela escreve sobre as condições para as mulheres poderem exercer o ofício da escrita como profissionais, que são prioritariamente duas: “quinhentas libras anuais e um quarto”; quarto este que deve ser munido, segundo Lúcia Miguel Pereira,<sup>23</sup> uma leitora de Woolf, por uma “sólida fechadura”. Neste mesmo ano (repito 1928) a jovem Rachel – sincronicamente - trava contato com o ideário de Maria Lacerda de Moura e começa a escrever *O Quinze*, em um “quarto com liberdade de pensar sem ser importunada pela presença ou pelas opiniões alheias.”<sup>24</sup> Por fim, apresento anotações sobre o contexto histórico dos anos 50 e da revista *O Cruzeiro* para compreender e referendar a escolha empresarial do nome Rachel de Queiroz para ocupar a página do periódico por longos anos, e a minha escolha pessoal para apresentar o estudo aqui anunciado.

O segundo capítulo – “Crônica: essa praia literária” é um apanhado das teorias e contribuições críticas para o gênero crônica. Faço uma busca explanatória em vários autores e publicações, em diferentes épocas, para pontuar que, mesmo diante da insistência na “desimportância de tudo,”<sup>25</sup> o gênero é de incontestável relevância para a cultura brasileira. Também procuro pontuar alguns estudos críticos que tratam da crônica de Rachel de Queiroz até o momento atual..

No terceiro capítulo – “Observadora literária” - trago crônicas que tematizam a sobre a engrenagem em torno do livro (divulgação, leitura, autores, crítica, lançamentos, tradução, morte). Intento investigar como a cronista, mesmo escrevendo ao sabor do momento os seus textos efêmeros, reflete e contribui para a vida literária do país.

O quarto – “Literatura feminina, sim senhor!” procuro tecer um apanhado de leituras críticas de sua obra; selecionar as crônicas que versam sobre a literatura de autoria feminina e outros tópicos ligados à mulher e ao feminismo

No quinto capítulo - “Babugem e vivência” -, proponho uma leitura de algumas crônicas metaliterárias (o fazer da criação literária), a

---

<sup>22</sup> WOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>23</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Escritos da maturidade*. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1994, p. 99.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In.: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. Coleção Ensaios Transversais*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005, 155-171.

sua produção teatral, o processo de (re)aproveitamento de crônicas em livros e, ainda, rápido apanhado de seus escritos, pouco mencionados, relativos às viagens.

Com essa pesquisa “A Crônica de Rachel de Queiroz nas Páginas de *O Cruzeiro* (Anos 50)”, parte da linha de pesquisa Mulher e Literatura, desejamos por em evidência a diversidade dos escritos da escritora, revelando outras facetas da história cultural das mulheres brasileiras do século XX.



## BIOGRAFIA REVISTA

*Caraminholas, declarou o meu avô apontando o caderno de capa preta onde minha tia-avó, já velhota e ainda virgem, escrevia seus pensamentos de mistura com as anotações dos gastos da casa, nos espaços entre o preço da cebola e o caixote de sabão. Confissões sonhadoras feitas com fina pena de ganso (ou pato) e com tinta roxa, a cor da paixão.*  
Lygia Fagundes Telles

*Se me roubassem a imaginação, o élan vital da fruição artística, eu seria uma pessoa absolutamente infeliz.*  
Rachel de Queiroz

*Eu contemplava a possibilidade de me tornar escritora – e esta era a minha mais cara ambição de menina.*  
Carolina Nabuco

*Nós escritores escrevemos com papel tinta e tempo.*  
Dinah Silveira de Queiroz

*Escreve-se por causa de uma solidão que independe dos outros.*  
Clarice Lispector

### Notas breves, vida longa

Rachel de Queiroz (Fortaleza, 1910; Rio de Janeiro, 2003) é considerada uma das principais representantes do modernismo brasileiro e uma das grandes referências na história cultural das mulheres do século XX em nosso país. Em torno do seu nome, há um vasto material bio-bliográfico acumulado ao longo de 77 anos de atuação na cena pública.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Parte do acervo particular da escritora foi doada em 2006 ao Instituto Moreira Salles. O material está em fase de catalogação. Cerca de 5 mil itens, entre livros, periódicos, recortes de

Para Eduardo Duarte, Rachel de Queiroz é a primeira grande escritora da literatura brasileira cujas vida e obra são como uma “espécie de marcos ou emblemas do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX do país”.<sup>27</sup>

Oriunda de uma família de revolucionários, pais liberais, Rachel de Queiroz cresceu em um ambiente que propiciava certo acesso das mulheres aos diversos espaços que configuram o público e o privado. Parece até ficção que no início do século XIX, no Ceará, pudesse haver tanta modernidade, ou que algumas mulheres usufruíam certa liberdade. Nesse sentido, Heloísa Buarque de Hollanda, comenta:

as mulheres eram um pouquinho matriarcas encobertas e um pouquinho submissas aparentes”. Mas já eram mulheres de um novo tipo: eram mais intelectuais, liam, opinavam. Casavam-se com profissionais liberais que tinham uma mentalidade diferente daquela dos fazendeiros. Em algumas famílias, as mulheres dessa geração viviam praticamente numa república tocando piano, lendo Voltaire, lendo os enciclopedistas, sendo agnósticas (...) Tudo indica que teria sido possível, em pleno Nordeste de um século e meio atrás, o surgimento de uma ilha de feminismo e independência para as mulheres.<sup>28</sup>

Em uma sociedade marcadamente patriarcal, como no nordeste brasileiro do início século XX, surgiram outras possibilidades de vida para certas mulheres, engendradas diferentemente dos processos de organização social hegemônicos. E a metáfora da ilha insere a formação familiar de Rachel em um território quase de exceção.

### **Vida dispersa**

Em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, nasce a menina cujo nome - Rachel de Queiroz – é uma homenagem à avó paterna. No

---

jornais, manuscritos, correspondências, fotografias e demais documentos. Disponível em: <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=20> . Acesso em: 17 out. 2008.

<sup>27</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiroz – literatura e política no feminino. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995. p. 81.

<sup>28</sup> Cf. “O éthos Rachel”. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA – *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 4, set. 1997, p. 107.

aconchego da casa da avó materna, Dona Miliquinha, aquela prima de José de Alencar, uma das famosas leitoras dos serões onde Alencar lia em primeira mão a versão de romances como o *Guarani*, Rachel permaneceu somente 45 dias. Em seguida a família rumou de trem para a cidade de Quixadá, e de lá a cavalo para a fazenda do Junco, distante 18 quilômetros.

Com três anos de idade, Rachel retorna à Fortaleza porque seu pai é nomeado promotor. A família reside próximo à Praça Coração de Jesus. Entretanto, mesmo diante da importância do cargo, o pai não se adapta e faz uma troca: passa a ser professor de Geografia no Liceu Cearense.

A grande seca de 1915 gera um grande prejuízo para a família que, então, em 1917, parte para o Rio de Janeiro, onde fica por alguns meses. Habitar a capital da república era o sonho de sua mãe; ter uma vida social, frequentar teatros, cinemas. O convite partiu do tio Eusébio, um eminente professor e autor de livro de Direito, para que o seu pai exercesse a advocacia. Preparado o enxoval da viagem, guardado nas grandes malas de camarote. “O navio todo era um grande *playground*, onde se brincava em jogos de convés (ainda não havia piscinas), se almoçava e se jantava ao som de orquestra, em boa companhia. Grande honra era sentar à mesa do comandante. Os adultos dançavam depois do jantar, toda noite sem falta, até mesmo quando o navio ancorava durante dias, em Areia Branca, para carregar sal”.<sup>29</sup> Após meses de chegada, era um sacrifício para o pai o ofício de juiz: “não era aquilo que gostava de fazer. Acho que foi dele que herdei o espírito de autonomia, de não me condicionar àquilo que me sufocava; resistir. Meu pai não gostava de ser juiz nem promotor. Não gostava e pronto. Ele era um homem de muita sensibilidade e ficava na maior angústia com esse negócio de acusar as pessoas, etc. (...) Achava um inferno aquela vida e acabou largando o ofício. Foi ser professor”.<sup>30</sup>

Em seguida, mais uma diáspora. Agora viajam rumo a Belém do Pará, onde seu pai exerceria a advocacia e empreenderia no ramo do curtume. Há notícia de que também lecionou na Escola de Agronomia e de que exerceu a função de “dois comissário” da colônia cearense, organizada para a acolhida e ajuda aos retirantes. Sobre a estada escreve Haroldo Bruno: “dois anos transcorrem num velho casarão, na cidade de

---

<sup>29</sup> QUEIROZ, Rachel de. “Um pouco de nostalgia”. 2004, p. 52.

<sup>30</sup> Informações retiradas da excelente entrevista de NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel de Queiroz*. Conversas informais com a escritora. Ribeiro Preto/SP: FUNPEC, 2002. Um dos melhores livros sobre o perfil da autora e tão divulgado que será retomado em várias ocasiões.

tantos contrastes e tradições folclóricas, onde elementos coloniais fixados na pedra da sua arquitetura e nos costumes de seu povo se casam com a ostentação e o luxo do apogeu da borracha, e que teve o papel de centro de atração das estíagens cíclicas”.<sup>31</sup> Sobre esta experiência do norte, a cronista publicou uma crônica que é um perfil – ‘O catalão’: “gigante, terrível, belo e sábio” para a menina, que atesta a riqueza destas vivências a alimentar o imaginário infantil.

O local para uma temporada foi Guaramiranga<sup>32</sup> – município originado por seus parentes. Neste povoado ela viveu momentos marcantes, tais como a convivência com tios, primas e primos, e uma experiência com o teatro – uma comédia de revista, em cuja encenação a menina Rachel amargou uma frustrante atuação como atriz.

Mesmo crescendo em meio a diferentes paisagens – urbano, serra –, o que marcará profundamente a sua existência é o sertão – com o seu clima, paisagens, sabores e sabença. Como metonímia destas vivências, temos a fazenda. Conforme Socorro Acioli, a “menina Rachel tinha como passatempo ir até o açude, sozinha, embora fosse proibida pelo pai, de andar desacompanhada por lá”. E ainda “quando açude sangrava, derramando o excedente de água, Rachel e os irmãos gostavam de se aventurar entre a parede do sangradouro e a cortina de água que se precipitava numa lâmina só, violenta e prateada”.<sup>33</sup>

### **Ao redor dos livros e dos afetos**

Nas diversas passagens memorialistas, lemos que os seus pais, Daniel de Queiroz e sua mãe, Clotilde Franklin de Queiroz, eram um casal intensamente amoroso, atencioso, gentil com os filhos. No espaço do lar, imperava o respeito com as crianças; todos respondiam às suas perguntas, e havia ampla liberdade de pensamento. Nesta atmosfera familiar marcada pelo ideário liberal, a educação de Rachel começou de modo informal. A matriarca, costumeiramente lembrada por Rachel madura pela beleza e inteligência, sempre estivera atenta à educação da filha, que era a primogênita de quatro filhos. A pequena Rachel foi

---

<sup>31</sup> Cf. BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro /Brasília: Cátedra/INL, 1977, p. 99-100.

<sup>32</sup> Este município foi originado por sua família. O seu avô, João Batista, é o introdutor da cultura de café em Guaramiranga. Percorria-se de trem de Fortaleza a Baturité, de lá a travessia era feita a cavalo.

<sup>33</sup> ACIOLI, Socorro. *Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. (Coleção Terra Bárbara), p. 19.

crescendo rodeada de um grande tesouro da família: uma biblioteca composta por cerca de cinco mil títulos de autores nacionais e estrangeiros. Deste modo, a leitura é uma atividade cotidiana e natural para todos na casa. Ao lado do preparo intelectual da filha, os cuidados com o corpo tinham muita importância. Atento às novidades do início do século XX, o seu pai preocupava-se com a disciplina física dos filhos. Ele mesmo estimulava a natação no açude, caminhadas, muitas cavalgadas e a prática de ginástica, segundo as orientações atualizadas de compêndios de Educação Física.

Em relação à sua mãe, a escritora Rachel afirma que foi ela quem “alimentou a mania do papel impresso” e a responsável pela iniciação literária. Segundo Rachel, Dona Clotilde foi “amiga, companheira, colaboradora, ajudou em tudo, partilhou de tudo, como se de obra própria sua tratasse”. Procura não se deslumbrar dos êxitos da filha. Tornou-se a crítica mais arguta, “a acusar todos os seus deslizes, as ideias fracas, os maneirismos, as páginas ruins”. E principalmente, nunca sua mãe se conformou com essa tendência a que todos os “profissionais da pena” têm de “considerar o ofício de escrever apenas um ganha-pão como qualquer outro em vez do áspero sacerdócio, daquele “don redoutable” que ela sempre venerou e, de certo modo, temeu”.<sup>34</sup>

Mesmo sendo bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Dr. Daniel era um intelectual apaixonado pelo sertão onde nascera e herdou uma fazenda (Junco). Leitor assíduo, sabedor da importância da cultura popular, convivia com sertanejos (trabalhadores e amigos vizinhos) sem fazer distinção social. Em uma época em que Leonardo Mota publicava os seus estudos de cultura popular, ele se tornou também um exímio contador de histórias para a filha, prestigiando o manancial de narrativas orais que circulavam pelo sertão. Muitas vezes, à noite, pai e filha, trocando ideias, ambos embalados nas redes no alpendre da fazenda, alternavam da cartografia para os grandes reinados. Nesta atmosfera de afeto, um dos entretenimentos preferidos de Rachelzinha era aprender pela voz paterna, sempre um apaixonado pela Revolução Francesa, Rui Barbosa e Marechal Floriano, as histórias da Grécia Antiga, Roma, dos Reinos de Portugal e da França. No elenco de conversas sobre leituras em família, não podia faltar o histórico de rebeldia das famílias Queiroz ou Alencar: muitos presos, perseguidos ou mortos. “O tetravô de Rachel, Tristão Gonçalves de Alencar, um dos líderes da Confederação

---

<sup>34</sup> “Minha mãe” – Arquivos implacáveis – *O Cruzeiro*, 09/05/1953, p. 59.

do Equador, foi morto em combate. A mãe de Tristão, Dona Bárbara de Alencar, foi presa e amargou dias de cárcere na Bahia e em Fortaleza”.<sup>35</sup>

Assim rememora outros movimentos da fazenda e sua experiência:

Eu me lembro da gente vendo o trem passar com os jagunços, todos armados, com aquelas roupas de cangaceiro. Menina pequena, eu gostava do jeito com que nos tratavam; a meu pai com respeito, a mim com carinho... Atrás daquela violência, havia ternura e afetividade. Eram homens castigados pelo meio, pela brutalidade de uma vida instável e de grandes carências (...) Todo homem de luta no sertão é muito cortês (...) Quando menina, como falei, eu não tinha consciência real daquela estrutura de perversidade política. Mas sempre me tocou o lado humano das coisas.<sup>36</sup>

Devo mencionar que Rachel de Queiroz, já madura, comumente fala da infância com imagens associadas à experiência e prática da leitura notadamente dos gêneros romance e poesia: “eu lia o que estivesse ao meu alcance”. É nesta ambiência delineada que, aos cinco anos, a pequena Rachel se aventurou pelas páginas de *Ubirajara*, leu todo o romance, todavia pouco o entendeu. Vale lembrar que Alencar, parente próximo, ocupava um espaço especial nas estantes da família. Era o paradigma de sucesso literário. A menina Rachel interessou-se por uma coleção, censurada pela mãe, *As mil e uma noites* (em 14 volumes). Leu a *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto, *D. Quixote* em edição resumida, publicações dedicadas ao público infanto-juvenil. Assim, sempre por prazer, emendava uma leitura na outra: “a nossa casa era um lugar onde todos liam muito. Liam todo o tempo.<sup>37</sup> As minhas tias velhas censuravam minha mãe porque ‘vivía de romance na mão’ (...) Criei-me ouvindo discussões sobre literatura, os partidários do Eça e os remanescentes românticos que às vezes se apoderavam de meu pai,

---

<sup>35</sup> ACIOLI, Socorro. Op. cit., p. 32-33.

<sup>36</sup> NERY, Hermes. Op. cit., p. 37-38.

<sup>37</sup> Sobre as publicações dedicadas ao público infantil neste período, ver LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira*. História & histórias. São Paulo: Ática, 1984.

grande admirador de Gonçalves Dias e de Castro Alves. Meu avô materno era mais sofisticado e lia muito os críticos franceses.<sup>38</sup>

Em um breve inventário de suas leituras na infância, destaca-se o livro *Moby Dick*, de Herman Melville, a sua paixão pela obra de Júlio Verne, por Jonathan Swift (*Viagens de Gulliver*) e por *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe. Este último a impressionou profundamente. Indagada sobre o trecho que mais a impressionou, a adulta responde: “o episódio da pegada da areia, no Robison Crusóé. Tinha oito anos quando o li pela primeira vez; mas ainda hoje me causa um arrepio, o terror do naufrago que, na segurança da sua solidão, de repente descobre na praia aquele pé, aquele sinal de presença viva, misteriosa, provavelmente inimiga.<sup>39</sup> Ela sonhava com a solidão do protagonista, com o terror das pegadas do Sexta-feira na areia. Lia e relia esta cena e sempre o coração batia com força, ficava possuída pelo suspense.

Dona Clotilde assinava as edições *Plon*, com sede na França. Assim, como de costume no início do século XX, o pagamento era enviado pelo correio em francos e os livros e revistas chegavam em casa. Lá no sertão, chegou direto do Rio de Janeiro pelo correio um pequeno livro de contos, *O macaco que se fez homem*,<sup>40</sup> de Monteiro Lobato. Uma coletânea de contos que trata com muito humor dos costumes da sociedade do início do século XX. Se os mais velhos da família já conheciam o autor paulista desde *Urupês*, para a menina Rachel, foi uma “maravilhosa revelação”; notadamente a “Tragédia de um capão de pintos”.<sup>41</sup> O universo lobatiano invadiu os espaços da fazenda mediante dramatizações, discussões. Enfim, Rachelzinha se encantou com o livro e com seu autor, Lobato que passaria a fazer parte do seletto grupo de seus autores prediletos.

### **Metonímia, cena**

O seu avô tinha muitas fazendas e muitos filhos. Com dez anos de idade, Rachel recebeu de presente de seu pai a demarcação da terra onde ela deveria construir a sua fazenda, próximo ao açude, dos bosques, dos angicos, distante 180 quilômetros de Fortaleza. Ele mostrou o local, a exata posição da construção da casa, virada para o

---

<sup>38</sup> QUEIROZ, Rachel de. 2008, p. 92-93.

<sup>39</sup> Cf. “Perguntas e respostas” – *O Cruzeiro*, 24/04/1954, p. 98.

<sup>40</sup> Publicado em 1923 (SP) pela Monteiro Lobato e CIA editores.

<sup>41</sup> ACIOLI, Socorro. Op. cit., p. 43.

nascente, e a recomendação de lá morar quando casar fosse.<sup>42</sup> A faixa de terra escolhida denomina-se “Não em deixes”. A planta da casa seria feita por ela mesma; e sua fazenda construída de taipa como determinava o costume nos anos 50. Ao seu lar, refúgio, cumprindo assim o pedido do pai, sempre retornava. “Lá, realmente, é o meu lugar. Cada volta minha é um regresso. E sinto que lá é o meu permanente”.<sup>43</sup>

### Sabores e saberes

Da infância respiram os sabores das panelas da fazenda. Por exemplo, se era mês de maio, milho e feijão novo, muito queijo, coalhada, e doce de leite para oferecer ao vigário. Uma cozinha descendente dos portugueses, com forte influência indígena, a alimentação das casas de fazenda do Ceará difere muito das demais culinárias nordestinas (Bahia e Pernambuco). Mantendo acesa a chama do fogão a lenha, por muitas décadas lá reinou a avó, Dona Rachel, cujas receitas continuavam fiéis quanto aos ingredientes e modo de preparo. As carnes eram: galinha, carneiro e peru assado. Sobre as sobremesas, “era a glória”: bolos de muitas variedades, arroz-doce, aletria, broas de goma. Um destaque todo especial para os queijos, de coalho salgado.<sup>44</sup>

### Convento, saberes e segredos

Muitos acontecimentos ou “acidentes” podem determinar o rumo de nossas vidas. Com efeito, a sua avó paterna, ao comprovar que a neta desconhecia o ritual do sinal da cruz, foi impositiva e exigiu que a garota fosse matriculada no Colégio Imaculada Conceição, destinado a pensionistas e órfãs, conforme tradição da família: “vovó então fez um conselho de família e obrigou meus pais a me colocarem no colégio de freiras. No fundo, eu adorei, porque queria ir para um colégio, ver como eram as coisas lá fora”.<sup>45</sup> O currículo, ministrado por professores de ambos os sexos, além do traquejo na língua francesa, favorecia a

---

<sup>42</sup> ACIOLI, Socorro, p. 31. Também Rachel de Queiroz rememora a construção da casa em *O Não Me Deixes*. Suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.

<sup>43</sup> Atualmente esta fazenda é uma área de proteção ambiental. As suas matas são tombadas e para soltura de animais, especialmente pássaros (IBAMA).

<sup>44</sup> “Mês de Maio” – *O Cruzeiro*, 01/05/1954, p. 98. Também é primoroso o livro *O Não Me Deixes*. Suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.

<sup>45</sup> NERY, Hermes Rodrigues. Op. cit., p. 55.

educação da moral cristã, artística (música, pintura e desenho) e, a partir do início dos anos 20, após a reforma educacional proposta por Lourenço Filho, passou a oferecer o curso normal.<sup>46</sup>

Rachel comenta que estudar no Colégio Imaculada era a oportunidade do aprimoramento e sistematização dos conhecimentos e acrescenta:

O importante mesmo foi o estudo. As minhas tias, por exemplo, no começo do século, completavam cursos nos colégios de freira, mas sabendo a gramática; uns longes do que se chamava “história natural” – noções sobre os três reinos da natureza: animal vegetal e mineral; e, na ‘decoreba’, um pouco de história do Brasil, de história universal e geografia. Uns toques de francês. E bordar, cerzir, fazer bainha aberta, essas coisas ditas femininas, de que se orgulhavam os educadores era preparar “futuras esposas e mães” – com tudo de servidão doméstica que esse conceito implica.<sup>47</sup>

Evidentemente, nos anos vinte Rachel já podia sonhar com outras possibilidades profissionais além do matrimônio, do convento e do magistério. Já havia uma ampliação, ainda tímida, do mercado de trabalho, especialmente no setor terciário (comércio, escritórios, serviços públicos, etc.).

Em outra fala Rachel conta que

foi justamente por esse tempo que descobri a literatura. Até essa época eu já lia, naturalmente, mas lia como criança, pelo prazer das aventuras heróicas, pela sugestão do maravilhoso: Gulliver, Robinson, o Capitão Nemo (...). Nesta nova fase comecei a ler como adolescente, como a quase mulher em que ia me transformando depressa. A querer os livros onde falassem de amor, os eternos e róseos romancinhos franceses, em que homens

---

<sup>46</sup> Além das irmãs, também havia professores: “Dr. Lobo, nosso preferido, que sempre fumava um cigarro escondido, antes da aula, atirando furtivamente a bagana no jardim. Dr. Pimentel, que me ensinou todo o português que jamais aprendi (e não foi muito, professor!), Mozart Pinto, que era poeta; Dr. Eduardo Dias, Dr. Victor dos Santos, que nós chamávamos “Dr. Praxe”; Dr. Pimentel Júnior” (COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO, 1999, p. 164).

<sup>47</sup> QUEIROZ, Rachel de. “A condição de mulher”. 2002, p.193-194.

cheios de espírito e de tédio, cansados das sereias e dos paradoxos, se apaixonam pelas ingênuas de dezesseis anos<sup>48</sup>.

Socorro Acioli narra que certa vez Rachel pegou emprestado da Bibliotheque Rose o livro *Lê baiser au Clair de lune*, de Guy de Chantepleure, e a sua mãe, ao ver a filha com o livro, foi taxativa: “minha filha, não leia esses romances, eles só tratam de sexo”.<sup>49</sup> Esta produção livresca é um fenômeno de consumo no século e que vem passando até os nossos dias. Tomando emprestadas as palavras de Zahidé Muzart,<sup>50</sup> pode ser vista como uma “literatura alienada e alienante (...) Participa da indústria do romance, é um produto antes de qualquer coisa, no sentido de artigo de consumo”.

Uma das Irmãs do colégio – Apolline – que Rachel, carinhosamente chamava de “Ma-Soeur”, iniciou o exame de admissão, no qual a menina revelou grandes conhecimentos de Geografia, aprendidos principalmente pelas páginas literárias; nos outros assuntos, porém, Rachel não era tão brilhante assim:

Horas depois, quando passei às mãos das outras mestras para os exames seguintes, foi que se desmascarou a minha ignorância: eu não sabia tabuada, nem conta de multiplicar, quanto mais dividir e frações! Não sabia catecismo, nem ciências; não distinguia um advérbio de um adjetivo, só conjugava os verbos “de ouvido”, não tinha a menor noção do que fosse análise gramatical, pior ainda análise lógica.<sup>51</sup>

Alguns anos se passaram em meio às vinte e quatro rezas diárias do Imaculada e os dias de boletim, nos quais não se ousava sequer sorrir. Rachel narra que “a gente sentia o peito oprimido, um vago medo (...)”. Nesta atmosfera, uma confraria feminina amadureceu. Essa formação sentimental e intelectual, porém bem menos religiosa, de Rachelzinha marcou indelevelmente os seus anos, proporcionando-lhe assim, posteriormente, matéria ficcional para *As três marias*, narrativa autobiográfica. “Nesta nova fase comecei a ler como adolescente, como

---

<sup>48</sup> QUEIROZ, Rachel de. 1982, p. 29.

<sup>49</sup> ACIOLI, Socorro. Op. cit., p. 42.

<sup>50</sup> Cf. MUZART, Zahidé L. Literatura de mulherzinha. *Labrys. Estudos Feministas* (online) v. 11, p. 1, 2007.

<sup>51</sup> QUEIROZ, Rachel de. “Morreu Irmã Simas”, 1970, p. 147.

a quase mulher em que ia me transformando depressa, a querer os livros que falassem de amor, os eternos e róseos romancinhos franceses, em que homens cheios de espírito e de tédio, cansados das searias e dos paradoxos, se apaixonam pelas ingênuas de dezesseis anos<sup>52</sup>.

Durante as férias colegiais, a avó Maria Luiza gostava de solicitar para as netas leitura de romances (literatura *rosè*) em francês que, além de entretenimento, contribuía para o aprimoramento dos estudos deste idioma. A avó, uma ouvinte atenta, embaralhava os bilros para compor uma renda e tecia observações a respeito do tema ou dos personagens fabulares. Esta atitude deixava as netas admiradas pela argúcia da matriarca nas urdiduras romanescas. Para amenizar esta influência literária menos clássica, a mãe de Rachel procurava encaminhá-la para os autores clássicos, como os livros de Eça de Queiroz, Júlio Diniz, Herculano, Zola, Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Edmond Rostand. Quanto aos escritores nacionais: Alencar e Machado ocupavam lugar de honra, pois eram paradigmas de composição literária para a menina.

Ao mesmo tempo, exerceu influência no repertório de leitura de Rachel a sua avó paterna, que, além de apreciar os portugueses e alguns poucos escritores franceses, requisitava às netas a leitura hagiográfica. Rachel bebeu na fonte dos místicos, mediante os serões de leitura compartilhada:

o mais importante era o *Flos Sanctorum* ou Coleção Vida dos Santos. A neta do dia tinha que ler a vida do santo do dia não só para a avó, mas para todo o mulherio da fazenda. E quando acontecia a história de um santo de vida mais inusitada, como Santa Egipcíaca, que deu o corpo ao barqueiro em pagamento da passagem, ou uma outra santa que se vestiu de frade e foi acusada de seduzir uma donzela, fazendo-lhe um filho, minha avó observava com prudência: há santos que a gente deve venerar, mas não deve imitar.<sup>53</sup>

Esta narrativa e, ao mesmo tempo, experiência de infância rondou na sua mente até ser a matéria para a construção de sua peça *Beata Maria do Egito*, lançada na década de 50.

Fazendo as emendas deste álbum de leitura, não posso me excluir de falar da poesia. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1977, a consagrada escritora Rachel de Queiroz traz à cena

---

<sup>52</sup> QUEIROZ, Rachel de, 1982, p. 29.

<sup>53</sup> QUEIROZ, Rachel de. 2008, p. 92-93.

para os imortais e convidados a “menina-moça, mais menina do que moça” que, debruçada sobre o peitoril da casa na fazenda, procurava a lua com os olhos, já não mais míopes,<sup>54</sup> aquela menina suspirando, murmurando um poema, uma espécie de ‘reza, uma encantação’. Traz a memória daquele momento solene à experiência de uma “intoxicação poética” com versos parnasianos de Raimundo Correia, o seu patrono. A menina Rachel teve outras “intoxicações poéticas”, porém mais suaves, considerando-se que estava “vacinação pela leitura e pela experiência que aumentava”. Ressalte-se que igual sentimento – alumbramento – experimentado com os versos de Correia, só mesmo com a poética de Manuel Bandeira, o poeta preferido de sua longa existência.<sup>55</sup>

### **Da clausura para a rua**

O ano de 1925 foi um ano decisivo. Rachel, aos quinze anos, conclui precocemente o curso normal e já tinha uma profissão: professora. Neste mesmo ano, Guilherme de Almeida realiza a famosa conferência “A revelação do Brasil pela poesia moderna”,<sup>56</sup> no teatro José de Alencar, contribuindo com o intercâmbio e na consolidação do ideário modernista em Fortaleza. Ainda muito jovem, Rachelzinha retorna ao sertão. Será um momento de intensa dedicação à leitura, até porque a inclinação para o magistério parece que não se revelou tão intensa em seus projetos de vida. Nesta época, os livros e a escrita foram o consolo e os parceiros amigos. Por muitas horas, ela mergulhava nas páginas dos autores clássicos: “todo mundo me dava livros. Sabiam que eu lia muito” – com avidez para superar os dias e aprimorar o seu repertório cultural intensamente ampliado durante a permanência no Colégio.

Agora passo a comentar a prática da escrita. Em uma casa onde a palavra ocupava um lugar especial, desde cedo Rachel escrevia, geralmente uma imitação de tudo o que tinha lido, escutado no momento. Escrevia em segredo, em surdina, pois tinha receio de enfrentar a censura e os olhares da família. Também rabiscava

---

<sup>54</sup> Ela passou a usar óculos aos dezesseis anos.

<sup>55</sup> Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (1977). Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=256&sid=115&tp>. Acesso em: 2 jan. 2010.

<sup>56</sup> Transcrita no *Ceará Ilustrado*, 1925.

versinhos, longos bilhetinhos que entregava ao seu pai às escondidas, com medo da zombaria dos irmãos. Inventava histórias mirabolantes com seres fantásticos. Muitas vezes ouvia as gozações dos irmãos, chamando-a de “literata”! Estes momentos eram marcados pelo processo contínuo de escrita, seguido pela destruição, um exercício de escrita primordial, um ensaio para um futuro que nem era sonhado.<sup>57</sup> Durante as férias, às escondidas, ela rabiscava histórias marcadamente românticas, que eram destruídas com a mesma pressa já citada: “rasgar tudo, com medo do patrulhamento dos meninos e – horror dos horrores – que minha mãe, ela sim, com seu bom gosto literário, os descobrisse. Para não correr riscos e porque me parecia mais bonito, eu fazia uma fogueirinha no quintal com os meus escritos e os meninos começavam a dizer que eu andava fazendo bruxaria – ideia que, aliás, me agradou enormemente. Então, inventei um ritual: consumida a fogueira, enterrava cuidadosamente as cinzas”. Também tinham o mesmo fim as iniciativas em versos, escritos e imediatamente triturados: “liquidava-os recém-nascidos”<sup>58</sup>.

Entre os poucos escritos guardados, Rachel cuidou com afeto de umas folhas de papel pautadas (tamanho 20 cm x 11 cm), encadernadas em forma de livro com anotações ou apontamento escolar de Geografia. Este manuscrito, um primor de documento da história educacional, bem como da formação da escritora, está datado: 20.10.1922. No entremeio das páginas escritas, aparece o seu nome escrito como Rachel Queiroz Lima, Rachel Francklin Queiroz, rabiscos do “R” e “Q”, esboço de um rosto, nomes de amigas.<sup>59</sup> Visualizo, enfim, uma espécie de ensaio de uma vida literária, expressão de um sonho, de um desejo de autoria.

---

<sup>57</sup> Em uma crônica Rachel afirma qual era o seu sonho de infância: “Bem, quando adolescente resolvi ser atriz. É que passara por Fortaleza uma companhia de operetas e, é lógico, fiquei toda alvoroçada. Meu pai, do sertão, me comprou uma assinatura para duas pessoas e me mandou para a cidade. Acompanhada de uma velha amiga da família, fomos a todas as récitas (menos a “Casta Susana”, que era imprópria). Essa temporada me virou a cabeça. Nunca mais perdi companhia teatral de passagem pela terra; e, na falta, ia aos espetáculos dos amadores locais. Estava decidida a minha vocação. Ia ser atriz. Lia toda peça de teatro em que punha a mão, me sonhava uma grande atriz, uma Duse, ou no mínimo uma Lucilia Peres. Mas nunca falei desses sonhos a ninguém: fracassando, ninguém me poderia fazer cobranças!”. (QUEIROZ, Rachel de. *A vida em pedaços*. 2004, p.34).

<sup>58</sup> Cf. QUEIROZ, Rachel de. *A vida em pedaços*, 2004, p. 35.

<sup>59</sup> Esta escrita artesanal – o livro de anotações – guardada por muitos anos, foi confiada aos cuidados do amigo e conterrâneo, o bibliófilo José Bonifácio Câmara. Atualmente faz parte do Acervo de Obras Raras da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Agradeço à bibliotecária Madalena Figueiredo pela indicação de leitura e acesso a este manuscrito.

Um fato contado por Socorro Acioli marcou a adolescência de Rachel:

Certa vez, Rachel estava com a família no sítio do Junco, comemorando as festas juninas, quando houve a notícia de que um grupo numeroso se aproximava a cavalo. Todos na casa pensaram que eram os homens da Coluna Prestes, que atravessavam o País levando inconformismo e esperança.

Os irmãos de Rachel disseram quase em coro: se for de fato a Coluna Prestes, iremos nos juntar a ela. Rachel, em seu coração sonhador, pensava intimamente: eu também!

Daniel e Clotilde não se conformaram com a pronta adesão dos filhos à Coluna. Clotilde fez uma trouxa com suas joias e escondeu-a no canteiro de coentros do quintal. Daniel temia que lhe requisitassem o gado. Os filhos ficaram decepcionadíssimos com a atitude dos pais. Pensando em bens materiais, quando eles pensavam em revolução.

O pior veio depois. Os filhos ficaram mais decepcionados ainda ao saber que o grupo que se aproximava não tinha nada a ver com a Coluna Prestes. Era uma caravana de ciganos, andando a esmo pelo sertão.<sup>60</sup>

Outro ano decisivo foi 1927. Daniel comprou um sítio – PICI – em Fortaleza para facilitar o acesso dos filhos aos estudos. Uma casa de veraneio ou um casarão antigo, com plantio, pomar, gado, açude. Enfim, um local agradável para as leituras e devaneios:

Eu estava naquela faixa de entreaberto botão, entrefechada rosa, louca por desabrochar e ver o mundo. No sertão, o vento nordeste já soprava violento, a folha do marmeleiro enrolava e caía, e o mormaço do verão, entre as duas e três da tarde, era de crestar a pele do rosto e as flores no meu pequeno jardim.

---

<sup>60</sup> ACIOLI, Socorro. Op. cit., p. 44.

## Ao correr do tempo

Na fazenda, uma das grandes atividades diárias era a leitura de jornais que atualizavam a todos das novidades da cidade. Aos dezesseis anos Rachel ganhou os seus primeiros óculos. Até então não sabia o quanto era míope.<sup>61</sup> Foi durante uma leitura sobre a escolha para a mais bela representante dos estudantes que Rachel sentiu uma motivação ou indignação para criticar tal concurso. Quiçá em segredo, enfrentou a timidez, com certa inocência, escreveu uma carta e enviou-a para o jornal *O Ceará* assinando com o pseudônimo “Rita Queluz”.<sup>62</sup> Este jornal era anticlerical, sendo um dos veículos de renovação do jornalismo cearense na década de vinte. A missiva foi entregue a Suzana de Alencar Guimarães,<sup>63</sup> coordenadora da página literária e que era rainha por Rachel ridicularizada. Tal ousadia despertou interesse na redação pela escrita e tom humorado pela elucidação da autoria. A carta foi publicada em 03 de fevereiro de 1927. O mistério da autoria foi rapidamente elucidado. O jornalista Jáder de Carvalho ao ler o carimbo do correio da Estação do Junco (Quixadá), supôs que Rachelzinha poderia vir a ser a remetente.<sup>64</sup> Após esclarecimento da autoria na redação do jornal, Rachel foi convidada por Suzana de Alencar para ser uma das princesas, acompanhante da rainha, porém a adolescente recusou tal convite<sup>65</sup> ao mesmo tempo em que aceitou ser colaboradora do jornal, cujo dono era Júlio Ibiapina, grande amigo de seu pai. Para selar os acordos com a jovem estreante, os seus pais compareceram ao jornal *O Ceará*, onde Rachel foi acolhida com carinho por todos, especialmente por Demócrito Rocha, redator-chefe, já amigo da família e que se tornaria uma espécie de padrinho ou o irmão mais velho. Rachel, com salário estabelecido de cem mil réis por mês, começou a

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> O uso do nome “Queluz” pode ter sido adotado em referência ao famoso Palácio de Queluz, onde nasceu e faleceu, na sala D. Quixote, D. Pedro I, o primeiro imperador do Brasil. O palácio foi construído em 1747, distante 15 quilômetros do centro histórico de Lisboa, para ser a residência de veraneio da família real. Esta edificação, de estilo neoclássico e com traços do rococó, faz parte das obras que o rei D. João V promoveu à custa da receita oriunda do ouro extraído no Brasil na primeira metade do século XVIII.

<sup>63</sup> Suzana de Alencar publicou fartamente na imprensa cearense na década de vinte: poemas, crônicas, contos, artigos e críticas.

<sup>64</sup> Esta carta, que será reproduzida no próximo capítulo, foi procurada exaustivamente por tantos pesquisadores. Somente recentemente, com a publicação *Mandacaru*, seleta de poemas guardados pela autora, cuja publicação fac-similar foi organizada por Elvia Bezerra, coordenadora do Acervo de Rachel no Instituto Moréia Salles, foi possível o acesso.

<sup>65</sup> A carta seria republicada no jornal *O Povo* em 06 de agosto de 1930, em meio ao discurso de Suzana de Alencar, na ocasião dos festejos pela publicação do romance *O Quinze*.

sua trajetória na imprensa; assim ela continuou com a longa tradição literária das mulheres que iniciavam as suas incursões artísticas nas páginas dos periódicos. As suas contribuições para o Jornal eram enviadas de casa, ou seja, era uma jornalista de “banca”, e não uma repórter profissional que corre atrás da notícia. Também apreciava o Passeio Público, espaço de *footing* e de *flirt* da mocidade da época.<sup>66</sup> Outras vezes, ela passava na Confeitaria ou em algum Café para encontrar com amigos e literatos, como por exemplo mestre Antônio Sales.<sup>67</sup> Em meio aos seus compromissos literários, ela experimenta um novo momento de sociabilidade na roda de intelectuais; sentia-se à vontade mesmo sendo uma das únicas mulheres, considerando-se que ela se encontrava no meio de conhecidos da família. Estas conversas eram a oportunidade de se aprimorar, aprender mais sobre o seu ofício.

Quando a Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo, Rachel tinha apenas 11 anos, mas afirma que “aos 14, 15 anos, ainda havia as repercussões desse acontecimento que deu uma arejada em nosso pacato meio cultural. Por aqui a revista *Ceará Ilustrado*, de Demócrito Rocha, era uma divulgadora dos ares modernos da cidade. Foi por aí que comecei a me interessar mais diretamente por literatura. Sempre fui uma pessoa muito moderada no que escrevo, é fácil ver, não gosto muito das notas sensacionalistas. Procurei fazer um tipo de

---

<sup>66</sup> Uma questão familiar. Os filhos já adolescentes necessitavam de um convívio sócio-cultural mais frequente na capital. Após uma forte campanha da família, Daniel Queiroz compra um sítio de veraneio, com açude e pomar, na Parangaba. A escritora Socorro Acioli, após várias pistas, encontra a casa, torna-a matéria para o seu livro, *A casa dos benjamins* (Ed. Caramelo, 2005). Em 2006, foi considerada Patrimônio Cultural de Fortaleza.

<sup>67</sup> Este autor, em seu estudo “História da Literatura Cearense”, de 1920, traça um quadro bastante curioso das mulheres cearenses: “Não tem sido grande - felizmente, diria um antifeminista contumaz - o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente. A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa. Não lhe falta inteligência; ao contrário: sempre é posta à prova, a mentalidade feminina em nossa terra se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes. Mas em nosso meio e em nosso clima a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte, que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense. Isso não exclui a sua capacidade para o trabalho material ou mental, a sua faculdade de cultivar a inteligência quando é preciso e dela tirar partido para ganhar a vida ou auxiliar a manutenção dos seus, quando privados da assistência do trabalho masculino. Neste ponto a mulher cearense é inexcedível, em atividade e dedicação, e pode ser apresentada como o modelo da companheira do homem. Mas a rotina da educação provinciana, a timidez, a resignação um tanto oriental do seu temperamento, tudo a leva a negligenciar o cultivo do espírito em proveito das utilidades da feminilidade tradicional. Poucos nomes se podem citar, pois, entre as mulheres que têm brilhado nas letras, além das que se distinguem no magistério (...)” Cf. GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987, p. 18.

literatura que fosse realmente só um testemunho, quase que só um depoimento.<sup>68</sup>

Neste período circulavam na imprensa cearense, além dos textos de autoria masculina, muitos nomes femininos como Francisca Júlia, Cecília Meireles, Maria Eugênio Celso e as cearenses Adília de Luna Freire e Suzana de Alencar.

No jornal *O Ceará* Rachel ficou responsável por uma página literária especial, a *Jazzband*. Pelo próprio nome, chamo a atenção para a intenção do jornal de se ajustar ao ritmo das ondas modernistas (notadamente do Futurismo) que por aqui ressoavam. A página dispunha, na parte superior do desenho, de uma banda de *jazz*. Este estilo musical era considerado, na época, o som do futuro, a vanguarda, pois tinha como marca principal a improvisação ou liberdade criativa. É este espírito que marca a página da jovem Rachel, espaço por onde circulavam textos (em prosa ou verso) de autores locais e alguns nacionais.

Nesta época, após a estreia no jornal, com um bom salário de 400 mil réis por mês, Rachel compra um automóvel usado a prestação – *Overland*.<sup>69</sup> Em uma das primeiras experiências com o volante, derrubou o muro do alpendre e quase atropelou o pai. Desistiu de ser motorista com a frase do pai: “além de louca é cega”.<sup>70</sup>

Rachel publica em março de 1927, assinando Rita Queluz, a crônica “A melindrosa”.<sup>71</sup> O texto traz um engraçado quadro descritivo da melindrosa, um ícone feminino dos anos 20. Começa pelo andar esquisito, “sorocoteio de charleston” passa pelo *toilette* de saias curtas, para os detalhes do *rouge* (pintura). A melindrosa é uma cliente dos

<sup>68</sup> NERY, Hermes. Op. Cit., p. 65.

<sup>69</sup> Rememora em “Meu cavalo de sela”: *Quando menina, ganhei um cavalo de sela, de raça campolina; era melado, e como por lá dizem; a palavra pode ser feia mas exprime exatamente a cor que ele tinha: dourado de mel. Chamava-se Quebranto, e sabia de nascença todas as marchas sem precisar de ensino, desde a estrada macia de viajar à baralha de exibição. Era um bicho fidalgo e precioso, para mim não havia tesouro no mundo que o pagasse e no entanto morreu de uremia aos quatro anos de idade. Não me deixaram usar luto por ele, o que foi uma injustiça, pois só me cobrindo toda de preto poderia eu exprimir e extravasar a dor daquela perda; e assim ficou-me o recalque dela por muito tempo.*

Mas veio um ano atrás do outro. E aos dezoito anos, com o primeiro dinheiro que tive de meu, já não foi um cavalo, sucessor de <Quebranto>, que tratei de adquirir. Comprei foi um automóvel, de segunda mão, a prestações – automóvel, aliás, que me foi confiscado pela família em prazo breve; - mas isso já é outra história e não vem ao caso. A moralidade da reminiscência está na constatação de quanto foi súbita a morte do prestígio do cavalo, antigo e fiel companheiro do homem desde as idades mais bárbaras (O Cruzeiro, 16/06/51, p. 130).

<sup>70</sup> ACIOLI, Socorro. Op. Cit., p. 51-52. Nunca mais Rachel de Queiroz dirigiu um carro na vida.

<sup>71</sup> *O Ceará* – Jazzband, 10/04/27, p.13.

produtos anunciados pela revista carioca *Fon-Fon*,<sup>72</sup> uma figura feminina bem contraditória. Tanto empenho em se aformosear pode ser resumido em um único objetivo: encontrar um marido rico: “quanto trabalho na procura inútil, pelas avenidas, pelos cinemas... que cansaço de tanto passeio baldado pelas calçadas das lojas, que aborrecimento na maquiagem diária, fadiga nas lojas”. Rita Queluz encerra a crônica aproximando homens e mulheres, ou seja, os pretendentes. As mulheres anseiam por um príncipe encantado; e eles por uma mulher perfeita. De tais pretensões a cronista tira conclusão com uma frase nominal: “Utopias”. Se os assuntos mais debatidos na época eram o casamento e o divórcio, nas entrelinhas de uma crônica despreziosa a autora problematiza a complexidade dos relacionamentos baseados por idealizações mútuas, antecipando questionamentos que serão tratados em seus romances.

O apego ao sertão está marcado no poema “Home”,<sup>73</sup> da mesma época, e trata de uma descrição do “ninho sertanejo”: porta, o telhado, as plantas, as cores. Em contraponto, o poema remete ao passado colonial e escravocata da habitação: “Mas meu ninho risonho / Também tem seu capítulo tristonho, / Também tem sua página de dor... / Quando ainda bem vivos / Vestígios das senzalas / Que em desoladas falhas / Nos recordam os cativos / A gemer sob o relho do feitor...”. Estas imagens trazem amarguras, tristezas, melancolia à casa poética. Este poema, cujo título em inglês segue a modernidade da época, parece ser contraditório na medida em que aborda uma morada – a fazenda – que está estagnada no tempo, que é espaço de alegria e de tristeza, de tranquilidade e de lamentos. O sertão – a sua casa – passa a ser considerado como o ponto de partida (da vida e da escrita). É sobre esta paisagem e sua gente que ela escreverá o seu primeiro romance.

### Folhetim da juventude

Seguindo a longa tradição que vem desde o século XIX de publicação em rodapé de jornais de folhetins, em 1927, com o pseudônimo de Rita Queluz, Rachel publica *História de um nome*.<sup>74</sup> Acredito que este folhetim possivelmente já vinha sendo objeto de

---

<sup>72</sup> Revista carioca ilustrada de muito sucesso que trazia as últimas novidades da moda francesa, ditava comportamentos, mas também assegurava o padrão tradicional.

<sup>73</sup> *O Ceará – Jazzband*, 07/06/1927.

<sup>74</sup> Agradeço ao professor Dr. Sânzio de Azevedo pela gentileza de me ceder uma cópia do folhetim.

pesquisa, de escrita, até a data de publicação. A narrativa, dividida em sete capítulos, trata das peripécias do nome – RACHEL – encarnando muitos personagens ao longo da história. Diante desta transformação, o nome “Rachel”, escrito na folha do caderno, é o nome – a representação gráfica – que vira gente. A grafia humanizada começa a fazer peripécias ao longo da história. A primeira aventura narra o nome encarnado em uma filha de Labão, a mais amada por Jacó. O texto bíblico é modificado, jocosamente com adjetivação excessiva, realçando a beleza e bondade de Rachel, e pintando a antagonista, irmã Lia, como “gorda”, “estrábica”, “sardenta” e “diabólica”. No segundo capítulo, narram-se histórias rápidas de Rachel em Israel e no Egito. E aproveita para lamentar a pouca significância de sua encarnação: “não me proporcionavam as emoções que exigia o meu espírito de nome romanesco / Leva uma vida de incrível monotonia: nascer, casar, procriar, morrer”. Em busca de vidas grandiosas, do terceiro ao quinto capítulo passamos à Idade Média. Conta-se então a história de amor entre a filha de um ourives com o filho de um nobre francês, tendo como pano de fundo as Cruzadas. Do feudalismo Português temos a vida de uma freira, morta de tuberculose. Ainda o nome encarnado na vida de uma filha de camponês que, ao lado do primo amado, se aventura em busca de riqueza por terras além mares. Quanto aos capítulos sexto e sétimo, o espaço é o Brasil. Primeiro, os tempos de Pernambuco colonial, cujo enredo traz as maldades da filha de um senhor de engenho, a Nhã-Nhã Rachel, impiedosa com os negrinhos. Na última parte, “personagem irreal” do romance *Moço Loiro*, de J. M. de Macêdo, motivo de ironia e risos por seu abusivo romantismo. Para fechar o folhetim, o nome – garatuja falante – volta-se para a Rachel, menina escritora.

Neste folhetim, marcado pela pulsão narcísica, pode-se ver a busca de afirmação da jovem escritora, pois o passeio pela história denota o desejo da jovem de propagar uma rica cultura historiográfica. Também pode ser pensada na busca de afirmação nos campos social e literário pela palavra. A iniciante mostra-se com vigor para novos e mais ousados voos artísticos a partir desta narrativa. Ainda extrapolando esta leitura, encaro como uma tentativa por meio da qual ensaia, no sentido mais amplo da palavra, a romancista e suas representações femininas futuras – Conceição, Guta, Dôra ou Moura – personagens basilares de sua prosa romanesca. A última protagonista, vista como síntese de

todas,<sup>75</sup> trafega por muitas paisagens em busca de um caminho. Nesta perspectiva, ela antecipa, em *História de um nome*, o assunto que será a marca de sua produção literária: a própria mulher.

### Entre elas, feminismo sim

É bom lembrar que alguns nomes femininos, como Henriqueta Lisboa, Maria Sabina, Berenice Lisboa, Maria Eugênia Celso e Júlia Lopes de Almeida, as quais esporadicamente figuravam nas páginas dos periódicos cearenses. As duas últimas obtiveram muito êxito com os seus livros, podendo ser consideradas como paradigmas de mulheres que objetivam obter sucesso de crítica e público com a sua produção literária.<sup>76</sup>

Quando Rachel entrou na cena cultural cearense no século passado, ocorriam grandes avanços da luta das mulheres para participarem oficialmente da vida pública (sobretudo na Europa e Estados Unidos). No Brasil, o movimento anarquista, as greves operárias de 1917, a Primeira Guerra Mundial e as lutas pelo sufrágio tecem o painel para o surgimento de nova geração de feministas. Um exemplo é a bióloga Bertha Lutz, que coordenou a organização do I Congresso Internacional Feminista, consolidando-se nesta época a criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Esse momento, denominado de Primeira Onda Feminista, centrou-se na luta pelas mulheres na conquista de direitos políticos (direito ao voto, à educação e aos direitos civis).<sup>77</sup> Aparentemente parece que Rachel assistiu de camarote ou pelas páginas impressas às lutas das mulheres – em diferentes modalidades e temporalidades pelo Brasil.

É sabido que Rachel manteve-se distante da luta pelo voto feminino, pois a considerava separatista, por ser uma bandeira ligada a grupos apoiadores de Getúlio Vargas (ao longo de sua vida confessava-

---

<sup>75</sup> Conforme leitura de Maria de Lourdes Leite Barbosa, *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

<sup>76</sup> Zahidé L. Muzart (UFSC), ao constatar a ausência e esquecimento de nomes femininos nas histórias da literatura e em muitos dicionários, coordenou uma pesquisa com o objetivo de reverter tal situação, e assim elaborou com equipe de pesquisadoras uma antologia para contextualizar, criticar e fazer circular uma produção que permanece desconhecida ou silenciada. Ao longo de vários anos, foram resgatados 160 nomes de escritoras, compondo três volumes intitulados *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, publicados pela Editora Mulheres.

<sup>77</sup> Não poderia deixar de mencionar a importância e o pioneirismo de Nísia Floresta, também do Nordeste (RN). Cf. DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta - a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 2005. (Série Feministas).

se uma antigetulista convicta); enfim, a luta pelo voto distanciava-se da luta maior que deveria ser por uma sociedade justa. A sua posição política pode ser compreendida pelo ambiente liberal da sua família, assim como pela aproximação com os representantes do pensamento político nas redações dos jornais, muitos deles simpáticos ao espiritismo e idéias anarquistas.

Um encontro marcante que considero formador de uma visão de mundo da jovem jornalista foi o ideário de Maria Lacerda Moura veiculado nas páginas de *O Ceará* em 1928.<sup>78</sup> Os textos são enfáticos, entusiasmados pela postura – naquela época – de Maria Lacerda, que já se “afastava e gradativamente das organizações feministas formais, pressentindo, talvez, que o direito de voto traria benefícios principalmente às mulheres de classe média, muito mais que uma substancial ajuda ao grosso modo da população brasileira ou maiores alterações na estrutura social do país”.<sup>79</sup> Abandonou São Paulo, passando a morar em uma comunidade alternativa, uma chácara em Guararema, interior de São Paulo. E Rachel, adolescente, manteve contato – encontros textuais – com Maria Lacerda de Moura, sendo que reproduzia os seus textos (*Feminismo? Caridade?* Jornal *O Ceará*, 1928), traçava o seu perfil e a defendia das críticas misóginas na imprensa, em especial a imprensa católica. Maria Lacerda (educadora, escritora, intelectual, militante, jornalista polêmica), considerada a primeira feminista que se envolveu com o movimento operário e sindical, faz um intercâmbio com a jovem escritora Rachel. Na ocasião do aniversário de dezessete anos, Rachel recebe e publica uma carta, espécie de manifesto aberto, onde Maria Lacerda agradece a divulgação e defesa do seu pensamento na imprensa, e justificando seu isolamento e/ou descrença em relação às organizações coletivas. Ora, se ainda hoje se percebe a atualidade de seu pensamento (notadamente no que diz respeito ao corpo da mulher, à repressão da família, amor, do Estado e da Igreja), fico a imaginar o vanguardismo dessas ideias naqueles tempos, e como ecoavam em todo país. Desfeito os nós dos equívocos, entendo que o que poderia ser um encontro de doutrinação, na verdade

---

<sup>78</sup> Veja as publicações encontradas durante a pesquisa. De Maria Lacerda de Moura, os textos “Feminismo? Caridade?” (31/01/1928) e a “Carta aberta aos dezessete anos maravilhosos de uma cearense” (8/12/1928). De Rachel de Queiroz: “Em torno da fulgurante individualidade de Maria Lacerda de Moura” (20/10/28), “Maria Lacerda de Moura” (21/10/1928) e “Em torno da personalidade de Maria Lacerda de Moura” (24/10/1928).

<sup>79</sup> HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino*. A luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Traduzido por Eliane Tejera Lisboa. Apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNUSC, 2003, p. 291.

se configurou em afinidades eletivas, e a acentuada individualidade assumida por Maria Lacerda, com seu feminismo “menos comportado”, possivelmente pode ter exercido um fascínio na então jovem escritora Rachel.

### **Revista, sucesso**

Dando continuidade a este levantamento, ao ano de 1927, tempo de iniciação de Rachel na área literária, cito as contribuições para a revista *A Jandaia* – arte, literatura e atualidade,<sup>80</sup> de Aldo Prado. Entre o *glamour* dos astros do cinema e dos “grandes” da cultura local – Antônio Sales, Júlio Maciel, Gastão Justa, nesta revista encontrei três poemas assinados por Rita Queluz.

O poema “Spleen” aproxima-se, pela temática da fantasia, à estética romântica. A partir da leitura de um livro antigo, “paliativo” para as horas de mau humor, o eu lírico discorre sobre o famoso personagem de Cervantes: “O cavaleiro de audácia infinda / De heróico aspecto, de negro olhar, / De altiva fronte, larga e orgulhosa... / Vives sonhando com a dama linda/ Que vês na torre sempre a cismar / Qual visão doce, meiga e radiosa...”. Mediada pela leitura, a poeta viaja pela imaginação com o corajoso cavaleiro e sua amada princesa de “olhos tristonhos”. Esta narrativa clássica é o pretexto para a evasão, uma saída para libertar-se do “tédio de todo dia”.

Em “Balada da velha história”, Rita Queluz é brincalhona e irônica: “Era uma vez bela princesa / Que tinha alma do marfim...”, esta donzela fica à espera de seu príncipe que fora para a guerra. Muito delicada, percebendo-se abandonada, cheia de saudade, ela acaba morrendo de tristeza: “Lá num recanto do jardim / Acharam morto, da princesa / O lindo corpo de marfim...”. Na mesma página do poema acima, ao lado, há texto bastante elogioso à jovem Rachel de Queiroz. Segundo o mesmo texto, as suas produções são “demonstrações eloquentes da sua inteligência irrequieta”, e, após um discurso carregado de adjetivos gentis, é feito convite publicamente para que ela seja redatora da revista.

---

<sup>80</sup> *A Jandaia*: arte, literatura, atualidades. Fortaleza: Typ. Renascença. A revista tinha como diretor o jornalista Aldo Prado; diretor-gerente: Abílio Gurgel; redator-chefe: Gastão Justa e redator-secretário: César Gonçalves. Pesquisei alguns números (de 1925 e 1927) disponíveis na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Enfim, unindo as pontas deste ensaio, trago à cena final D. Clotilde, a grande estimuladora que “alimentou a mania do papel impresso” e a grande responsável pela filha literata, que a acompanhou tudo, desde “a mocinha que tentava os primeiros passos escrevendo, para a mulher jovem que fez desse *hobby* de meninice a sua profissão, para a mulher madura e fadigada”.<sup>81</sup>

### **Modernismo, manifesto**

Em 1928 aparece na cena cearense a publicação do suplemento literário do jornal *O Povo*: a revista *Maracajá*, “órgão oficial dos novos”.<sup>82</sup> Apesar de ter tido somente dois números, é considerada a porta voz do movimento modernista no Estado; foi distribuída em todo o país. Rachelzinha também fazia parte do *grand team*. Comumente essa produção foi sempre renegada pela autora.<sup>83</sup> No grande volume de sua produção juvenil encontram-se muitos poemas, por exemplo, falando de sonho, e merece citação a curiosa publicação, uma espécie de seu “Manifesto Modernista”, citada com a ortografia da época:

Eu canto a alma de minha terra e alma de  
minha gente.

Canto o meu sol ardente, amoroso e ruivo,  
que é o mais pessoal e característico de todos os  
sóis do mundo.

(...) só compreendo e admiro uma  
manifestação artística quando é espontânea e  
sincera.

E, sinceramente, espontaneamente, meu  
coração só pode sentir e cantar o que sente e canta  
minha raça.

Eis porque sou nacionalista, eis porque  
dentro de meu nacionalismo inda me estreito mais  
ao círculo de meu regionalismo.

É que sinto que quanto mais próxima e  
familiar a paisagem, quanto mais íntimo o motivo  
de inspiração, quanto mais integrado o artista com

---

<sup>81</sup> “Minha mãe” – Arquivos implacáveis – *O Cruzeiro*, 09/05/1953, p. 59.

<sup>82</sup> Cf. estudo de AZEVEDO, Sânzio de. *O Modernismo na poesia cearense*: primeiros tempos. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.

<sup>83</sup> AZEVEDO, Sânzio de. Rachel de Queiroz e a poesia. In.: COUTINHO, Fernanda (org). *Uma escrita no tempo: ensaios*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010, p. 87-98.

o modelo, mais fiel, mais espontânea e sincera será sua interpretação.

Eis porque eu canto o sertão, o sol, o Orós, as carnaúbas, o algodão, os seringueiros, os jagunços cantadores e os vaqueiros, a caatinga, a Amazônia, a praça do Ferreira e o Cariry; eis porque canto o presente tumultuoso de minha terra e o seu passado tão curto, tão claro, tão cheio de expansão e vitalidade que é quasi um outro presente (*Maracajá*, 1929).

Era final dos anos vinte, tempo das conquistas formais da primeira geração modernista, tais como técnicas inovadoras, sob a influência do cinema (planos narrativos), mistura de gêneros, rompimento com a forma tradicional de contar história, valorização da fala, temas cotidianos, voltar-se para a realidade brasileira.

É importante mencionar que Rachel aparece nas páginas com outros pseudônimos, como Maria Rosalinda, Inocência, Ignez, Ajuricaba, Zé Guignol.<sup>84</sup> Textos e disfarces que podem suscitar oportunidade de estudos.

### **Na sala de aula, gentes diversas**

Rachel de Queiroz teve uma passagem rápida pelo magistério como estagiária e como professora interina de História na Escola Normal. Durante o trabalho como professora, Rachel foi designada para fazer parte de uma banca examinadora em Juazeiro. Nessa ocasião, aproveita para conhecer Padre Cícero, que se revelou ser muito culto e carismático. Ao ser indagada por Padre Cícero qual presente que gostaria de levar do Cariri, ela solicitou um punhal. Ao receber o embrulho, ao invés de um punhal de verdade, havia um crucifixo, cujo portador assim fala: “Padre Cícero lhe mandou esse presente e um recado; esse é o punhal do sacerdócio”.

A professora Rachel era a mais nova do que a maioria das alunas. E, já com dezoito anos, adquiriu grande popularidade, uma vez que sempre se colocava junto às alunas nas reivindicações, enfrentando a autoridade do diretor. Desta convivência, por ironia do destino, ela que

---

<sup>84</sup> Alguns poemas estão no livro *Serenata*, seleta de poemas do final dos anos vinte, prefaciada por Ana Miranda, lançado durante as celebrações do centenário de nascimento da escritora, em novembro de 2010.

entrou na cena pública por criticar a eleição da mais bela estudante, é escolhida a Rainha dos Estudantes de 1930. No Jornal *O Povo* diariamente são contados os votos e nomeados os votantes para até que em 02 de junho Rachel é eleita com 2.123 votos, à frente do segundo quase quinhentos votos. Jornalista, romancista e também bela, foi tempo de muita badalação. Engoliu as críticas e aceitou as manifestações do público: aclamada pela beleza e pelo profissionalismo.

Em 11 de julho é divulgada a programação da coroação da Rainha, a qual ocorre na Escola Normal com a presença de autoridades e distribuição de mil convites. A data marcada é para 26 de julho. Para a ocasião haverá belíssimo trono, uma sessão cívica, com discurso de um representante geral dos corpos discentes dos colégios de Fortaleza, por um representante dos corpos docentes e por um representante deste jornal, todos os colégios do estado terão representantes.

Um acidente, porém, muda o destino da festa. Na hora da posse, um mensageiro anuncia o assassinato de João Pessoa e, em plena noite de coroação: “com o alvoroço daquela notícia da morte de João Pessoa, a minha coroação ficou tumultuada, interrompeu-se tudo: eu tirei a coroa com uma das mãos e com a outra apanhei a saia, fui para o meio da confusão e a coroação acabou virando comício, com o pessoal fazendo discursos. (...) Acabou que João Pessoa estragou minha festa”.<sup>85</sup>

### **Escrita febril, quente recepção**

Rachel tinha cinco anos quando ocorreu a seca de 1915. A tradição oral alimentava o imaginário sobre os sofrimentos do povo.<sup>86</sup> Como o que havia lido de literatura sobre seca não era satisfatório para ela, então procurou uma escrita que fosse uma literatura diferenciada, um ângulo distante da ampla tradição nordestina:

O sertão era o meu ambiente natural. E a seca é quase sinônimo do sertão. A tradição oral, os problemas do dia a dia na fazenda, as lembranças de todos e aquele desesperado amor, que eu já tinha e ainda conservo, pela terra de lá, como que me impunham o assunto. O curioso é que ainda não tinha visto propriamente uma seca

<sup>85</sup> QUEIROZ, Rachel de. 1998, p. 29.

<sup>86</sup> AZEVEDO, Sânzio de. Rachel de Queiroz e o romance da seca. In: \_\_\_\_\_. *Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1985, p. 112-131.

quando escrevi o livro. Na de 1915, eu estava com apenas quatro anos; na seguinte, a de 1919, morávamos em Belém do Pará. Assim, a seca para mim era mais uma ambiência do que uma lembrança, mas tão viva como se fosse testemunha de fato. É verdade que os verões sertanejos já são tão ásperos e tão secos que só duração e intensidade. Eram como miniaturas de seca me ensinando a realidade dela. Escrevi *O quinze* com dezoito anos.<sup>87</sup>

Uma congestão pulmonar e a suspeita de tuberculose obrigam Rachel de Queiroz a submeter-se a um rígido tratamento. “Tinha hora para tudo”, lembra a escritora. Foi nessa época que decidiu escrever um livro sobre a seca – *O quinze*. Enquanto todos dormiam, Rachel deitava-se de bruços e, à luz de lampião, escrevia a lápis, num caderno, o seu romance. Ao concluí-lo, mostrou-o para os pais. Como incentivo, ganhou de presente uma máquina de escrever Corona, de segunda mão, comprada de um religioso amigo. Passados os manuscritos a limpo, a família decidiu pagar a edição da obra (na verdade, preferiam dizer que “emprestavam” os 2 contos de réis necessários para ela). Impresso pelo Estabelecimento Graphico Urânia, *O quinze* foi publicado e anunciado na imprensa em 07 de junho de 1930 com uma tiragem de mil exemplares.

### Uma amiga

Também em março de 1930 passa por Fortaleza a escritora Maria Eugênia Celso.<sup>88</sup> Rachel recita alguns versos em sua homenagem no Salão da Casa Juvenal Galeno.<sup>89</sup> A escritora paulista viajava para

---

<sup>87</sup> QUEIROZ, Rachel de. 2008, p. 95.

<sup>88</sup> Cf. amplo estudo da escritora. In: MUZART, Zahidé Lupinacci; CELSO, Maria Eugênia. \_\_\_\_\_ (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia Vol. II. Apresentação de Nádya Battella Gotlib. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 819-877.

<sup>89</sup> “Visitante bem querida, / Pode entrar, a casa é sua... / Ah! É tão bom, nesta vida / Abrir a porta da rua / Como quem abre um abraço / Dizendo assim como o faço: / - Entre a gosto, a casa é sua! / Casa pobre, cãs branca, / Caiada de branca areia... / Mas tão sincera e tão franca / Apesar de pobre e feia! / Tão franca que noite e dia / Para ninguém se enganar / Do Mucuripe alumia / A estrada verde do mar... / E grita para o passante: / Entre! Demore um instante / Tome a luz p’ra se guiar!... / E quer que cada jangada / Sobre as ondas navegando, / Vela

propagar o movimento feminista pelo país. A oportunidade de conhecer a parceira de ofício, com certeza, foi mais uma experiência para ela neste ano tão fecundo.

### Humanismo nas páginas

Durante as suas vivências no sertão, Rachel conviveu com os caboclos da fazenda, escutou as histórias dramáticas das secas das pessoas que frequentavam a sua casa.

Relembra Rachel que perto dos anos vinte “carregava nos ombros, tudo que andava certo ou errado, a bem dizer, era meu. As crianças famintas na China, os sem-trabalho ingleses, os oprimidos negros americanos, os moços revolucionários, as desigualdades das leis, o casamento indissolúvel, o divórcio, as mães solteiras, a mais-valia, o dia de trabalho de oito horas, o slogan por trabalho igual, salário igual, a guerra imperialista, o trabalho de Versailles, Sandino, o Kuomintang, as nacionalizações do México, Saco e Vanzetti – tudo isso me pesava às costas”.<sup>90</sup>

Após as incursões literárias, pensava em escrever um romance. No entanto não pretendia escrever uma simples história de amor que seus dezoito anos solicitavam. Sem percorrer o caminho já trilhado por tantos autores regionalistas – Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo –, ela desejava outra seca, a sua seca: “sem formalmente trágica – sem muitos cadáveres, muitos esqueletos, muitos urubus, como era o tom realista até então”.<sup>91</sup>

---

branca desfraldada, / Pareça um lenço, scenando... / Terra de gente que, medo, / Nunca aprendeu o que é... / Que faz de rifle um brinquedo, / Só tem no mundo uma fã, / Que é o seu santo padroeiro: / “Meu padrinho, em Joazeiro, S. Francisco, em Canindé... / E quando o sol cor de lacre / Na seca, escorraça a gente, / Vai ao Norte, faz o Acre, Dal-o ao Brasil de presente... / Com o pouco que Deus nos dá, / Cãs de pobre contente... / - Um prato de mucunzá, / Um gole de café quente, / A Rede branca e macia, / E junto anos, todo dia, / alguém que gosta da gente... / Isso tendo, o mais é nada... / Pode vir inverno ruim / Que a gente diz, conformada: / “Desgraça pouca é tiqum!.. / Depois p’ra que, neste mundo, A gente sonhar grandeza? / Não pode ser porão fundo / Quem mascou para repreza... / Nesta vida tudo é sorte... / Mais vale um bem-querer forte / Do que toda outra riqueza... / Visitante bem querida, / pode entrar, a casa é sua... / Pois que a singela acolhida / O afeccto não defeitúa, / De todo o seu coração / Ponha a mão na nossa mão: / - E entre a gosto, a casa é sua!” - Saudação – *O Povo* – 08.04.1930, p. 02.

<sup>90</sup> “Não uma promessa mas um vácuo”. QUEIROZ, Rachel de. 2004, p. 44

<sup>91</sup> QUEIROZ, Rachel de. Como foi escrito *O Quinze*. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*, n. 37, Fortaleza, 1976, p. 59-62.

## Primeira edição

Em 7 de junho de 1930 aparece uma foto no jornal *O Povo* da Rachel de Queiroz com as mãos sobre o queixo e um olhar frontal ligeiramente sorrindo, no meio da seguinte notícia:

Foi hoje exposto nas livrarias desta capital o esperado romance “O Quinze”, da brilhante escritora cearense Rachel de Queiroz.

“O Quinze” é um livro essencialmente regional, decalcado nos hábitos dos sertões nordestino, escrito em linguagem familiar às populações do interior, cuja vida o romance de Rachel de Queiroz fotografa com extrema nitidez e acurada observação.

Estamos certos de que o livro da jovem escritora patricia consagrará o seu nome na crítica nacional.

Nos dias seguintes, anúncios em forma de box da Livraria Moraes, vendedora exclusiva, nas páginas do mesmo periódico, foram verificados. Folheando a primeira edição do romance, pertencente ao acervo de Obras Raras da Biblioteca Menezes Pimentel do Estado do Ceará, me chamou muito a atenção os elementos paratextuais da apresentação, posteriormente retirados a partir da segunda edição:

AS CLÁSSICAS

“DUAS PALAVRAS”

Respeitável publico:

Eu achava infinitamente cômicas as arengas dos empresários de circo, no sertão, quando falavam ao *respeitável publico*, antes da função começar...

E agora, aqui estou, repuxando as mangas, temperando a garganta, com a voz comovida e o gesto tremulo, fazendo também minha apresentação...

Respeitável publico:

O QUINZE é uma ousadia ingênua de ensaísta.

Livro feito aos dezenove anos, há de ter todos os defeitos daquilo que a gente produz nesta idade em que estou, quando não se tem a sossegada prudência de ir devagar para fazer bem feito, quando nos governa a impaciência insofrida de não esperar, de ver o nosso pensamento, mal é concebido, logo escrito, impresso, disseminado, cotejado com outros alheios, fazendo parte do patrimônio mental da humanidade...

É esta, pelo menos, a explicação que dou à arguição de não ter esperado mais tempo para correr mundo o meu romance.

Escrevendo o meu livro, fil-o na linguagem corriqueira, de todo mundo, deixei que a pena corresse como corre a língua, fui arrumando os verbos e as locuções, os adjetivos e os pronomes, (Nossa Senhora, os pronomes!) no nosso jeito habitual e caseiro, simplesmente, singelamente, como honestos matutos que vestem sua roupa melhor, a de ir à cidade, mas que nunca pensam em competir com a gente da praça, que sabe o que é seda cara, e traja terno de luxo...

Correm ai, dentro do O QUINZE, palavras e expressões genuinamente cearenses, desconhecidas fora de nosso meio. Como, por exemplo *inorar* (ignorar) que significa no sertão reparar, notar, comentar... *andar por terra* no sentido de viajar pela estrada de rodagem, a pé ou a cavalo, em lugar de andar no trem; “*espiritado*”, “*variar*”, “*nambi*”, e muitas mais.

Aconselharam-me a fazer um glossário.

Mas, glossário, é cousa muito grave. É para livro consagrado, livro em terceira ou quarta edição.

Num romance anônimo, editado em província, ele dá uma impressão terrível de presunção e pernosticismo...

Poderia ainda explicar muita cousa... Mas, respeitável publico, com licença! é melhor passar à pagina seguinte, e que cada um vá julgando por si...

Rachel de Queiroz

Maio de 1930.<sup>92</sup>

As suas palavras começam, em tom bem humorado, imitando as apresentações circenses. Para o público ela se dirige, “comovida e trêmula”, em seu prefácio para assim delegar ao leitor o poder de autoridade sobre o seu texto. Isto é o texto da “culpa” – ou desculpa – somado ao medo natural de não ser compreendida. Para tanto, o código floral é utilizado como uma adequação à decantada delicadeza feminina. Assim como o palhaço no picadeiro do circo depende da recepção, participação efetiva do público para o êxito do seu espetáculo, em uma comparação direta, a jovem romancista, com artimanhas, se antecipa às críticas possíveis e, deste modo, se auto-define como “ingênua”, ousada, inexperiente, imatura. O recurso do prefácio é fundamental na história da literatura. Em relação àqueles escritos pelas escritoras, percebe-se que são mais o espaço para as desculpas antecipadas e justificativas das escolhas do tema e de estilo do que para autopromoção.<sup>93</sup> O efeito retórico que se busca com esta estratégia é prevenir-se da crítica.

Saindo do circo, passando para a arte dramática, surgem os também excluídos da terceira edição: “O sol, qual Moloch das lendas

---

<sup>92</sup> Todas as citações do romance são de: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Fortaleza; Gráfica Urânia, 1930.

<sup>93</sup> Lembro aqui que, no século XIX, tempo em que as mulheres adentram no cenário da imprensa, as escritoras costumemente utilizavam a estratégia em seus prefácios – uma espécie de cartão de visitas – de se identificar como sexo frágil e oferecer as “flores” do conhecimento. Observa-se, desde Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula*, que se salienta a modéstia nos textos de autoria feminina. Também em 1859, Indígena do Ipiranga, ao publicar seu romance, pede desculpa pela extrema “timidez de o fazer conhecido do público”, rogando benevolência de seus leitores para o singelo livro. No mesmo tom, escreveram os seus prefácios as escritoras cearenses Emília Freitas, *Rainha do ignoto* (1899), Francisca Clotilde, *A divorciada* (1902). Neste sentido, Zahidé Muzart, ao analisar este elemento paratextual do século XIX, afirma: “pelo estudo dos prefácios, vê-se que as mulheres, afivelando a máscara do papel secundário a que estavam submetidas no século XIX, adotaram, aparentemente, no paratexto, os estereótipos de uma tradição eminentemente masculina. Aceitando o feminino que lhes era imposto, as escritoras adotam-no como meio de sobrevivência. No entanto, nas entrelinhas, essas artimanhas são desmascaradas e o feminino até então escondido vai demonstrar sua presença”. Cf., MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas. In: FUNCK, Susana Bornéo. *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura* (org). Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, 1994, p. 263-269.

caducas, / descerrou as guelas de fogo/ e ameaçou engolir toda a gente. / E queimou, com seus olhos de brasas ardentes, /as sementes que o vento lançara na terra; / e matou, com seu bafo de chamas / as raízes que a mata embutira no chão; / e bebeu, de sedento e perverso, / toda a água que o inverno esqueceu por aqui. / E depois, tendo esgotado tudo,/ devorado tudo, / espanou com a vassoura da fome /a corte de vidas que a seca deixou.”

O sol qual Moloc, um deus cananeu, símbolo de destruição e ruína, nos versos imola as sua vítimas, os seres vivos, com o seu calor ardente. Talvez esses versos, bastante impactantes fazem o contraponto com as sutilezas da narrativa romanesca.

### Consagração

O sucesso de seu romance toma conta da cidade, e repercute em vários pontos do Brasil. Com o dinheiro da venda dos exemplares, a escritora “paga” o empréstimo dos pais. Um serão na Casa Juvenal Galeno homenageia a jovem romancista. “RACHEL: chegou a sua vez de ser recebida no salão Juvenal Galeno.<sup>94</sup> E a você vimos agora receber, não como uma promissora esperança para o nosso querido mundo intelectual feminino, mas como uma triunfante, pelo incontestável êxito que o seu romance de esteia vem alcançando nos círculos literários do país. Raramente uma esteia alcança o destaque que vem tendo *O Quinze*.”<sup>95</sup> Em sua fala de agradecimentos, Rachel comenta que poucas vezes as portas do salão foram abertas para recepcionar intelectuais femininas. Assim fala: “corre em seu ‘sangue afoito’, o espírito dos desbravadores. Agarra, sem grande ingenuidade, as dificuldades da vida de escritor, notadamente de mulher-autora que ingressa nos círculos literários”.<sup>96</sup> Dentre tantos elogios recebidos na ocasião, destacamos o artigo de Henriqueta Galeno, que, ao mencionar

---

<sup>94</sup> Rachel descreve a vida literária da Fortaleza de então como girando em torno de Antônio Sales e Juvenal Galeno. Este último, um dos mais importantes poetas da geração romântica e adepto de verve mais popular dos versos. Sua filha, Henriqueta Galeno, muitas vezes citada como “a alma de toda a agitação intelectual que se processava em torno do Poeta”, criou o Salão Juvenal Galeno para declamação, conferências e tertúlias literárias. Também era o espaço para celebrar visitantes. Ou seja, ela articulava “a parte social e festiva da modesta vida literária cearense de então”. Cf. CAMPOS, Moreira; MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Demócrito Rocha*. O poeta e o jornalista. Prefácio de Rachel de Queiroz. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1989, p. 7.

<sup>95</sup> Palavras da Dra. Henriqueta Galeno na Festa do “Quinze”, *O Povo*, 11/08/30.

<sup>96</sup> “O Serão de ontem em Homenagem à Escritora Rachel de Queiroz”, *O Povo*, 07/08/30.

Berta Lutz, engloba as conquistas de Rachel às batalhas de todas as mulheres:

Brilhante autora do “Quinze”! Não se deixe entibiar, não tema as urzes do caminho, venha, desde logo, formar corajosamente ao lado das invictas falanges que ora se arregimentam, no Brasil, à sombra dessa ardente finalidade que é a reabilitação da Mulher pela sua integração no ritmo de um Destino mais alto, compatível com as conquistas das Ciências, das Artes e da Inteligência. Bertha Lutz é a força, a evidência e a realidade plena desse formoso movimento, ao qual não poderíamos e nem deveríamos permanecer indiferentes e, daí, ilustre confreira, o apelo que ora lhe dirijo.<sup>97</sup>

Como campanha publicitária e anúncio de venda nos jornais e uma estratégia de marketing ousada, Rachel é orientada por amigos – Antonio Sales, Beni Carvalho e Renato Viana – a enviar exemplares para nomes importantes no Rio de Janeiro e São Paulo, dentre tantos Graça Aranha. É assim feita uma lista de cerca de cem nomes escritores e jornalistas. E a culminância deste preparo para a luta dos bastidores, ou seja, para tramas urdidas entre os pares, anteriormente articulada ao campo literário local e nacional, a estratégia de enviar livro aos nomes influentes, resulta em grande conquista com a publicação de uma crítica de Frederico Schmidt publicada em 18/08/1930 em *Notícias Literárias* e aqui reproduzida no jornal *O Povo*, em setembro:

Acabo, agora mesmo, de ler um romance e não resisto à tentação de sobre ele dizer algo, de comunicar o entusiasmo de que estou possuído, de chamar a atenção para um livro que vem revelar a existência de um grande brasileiro, inteiramente desconhecido. Grande escritor que é uma mulher, e incrivelmente jovem. Refiro-me ao “O Quinze”, de Rachel de Queiroz.

(...)

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembro, nem de longe, o pernesticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina.

---

<sup>97</sup> Idem.

É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe.

É que não é apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome.

Tudo se passa em “O Quinze” dentro de um ambiente de absoluta realidade, tudo acontece com a mais perfeita naturalidade, naturalidade que é mantida em todo o livro sem nenhuma queda.

Livro brasileiro, profundamente brasileiro! Que felicidade o se poder chamar um livro nosso de brasileiro, porque a preocupação brasileira que seguiu o nosso movimento modernista quase que retirou dessa circunstância toda a excelência, tornando-a até uma coisa artificial à força de intencionalidade.

Livro verdadeiramente brasileiro, livro corrente e claro, livro que consegue manter a forma no mesmo diapasão com o assunto, na simplicidade que os liga admiravelmente.

Não se encontra no pequeno romance que D. Rachel de Queiroz acaba de publicar o mínimo abuso. A própria paisagem de seca, cujo horror lhe podia dar motivo para maior extensão descritiva, a própria paisagem vem apenas necessariamente em rápidos e sóbrios painéis, tão rápidos e sóbrios, tão ligados com a vida dos personagens, com a vida do livro que seria impossível se destacar um trechozinho qualquer para antologia. Como estamos longe dessa literatura gênero “Viagem maravilhosa”, dessa literatura exaltada e sem entusiasmo, dessa literatura moderna, em que a complicação pretende esconder a mediocridade irremediável de alma.

Não há nenhum sentimentalismo na escritora de “O Quinze”. Constata ela apenas a realidade, sem procurar concluir coisa nenhuma, de uma singela frescura que não pode deixar de comover ao leitor. Não reclama nenhuma providência contra a seca, pois seu livro nada tem de caráter panfletário. Não amaldiçoa a terra, não

força o sentimento de piedade com inventivas violentas, nem com lamentações pungentes.<sup>98</sup>

A crítica ressalta ainda a qualidade da linguagem “fresca e corrente”. Ainda agrega o nome da jovem romancista à nova tendência de autoria feminina, cujos nomes expoentes cita, por exemplo, Virgínia Woolf, Katherine Mansfield. Segundo Schmidt, na “limitadíssima produção feminina” não há nada tão revelador de possibilidades como o romance *O Quinze*.<sup>99</sup>

Após esta crítica, seguiram-se as vozes de Artur Mota, Afrânio Peixoto, Raymundo Moraes (revista *Amazônia*), Octavio de Farias (do *Imparcial*), Maria Eugênia Celso (do *Jornal do Brasil*), João Nogueira, Gastão Cruls, Beni Carvalho, Graciliano Ramos, Agripino Grieco, dentre outros. Por fim, Graça Aranha concederá o prêmio de mesmo nome para Rachel: “O Prêmio Graça Aranha foi uma surpresa. Alguém o deu ao velho Graça, que organizava a fundação com o seu nome, e ele mesmo indicou o livro para o prêmio. Voltando à minha inocência editorial, recorro ao meu espanto ao receber lá no PICI um telegrama da Editora Nacional me propondo a segunda edição”.<sup>100</sup>

## Boatos e vingança

Rachel conta que certo escritor espalhava, sob um pseudônimo, que o livro devia ter sido escrito por um homem, talvez seu pai ou Beni Carvalho. Vejamos a fala de sua irmã Maria Luiza a respeito deste episódio pitoresco e caricatural do modo de ser da escritora:

que era crítico de jornal ou jornalista, chamado Mário de Andrade do Norte; ele se intitulava Mário de Andrade do Norte. Ele fez artigo dizendo que a Rachel não havia escrito o livro, que o livro era de autoria do pai dela. Ela ficou muito zangada, mas não disse nada. Um dia, ela estava em um café com o meu pai e outras pessoas. Naquela época, o café se usava muito; os homens tomavam cachaça e uma xícara de café para disfarçar. E o meu pai levava ela para todo

---

<sup>98</sup> *O Povo*, 04/09/1930, p. 03-04.

<sup>99</sup> “O Quinze” - *O Povo* - 4/09 de 1930, p. 03.

<sup>100</sup> QUEIROZ, Rachel de. 2008, p. 96.

canto. Ela estava junto quando esse tal de Mário de Andrade chegou perto dela e disse: “Quero lhe dar os parabéns”. E ela disse: “Agora, eu não posso fazer nada. Mas no dia em que eu puder te pegar sozinha, eu vou te dar uma surra. Sou maior e mais forte do que você”. E dito e feito. Um dia, quando ela estava fazendo pesquisa para o “João Miguel”, esse livro que se passava em uma cadeia, e nesse tempo se usava fazer laboratório, ela foi à Cadeia do Ceará, que hoje é um centro de cultura e de venda de coisas para turistas. Era muito bonita a cadeia. Ela estava andando pela calçada com uma sombrinha que usava contra o sol. Chamava sombrinha. E ele vinha pela outra calçada. Quando ela o viu, ela atravessou a calçada e deu uma surra nele de sombrinha. Mas deu mesmo, até quebrar a sombrinha. Ele tentava se proteger [com as mãos], mas ela bateu nele.<sup>101</sup>

### Mais elogios

Segundo Heloísa Buarque de Hollanda,<sup>102</sup> “a maioria das escritoras de sua geração, engajadas ou não, representaram para a jovem Rachel literariamente o velho, o estilo ‘água com açúcar’, sem a necessária qualidade literária”. Rachel a este respeito diz à Heloísa: “Achavam que *O Quinze* era livro de macho porque era um livro seco, sem sentimentalismos, sem nobreza moral, sem grandeza, essas coisas de mulher; então era um livro de macho (...) A dor pra mim é segura, é falta de adorno e penduricalhos. Na segunda edição de *O quinze*, cortei mais de 100 palavras, adjetivos e reticências.”<sup>103</sup>

Ascenço Ferreira assinala: “em um tempo em que as mulheres da sociedade ou são declamadoras ou são analfabetas, o seu “O 15” vale como uma deliciosa exceção.”<sup>104</sup> Haroldo Bruno também cita Artur Mota (com um artigo intitulado “Romancista ao Norte”), Graça Aranha, Gastão Cruls e Agripino Grieco entre diversos escritores que

<sup>101</sup> Cf. trecho em Mestre da Literatura – Rachel de Queiroz. Disponível em: [http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres\\_final/raquel/transc\\_extra07.htm](http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres_final/raquel/transc_extra07.htm). Acesso em: 08 fev. 2011.

<sup>102</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Op. Cit., p. 112.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> “O Quinze” e o Autor de “Catimbó” – *O Povo* – 25/07/1930.

receptionaram o livro com entusiasmo. Outro que saudou o livro foi Alceu Amoroso Lima. E todos os críticos literários não ficaram isentos de se pronunciarem sobre aquele romance daquela jovem. Graciliano Ramos<sup>105</sup> custou a acreditar que o romance fosse escrito por uma mulher:

*O Quinze* caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo de Almeida, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:

Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Dever ser pseudônimo de sujeito barbado.

Depois conheci João Miguel e conheci Raquel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural.

Segundo Antonio Candido, este constitui período marcante da cultura brasileira: “Nos decênios de 20 e 30 assistimos ao admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida (pela sua participação nos problemas gerais do momento, pela nossa crescente integração nestes problemas) por meio de uma intransigente fidelidade local”.<sup>106</sup>

E ao calor da hora, Mário de Andrade elogia a jovem iniciante considerando uma “obra prima” sobre a seca; “esta prosa de grande maturidade, que consolida seu nome mais ainda nos cenários local e nacional”.<sup>107</sup> Rachel, que sabia trechos decorados de *Macunaíma*, possivelmente recebeu os elogio do mestre com muita entusiasmo.

<sup>105</sup> RAMOS, Graciliano. Caminho de pedras. In: \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, P. 137-139.

<sup>106</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965, p. 151.

<sup>107</sup> Cf. ANDRADE, Mário. Rachel de Queiroz. In: \_\_\_\_\_. *Táxi e crônicas no diário nacional*. São Paulo: Duas Cidades /Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.

Tempos depois, Arrigucci Júnior em um estudo de acuidade analítica -“O sertão surdina” -, escreve:

A novidade de "O Quinze" depende da conversão da personagem feminina em sujeito, e não em objeto da narrativa. O modo como o consegue é a questão. Trata-se de uma virada da perspectiva literária, coadunada a uma profunda mudança histórica; tem a ver com o horizonte brasileiro no raiar da década de 30, mas não se reduz a isso e tampouco é mera ilustração do processo histórico.

O que se tem aqui é a forma artística, particular e concreta, de uma experiência humana complexa, encerrada num meio primitivo, aparentemente afastado de toda civilização (o que não é verdade), no momento da catástrofe climática. Tudo experimentado vivo e expressivamente na prática pela artista: um universo transposto com precisão e coerência ao plano literário.<sup>108</sup>

### **Elas, ontem e hoje**

É consenso da crítica que a autora Rachel de Queiroz “nasce” literariamente com a publicação de *O Quinze*. Não é demais lembrarmos que antes do nome de Rachel de Queiroz emergir para o público como escritora, havia muitas mulheres que já ocupavam o cenário das letras, notadamente a partir do século XIX. No Ceará, já eram de conhecimento público os textos das professoras-escritoras Francisca Clotilde, Emília Freitas, Ana Facó, Alba Valdez Abigail e Ana Sampaio, só para citar algumas. Essas mulheres escreviam de tudo um pouco: romances, contos, poemas, artigos, contribuindo assim para história cultural das mulheres no Brasil.<sup>109</sup>

No entanto, é somente com Rachel de Queiroz, iniciando sua produção nos anos vinte, que a literatura de autoria feminina passa a se

---

<sup>108</sup> ARRIGUCCI, Davi. O sertão em surdina. In: *Folha de São Paulo*, 12 mai. 2001. Caderno Mais.

<sup>109</sup> Sobre as cearenses que antecederam a Rachel de Queiroz, ver CUNHA, Cecília. *Além do amor e das flores. Primeiras escritoras cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008. Os estudos organizados por Zahidé Muzart. *Escritoras brasileiras do século XIX. Vol. I* (Florianópolis: Mulheres, 1999) e *Escritoras brasileiras do século XIX - Vol II* (Florianópolis: Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres e Edunisc, 2004).

destacar no cenário nacional. Aqui me excludo de citar a longa tradição cearense de produção literária, desde José de Alencar, passando por Adolfo Caminha até Antonio Sales, bem como da relevância da tradição de agremiações literárias, como a Academia Francesa.

Os ventos do modernismo já sopravam em todo o Brasil. Tempo de profundas transformações em todas as áreas da atuação humana, em um contexto pós *Belle Époque*, a presença feminina assume um caráter mais incisivo – jornais, revistas ou edições – com trabalho remunerado. Segue como síntese: “aos 20 anos, em janeiro de 1931, vim por conta própria receber o prêmio Graça Aranha. Eu já estava com a segunda edição de *O Quinze* nas mãos e cheia de expectativas. A Nazareth Prado (a musa do Graça Aranha e uma das mulheres mais badaladas do Rio) veio me receber e me deu toda a atenção. Tivemos uma tarde de autógrafos e entrei assim em contato com as rodas literárias”.<sup>110</sup>

### **Da militância política**

Desde muito cedo, Rachel demonstrava interesse por temas políticos. Na convivência com os jornalistas, ela se aproximou dos comunistas, tornou-se comunista: “Eu fui criada numa família liberal e comecei a conviver em redação de jornal com toda espécie de subversivos os quais se rebelavam contra o governo. Entre 1928 e 1929 se aproximou do que restava do Bloco Operário e Camponês de Fortaleza. O jornal que eu fui trabalhar tinha como subtítulo “O Condenado” (*O Ceará*), porque havia feito uma campanha terrível contra os três bispos do Ceará. Eu tinha simpatia pelas suas causas.”<sup>111</sup>

É oportuno um esclarecimento. Quando escreveu *O Quinze*, Rachel já era “comunista de carteirinha”. Vejamos o seu depoimento: “No sítio de papai, ainda menina, eu não tinha nem consciência disso. Nós passávamos boa parte do ano na fazenda, no alto do sertão. Eu convivia muito com os caboclos de lá, numa relação menos formal, mais afetiva. No sítio, havia moradores e trabalhadores pobres, mas foi só mesmo quando fui trabalhar no jornal que entrei em contato com o pessoal comunizante. Meus colegas Djacir Menezes, Jader Carvalho, todos eles me levaram para o esquerdismo. Washington Luís tinha

---

<sup>110</sup> NERY, Hermes. p. 132.

<sup>111</sup> NERY, op. cit., p. 66.

esmagado o Bloco Operário e Camponês (um primeiro núcleo de ação) e acirrou nossos ânimos.<sup>112</sup>

Entre suas memórias políticas, está a execução de Sacco e Vanzetti: “a primeira grande emoção política por que passei – eu fizera dezesseis anos”.<sup>113</sup> Segundo ela, os grandes vilões da época eram os americanos. Vejamos um comentário sobre esse momento: “Uma jovem com ideário. Nunca me esqueço, Rachel de Queiroz, naquele tempo, já tinha uma certa importância, já havia lançado *O Quinze*, seu primeiro romance. Ela uma vez estava engraxando o sapato. E engraxado, tinha lá, uma cadeira de engraxate, por sinal alta. Usava um *lorgon* e ficava de lá olhando para nós. Nesse tempo, fumava. Era assim Rachel de Queiroz.”<sup>114</sup>

### Romance, censura

Em 1932 é fichada pela polícia como agitadora comunista. Publica o seu segundo romance: *João Miguel*.<sup>115</sup> O livro trata da tragédia de um trabalhador – João Miguel – que, estando bêbado, por motivo banal, comete um assassinato. Para Alceu Amoroso Lima, o romance é “a mais simples das narrativas: um crime e uma absolvição. E entre eles uma traição de amor. Mas o que se passa na alma simples de João Miguel, criminoso sem querer, arrastado por simples impulso de momento sob a ação do álcool – é que mostra a mão da autêntica escritora”.<sup>116</sup> “Tudo o que fizera até então aparece agora como simples exercício”.<sup>117</sup> Preso, fica a remoer os pensamentos na tentativa de compreender os motivos para o seu ato. Após pesquisa e escrita, ela entrega o manuscrito romanesco a uma comissão do Partido Comunista no Rio de Janeiro. Depois da leitura, ela escuta o veto de publicação, pois um homem do povo não poderia aparecer como assassino de um

<sup>112</sup> Idem, p. 66.

<sup>113</sup> *Tantos anos*, p. 128.

<sup>114</sup> BARROSO, Antonio Girão. *Roteiro sentimental de Fortaleza*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT, 1996, p. 125. Indicação de fonte de MARQUES, Rodrigo de Albuquerque em “Rachel de Queiroz e o primeiro tempo modernista no Ceará”. Cf. BARBOSA, Lourdinha Leite; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *100 de Rachel de Queiroz – vida e obra*. Fortaleza: INESP, 2010, p. 125.

<sup>115</sup> Publicado pela Editora Schmidt. Recebeu uma crítica com elogios de Mário de Andrade “Rachel de Queiroz – João Miguel”. Publicado na *Revista Nova*, 15 dez. 1932.

<sup>116</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *Meio século de Presença Literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 113.

<sup>117</sup> Cf. *João Miguel*. 6. ed. Ilustração de Poty. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. Comentário da orelha do livro reproduzido de *Meio século de presença literária*.

companheiro. Aparentemente acata, recebe os originais e rompe com os comunistas.

Neste ano ela casa-se com o funcionário Público do Banco do Brasil e poeta bissexto José Auto Oliveira e passam a residir em Itabuna, depois em Ilhéus, onde se reencontra com Jorge Amado. Tempos de longa convivência. Com uma gravidez difícil ela retorna a Fortaleza em 1933 e meses depois foram para o Rio de Janeiro, onde moravam na famosa Rua Curvelo. Passaram depois a fixar residência por quase dois anos em São Paulo, perto da Praça da Sé. Neste período trabalhou como professora, jornalista e tradutora, sendo uma das responsáveis pelas memórias de Trotski, em parceria com Mário Pedrosa e Lívio Xavier.<sup>118</sup>

Após prisões do marido por alguns dias, a família retorna para Fortaleza. Ela tinha uma missão de ser candidata à deputada pela Frente única do Partido Comunista no Ceará. Sem uma apuração honesta, ela não foi eleita.

Logo seguiram, em 1935, para Maceió. Lá encontra um círculo de literatos – Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda. Tempos de intensa convivência literária e de cuidados com a filha que falece precocemente. Abalada, ela deseja retornar à casa materna. O marido pede transferência para Fortaleza. Outra perda, neste mesmo ano: falece seu irmão. Diante de tanta dor, ela decide por outro caminho. É tradutora de uma firma de exportação, na qual permanece de 1936 até 1938, tempo de reclusão, de silêncio e de escrita.

### **Caminhos e as mulheres**

Em 1937 ficou presa por três meses no corpo de Bombeiros; uma prisão suave, pois tinha direito à visita familiar e possibilidade de continuar traduzindo. No mesmo ano publica *Caminhos de Pedras*, pela José Olympio.<sup>119</sup> Um enredo político entremeado pela busca de uma identidade pela protagonista Noemi, envolta entre dois amores que pode ser uma representação da sua experiência com o Partido Comunista.<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> Ela o conhecera aos 19 anos no Rio de Janeiro, depois ficaram se correspondendo por cartas. O namoro durou poucos meses.

<sup>119</sup> A sua editora até 1992, feito um hiato pela venda dos direitos autorais a Siciliano; atualmente sua obra está sob os cuidados novamente da JO.

<sup>120</sup> Fato interessante é a resposta de Rachel a uma crítica pública de um professor de português acusando-a de pouco apuro gramatical. Em seu artigo declara-se uma “romancista” que usa a língua como meio de expressão e dela procura tirar “máximo de plasticidade e conteúdo”.

Sobre o romance, Graciliano Ramos<sup>121</sup> escreve: “Rachel de Queiróz esteve cinco anos por fora, andou em muitos lugares, conheceu caminhos de pedras. Mas a novela que nos deu paga bem essa ausência prolongada” Segundo Haroldo Bruno, este romance “parece esgotar todas as possibilidades de realização individual do homem e invalidar as tentativas de sua integração a um tipo julgado ideal de sociedade. Teríamos chegado ao impasse definitivo, ao fechamento irrevogável de qualquer perspectiva”.<sup>122</sup>

### A memória, a escrita

Em junho de 1939 Rachel e o marido viajam para o Rio de Janeiro e consumam uma separação inevitável. Neste mesmo ano, é tempo de escavar as memórias, de retornar às experiências juvenis e passa a escrever o seu quarto romance, *As três marias*.<sup>123</sup> Narrado em primeira pessoa, o romance, profundo mergulho psicológico, conta a adolescência e mocidade de Guta, Maria José e Glória.

O romance não necessita de nenhuma investigação minuciosa para a “chave” da correspondência entre ficção e realidade. Se o pacto entre o nome no texto e quem escreve não está explícito, podemos considerar o livro como construção discursiva do vivido e ficção alimentada com material pessoal. Rachel poupa o trabalho e afirma que é Guta, a narradora das impressões e cenas das meninas. E as outras Marias, amigas de longa vida.<sup>124</sup> Ao escrever o romance, a autora mostra e deixa fazer ver as experiências das jovens na clausura do Colégio

“Não sou cão de guarda de gramática”, afirma. “É fácil saber gramática. Basta tempo, paciência, boa memória e poucos livros. Agora quem pode me dar a receita para escrever um “Corumbas” e “Bangüê”? (...) Segue falando da missão do crítico: No Brasil, principalmente o que faz o escritor desanimar de produzir é esse desamparo em que ficam as obras de arte. Se de um lado lhes falta um bom policiamento crítico, que os guarde de todos os desmandos e sandices e separe o que é bom do que é ruim, por outro lado ficam entregues inteiramente à sanha moralizante e carola do primeiro sacristão. (...) Entre nós, já disse alguém, não se faz críticas: catam pulgas (...) Depois de todas estas melancólicas constatações restam um consolo: as aulas do Dr. Ermínio passarão, esquecidas e mortas as suas odes (...) E nós, os romancistas, ficaremos. E quem sabe daqui a muito anos, talvez os netos do Dr. Ermínio tenham que aprender português nas antologias tiradas dos nossos livros, compostas de páginas nossas, cheios de solecismo..” Cf. “Uma explicação” – *O Povo*, 07/04/1937, p. 08.

<sup>121</sup> RAMOS, Graciliano. Caminho de pedras. In: \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 139.

<sup>122</sup> Cf. BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro /Brasília: Cátedra/INL, 1977, p. 56.

<sup>123</sup> *As três marias*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

<sup>124</sup> Uma delas, Alba Frota, foi uma das responsáveis por formar acervos da produção da amiga.

Imaculada Conceição: medos, descobertas, leituras, amores, emancipação da mulher e os diferentes destinos percorridos por cada uma.<sup>125</sup> Enfim, a vida concreta da autora transformada em texto, em um corpo de um sujeito ficcional, que alude à interpretação de si mesma.

### **O amor, uma ilha, outros textos**

Em 1940 conhece, através do médico e escritor Pedro Nava, seu primo, o também médico Oyama de Macedo, com quem passaria a viver neste mesmo ano. O casamento duraria até a morte de Oyama, em 1982. A notícia de que, por ordem de Stalin, uma picareta de quebrar gelo esmagalara o crânio de Trotski afasta-a da esquerda.

Cabe mencionar que Rachel era uma ‘mulher boêmia’, que, segundo Heloisa Buarque de Hollanda,<sup>126</sup>

frequentava todos os bares. E eu estou falando dos anos 40, quando isso não se fazia – acho que ela era a única mulher no bar. Nos anos 40 ela ia para tudo quanto era bar no centro da cidade, ela convivia com todos os escritores, era amiga do Graciliano, do José Lins, aqui no Rio convivia com todos os escritores e jornalistas. Ela vivia na rua, como se ela fosse um homem jornalista, o que é uma atitude que não é muito condizente com a figura da mulher tradicional, principalmente vinda do interior da província, como era o caso dela. Apesar de eu achar que o modelo de mulher que a gente tem mais ao norte do país, e no nordeste, é muito mais forte e poderosa do que a do sul, que é uma mulher mais frágil e mais doméstica. A outra é doméstica, mas é violenta. É uma matriarca "sai-de-baixo".

---

<sup>125</sup> O livro recebeu o Prêmio da Sociedade Felipe d' Oliveira. Alguns estudos sobre a obra: MENDES, Marlene Gomes. *As três marias, de Rachel de Queiroz*: edição crítica em uma perspectiva genética. Niterói: EDUFF, 1998; PINTO, Cristina Ferreira. *O bildungsgrosmann feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

<sup>126</sup>

Disponível em: [http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres\\_final/raquel/transc\\_extra04.htm](http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres_final/raquel/transc_extra04.htm). Acesso em: 07 jan. 2011.

Em 1945 o casal constrói uma casa na Ilha do Governador, na Cova da Onça. Rodeada de amigos e de muitas visitas de pacientes, a morada na Ilha possibilitou um farto material para a escrita de suas crônicas e para o folhetim, *O galo de ouro*, publicado na revista *O Cruzeiro* em 1950. Em seguida publica a peça *Lampião* (1953) e *Beata Maria do Egito* (1958).

### Uma conspiradora

O seu interesse pela conjuntura política foi assunto de muitas crônicas. Na sua biografia há um episódio de certo modo problemático, espécie de “caixa preta”, como afirma Heloísa Buarque de Hollanda, que é a sua atuação junto ao grupo de intelectuais que conspirou em prol do Golpe de 1964. Mais uma vez foi no seu espaço íntimo, apartamento no Rio de Janeiro, onde ocorreram algumas reuniões para que Castelo Branco, amigo pessoal, assumisse a presidência da República no lugar de Jango, considerado herdeiro do populismo de Getúlio. A própria Rachel tece comentário acerca de seu vínculo com o então presidente Castelo Branco:

O Castelo Branco era meu parente, éramos primos distantes e tínhamos uma relação afetuosa. Quando ele se tornou Presidente, tínhamos uma amizade com mais de vinte anos. Durante o seu governo, nem eu nem o Oyama aceitamos cargo dele. Aliás, o Castelo se dava muito bem com o Oyama. Os dois se coincidiam nas ideias. Eu era muito mais rebelde e indisciplinada. O Castelo nos ligava às vezes tarde da noite e perguntava: ‘Estão sozinhos? Então vou aí desabafar’. E pegava o carro, só com o motorista, sem nenhuma segurança, e vinha conversar conosco. Falava do contexto político do país, das suas dificuldades, dos seus projetos, acima de tudo, do seu esforço em abreviar o regime de arbítrio e viabilizar o retorno ao Estado Democrático o quanto antes.<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*. Conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz. Ribeirão Preto, SP: FUNCEP-Editora, 2002. p. 217-218.

Quando Castelo morreu, em 1967, estava retornando de fazenda dela - Não Me Deixes e, por acidente, sobrevoaram linhas de alta tensão. Ao seu lado está sua esposa e melhor amiga de Rachel, Alba Frota, a guardiã dos arquivos da escritora.

A Ditadura Militar tomou outros caminhos, endureceu, e a escritora afastou-se, amargando críticas e ressentimentos ao longo de sua trajetória. Todavia, em nenhum momento procurou desculpar-se ou lamentar pelo ocorrido. Em relação a esta experiência com certeza desdobrará muitas especulações e investigações. Em outro trecho, confidencia:

É curioso: uma vez o Médici pediu para que eu fosse até o Palácio das Laranjeiras. Ele queria que eu ajudasse a elaborar o texto sobre a questão do crédito na aposentadoria rural. Dei as minhas sugestões e conseguimos um resultado bastante satisfatório. Considero a aposentadoria rural tão importante socialmente quanto a abolição da escravatura.<sup>128</sup>

Outras notas bio-políticas: a recusa ao convite do presidente Jânio Quadros para ocupar o cargo de ministra da Educação – “sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista” (1961); foi nomeada pelo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, seu conterrâneo e aparentado, delegada do Brasil na 21ª Sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, junto à Comissão dos Direitos do Homem (1966). No ano seguinte, integra o Conselho Federal da Cultura (no qual permanecerá até 1985).

### **Tessitura outra**

Nesta mesma década começa a publicar para o público infantil – *O menino mágico* (1969). Anos depois são publicados os livros *Cafute & Pena-de-Prata* (1975), *Andira*, (1992), *Xerimbabo* (2002), *Memórias de menina* (2003).

Em 1975, após um hiato de 35 anos, ela ressurgiu com um romance, *Dora, Doralina*.<sup>129</sup> A germinação da história foi disseminada

---

<sup>128</sup> Idem, p. 219.

<sup>129</sup> Cf. estudo: GURGEL, Ítalo. *Uma leitura de Dora, Doralina*. A lição dos manuscritos. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.

em diversas crônicas, como “O solitário” (1946) e “Fragmento de romance” (1949). O livro divide-se em três partes “Livro de Senhora”, Livro da Companhia” e Livro do Comandante”, e tem como núcleo a vida da protagonista, contada por ela mesma. Predomina a ordem cronológica, embora alguns acontecimentos sejam narrados em *flash back* ou *flash forward*. Maria das Dores, Dora ou Doralina, uma jovem frágil e inexperiente, que vive em um fazenda sob o domínio da mãe, depois de uma grande dor, transforma-se numa mulher emancipada, livra-se dos laços que a prendiam a uma vida sem sentido e parte para a capital. A liberdade, no entanto, tem curta duração, pois Dora se apaixona por um homem tão dominador quanto sua mãe, mas ela sente-se feliz e submete-se a ele por vontade própria. O romance é circular, a protagonista parte da fazenda Soledade, permanece algum tempo em Fortaleza e Pará, demora-se no Rio de Janeiro e, por fim, volta ao ponto de partida: a fazenda.

### **Academia, entre amigos**

Em 1977 por 23 votos a 15, mais um em branco, Rachel de Queiroz vence o jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda e torna-se a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras.<sup>130</sup> A eleição acontece no dia 4 de agosto e a posse, em 4 de novembro. Na ABL, ocupa a cadeira número 5, fundada por Raimundo Correia, tendo como patrono Bernardo Guimarães e ocupada sucessivamente pelo médico Oswaldo Cruz, o poeta Aluísio de Castro e o jurista, crítico e o jornalista Cândido de Carvalho Mota Filho. Após morte de Rachel, a cadeira passa para o historiador José Murilo de Carvalho.

Neste mesmo ano é lançado o primeiro estudo mais consistente e panorâmico sobre a sua vida e obra: *Rachel de Queiroz*. De autoria do crítico literário Haroldo Bruno, o livro-consulta obrigatória para os leitores de Rachel, foi publicado pelo Instituto Nacional do Livro sendo o primeiro volume da coleção “Clássicos Brasileiros de Hoje.”

Foi com o apoio dos amigos contumazes que Rachel foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, apesar de afirmar que não tinha espírito associativo. Ao que tudo indica, o propósito de participação

---

<sup>130</sup> Após o seu nome, seguiram outras mulheres: Dinah Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélide Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003) e Cleonice Bernadinelli (2009).

justificava-se pelo desejo de convivência com os outros acadêmicos/amigos. A escolha da primeira mulher a ocupar uma cadeira na ABL, espaço severo e tradicional da elite masculina do país,<sup>131</sup> a roupa foi motivo de discussão e a ineditismo do feito, comemoração nacional. Recordo que outras escritoras já haviam pleiteado uma cadeira na mesma instituição: Júlia Lopes de Almeida e Amélia Bevilacqua, a última até comprou uma briga jurídica, em 1930, com ABL. Por insistência dos amigos acadêmicos, repito, Rachel inscreveu-se e partiu para o sertão de Quixadá, sem se preocupar com a campanha; ficando por lá à espera da confirmação do resultado. Com a vitória, afirmou a escritora “imortal”: “quem entrou para a Academia não fui eu, foi o povo do Ceará”.<sup>132</sup> Lançava mais uma vez, enfim, suas conquistas para uma brasilidade nordestina, de onde nasceu e nunca saiu. No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Rachel evoca a sua meninice, em preâmbulo amoroso à literatura, à poesia.<sup>133</sup>

As implicações desses acontecimentos ligeiramente relatados são muitas. Com certeza merecem uma reflexão entrecruzando política e feminismo pós-64 para minha tese. O contexto desse acontecimento configurava-se em uma segunda nova onda do feminismo brasileiro.

Aos 82 anos, ela surpreende com o livro *Memorial de Maria Moura*. São 482 páginas, uma culminância da urdidura romanesca dos livros anteriores.

## Unindo as pontas

Desde 1999 tinha Rachel a saúde precária em decorrência de um derrame seguido de isquemia. No entanto, mantinha-se ativa. Ditava as suas crônicas para a irmã que eram publicadas semanalmente nos jornais *O Povo* e no *Estado de São Paulo*. Em 4 de novembro de 2003, Rachel falece em seu apartamento no Leblon. Em meio às tantas falas em sua homenagem, Nélide Piñon sintetiza a complexidade da biografia e bibliografia: “Sou gratíssima a ela e sempre a reverenciava. Quando ela entrava no salão da ABL, sempre me punha de pé”. Outra fala de

---

<sup>131</sup> Cf. interessante estudo: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “A roupa de Rachel: um estudo sem importância”. In: *Revista Estudos Feministas*. CIEC/ECO/UFRJ, n.O./92.

<sup>132</sup> *O Globo*, 29/10/1977.

<sup>133</sup>

Disponível

em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=256&sid=115>. Acesso em: 07 jun. 2007.

Nélida: “Ela era discreta no plenário, mas era articuladíssima fora do plenário. Foi um dos brasileiros mais importantes do século”.<sup>134</sup>

\*\*\*\*\*

## Recortes do Tempo

Nos anos 50, Rachel e seu marido, o médico Oyama, moravam na Ilha do Governador. A escolha de se afastarem do rebuliço da capital federal e a construção de uma casa na Ilha redundam em escolhas pessoais significativas: “uma casa feita pela nossa mão, toda caiada de branco e com janelas azuis, tem os cachorros e as roseiras”. O contexto pós Segunda Guerra é marcado por mudanças sócio-político e econômicas Ocidente. Muito embora, como afirma Hobsbawm, a riqueza geral jamais chegasse à vista da maioria da população do mundo,<sup>135</sup> ela “democratizou o mercado”. Também conhecido como Era de Ouro, o período Pós-guerra acelerou as mudanças nas esferas públicas e privadas. Por exemplo, as demandas tecnológicas da Guerra acarretaram em uma verdadeira revolução industrial. O rápido crescimento mundial, independente de regimes econômicos, propiciou o aparecimento de aparelhos domésticos, a expansão do consumo de produtos nas áreas de higiene, alimentação, saúde e beleza.

A consolidação dos Estados Unidos como potência hegemônica no ocidente gerou o chamado *american way of life* que se entranhava e ditava novos padrões de se viver, de se consumir e de se sentir.<sup>136</sup> A chamada Guerra Fria polarizou de um lado a União Soviética e do outro os USA, dando origem ao macartismo, caracterizado pela perseguição aos comunistas ou pessoas ditas de esquerda. Nesta mesma década morre Stalin e seus crimes são denunciados; Perón cai na Argentina, é criada a Comunidade Econômica Europeia. É lançado o primeiro satélite ao espaço pelos russos. Começa o movimento guerrilheiro em Cuba

---

<sup>134</sup> “O adeus a Rachel de Queiroz”. Cristiane de Cássia. *O Globo*, 06/11/2003.

<sup>135</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX. 1914-1991. Traduzido por Marcos Santarrita. Ver. Técnica Maria Célia Paoli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 255.

<sup>136</sup> Luciana Fornazari escreveu o capítulo “*American way of life no Brasil - conquista de lares, conquista de corações*”, que detalha a presença dos ianques em nosso país. Cf. FORNAZARI, Luciana Rosar. *Gênero em revista: imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra*. Dissertação de Mestrado em História, UFSC, Florianópolis, 2001, p. 30-55.

contra Batista que culminaria, em 1959, com a tomada do poder por Fidel Castro e seus aliados e é instalado o governo revolucionário.

No Brasil, no começo dos anos 50, o governo de Getúlio promoveu várias medidas para incentivar o processo de industrialização. Enfrentava, no entanto, como relata Boris Fausto, um “mar de correntes contraditórias. De um lado, não podia deixar de se preocupar com as reivindicações dos trabalhadores, atingidos pela alta do custo de vida; de outro, precisava tomar medidas impopulares no sentido de controlar a inflação”.<sup>137</sup> Este momento foi marcado por muitas tensões e greves como, por exemplo, a dos 300 mil em São Paulo, eclodindo tensões sócio-político-econômicas que levaram ao suicídio de Getúlio em 1954.

Este impulso desenvolvimentista, rumo à industrialização acelerada, impulsionou reformulações no teatro, na poesia e na música. No período de 1945-1955 a música popular ecoava nos rádios, nos quatro cantos do país – boleros, tangos, samba-canção, samba-exaltação (marca do getulismo), até que a Bossa Nova aparece para seduzir as classes mais exigentes, ou ouvintes refinados das ondas do rádio. Aquela imagem do cantor popular é alterada com a presença de ídolos mais introspectivos, às vezes marcados pelo tédio em relação ao mundo. O movimento da Bossa Nova bifurcou-se em duas vertentes: uma mais estetizante, bebendo nas fontes do *Jazz*, e a outra mais social, dando origem, na década seguinte, na canção protesto.<sup>138</sup>

Saída de cena o gaúcho, em seguida, entra o mineiro Juscelino Kubitschek. O governo de JK, afirma Boris Fausto, marca “anos de otimismo, embalados por alto índice de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília. Os ‘Cinquenta em cinco’ da propaganda oficial repercutiam em amplas camadas da população”<sup>139</sup> brasileira. O seu projeto político definia-se por grandes metas desenvolvimentistas nas áreas de energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e na meta síntese ou “menina de seus olhos”: a construção de Brasília.<sup>140</sup> E para executar estas metas o governo firmou parceria com empresa privada nacional e com o capital

---

<sup>137</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2004, p. 410.

<sup>138</sup> AGUIAR, Joaquim Alves de. Panorama da música popular brasileira: da bossa nova ao rock dos anos 80. In: SOSNOWSKI, Saul; SCHWARTZ, Roberto (orgs.). *O Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 145-146.

<sup>139</sup> Idem, p. 422.

<sup>140</sup> Idem, p. 425.

estrangeiro. Esta mesma estratégia de investimento foi seguida por seus sucessores, os governos militares Pós-64 nas décadas posteriores.<sup>141</sup>

Alfred Bosi,<sup>142</sup> ao analisar os “tempos”, elege o ano de 1956 para dialogar com o passado. É neste ano que o presidente bossa-nova Juscelino Kubitschek lança o seu projeto de Brasília. É neste ano que há uma abertura para a indústria automobilística. Tempo do lançamento da Poesia Concreta, em São Paulo. Tempo do fascínio pela TV. Mas também é o tempo em que Guimarães Rosa, o maior escritor do século XX, lança *Grande sertão: veredas*, abrindo espaço para o homem rústico, o jagunço.

O Brasil passava de um país marcadamente agrário para Brasil urbano.<sup>143</sup> Vivia-se um período de otimismo que propiciou a ascensão da classe média, cresceram as possibilidades educacionais e profissionais, e conseqüentemente um aumento das possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo.<sup>144</sup>

Segundo Joaquim Ferreira dos Santos, a década pode ser assim resumida:

O Brasil ganhou a primeira Copa do Mundo de futebol, construiu Brasília, botou nas telas o cinema novo e fez a bossa nova. A crônica, acompanhando essa onda de euforia, colocou em campo a sua geração mais espetacular de autores, um escrete de Pelés escrevendo diariamente em jornais. Os tempos risonhos permitiam o humorismo de Stanislaw Ponte Preta e a euforia cívica de Nelson Rodrigues nos livrando do complexo de vira-latas, enquanto o charme dos anos dourados do Rio de Janeiro enriquecia a pena de Antonio Maria nas andanças pelas noites de Copacabana. Nunca fomos tão bacanas, para usar um termo grato ao brotinho, um novo personagem do *rock and roll* das ruas, perfilhado por Paulo Mendes Campos, craque do escrete mineiro de

---

<sup>141</sup> Idem, p. 427.

<sup>142</sup> BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. NOVAES, Adauto (org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 19-32.

<sup>143</sup> Segundo Boris Fausto, “houve importantes mudanças estruturais, tendo a indústria de bens de capital realizado um salto considerável, junto com a produção de insumos básicos (aço, petróleo, metias não ferrosos, celulose, papel, química pesada) e instalação de um complexo de serviços urbanos”. Idem, p. 540.

<sup>144</sup> Cf. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 608.

cronistas. O período consolidou a relação de carinho do gênero com o grande público consumidor, tornando a crônica uma espécie de iniciação do brasileiro ao prazer de ler.<sup>145</sup>

Por conseguinte, o processo de urbanização e formação de uma classe média propiciou mudanças para uma parcela das mulheres como um maior acesso à educação e ao mercado de trabalho, transformando assim as relações de gênero. Mesmo que os trabalhos femininos tivessem um crescimento tímido (acréscimo de 3,2 % da mão de obra feminina no mercado de trabalho) e que essa força de trabalho ainda estivesse vinculada às tarefas tradicionalmente atribuídas a seu sexo (secretária, professora, assistente social ou enfermeira, por exemplo), é inegável a importância da participação da mulher no mercado de trabalho e na construção de uma nova história.<sup>146</sup>

### **Mulheres em cena**

O movimento feminista no pós-guerra, marcado por uma ressaca pela conquista do direito ao voto, em 1934, apresenta feições bastante conservadoras. Por exemplo, surgiu a luta em prol da democracia (Comitê das Mulheres pela Democracia –1945), pela anistia e Associação das Donas de Casa contra a Carestia. Em 1947 é criado o jornal *Movimento Feminino* e também a Federação das Mulheres do Brasil (FMB).<sup>147</sup> Essas organizações surgiram ligadas ao PCB, que desenvolvia um trabalho de mobilização de massa das mulheres. Desde então, passou-se a comemorar o dia 8 de março – Dia Internacional de Mulher e o Dia das Mães. Em 1951 a FMB organizou o seu primeiro congresso, com delegas de vários estados, donas de casa, operárias, funcionárias públicas, professoras, profissionais liberais, estudantes e camponesas. Realizou-se, em 1952, a Primeira Assembleia Nacional de Mulheres pelos direitos da mulher. No ano seguinte, em São Paulo, as

---

<sup>145</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos (sel). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 87. Deste espetáculo, ele exclui de falar das mulheres cronistas.

<sup>146</sup> FIGUEIREDO, Vicente Aquino de. O gênero em revista: simbiose patriarcado-patriarcalismo na publicidade de O Cruzeiro nas décadas de 1940-1950. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC, SP, 2005, p. 27-28.

<sup>147</sup> Os dados citados foram extraídos do livro: TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 48-51.

mulheres organizaram uma manifestação contra a carestia. Em 1956, foi organizada a Conferência Nacional de Trabalhadoras no Rio de Janeiro.

Em relação à imprensa feminina, como reflexo do crescimento industrial no país, a tônica é marcada pelo consumo acelerado. A história da inserção das mulheres na imprensa mereceria um capítulo a parte.<sup>148</sup> O que se pretende é observar que na década de 40 *O Cruzeiro*, *A Cigarra* e *Carioca* tinham grande popularidade, com seções dedicadas às mulheres. A primeira, sobre a qual será falado adiante, com ilustrações e variedades; a segunda, mais literária, menos factual, e a terceira enfocando o cinema e o rádio com matérias sobre artistas, fofocas, etc.<sup>149</sup> A revista *Grande Hotel* era uma cópia, até mesmo no nome, de uma publicação italiana, lançada em 1947, que publicava história de amor em quadrinhos e depois, em 1951, fotonovelas. A revista feminina brasileira do período foi a revista *Capricho*, “a revista da mulher moderna”, criada em 1952, em São Paulo, pela Editora Abril, empresa que publicava os quadrinhos de Walt Disney. Esta publicação tinha como grande atrativo a publicação de uma fotonovela completa em cada edição, geralmente histórias estrangeiras. Em 1958, é lançada *Sétimo Céu*, pela Editora Bloch, Rio de Janeiro, que já emplacava no mercado a revista *Manchete*. A *Sétimo Céu* publicava fotonovelas

---

<sup>148</sup> *O Jornal da Senhoras* (1852), fundado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha; *O Belo Sexo* (1862). Josefa Álvares de Azevedo lança o jornal *A Família* (1863), visando à mulher “prendada”. *Echo das Damas* (1868), fundado por Amélia Carolina da Silva Couto. *O Sexo Feminino* (1875) por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, tendo como foco a educação física, moral e intelectual da mulher. Em Nova York, o jornal *A Mulher* (1881), por duas brasileiras que não puderam fazer faculdade no Brasil, visto que o estudo superior era privilégio dos homens somente. Ambas vão estudar nos Estados Unidos, onde a mulher já tinha mais espaço. Em 1897, a valorização da mulher é exposta através das linhas de *A Mensageira*, em São Paulo (1897); *Revista Feminina*, também em São Paulo (1914) – o primeiro periódico feminista de circulação nacional – e a revista *A Violeta*, em Cuiabá (1916). Além destas primeiras produções do século XIX, a imprensa feminina continua progredindo. Na década de 20 do século XX, a revista *Única* marcou época. Foi a primeira a ser dirigida por uma mulher – Francisca Vasconcelos Bastos Cordeiros – e a primeira a assinar como diretora-proprietária. O magazine tratava de literatura, arte, elegância, Sociologia e ainda tinha sessão de moda. As revistas *Brasil Feminino*, dirigida por Ivete Ribeiro e *Fon-Fon*, sua concorrente, crescem neste cenário já mais ambientado à literatura voltada para o feminino. Enquanto a primeira incentivava o trabalho fora de casa, apesar de não reivindicar posições sociais, a segunda iniciava as honras às magras e demonstrava ousadia ao explorar, mesmo que sutilmente, a sensualidade em suas propagandas. Nesta mesma época, as mulheres podiam ler e ver fotos de casamento em *Vida Doméstica*. Outros tópicos como cinema, rádio, entre outros são discutidos da década de 50 em diante. A revista *Lady*, de 1956, pauta a política, a moda, as receitas e os conselhos “emocionais”. Cf. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Princípios, 41).

<sup>149</sup> Rachel escreveu reportagens para *A Cigarra*. Ver em: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 261.

nacionais, entretanto fica aquém da concorrente, líder do mercado, *Capricho*.<sup>150</sup> Em 1959, a Abril publicou a revista *Manequim* – de moldes, editada até os dias de hoje. E em 1961, surgiu a *Cláudia*, buscando um público diferenciado de mulheres pertencentes à classe média.

### **Revista transcontinental**

A revista *O Cruzeiro* fazia parte dos *Diários Associados*, que tinha à frente Assis Chateaubriand,<sup>151</sup> líder das comunicações brasileiras desde a década de trinta. Os anos 50, por sua vez, são marcados como momento singular da história da imprensa brasileira devido a uma série de transformações do processo produtivo. Para alguns estudiosos, começa uma nova etapa da imprensa brasileira, notadamente no jornalismo carioca.<sup>152</sup> Observa Ana Paula Ribeiro<sup>153</sup> que nesse período foi implantado o modelo norte-americano, promovendo uma modernização das empresas e dos textos e a profissionalização dos jornalistas: “a modernização – gráfica, editorial, linguística e empresarial – da década de 1950 representou para a imprensa a construção de um lugar institucional que lhe permitiu, a partir de então, enunciar “oficialmente” as verdades dos acontecimentos e se constituir como registro factual por excelência. Essas mudanças constituíram um “momento fundador”, a partir do qual o jornalismo se afirmou enquanto “fala autorizada” em relação à semantização do real.<sup>154</sup>

Ou, como afirma Cristina Costa,<sup>155</sup> era o início de substituição da influência francesa, “prolixa e opinativa, pela americana, concisa e

---

<sup>150</sup> Em 1953 esta publicação atingiu a marca de 500 mil exemplares. Cf. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Op. Cit., p. 48.

<sup>151</sup> Originado de uma família tradicional de políticos nordestinos, Chateaubriand escolheu a carreira de advocacia, aproximando-se assim de muitas pessoas influentes que auxiliariam na construção do seu império. Uma figura excêntrica, repleta de ambiguidades, contradições, cuja trajetória foi narrada em detalhes por Fernando de Moraes. Chateaubriand, ou Chatô, como ficou conhecido, era um jornalista de larga influência política. Senador por duas vezes e embaixador do Brasil na Inglaterra, procurou estar atento à vida nacional, sendo um dos homens mais influentes e poderosos da história brasileira.

<sup>152</sup> Cf. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil-1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 149-150.

<sup>153</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

<sup>154</sup> Idem, p. 14.

<sup>155</sup> Cf. COSTA, Cristina. *Pena de aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 124.

objetiva”. A mudança de um modelo para outro foi rápida. Nelson Rodrigues foi um dos nomes que insurgiu, rebelou-se contra a ditadura dos “idiotas da objetividade”.

Ciro Marcondes Filho,<sup>156</sup> ao propor uma divisão do jornalismo brasileiro, denomina a primeira metade do século XX como era monopolista, cujos valores dominantes são “grandes rubricas políticas ou literárias”, tendo como aspectos funcionais e tecnológicos marcantes a influência da indústria publicitária (uso marcante da fotografia), cujos agentes – jornalistas e publicitários – “promovem a indústria da consciência” e, por fim, aspecto econômico configurado pelo monopólio, “tiragens monstruosas” e “peso crescente da receita publicitária”.

Seguindo o estudo de Ana Paula Ribeiro, Chatô concentrava a linha editorial do Rio de Janeiro, articulando uma certa unidade das matérias veiculadas pelos *Diários* que, geralmente, defendiam a iniciativa privada e o capital internacional, e pregava contra o comunismo.<sup>157</sup> O curioso é que mesmo com toda a força comunicativa, o conglomerado era bastante deficitário em relação às finanças. “Sobreviviam geralmente à custa de golpes financeiros e de favores oficiais”.

No entanto, em relação ao governo, a linha de conduta de Chateaubriand era bastante instável. Ora apoiava Getúlio e Juscelino, outras vezes escrevia duras críticas, conforme o seu humor ou interesse em jogo. Ele era um jornalista de estilo forte, podendo ser classificado com os adjetivos de panfletário, incisivo, intransigente, destrutivo, corrosivo. Quando tinha intenção de difamar alguns desafetos, ele mesmo escrevia – usando pseudônimos – as mais diversas grosserias.

Aqui não há espaço para uma biografia extensa de Chatô, no entanto é importante que seja destacado o seu empreendedorismo. Com a ajuda de Pietro Bardi, criou o Museu de São Paulo (MASP) e outros museus menores espalhados pelo país. Fundou a Gráfica Editora *O Cruzeiro*, responsável pela publicação de títulos populares (*O Guri*, *Gasparzinho*, *Luluzinha*, *Bolinha*, *Manda-Chuva*, *Os Flinstones*, etc.). E

---

<sup>156</sup> O teórico classifica o Jornalismo em quatro etapas: Pré-história (1631-1789): economia elementar e produção artesanal. 1. Primeiro Jornalismo (1789-1830): economia deficitária formada por escritores, políticos e intelectuais. 2. Início da profissionalização do jornalismo (1830-1900). Reportagens, manchetes, publicidade e consolidação da economia da empresa. 3. Monopolista (1900-1960). 4. Jornalismo de Informação eletrônica e interativa (1960 em diante): grande velocidade de transmissão da informação, valorização do visual e crise da escrita. FILHO, Ciro Marcondes. *O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 53.

<sup>157</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. Cit., p. 73.

também inaugura, em 1950, a TV Tupi.<sup>158</sup> Em 1959, Chatô doou 49% das ações quotas do seu patrimônio a 22 empregados, transformando a cadeia em Condomínio Acionário de Emissoras e Diários Associados.

A revista *O Cruzeiro*, parte do grande conglomerado de comunicação, conforme dito acima, dos *Diários Associados* – considerado o maior da América Latina –, tem uma longa história marcada por várias fases desde a sua criação, em 1928, ao seu apogeu, nos anos 50 e fim em 1975. Uma das marcas da revista que, geralmente, ocupava mais de 100 páginas – cujas dimensões da revista fechada são 26,3 x 33,2 cm – é o uso de espaços dedicados à publicidade nacional e estrangeira. Por exemplo, a empresa Coca-cola, desde os anos 40 já estava no Brasil, passou a ser consumida em quase todo o país.<sup>159</sup> Nas páginas do *O Cruzeiro* garotas com uma garrafa este refrigerante, cujo *slogan* “faz bem à saúde”, não só estimulavam o consumo, como também impunham mudança de padrão de consumo, difundindo um comportamento, impondo novas maneiras de agir, e de pensar, de existir para homens e mulheres.

Para Sérgio Vilas Boas, a revista semanal “preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão. Além de visualmente mais sofisticada, outro fator a diferencia sobremaneira do jornal: o texto. Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incomparáveis com a velocidade do jornalismo diário. A reportagem interpretativa é o forte.”<sup>160</sup>

O que transformou a revista em um diferencial foi o seu “estilo movimentado e ágil”, como afirma Dulcília Buitoni,<sup>161</sup> e o seu aspecto gráfico, ou seja, grandes reportagens ilustradas, ao molde dos periódicos franceses (*Vu*, depois *Paris Match*) e norte-americanos (*Life*). Como representantes deste modelo de jornalismo, temos a dupla David Nasser (texto) e Jean Manzon (fotografia), dois nomes que fazem parte do

---

<sup>158</sup> Some-se a tudo isso ainda várias fazendas (de plantação e de gado) e o laboratório Schering.

<sup>159</sup> A TV, ainda em fase inicial, com 1%, e outros com 4%. Cf. Dados em: MICELI, Sérgio. O papel político dos meios de comunicação de massa. In: SOSNOWSKI, Saul, SCHWARTZ Roberto (orgs.). *O Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 49.

<sup>160</sup> VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*. O texto em revista. São Paulo: Summus, 1996, p. 09.

<sup>161</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Princípios, 41), p. 47.

grupo dos responsáveis pela memória visual do país, precedente ao consumo massivo dos aparelhos de TV.<sup>162</sup>

A revista seguia uma linha editorial concisa de teor popular para atingir a grande massa. Entre os diversos assuntos, cinema, esporte, saúde, seções de charges, política, culinária e moda. Em periódico de variedade cai de tudo um pouco: fatos banais, reportagens ilustradas que exploraram os *fait divers* nacional e internacional (desde índios, sobre um acidente, crime, personalidade política, um escândalo, vida de artista, etc.), folhetins, pesquisas historiográficas (curiosidades escritas por Gustavo Barroso), colunas “Sete dias”, de Franklin de Oliveira e o “O pif paf” de Vão Gogo (Millôr Fernandes) garantiam o sucesso editorial.

Uma das grandes representantes da Indústria Cultural no Brasil no século, a revista *O Cruzeiro*, pode ser considerada um dos mais importantes veículos de comunicação de massa, podendo render muitos estudos por diferentes áreas do conhecimento.

Revista semanal de entretenimento, títulos e fotografias chamativas, o que possibilitava a leitura de diferentes públicos de várias faixas etárias, abriu a porta para o consumidor emergente da época: as mulheres. A elas a revista dedicava as seções especiais “Lar doce Lar” e “Etiqueta”, nas quais se encontravam dicas sobre comportamento, culinária, educação dos filhos, geralmente preservando a imagem da mulher enquanto dona de casa. É importante ressaltar que naquela época a parcela de mulheres no mercado de trabalho ainda era pequena, destacando-se a presença feminina nas profissões que tradicionalmente são atribuídas ao seu sexo, tais como: secretária, professora, enfermeira, assistente social. Apostando na diversidade do público feminino, ou seja, nas mulheres que trabalhavam como assalariadas, a rainha do lar, a mãe, a solteira, a jovem, a revista procurava atender a todos os gostos e suscitar outros tantos desejos. Acima de tudo as mulheres eram tratadas como consumidoras.<sup>163</sup> Deste modo, o discurso da revista sobre e para as mulheres era polifônico, contraditório e complexo. Por exemplo, algumas páginas eram direcionadas às chamadas dona de casa representantes dos valores patriarcais da sociedade, e na mesma edição amplos espaços eram concedidos às mulheres ditas modernas, as

---

<sup>162</sup> Cf. FORNAZARI, Luciana Rosar. *Gênero em revista: Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra*. Dissertação de Mestrado em História, UFSC, Florianópolis - SC, 2001, p. 128.

<sup>163</sup> FIGUEIREDO, Vicente Aquino de. *O gênero em revista: simbiose patriarcalismo na publicidade de O Cruzeiro nas décadas de 1940-1950*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC, SP, 2005, p. 30.

“garotas”, que fumavam, que usavam trajes mínimos nas praias cariocas. As mulheres eram alvos certos das publicidades dos mais variados produtos: máquinas (costura, datilográfica, eletrodoméstico), alimentos, remédios, cosméticos, etc. Neste sentido, recorria-se às imagens de belas mulheres, imagens similares às das divas do cinema hollywoodiano na época, mulheres brancas, magras e belas. Modelos a ser seguidos, imitados e desejados.

### **Uma senhora respeitada e um espaço**

Já foi dito que o jornalismo dos anos 50 passa por muitas transformações na área técnica e da escrita do texto – como a impessoalidade. Entretanto ainda havia espaços no periodismo para uma marca pessoal que era, e é, a coluna ou seção especializada. Estes espaços enunciativos permitem a subjetividade, a afirmação de opinião.

Ana Paula Ribeiro chama a atenção para o fato de que

para o jornalista, assinar uma coluna era ter um espaço nobre na imprensa. Significava adquirir prestígio e notoriedade perante o público e reconhecimento por parte dos seus pares. Mas não se tratava apenas de uma questão de vaidade. O reconhecimento pela competência pelos seus colegas e pelos receptores proporcionava relativa segurança ao profissional em caso de demissão ou de insatisfação no jornal onde se trabalhava.<sup>164</sup>

A coluna ou seção era um espaço de liberdade criativa do escritor/jornalista que, evidentemente, sem ferir os interesses da empresa, tinha a possibilidade de exercitar o seu estilo pessoal. E o gênero discursivo comumente escolhido era a crônica.

Desde os 16 anos que Rachel de Queiroz publica na imprensa e já era colaboração dos Diários Associados, publicando no jornal *Diário de Notícias*.

Faço uma pausa para reforçar a posição de Rachel de Queiroz. Ela nunca foi uma repórter propriamente dita. Ou seja, uma profissional que vai à rua à procura de informações e volta à redação e prepara a

---

<sup>164</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Op. Cit., p. 232.

matéria.<sup>165</sup> Ao contrário, trabalhava em casa, ao redor de seus afazeres domésticos.

Então quando, em 1945, é convidada para compor o time dos eleitos da revista *O Cruzeiro*, foi sem grandes preocupações ou timidez. Sobre este começo, relata em *Tantos anos* (1998) que estava em sua casa quando recebeu o telefonema de Leão Gondim, diretor da revista. Aceitou o convite, sendo que restava combinar a colaboração. A primeira página da revista era reservada para as amigas do Chato aqui divididas, por mim, em dois grupos. Primeiro as desconhecidas na atualidade: Marina Guapari, Edna Leite Carneiro, Roberta Macedo Soares, Sylvia Monteiro de Barros, Ilda Barbosa, Helena Cecília. E aquelas que tiveram continuidade no exercício literário: Lasinha Luis Carlos de Calda, Elsie Lessa, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Maria Luiza, etc.<sup>166</sup>

Segundo Rachel de Queiroz, intentava-se “reabilitar” a primeira página e neste sentido a proposta de crônica semanal. E sendo uma profissional sagaz, reformula a oferta sugerindo a última página da revista como o seu espaço. O editor considerou “uma loucura” ter uma colaboradora com o seu “nível” na última página. Ela prontamente argumentou que “o que faz a página é a matéria nela impressa. Com efeito, ser colaboradora da revista era ter uma projeção massificada, ter um veículo com grande gráfica e fazer parte de “fina flor do ofício”.<sup>167</sup> A cronista com argúcia evita criar desafetos com as “escolhidas de Chatô”, recusando assim a primeira página. Ao eleger o espaço menos privilegiado, Rachel busca um caminho próprio ou um diferencial, transformando-o em uma das páginas mais lidas do periódico.

Não tive convívio nenhum com Assis Chateaubriand. Ele era homem muito social, tinha aquelas campanhas, tinha uma roda de damas e de cavalheiros que o cercavam, dava festas na França. Eu era colaboradora, a revista mandava um *boy* apanhar o meu artigo, a minha crônica. Não ia nem receber dinheiro lá, ia muito raramente. Tinha os meus amigos lá dentro, como David Nasser, o mais conhecido repórter de sua época, e outros que eram meus amigos, iam me

<sup>165</sup> Cf. TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1992.

<sup>166</sup> O apanhado de outras contribuições das mulheres na revista, além das clássicas seções “Do lar”, é uma matéria para uma interessante pesquisa.

<sup>167</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 191-192.

visitar na minha casa em geral. Vamos dizer que, de dois em dois meses, eu dava uma passada lá pelo Cruzeiro, mas muito rápida.<sup>168</sup>

## Um casamento

Após a assinatura do contrato, talvez a cronista tenha refletido para a sua estreia. Com uma larga experiência em seu *métier*, Rachel principia na revista, em 01 de dezembro de 1945, com uma crônica bastante emblemática sobre a sua escrita e filosofia de vida. Este texto inaugural pode contribuir para as análises das publicações dos anos seguintes. A seguir, transcrevo-a na íntegra:

Tanto neste nosso jogo de ler e escrever, leitor amigo, como em qualquer outro jogo, o melhor é sempre obedecer às regras. Começemos, portanto, obedecendo às da cortesia, que são as primeiras, e nos apresentemos um ao outro. Imagine que pretendendo ser permanente a página que hoje se inaugura, nem eu nem você, – os responsáveis por ela, – nos conhecemos direito. É que os diretores de revista, quando organizam as suas seções, fazem como os chefes de casa real arrumando os casamentos dinásticos: tratam noivado e celebram matrimônio à revelia dos interessados, que só se vão defrontar cara a cara na hora decisiva do "enfim sós".

Cá estamos também os dois no nosso "enfim sós" – e ambos, como é natural, meio desajeitados, meio carecidos de assunto. Começemos pois a falar de você, que é tema mais interessante do que eu. Confesso-lhe, leitor, que diante da entidade coletiva que você é, o meu primeiro sentimento foi de susto –, sim, susto ante as suas proporções quase imensuráveis. Disseram-me que o leitor de O CRUZEIRO representa pelo barato mais de cem mil leitores, uma vez que a revista põe semanalmente na rua a bagatela de 100.000 exemplares.

---

<sup>168</sup> Trecho transcrito da entrevista no programa Roda Viva – TV Cultura em 01 de julho de 1991. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0260>. Acesso em: 22 fev. 2010.

Sinto muito, mas francamente lhe devo declarar que não estou de modo nenhum habituada a auditórios de cem mil. Até hoje tenho sido apenas uma autora de romances de modesta tiragem; é verdade que venho há anos frequentando a minha página de jornal; mas você sabe o que é jornal: metade do público que o compra só lê os telegramas e as notícias de crimes e a outra lê rigorosamente os anúncios. O recheio literário fica em geral piedosamente inédito. E agora, de repente, me atiram pelo Brasil afora em número de 100.000! Não se admire, portanto, se eu me sinto por ora meio “gôche”.

Dizem-me, também, que você costuma dar sua preferência a gravuras com garotas bonitas a contos de amor, a coisas leves e sentimentais. Como, então, se isso não é mentira, conseguirei atrair o seu interesse? Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito pegada a terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante.

Nasci longe e vivo aqui no Rio, mais ou menos como num exílio. Me consolo um pouco pensando que você, sendo no mínimo cem mil, anda espalhado pelo Brasil todo e há de muitas vezes estar perto de onde estou longe; e o que para mim será saudosa lembrança, é para você o pão de cada dia. Seus olhos muitas vezes ambicionarão isto que me deprime, – paisagem demais, montanha demais, panorama, panorama, panorama. Tem dia em que eu dava dez anos de vida por um pedacinho bem árido de caatinga, um riacho seco, um marmeleiral ralo, uma vereda pedregosa, sem nada de arvoredo luxuriante, nem lindos recantos de mar, nem casinhas pitorescas, sem nada deste insolente e barato cenário tropical. Vivo aqui abafada, enjoada de esplendor, gemendo sob a eterna, a humilhante sensação de que estou servindo sem querer como figurante de um filme colorido. Até me admira todo o mundo

do Rio de Janeiro não ser obrigado a andar de “sarong”. Mas, cala-te boca; para que fui lembrar? Capaz de amanhã sair uma lei dando essa ordem.

Apesar, entretanto, de todas essas dificuldades, tenho a esperança de que nos entenderemos. Voltando à comparação dos casamentos de príncipe, o fato é que as mais das vezes davam certo. Não viu o do nosso Pedro II com a sua Teresa Cristina? Ele quase chorou de raiva quando deu de si casado com aquele rosto sem beleza, com aquela perna claudicante; porém com o tempo se acostumaram, se amaram, foram felizes, e ela ganhou o nome de Mãe dos Brasileiros. Assim há de ser conosco, que eu, se não claudico no andar, claudico na gramática e em outras artes exigentes. Mas sou uma senhora amorável, tal como a finada imperatriz, e de alma muito maternal. A política é que às vezes me azeda, mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais sempre me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; eu sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca. E tenho sempre casos para contar, casos de minha terra, desta ilha onde moro; mentiras, recordações, mexericos, que talvez divirtam seus tédios.

Você irá desculpando as faltas, que eu por meu lado irei tentando me adaptar aos seus gostos. Quem sabe se apesar de todas as diferenças alegadas temos uma porção de coisas em comum?

Veza por outra hei de lhe desagradar, haveremos de divergir; ninguém é perfeito neste mundo e não sou eu que vá encobrir meus senões. Tenho as minhas opiniões obstinadas – você tem pelo menos cem mil opiniões diferentes – há, pois, muito pé para discordância.

Mas quando isso suceder, seja franco, conte tudo quanto lhe pesa. Ponha o amor próprio de lado, que lhe prometo também não fazer praça do meu. Lembre-se de que há um terreno de pacificação, um recurso extremo, a que sempre poderemos recorrer: fazemos uma trégua no desentendimento, procurando esquecer quem dos dois tinha ou não tinha razão; damos o braço e saímos andando por este mundo, olhando tudo que

há nele de bonito ou de comovente: os casais de namorados nos bancos de jardim, o garotinho cacheado que faz bolos na areia da praia, a luz da rua refletida nas águas da baía, ou simplesmente o brilho solitário da estrela da manhã.

Depois disso, não precisaremos sequer de fazer as pazes; nos seus cem mil variadíssimos corações, como no meu coração único, só haverá espaço para amizade e silêncio.

Há anos sei que é infalível o resultado da estrela da manhã.<sup>169</sup>

Primeiramente, o que se observa da leitura é um tom bem humorado da escritora para enfrentar, com espanto, o imenso público. O texto pode ser dividido em três partes. Na primeira, do 1º ao 3º parágrafos, comenta-se o triângulo autor-obra-público. Essa noção de público, de um auditório “de carne e osso”, escancara-se em seu texto. O público, aquele que não entende de sociologia, é a pessoa que precisa ser seduzida continuamente com os mais diversos assuntos e técnicas de elaboração textuais. Uma amante do futebol e do Box, a cronista encara o relacionamento como um “jogo” e como tal deve ter suas regras claras. A proposta lúdica do jogo expõe o tom ordeiro e de firme empenho da escritora em demarcar o território com a “entidade coletiva” e bem como expõe a intimidade dos processos da escrita e da leitura, marcados pela solidão – “enfim sós” – ambos estão em cada papel na cena cultural.

Outro ponto que merece um realce é o tom de confissão do texto marcado pela quase humildade diante deste público. Se “metade do público que o compra só lê os telegramas e as notícias de crimes e a outra lê rigorosamente os anúncios”, ou então se deleita com as “gravuras com garotas bonitas a contos de amor, coisas leves e sentimentais”, a cronista chama a atenção para o seu diferencial: “sou uma mulher rústica, muito pegada a terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu”, afirma. Enfim, esclarece o seu lugar e o tom da sua voz.

É oportuno que se tragam alguns números. Em 1948, ela afirma que a revista,

---

<sup>169</sup> *O Cruzeiro*, “Última página” 01/12/1945. Disponível em:

<http://www.canaldaimprensa.com.br/nostalgia/dsextedicao/nostalgia2.htm>. Acesso em: 20 set. 2004.

com uma tiragem de 220 000 exemplares, terá, num cálculo sem otimismo, cerca de meio milhão de leitores” (*O Cruzeiro*, 11/09/1948, p. 106). Alguns anos após, a cronista, em 1953, na ocasião do aniversário da revista, mais uma vez comenta os números: “o Brasil tem cinquenta milhões de habitantes. Desses cinquenta milhões, 80% são analfabetos; restam portanto 10 milhões que sabem ler. O CRUZEIRO está com tiragem de 550 000 exemplares semanais. Fazendo-se uma estimativa de 5 leitores por exemplar, o que é uma base das mais modestas, poder-se-iam dar 10 leitores para cada revista, mais 5 por exemplar – temos 2 milhões e 750 mil leitores. De onde se conclui que cada quatro brasileiros que sabem ler, um, pelo menos, é leitor de O CRUZEIRO. Sem contar os penetras, os leitores de barbeiro, de dentista, de consultório médico e outros lugares onde centenas de pessoas folheiam a mesma revista e não entram na conta... (*O Cruzeiro*, 14/11/1953, p. 106).<sup>170</sup>

O vasto e diferenciado público seria ampliado mais ainda, e, em 1955, segundo o Anuário da Imprensa, a revista atingiu a cifra de 630 000 exemplares.<sup>171</sup> E, por fim, o ápice, segundo Accioly Netto, chamado de “milagre editorial”, foi a marca de 850 mil exemplares no mesmo período. Sendo lida por diversificado público de homens e mulheres, em todo território nacional, até onde não havia correio, e em muitos países.<sup>172</sup>

Na segunda parte, do 4º ao 5º parágrafo, está presente o tema do exílio. Mesmo habitando o Rio de Janeiro há seis anos, em 1945 ela ainda sente-se deslocada, desejante, de estar em sua terra natal, com cheiros, paisagens e sabores. Segundo Edward Said, o exílio é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal. Entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”.<sup>173</sup> E isto

---

<sup>170</sup> Os números da educação encontrados são outros: em 53,9% dos homens e 60,6% das mulheres eram analfabetas. Cf. FAUSTO, Boris. Op. Cit., p. 543.

<sup>171</sup> Ver dados em COSTA, Helouise. *Um olhar que pensa: estética e fotojornalismo*. São Paulo. Tese de Doutorado, USP, 1998, p. 157.

<sup>172</sup> Como Argentina, Uruguai, Paraguai, Portugal, Alemanha, França, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos. Cf. NETTO, Accioly. *Império de Papel. Os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

<sup>173</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Traduzido por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, p. 46.

vale para quem habita a imensidão do Brasil, tão diverso, para a escritora cearense. A sua diáspora, ou seja, o sentimento de que algo foi deixado para trás, ou está distante, norteia muitos dos seus textos, tantas vezes carregados da topografia e da cultura nordestina. Lembro aqui que a literatura do/sobre exílio abarca a própria história humana e que muitos escritores souberam fazer da experiência do tempo passado, do banimento e do risco da perda das raízes matéria viva da escrita. Para dar uma ideia do percurso dos desterrados da pátria, dos desterritorializados, Maria José de Queiroz,<sup>174</sup> em seu livro *Os males da ausência ou a literatura do exílio*, refaz um longo itinerário das várias diásporas dos judeus, de Ulisses, de Ovídio, Sêneca, Dante, Madame Stäel, Victor Hugo, Camões, etc.

Especificamente em relação ao texto de Rachel de Queiroz, percebe-se que o sentimento presente é de não pertencimento ao lugar, à cidade símbolo da modernidade: Rio de Janeiro. E o “mal da ausência” de sua terra, de seu povo, está marcante em passagens como: “tem dia em que eu dava dez anos de vida por um pedacinho bem árido de caatinga”; e mais adiante: “vivo aqui abafada, enjoada de esplendor, gemendo sob a eterna, a humilhante sensação de que estou servindo sem querer como figurante de um filme colorido”.

Nos parágrafos 6º ao 11º, a cronista volta a se dirigir para tema do jogo, do casamento, ou melhor, da relação íntima entre a escritora e a diversidade de leitores, o seu “auditório”. No texto está presente a diversidade de sua atuação como romancista, cronista, contista, memorialista, ou jornalista. Rachel, como de praxe, procura manter o tom de conversa, tipo ao pé do ouvido, para as “apresentações” (in)formais dessa quase nova relação amorosa – escritora/leitor. Se a intenção é conhecer um ao outro, a cronista escolhe demarcar alguns espaços, “diferenças conjugais”. Faço uma pausa para apresentar outro ponto de vista da autora em outro momento: “sei que não passo mesmo disto – uma anotadora do cotidiano e não precisamente uma escritora. No máximo, um escritor menor, um dramaturgo menor, um romancista menor. Não é muito – fico só ocupando o lugar. Vocês ambicionam, invejam isto? Ser jogador de terceiro ou quarto time sem jamais poder aspirar a titular” (*O Cruzeiro*, 18/01/1958, p. 114).

Para ela, as divergências de “gosto” ou as suas “opiniões obstinadas” podem ser diminuídas com o repertório de “casos para

---

<sup>174</sup> Cf. QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topoboks, 1998.

contar” da ilha, da sua terra, com “mentiras”, “recordações”, “mexericos” que aplacam os efeitos do “tédio”. Por fim, a promessa deste casamento é sair “andando por este mundo, olhando tudo que há nele de bonito ou de comovente”.

Na década seguinte a cronista noticia a presença da revista em diversos lugares.

Tenho percorrido de trem, de navio, de automóvel e de avião muita província, quase todas as províncias do Brasil. Mas sempre na minha frente, encontrava já antigo o rastro de *O Cruzeiro*. Senhores austeros com coleções encadernadas. Moças com álbum de recortes das suas seções prediletas, senhoras casadas colecionadoras do “Lar Doce Lar” ou de “Etiqueta”. Cheguei a encontrar até mesmo mandões de aldeia aborrecidos porque a audácia de algum repórter de O CRUZEIRO andou lhe descobrindo os malfeitos num lugarejo tão escondido que ele lá se imaginava a coberto até mesmo de olho da Providência!...

E números esparsos, números soltos, nos povoados mais escassos, nas casas mais humildes e isoladas. O Amigo da Onça, por exemplo, tem fãz até em locais onde onça de verdade deixa de ser símbolo para ser personagem da realidade cotidiana. Onça e outros bichos...

Aliás não carecia o testemunho pessoal meu nem de ninguém para constatar a nossa penetração geográfica: basta examinar a correspondência dos redatores e colaboradores da revista. Recebemos cartas de toda a parte, mas de toda a parte mesmo, até de lugares onde não há correio. Missionários nas zonas pouco habitadas de Mato Grosso e da Amazônia, sertanistas da “Proteção aos índios” ou do “Brasil Central” mandam-nos cartas com data de meses atrás (...) pessoas para quem escrever uma carta é uma atividade incomum, ousada e fascinante –, e que nos mandam ora bilhetes, ora longas missivas, pedindo informações, louvando, contestando, solicitando atenção, auxílio, contando casos... (*O Cruzeiro*, 14/11/1953, p. 106).

A respeito da receptividade da revista, verificada nos cálculos feitos por Rachel, convém observar ainda que esta marca fenomenal de vendagem teve como ponto alto, em 1954, matéria especial sobre o suicídio de Getúlio Vargas. Na década seguinte, com avanço da televisão conquistando os lares, com a entrada de concorrentes como *Manchete* e *Fatos e Fotos*, e ainda com questões relativas ao gerenciamento da empresa, a revista passa por um longo declínio, até o seu fim propriamente dito, em 1975, e fim do império Diários Associados.

A receita da revista *O Cruzeiro* pode ser:

resenha do noticiário nacional e internacional da semana com farto material fotográfico, textos literários, reportagens sobre as ainda pouco conhecidas fauna e flora brasileiras e uma série de colunas que abarcava um leque variado de assuntos.<sup>175</sup>

Por fim, a escolha do nome de Rachel de Queiroz para “reabilitar” uma página referenda a grandeza do seu nome, já bastante popular, e a autoridade para ampliar o público consumidor. Como fecho, recolho a fala de um leitor: “leitor fiel da revista *O Cruzeiro*, assim que a comprava na banca, ia logo para a última página, ler a crônica da Rachel de Queiroz. Era o que havia de melhor! Depois começava a percorrer as reportagens e artigos, sempre do fim para o começo. Vem daí o hábito que mantenho até hoje...”<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Cf. NETO, Antonio Accioly. “A Rainha das bancas”. *Revista Imprensa*. São Paulo, set. de 1988, p. 52 (apud VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*. O texto em revista. São Paulo: Summus, 1996, p. 72).

<sup>176</sup> CAMINHA, Edmilson. *Rachel de Queiroz - a Senhora do Não Me Deixes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 05.



## 2. CRÔNICA: ESSA PRAIA LITERÁRIA

*O exercício do jornalismo significa ao mesmo tempo ter uma parte ativa na construção da opinião pública, liberdade de movimento e abertura para o mundo*  
Michelle Perrot

*Sempre escrevi para ser publicado no dia seguinte.*  
Rubem Braga

*Dias vendendo miolo de cabeça para comprar miolo de pão.*  
Humberto de Campos

*As crônicas são um meio privilegiado de entender a interação multifacetada entre o escritor e o mundo público em que se movia.*  
John Gledson

### A jovem, a senhora

Assinando Rita de Queluz publica, em 1928, o texto “Crônica”,<sup>177</sup> que se inicia assim: “Vem de longe data – Narcisa Amália, Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida bem atestam o pendor das brasileiras para as belas letras (...) Temos de exibir literatura com abundância e qualidade suficiente para desmentir a descolorada forma de escuridão mental de nossas avós, ou relegá-las no canto escuro onde se some todas as pequeninas misérias da humanidade”. É época em que as “mulheres tomam a imprensa de assalto”, é no gênero crônica, palavra de “significação elástica” para a jovem que “tanto exprime as descrições pitorescas e deliciosas de Vaz de Caminha como as lembranças sentimentais de melindrosas românticas” (...). Rachel escreve para criticar as mulheres que insistem em publicar textos cheios de

---

<sup>177</sup> Cf. “Chronicas” – *Jazzband* – O Ceará – 01.03.1928, p. 04.

sentimentalismo, versando sobre as decepções amorosas ou paixão para despertar a atenção de um possível pretendente. Se querem escrever, exorta: “por que não compendiam receitas de doces ou não fazem as traduções das lendas de “La coquette” ou de “Ouvrages dês dames”? (...) Os maridos afluirão aos cardumes confiantes.” Finaliza lembrando que estas mulheres que povoam as revistas e magazines congestionam a imprensa para aquelas que têm talento literário.

Trago à cena este escrito de juventude por dois motivos. Primeiro para apontar a sua consciência de uma certa tradição de autoria feminina na imprensa brasileira com a citação da tríada. Narciza Amália (1852-1924) publicou na imprensa – jornais e revistas –, principalmente carioca, e os livros de poesia *Nebulosas* (1872) e *Nelúmbias* (1874) alcançando grande repercussão nos círculos literários. Segundo Sylvania Paixão, “Narcisa Amália foi a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista, alcançando projeção em todo o Brasil com seus artigos em favor da Abolição da Escravatura, em defesa da mulher e dos oprimidos em geral”.<sup>178</sup> Francisca Júlia (1871-1920), poeta parnasiana, publicou amplamente na imprensa e os livros *Mármoreos* (1895), *Livro da Infância* (1899), *Esphinges* (1903), *Alma Infantil* (1912). Segundo Zahidé Muzart, a poeta teve uma vida de amor intenso, porém adere a um eu lírico forte e másculo dominante.<sup>179</sup> A terceira, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), uma escritora versátil em vários gêneros, publicou romances, contos, teatro, artigos, crônicas. Dedicou-se à atividade na imprensa, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, tornando-se o grande nome feminino da literatura brasileira no início do século XX. Publicou em folhetim *A família Medeiros* (1891), *A viúva Simões* (1897), *A falência* (1901). “Mais que qualquer escritora do seu tempo – recebeu o reconhecimento público e desempenhou um papel de progressista importante, especialmente no que diz respeito à educação feminina e às transformações do papel da mulher burguesa na mentalidade familista da Primeira República”.<sup>180</sup> Enfim, três nomes, três modelos para as jovens cronistas citadas por Rita de Queluz ainda com a visão romântica, na qual a realização feminina passava exclusivamente pelo matrimônio.

---

<sup>178</sup> PAIXÃO, Sylvania. Narcisa Amália. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX . Vol I*. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 536.

<sup>179</sup>MUZART, Zahidé L. Francisca Júlia. In:\_\_\_\_\_. *Escritoras brasileiras do século XIX - Vol II*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres e Edunisc, 2004, p. 603-625.

<sup>180</sup> SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Z. L. *Escritoras brasileiras do século XIX - Vol II*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres e Edunisc, 2004, p.188.

Segundo motivo desta escrita juvenil, de igual relevância, é perceber a sua posição enquanto profissional da imprensa preocupada com o ofício, e distante de mera atividade de diletantismo. Rachel foi uma das poucas escritoras que, desde cedo, conquistou sua independência financeira sendo jornalista, romancista e tradutora. Não aceitou cargos públicos como muitos escritores. Ela era livre para transitar e escrever.

Em outra crônica – 1954 -, Rachel traz a mesma queixa da banalização do ofício: “O gênero crônica anda ultimamente meio barateado na imprensa nacional. Cada jornal e revista sustentam a sua equipe de pelo menos meia dúzia de cronistas, - pois se descobriu que a crônica é por demais fácil de fazer... E assim, para sentir nas entranhas da alma ou do corpo a mais pequena alteração, a melhor terapêutica é abrir coluna na imprensa e desabafar; explicar que se está com sono, com gripe, com tédio, ou com simples falta de assunto; e em estilo penumbriista, a modo de bolero em prosa sincopa (a chamada “prosa menor”), dividir com o leitor esses peculiares estados – digamos da d’alma.”<sup>181</sup>

Assim, com esta crítica, possivelmente tenha gerado alguns desafetos entre os jornalistas de época.

### **Profissão: cronista / jornalista**

Rachel de Queiroz sempre afirmou que não gostava de escrever. Escrever é ganha-pão. Para Antonio Dimas, a vantagem financeira trazida pela utilização do gênero proporciona aos escritores a estabilidade financeira que não seria possível com a comercialização de livros e, neste sentido, é um motivo indiscutível para pouco caso com o gênero, assumido por todos, de Drummond a Paulo Mendes Campos. Por outro lado, considera Antonio Dimas, a escolha de muitos escritores pelo gênero talvez possa ser porque os escritores “imaginem estar cumprindo uma forma de desempenho social”, tendo em vista que as formas de acesso às formas “mais refinadas da literatura estarem restritas a um pequeno número de pessoas”. O estudioso da obra cronística de Olavo Bilac ainda completa que “o argumento que discrimina a crônica, com base na efemeridade do jornal ou da revista que a estampa, não merece muita confiança. Se fosse verdade que o veículo condena-a ao esquecimento rápido ou a uma qualidade

---

<sup>181</sup> “Crônica partida em duas” - *O Cruzeiro*, 13/11/1954, p. 114.

necessariamente inferior, nossa história literária não apresentaria tantos cronistas de mérito e nem as editoras ainda investiriam no gênero, publicando coletâneas ou analogias.”<sup>182</sup>

Segundo Luciana Stegagno-Picchio, a crônica se torna uma espécie de “banca de exame de todo narrador e prosador brasileiro, destinada ao consumo jornalístico” ou “comentário-meditação-notícia de fatos contemporâneos” ou “contraponto em prosa da poesia do cotidiano introduzida pelos crepusculares e reproposta modernisticamente por poetas-cronistas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.”<sup>183</sup>

Neste percurso nem sempre há consenso quanto às qualidades do gênero. Silviano Santiago, em texto de 1978, ao comentar sobre o público-leitor de ficção, o classifica como “sofisticado e conservador, petulante e cosmopolita e ultimamente apressado”. Público do *time is money* que dedica “maior simpatia às narrativas curtas (o conto), ou mesmo a esta sublitteratura desenvolvimentista que é a crônica de revista ou de jornal, reunida posteriormente em livro, servindo de passo para os nossos indigentes alunos de ginásio e as suas deslumbrantes professoras”.<sup>184</sup> Anos depois o crítico reconsidera o seu ponto de vista e afirma que a crônica não pode ser “facilmente desprezada, pois serve hoje para tornar popular o nome do autor, podendo ajudá-lo a vender os livros mais densos”.<sup>185</sup>

### Notas breves

Quanto à teoria sobre o gênero crônica, podemos buscá-la no Dicionário Houaiss:<sup>186</sup> há, para o verbete crônica, nove acepções: de história a temas do cotidiano. Assim, o caráter generalista está marcado no próprio vocábulo. A palavra grega *Chronos* significa “tempo”, e em muitas palavras formadas com o radical crono, assim como crônica, está

<sup>182</sup> DIMAS, Antônio. A crônica de Carlos Drummond de Andrade. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v. 42, n.2, p.7-17 abr./jun.1981, p. 8.

<sup>183</sup> STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 543

<sup>184</sup> SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa (A ficção brasileira modernista). In: \_\_\_\_\_ . *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 27.

<sup>185</sup> SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 162.

<sup>186</sup> Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?type=k&verbeta=crônica&x=13&y=4>. Acesso em: out. de 2005.

presente a ideia de temporalidade. “Frutinha do tempo”, como afirmou Machado de Assis.

Na década de 50, quando a crônica está fazendo muito sucesso na imprensa, Eduardo Portela investiga as peculiaridades deste gênero nos ensaios “A cidade e a letra”<sup>187</sup> e “Agora e sempre Rachel de Queiroz”.<sup>188</sup> Ressaltando o caráter urbano da crônica, o crítico considera que a crônica permanece pela qualidade do escritor.<sup>189</sup>

Em 1964 José Aderaldo Castelo,<sup>190</sup> um dos grandes críticos e estudioso da literatura brasileira, publica ensaios sobre os cronistas Ernani Silva Bruno, Vivaldo Coracy e Rubem Braga. Sobre este último, na sua crônica a poesia brota da “prosa espontânea, ao mesmo tempo reflexiva, expressão da maturidade de quem viveu e aceitou plenamente a vida”. Para o crítico, “pequenas páginas em prosa, não raro prosa poética, flagrantes da vida quase sempre apanhados em instantes” são as crônicas de Braga.<sup>191</sup>

Para Afrânio Coutinho,<sup>192</sup> em seu estudo “Ensaio e crônica”, publicado em 1971, os gêneros literários se dividem pela relação direta ou indireta entre autor e leitor. Possuem relação direta com o leitor os autores que escrevem ensaios, crônicas, discursos, cartas, apólogos, máximas, diálogos e memórias. A relação indireta é estabelecida nos contos, novelas, epopeias, romances, gêneros narrativos, líricos e dramáticos.

Em 1974, Antonio Dimas<sup>193</sup> se reporta sobre má vontade para com a crônica, que “sempre conheceu o desprestígio e sempre foi tratada de maneira irrelevante e pouco objetiva”. Fala de uma “crítica

<sup>187</sup> PORTELA, Eduardo. A cidade e a letra. In: \_\_\_\_\_. *Dimensões, I*, crítica literária. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1958, p 111-117.

<sup>188</sup> I PORTELA, Eduardo. “Agora e sempre Rachel de Queiroz”. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 11 jan. 1959.

<sup>189</sup> Infelizmente não tivemos acesso aos textos e somente resumo via *Boletim bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1/4, jan. a dez. de 1985, dedicado à crônica no Brasil, coordenado por Nádia Batella Gotlib.

<sup>190</sup> CASTELO, José Aderaldo. História e crônica. In: *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1964, p. 123-141.

<sup>191</sup> Sobre Rubem Braga Davi Arrigucci escreveu alguns ensaios, tais como: *Móvil da memória*. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 67-111 e “Onde estará o Velho Braga?”. In: \_\_\_\_\_. *Perdidos e achados*. Ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979, p. 159-166.

<sup>192</sup> COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 117.

<sup>193</sup> DIMAS, Antônio. Ambiguidade da Crônica: Literatura ou Jornalismo? *Revista Littera*. Rio de Janeiro, 4(12): 46-51, dez. 1974. Depois, publicou “A crônica de Carlos Drummond de Andrade.” *Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade*. v. 42, n. 2. São Paulo, abr./jun.1985, p. 7-17.

arrogante” que desconhece a sua matéria e tem hábito de simplesmente desvalorizá-la. Exceção para as crônicas de José de Alencar e Machado de Assis (parte de uma “constelação maior”), pouco se sabe sobre demais autores. As razões para o descaso seriam duas. Primeira, a sua “feição financeiramente imediatista e utilitária” e, segundo, o caráter efêmero ( “adesão estreita ao objeto ao Tempo”). Para o estudioso, a crônica é tecida pelas “vicissitudes temporais” e “interpretação parcial de um fato, enfim é matéria breve, carregada de um “urgência da elaboração”.

Antonio Candido, no seu clássico ensaio “A vida ao rés-do-chão”,<sup>194</sup> de 1981, afirma que não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que possam dar o “brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas”. Ou mesmo que nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse; contudo, por ser menor é que ela fica perto da gente, o leitor. Por estar tão perto do dia a dia, ajustada à “sensibilidade de todo dia”, rompe com o monumental, falando perto do nosso modo de ser mais natural, a crônica se consolidou enquanto gênero “nosso” nos anos 30, cultivado por um grande número de escritores e jornalistas. O mesmo ensaio foi publicado em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*,<sup>195</sup> em 1992, como introdução de um amplo painel de estudos histórico-teórico e analíticos do gênero.

Nádia Batella Gotlib<sup>196</sup> organiza, em 1985, para a Biblioteca Mário de Andrade, um boletim especial sobre o gênero crônica. O livro está dividido em quatro partes: teoria e história, leituras, documentação e pesquisa bibliográfica. Luiz Roncari<sup>197</sup> define o cronista como o “sujeito que retrata o tempo, canta a imagem do turbilhão que remexe a ordem do mundo e não deixa nada fixo no lugar”. Marlyse Meyer<sup>198</sup> investiga o folhetim (*feuilleton* em Francês), um espaço (rodapé) do jornal para entreter o leitor e dar uma pausa em meio às notícias. Segundo a estudiosa, “traduzir o Folhetim, traduzir folhetins-variedades, publicar romance em folhetim e escrever nos folhetins constitui para os jovens brasileiros candidatos a escritores do primeiro terço do século

<sup>194</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et. al. *Para gostar de ler*. v. 5. São Paulo: Ática, 1981.

<sup>195</sup> *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

<sup>196</sup> *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1 /4, jan. a dez. de 1985.

<sup>197</sup> RONCARI, Luiz. A estampa rotativa na crônica literária. *Boletim bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1 /4, jan. a dez. de 1985, p. 9-16.

<sup>198</sup> Cf. MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica. *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1 /4, jan. a dez. de 1985, p.17-41.

XIX um verdadeiro laboratório”. Alguns anos depois, Marlise Meyer escreve um longo estudo sobre o folhetim francês e a importação desta modalidade discursiva para o Brasil.<sup>199</sup> O assunto “folhetim” é matéria para muitas páginas. O que me interessa neste momento é tão somente delinear o desenrolar do espaço folhetim-variedades para o que se passou a chamar de crônica. Comum a todos, e importantíssimo, era o suspense e o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil de escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, ao livro.<sup>200</sup>

Em 1844, no “rodapé” do *Jornal do Comércio*, Joaquim Manoel de Macedo publica *A Moreninha*, primeiro romance brasileiro a alcançar significativo êxito de público, um dos marcos do Romantismo e da história da nossa literatura, enquanto romance de costumes, fixação de tipos e concepção do que se poderia chamar “a cena romanesca”.

José de Alencar, com *Guarani*, publicado entre fevereiro e abril de 1857, e *A viuvinha*, em 1860, é exemplo da popularidade do produto. A leitura do folhetim transforma-se em hábito familiar não somente na Corte como também nos serões das províncias. Momento da leitura oral com a presença das mulheres – público consumidor ávido por aventuras românticas – e a participação dos analfabetos, que eram a maioria.<sup>201</sup> Outro folhetinista foi Machado de Assis. Escreveu *A mão e a luva* em *O Globo*, em 1874, e *Iaiá Garcia* em *O Cruzeiro*, em 1878. Tornar-se-ia nosso cronista maior. Neste sentido, diante das dificuldades de impressão de livros, muitos literatos tinham no jornal a opção para cair no gosto popular.

Mais uma vez,

considerando-se o nível de analfabetismo no Brasil fica uma pergunta: até que ponto as classes populares podiam consumir os romances ditos populares que lhes eram destinados “naturalmente”? É verdade que, neste país formado pelos padrões da oralidade, onde, nos primórdios

<sup>199</sup> Cf. \_\_\_\_\_. *Folhetim*. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>200</sup> Meyer, Marlise. Op. cit., p. 303.

<sup>201</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976, p. 279.

do folhetim, dominavam as famílias extensas e casas recheadas de serviçais e, mais tarde, as habitações populares coletivas, cortiços e vilas operárias, há de se levar em conta o efeito multiplicador de uma oitiva coletiva durante os serões.<sup>202</sup>

Para Davi Arrigucci, a crônica é “difícil de definir como tantas coisas simples”. Em seguida arrisca uma definição. “Lembrar e esquecer: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”. Na crônica, o tempo é o ponto mais importante da narração dos fatos, encadeados segundo as lembranças, recordações do cronista. Sendo assim, para o crítico, o cronista é um “hábil artesão da experiência”, pois transforma acontecimentos em texto ficcional e ressignifica os fatos mediados pelas impressões obtidas. Ainda de modo mais poético, o crítico considera que o cronista é “um artesão ilhado no meio da indústria da informação”.<sup>203</sup>

Em 1993, Flora Bender e Ilka Laurito lançam o livro *Crônica, teoria e prática*.<sup>204</sup> Visto como “equilibrista do cotidiano”, o cronista é livre e preso. “Livre para escrever o que quiser e escravo de um papel a ser preenchido. E dessa dualidade, dessa tensão é que emanamos grandes textos, não mais puramente jornalísticos, mas de melhor qualidade literária”.

Com o crescimento dos estudos sobre mulher e literatura e da crítica feminista, Constância Lima Duarte é uma das pesquisadoras que se interessa pelo gênero crônica. Publicou alguns estudos, dentre eles *Considerações sobre a crônica feminina no Brasil* (1995),<sup>205</sup> no qual comenta a atuação das escritoras Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queirós e Adalgiza Nery como cronistas, ressaltando o caráter moderno de seus textos, bem como a contribuição dessas mulheres ao jornalismo literário brasileiro.<sup>206</sup>

---

<sup>202</sup> Meyer, Marlise. Op. cit., p. 382.

<sup>203</sup> JÚNIOR, Davi Arrigucci. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1 /4, jan. a dez. de 1985, p. 44-53.

<sup>204</sup> Cf. BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

<sup>205</sup> Cf. DUARTE, Constância Lima. Considerações sobre a crônica feminina no Brasil. In: *Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: ABRALIC, 1995, p. 213-220.

<sup>206</sup> Atualmente desenvolve a pesquisa “Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil” na UFMG.

Dois anos depois foi lançado *Cronista do Rio*, organizado por Beatriz Resende.<sup>207</sup> Reunião de textos de vários autores sobre o Rio de Janeiro, o livro é parcela dos estudos de um Seminário do mesmo nome, do qual participaram Margarida de Souza Neves, Ângela Maria Dias, Gilda Salem Szklo, Sylvia Paixão, Vera Lins, Victor Adler, Renato Cordeiro Gomes e Beatriz Resende. Em meio às contribuições de Machado de Assis, Antônio Maria, Nelson Rodrigues, Marques Rabelo, Sylvia Paixão se dedica a Clarice Lispector e Marina Colassanti. Afirma que as crônicas de Clarice são uma forma de relacionar o ‘eu’ com o mundo. Escritas em primeira pessoa, revelam um sujeito que, por mais que se queira um mero observador do espetáculo da vida, não escapa de uma participação integral com a realidade, reconstituindo a sua história pessoal a partir do que percebe exteriormente.<sup>208</sup> A Marina cronista “busca o fato, o acontecimento, para então transformá-lo através de uma linguagem muitas vezes poética, mas também humorística, com saborosas pitadas de ironia”, enfatiza a crítica.

Em outro estudo, Sylvia Paixão,<sup>209</sup> ao comentar sobre a adaptação da crônica à realidade brasileira, afirma que este gênero literário torna-se o

veículo ideal no sentido de levar a literatura a um povo que não costuma ler, despertando-lhe a consciência crítica e também emotividade. Por sua relação com a imprensa, a crônica virou uma seção do jornal ou da revista, tornando-se um reflexo da vida moderna onde imperam a fugacidade, a rapidez, o descartável. E é justamente aí, na sua aparente fragilidade, que nasce, imperceptível, a sua força.

Neste estudo introdutório de *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, Sylvia Paixão caracteriza a crônica como leve, amena, de leitura mais fácil, “traz quase sempre a interpretação de um fato conhecido por todos, investido pela subjetividade de quem comenta o assunto, dando um sabor novo ao acontecido”. Marcada pela “despretensão”, este gênero “quebra o monumental, o extraordinário,

<sup>207</sup> Cf. RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

<sup>208</sup> PAIXÃO, Sylvia. Clarice Lispector e Marina Colassanti – Mulheres no jornal. In: Cf. RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 97-116.

<sup>209</sup> Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes. *A Silveirinha*. Crônica de verão. Intr. Sylvia Paixão. Florianópolis: Mulheres, 1997, p. 09-10.

celebrando o cotidiano, o dia a dia, mostrando belezas insuspeitáveis através da argúcia, de graça e do humor de quem escreve”.

Lembro aqui que o crítico, tradutor e ensaísta inglês John Gledson,<sup>210</sup> ao estudar a prosa ficcional de Machado de Assis, dedica um capítulo ao tratar com a série de crônicas “Bons dias!”. Considera de suma importância que se estude os gêneros ditos “menores” do grande romancista brasileiro. Se “as crônicas são um meio privilegiado de entender a interação multifacetada entre o escritor e o mundo público em que se movia”, escreve no ensaio sobre “Bons dias!”, é com espanto que lamenta o pouco interesse de “estudos sérios” sobre o jornalismo de Machado. Para tanto, justifica: “o motivo muito simples – ou um deles – é que nos faltam os instrumentos para a tarefa, ou seja, o entendimento básico das crônicas em seus significados mais literais”. Como solução, aponta a necessidade de “boas edições das crônicas, fartamente anotadas”. A leitura das crônicas machadianas é, segundo Gledson, muitas vezes, de difícil entendimento, mesmo com estudo de jornais da época, para “verificar a exatidão do texto e entender o contexto”. Se a recomendação é válida para as crônicas de Machado, acredito que essa preocupação com o momento histórico da escrita e publicação da crônica seja uma regra para os demais cronistas. Tal espanto com a carência de estudos é lamentável mais ainda para a autoria feminina.

Nos últimos anos, a queixa de Gledson começa a surtir efeito. Atualmente, a crônica se distancia de uma classificação de literatura “menor” em comparação com os gêneros literários clássicos e pode ser – “coisa nossa” – posicionada entre as mais fecundas contribuições da literatura brasileira, uma diferença às demais culturas. Carlos Simon, no estudo *O cotidiano encadernado: a crônica no livro* (2004),<sup>211</sup> por exemplo, observa os lugares da crônica – jornal e livro – em verdadeiro inventário das edições de livros de alguns autores (Carlos Drummond, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Marta Medeiros), analisando e pontuando sua importância no livro para o mercado editorial brasileiro. Em seu ensaio mais recente – *Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX*<sup>212</sup> - o crítico considera que as representações femininas, nas

---

<sup>210</sup> Cf. GLEDSON, John. *Machado de Assis. Ficção e História*. 2. ed. revista e ampliada. Traduzido por Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

<sup>211</sup> SIMON, Luiz Carlos Santos. *O cotidiano encadernado: a crônica no livro*. Disponível em: <<http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/luizcarlossimon.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2009.

<sup>212</sup> SIMON, Luiz Carlos Santos. *Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX. Terra roxa e outras terras*. Revista de estudos literários. v. 7. (2006) Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol7/7\\_6.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol7/7_6.pdf).

inúmeras crônicas de Antônio Maria, Rubem Braga e Luis Fernando Veríssimo, “oscilam do lírico ao narrativo, da recordação nostálgica ao olhar atento sobre o presente, da mulher intensamente amada à desconhecida rapidamente vislumbrada, de cenas vividas a histórias que podem acontecer a qualquer momento com qualquer um”. Para ele, “o papel da mulher na crônica brasileira do século XX é significativo não só pela autoria que divide espaço com um grande número de cronistas homens com projeção, mas também pela representação feminina que emerge como uma das maiores constantes nesta modalidade de texto literário”. Afirma que muitas escritoras obtiveram destaque no gênero e cita Carmen Dolores, Júlia Lopes de Almeida, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Eneida. Esta produção feminina que vem sendo gradativamente incorporada aos estudos da área merece uma atenção detalhada. Animada fiquei quando me deparei com este ensaio. No entanto, a bola é repassada para os estudos feministas que “têm muito trabalho pela frente até proporcionar mais visibilidade para a produção das cronistas; além disso, o gênero crônica é intensamente praticado por homens, prática esta que se caracteriza também pela quantidade e qualidade.” Fica, porém, a pergunta que não pode calar: Será que, para Simon, somente os cronistas – homens – têm qualidade “superior” para fazer parte da abordagem sobre a mulher?

A ausência das cronistas está presente em mais um livro pomposo: *História em cousas miúdas*,<sup>213</sup> organizado por Sidney Chalhoud, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira. O volume, composto pelas contribuições de historiadores, revisita cronistas do século XIX e XX (Machado de Assis, Lima Barreto, Coelho Neto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e outros). Segundo consta na apresentação, para Machado de Assis a história é “uma bela castelã, muito cheia de si” e a crônica, “uma boa velha patusca” que “fareja todas as cousas miúdas e graúdas, e põe tudo em pratos limpos”. “Ao cronista cabia a responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público, códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse”; “interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia”.

---

<sup>213</sup> CHALHOUD, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social na crônica no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

Para Manuel da Costa Pinto – *Crônica brasileira contemporânea*,<sup>214</sup> de 2005 – a crônica, vista como principal porta de entrada para boa parte do público, não se enquadra na divisão clássica dos gêneros literários, pois a sua matéria-prima “são os fatos do dia a dia, as notícias curiosas, acasos e encontros muitas vezes surpreendentes, mas que podem ocorrer com qualquer um, acontecimentos que propiciam momentos de nostalgia, enternecimento ou indignação compartilhados pelo cronista e seus leitores”. Nesta publicação, entre os dez autores, a antologia abre espaço para uma cronista: Marina Colassanti.<sup>215</sup>

Joaquim Ferreira dos Santos, ao agrupar as “suas” *As cem melhores crônicas brasileiras*,<sup>216</sup> explica que o que une todos escritores: “abusam da primeira pessoa, do comentário e da liberdade de adotarem um idioma ora poético, ora jornalístico, ora irônico, ora perplexo, quase sempre bem-humorado”. Mesmo parecendo simples e superficiais, considera “as crônicas pequenas ‘obras-primas de emoção baseadas nos espantos e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano’”. A antologia está dividida em períodos. No total aparecem as seguintes escritoras: da primeira metade do século, Rachel de Queiroz (com três crônicas<sup>217</sup>); nos anos 60, Clarice Lispector e Elsie Lessa; nos anos 1980 Lygia Fagundes Telles; nos anos 2000 Danuza Leão e Martha Medeiros. Os autores são inúmeros, me cansei de contá-los, até Caetano Veloso está na lista. Outra curiosidade na seleta lista é a vaga de Tutty Vasques, *alter ego* do jornalista Alfredo Ribeiro.

O escritor Ivan Lessa,<sup>218</sup> para comentar sobre essa “especialidade da casa”, apresenta um rápido e simples cotejo de “teoriazinhas”: 1º. Primeiro lugar, o escritor trabalha com poucas armas, o “fôlego literário é curto”; 2º Segundo lugar, “consciência da extraordinária violência com que o tempo vai levando as coisas e as gentes, daí a necessidade de registrar, de alguma forma, o que se passou e passa no âmbito pessoal e

---

<sup>214</sup> PINTO, Manuel da Costa. Crônica, o mais brasileiro dos gêneros literários. In: \_\_\_\_\_ (org. e sel.). *Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2005.

<sup>215</sup> Uma curiosidade: no final do livro Manuel Pinto foi acrescentado um perfil de cada autor. Todos os homens aparecem sem as suas esposas, porém Marina Colassanti aparece “casada com o poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant’Ana”. Talvez isso sirva ainda para justificar a importância literária da escritora, ou seja, ser esposa de respeitável intelectual.

<sup>216</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos (sel). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>217</sup> O seu nome consta no período de 1920 a 1950 com os textos: “Talvez o último desejo” e “Os discos voadores”. E no período dos anos 1950, com “Os dois bonitos e os dois feios”.

<sup>218</sup> Disponível em: <[http://www.releituras.com/ivanlessa\\_cronica.asp](http://www.releituras.com/ivanlessa_cronica.asp)>. Acesso em: 16 de junho de 2010.

intransferível”; 3º Terceiro lugar, como as pessoas, veem e vivem muito a sua vida e a celebram quase que no próprio instante em que ela se passa.; 4º E em quarto e último lugar: dinheiro. “Não há motivo nenhum para se ficar encabulado”. Enfatiza: “Quem não escreve por dinheiro não é digno da profissão”.

Parece até espaço para o vale tudo, cuja expressão certa pode ser, lembrando a definição de “obra aberta” de Umberto Eco. Para Moacir Amâncio a crônica “pode aparecer na forma de comentário sobre cena política, ou como recorte da infância. Ontem, disfarçou-se em digressões sobre o cotidiano. Amanhã, será poema em prosa. Às vezes, exibe-se como trecho de algum romance que vai consumindo o autor ao longo de muitas madrugadas. Assume ainda características de ensaio, ou de experimentação estilística.”<sup>219</sup>

### **Fios da história**

A história e teoria do gênero crônica é assunto longo. É sabido que as raízes da crônica estão presentes na história e na literatura constituindo as suas primeiras manifestações escritas. A crônica faz parte dos resíduos da história cultural, do aprimoramento da técnica da escrita, dos imperativos da comunicação humana.

Recuando no tempo em língua portuguesa, temos a contribuição de Fernão Lopes, ao final da Idade Média, passando pela “Carta”, de Pero Vaz de Caminha, até, dando um salto mais amplo, chegarmos ao século XIX com o folhetim – rodapé dos jornais – que podia ser de variedades (cabendo de tudo um pouco) ou de publicações ficcionais romanescas.

Os nossos principais escritores eram homens da imprensa. Nomes como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Olavo Bilac, João do Rio são os grandes expoentes do gênero que, no século XX, assume feição tipicamente nacional.

Também muitos nomes femininos fazem parte da história da imprensa brasileira e foram responsáveis por escritos breves. Dentre os principais, cito Nísia Floresta (1810-1885), que publicou poemas e crônicas no período de 1830 a 1855 em *O Brasil Ilustrado*, *Diário do*

---

<sup>219</sup> *Cronistas do Estadão*. Organizado e editado por Moacir Amâncio. São Paulo: Estado de São Paulo, 1991. p. 08.

*Rio de Janeiro e Espelho das Brasileiras* e Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), responsável pela edição do jornal *A Família* (1888 a 1897), no qual publicou diversas crônicas. Lançou o livro do mesmo gênero, *A mulher moderna* (1891). Há também Carmen Dolores (1852-1910), responsável por uma coluna em *O País* (1905 a 1910), onde publicou centenas de crônicas.<sup>220</sup> Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) manteve uma coluna no jornal *O país* por três décadas. Publicou os livros de crônicas: *Livro das noivas* (1896), *Livros das donas e donzelas* (1906) e *Elas e elas* (1910).

Esta modalidade discursiva aclimatou-se no Brasil e foi se desenvolvendo com muita intensidade entre os escritores e se consolidou entre os escritores formando um imenso grupo de aficcionados pelo texto breve: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Outros nomes foram se somando ao grupo: Oswald de Andrade, Otto Lara Rezende, Paulo Mendes Campos, José Lins do Rego, Humberto de Campos, Vinícius de Moraes, , Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Fernando Sabino, Antônio Maria. Merece um destaque para a contribuição Rubem Braga, escritor exclusivo de crônicas que une a prosa descompromissada ao lírico. E outros nomes de mulheres proliferaram na imprensa: Dinah Silveira de Queiroz, Pagu, Cecília Meireles, Eneida, Elsie Lessa, Carmen da Silva, Clarice Lispector e Marina Colassanti.

Quanto aos estudos deste gênero, geralmente as análises ocorrem em prefácios de seleta, publicações avulsas, privilegiando certos autores e excluindo quase sempre as mulheres do rol de contribuição, como por exemplo Jorge de Sá que, ao estudar a crônica, analisa a produção de somente escritores homens (Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Lourenço Diaféria, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes).<sup>221</sup>

---

<sup>220</sup> Pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Também utilizou outros nomes para assinar os seus textos, como Júlia de Castro e Leonel Sampaio. Publicou intensamente na imprensa carioca. Em 1910, publicou o romance *A Luta* (relançado pela Editora Mulheres em 2001). Parcela de suas crônicas foi coletada por Elaine Vasconcelos para compor o livro *Crônicas 1910-1910*, publicado pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (1998).

<sup>221</sup> Cf. SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

## Namoro com a mídia

Merece um breve comentário a relação estreita e promíscua entre a literatura e a imprensa no Brasil. Para uma reflexão sobre este enlace – literatura e periodismo –, recorto um artigo de Gilberto Freyre – “Jornalismo e literatura” (*O Cruzeiro*, 03/02/1951, p. 10) – no qual observa, primeiramente, que há um contraste entre o Brasil e os outros países na maneira como esse relacionamento se desenvolve e quanto às especificidades inerentes ao gênero. Em certos lugares, jornalismo é uma subliteratura, uma atividade “desprezível para os homens de letras”. No caso do Brasil, as duas atividades são compostas por fronteiras “camaradas e até amigas: dessas por onde os contrabandos passam doce e naturalmente. Ou onde se dispensam passaportes, vistos policiais, atestados de vacina assinados por médicos da saúde pública”. Cita que muitas obras passaram primeiro pelas páginas da imprensa. Dentre os exemplos expostos no artigo, menciono *Os Sertões*. No Brasil, o jornal muitas vezes torna-se revista de letras e revista de cultura. Para ele, não há danos nesta relação aparentemente conflitante. Mesmo que haja muitos escritores vitimados pelo chamado “jornalismo de improvisação ou sensação do momento”.

No século XIX, por exemplo, José de Alencar e Machado de Assis configuram-se como autores exemplares desta associação acima ratificada por Gilberto Freyre. Encerra lembrando que é nas páginas dos jornais que se apresentam vigorosos textos que se elevam à categoria de literatura, com os de Rachel de Queiroz.

Em 1952, Antonio Olinto publica aos poucos o que se tornou o livro *Jornalismo e literatura* (1955).<sup>222</sup> Com entusiasmo, procurou analisar a atividade jornalística sob ângulo brasileiro. Nesse estudo, o autor considera que “o jornalismo tem as mesmas possibilidades que a literatura de produzir obras de arte” (p. 13). Ou melhor, jornalismo é uma espécie de literatura. A mesma “pressão” do jornalista para produzir a notícia está presente na produção do poema, do romance, do conto. O que difere é a intensidade. Através da linguagem, o gênero jornalístico tem as mesmas possibilidades de “criar, de dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ‘ser-consciente’ e ‘ser-responsável’” (p.16). Neste sentido, o jornalista deve encarar a

---

<sup>222</sup> Os artigos foram publicados em *O Globo*. OLINTO, Antônio. *Jornalismo e literatura*. Porto Alegre: JÁEditores, 2008.

notícia “sem deixar que a pressão a que se submete o leve ao caminho da facilidade de estilo, que corresponde, geralmente, a uma leviandade de sentido”. Mesmo sendo veiculada pelo efêmero jornal, “o que está nas palavras independe do veículo que o divulga e pode ser obra dotada de permanência” (p. 17). Isto é ser arte, capaz de expressar sentimentos “estranhamente verdadeiros”. No livro, Olinto comenta a obra dos escritores André Gide, Faulkner e Joyce, Graham Greene, G. K. Chesterton, Euclides da Cunha e a literatura policial (Agatha Christie). O romance policial e o jornal mantêm uma íntima ligação. Os dois manuseiam fatos, “neles buscando o fio dos desencontros humanos, em nome de um espírito de justiça, sem o qual não há comunidade que possa sobreviver”. Outro fato abordado é a linguagem. O jornal é o primeiro a tomar conhecimento das novidades de língua (expressões, gírias). Palavras colhidas no calor da hora, o jornalista, o repórter, o escritor as usa para manter contato com a vida cotidiana: “sua voz deixa de ser sua para pertencer à sua época e à posteridade”. Enfim, para o exemplo é o fenômeno típico brasileiro: a crônica.

Em 1958, Alceu Amoroso Lima, um dos mais respeitáveis intelectuais do país, apreciou a investida de Olinto e escreveu o que hoje é considerado um clássico, *O jornalismo como gênero literário*.<sup>223</sup> O autor é um dos grandes críticos literários do século XX. Publicou nos anos 50 *Introdução à Literatura* (1956) e *Quadro sintético da Literatura Brasileira* (1956). Partindo de uma concepção de gênero literário, para ele “tudo é literatura desde que no seu *meio* de expressão, na palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio da expressão, que é seu valor de beleza” (p. 36-37). Com esta senha, ele concede ao jornalismo o “cartão de entrada no recinto literário” (p. 37). A prática do jornalismo deve ter caráter social. A opinião pública, coluna mestra da liberdade política. “A beleza do jornalismo ultrapassa a beleza estética e liga-se à função e finalidade para a estética – social, política, moral, coletiva, civilizadora – parte de sua característica como gênero literário. Outros aspectos tratados são o senso de *atualidade* e de *objetividade* como marcas do gênero literário jornalismo; e os perigos do jornalismo: a *facilidade* e o *sensacionalismo*. Como um humanista, Alceu Amoroso Lima propõe um modelo de jornalismo ideal um pouco distante da prática do cotidiano, porém uma proposta a ser perseguida.

---

<sup>223</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. 2. ed. São Paulo: COM-Arte: EDUSP, 1990.

Em uma teorização mais recente, Felipe Pena<sup>224</sup> propõe uma estrela de sete pontas para definir o jornalismo literário, na qual cada ponta é um item “imprescindível formando um conjunto harmônico e retoricamente místico como uma estrela”; vejamos seus pressupostos de modo esquemático: 1. Potencializar os recursos do jornalismo (apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética, etc.); 2. Ultrapassar os limites do cotidiano (romper com a periodicidade e atualidade); 3. Ter visão ampla da realidade; 4. Exercitar a cidadania (compromisso com a sociedade); 5. Romper com o lide (Quem? O que? Como? Onde? Por quê?); 6. Evitar os definidores primários (entrevistadores de plantão, criar alternativas, ouvir pessoas comuns, anônimas, etc.); 7. Buscar a perenidade (o texto não pode ser efêmero ou superficial). Ao longo dos anos, o jornalismo literário tem buscado ultrapassar os limites da redação. Por fim, fecha o artigo considerando o jornalismo literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”.

Para Fábio Lucas<sup>225</sup> somente o escritor usa a força comunicativa da palavra escrita de “maneira intensiva, com o propósito estético. O mesmo propósito pode estar no íntimo do jornalista, mas este é mais assediado pelo objetivo pragmático da empresa a que está ligado”.

Por fim, segundo esta distinção podemos considerar o jornalista como escritor ou profissional que trabalha na imprensa e que publicara obra de ficção (romance, poesia ou conto etc.).

### **Mulheres nas páginas: outras cronistas**

A estudiosa Dulcília H. S. Buitoni, ao abordar em seu estudo “Crônica/mulher, mulher/crônica”<sup>226</sup> a trajetória da presença das mulheres brasileiras na imprensa, considera-a primeiro espaço de visibilidade pública do modo de ver, pensar, agir e desejar das mulheres. No século XIX ela observa a presença da crônica sócio-cultural e publicidade em formato de crônica. No século XX, as crônicas passam a ser vinculadas com a atualidade, em forma de “cena”; é o espaço para

---

<sup>224</sup> Cf. PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2010.

<sup>225</sup> Ver “Prefácio” de BRITO, José Domingos de. *Literatura e jornalismo*. v. 3. São Paulo: Novera, 2007.

<sup>226</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Crônica/mulher, mulher/crônica. *Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46 (n.1/4) São Paulo: janeiro a dezembro de 1985, p. 81- 89.

apresentar questões fundamentais em relação à mulher e à sociedade, e outro fato importante refere-se à presença de um estilo próprio. Muitas vezes a cronista traz para o texto o tom sério, a denúncia, a exortação. Afirmar a estudiosa que “a crônica como texto leve parece passar longe das autoras mulheres”,<sup>227</sup>

Segundo Luiza Lobo, desde fins do século XIX e principalmente no século XX, “a principal transformação por que passou a literatura de autoria feminina é a conscientização da escritora quanto à sua liberdade e autonomia e a possibilidade de trabalhar e criar sua independência financeira através, basicamente, do trabalho jornalístico, diplomático (na América Hispânica, principalmente na Argentina e México) e o professorado”.<sup>228</sup>

Muitos nomes femininos, além de Rachel, concorreram para a história do gênero, como os de Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Narciza de Villar, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Marina Colassanti.<sup>229</sup> No espaço virtual é grande o número de mulheres que publicam em *blogs* configurando em uma renovação do gênero.<sup>230</sup>

Com uma vasta produção literária do início do século XX temos Júlia Lopes de Almeida. Para Nadilza Moreira, a sua produção de crônicas versa sobre as “cidades brasileiras transformadas e desejosas de se civilizarem, sendo que elas enfatizavam o burburinho da vida social urbana, a iluminação pública como advento da luz elétrica, o arejamento, o aterro de faixas pantanosas e insalubres propensas à propagação de epidemias, a circulação dos bondes, dos automóveis, a celebração das festas literárias, dos escritores emergentes, das colunas sociais, entre outras transformações”.<sup>231</sup>

---

<sup>227</sup> Também compartilham deste ponto de vista Flora Bender e Ilka Laurito: “as mulheres cronistas são mais sérias do que seus confrades homens. Não temos, entre as cronistas mais conhecidas, alguma que se destaque pelo humor: são mais poéticas, comprometidas com os problemas sociais, místicas ou existencialistas”. BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria - série prática*. São Paulo: Scipione, 1993, p. 63.

<sup>228</sup> Cf. LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

<sup>229</sup> Cf. Estudo pioneiro de MENDONÇA, Maria Helena M. Ferraz de. *A crônica e as cronistas brasileiras*. Questões de gênero(s). Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2002.

<sup>230</sup> Como o *blog* “Caderno Branco”, de Mara Coradello. Cf. LOBO, Luiza. *Segredos públicos*. Os *blogs* de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007 ( *Idéias contemporâneas* ), p. 44.

<sup>231</sup> MOREIRA, Nadilza M. de B. *Júlia Lopes de Almeida: resistência e denúncia na Belle Époque brasileira*. Disponível em: [http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/artigos\\_finais/artigo\\_nadilza.htm](http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/artigos_finais/artigo_nadilza.htm). Acesso em: 20 jan. 2010.

A contribuição de Clarice Lispector na imprensa é caso à parte. Conforme Aparecida Nunes, ela assinou em três colunas sob pseudônimos: Tereza Quadros (revista *Comício*, em 1952) e Helen Palmer (*Correio da Manhã*, 1959 e 1961) e ainda como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares (*Diário da Noite*, 1960).<sup>232</sup> Após muitos anos de pesquisa, Aparecida organizou dois volumes de crônicas - *Correio feminino* (2006) e *Só para mulheres* (2008). Segundo a pesquisadora, “Tudo começou com um convite do velho Braga. Em 1952, Clarice Lispector já era uma escritora consagrada e também já havia exercido várias funções na imprensa carioca. E foi justamente pelo trabalho que realizou na revista *Vamos Ler!*, que o cronista se lembrou do nome dela para escrever uma página feminina no periódico que estava idealizando em parceria com Joel Silveira e Rafael Correia de Oliveira.”<sup>233</sup>

Essa experiência de Clarice até bem pouco tempo era desconhecida. Nas colunas “Um retrato de mulher”, “Aulas de sedução” e “Entre mulheres, ela divertia as leitoras com páginas sobre os mais variados assuntos - beleza, sedução e vida amorosa, saúde, culinária, higiene, informações curiosas envolvendo celebridades. Para Aparecida Nunes, Clarice

Como conselheira, adotou explicitamente a prática de iniciação, de sua leitura na esfera inebriante do cotidiano. Tereza, Helen e Ilka sempre disponibilizaram espaço adotou para discutir as inquietações da interlocutora, simulando um bate-papo. Teresa tinha, por exemplo, a seção “Aprendendo a viver” e Ilka “Nossa Conversa”. Helen não intitulou o bloco destinado a essa aproximação, porém, o espaço lá estava e a narrativa – franca, envolvente e preciosa no diagnóstico e na solução das angústias da mulher moderna – sempre abria a coluna. Mediante uma leitura leve, as colunista apoiavam o discurso em temas notadamente sobre Felicidade, Saúde e Beleza, que são valores universais utilizados pela imprensa feminina para compor a persuasão, ainda como herança dos velhos almanaques, veículos nos quais se desenham as carências, as necessidades e os

---

<sup>232</sup> NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & outra páginas*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2006.

<sup>233</sup> LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

desejos do público-alvo. No caso, a mulher de classe média, em seus papéis de mãe, esposa e dona de casa<sup>234</sup>

Outro estudo de sobre a crônica é de Darlene Sadlier analisa. Em o livro *A descoberta do mundo*, Darlene constata na escrita do “aqui- agora”, na qual a escrita se confunde com a experimentação de linguagem, certas tendências em seus escritos, como: a tônica da autorreflexividade (metacrônica), o uso de recurso das conexões metafóricas ou poéticas, marca da informalidade (conversa), a presença de momentos únicos de consciência e reconhecimento (epifanias) e ainda uma certa crítica social. A relação da escritora com o público, marcada pela intimidade e solidariedade, é o dado relevante quando se estuda estas crônicas.<sup>235</sup>

### Leituras críticas

Se Rachel de Queiroz se tornou em uma exímia escritora do gênero crônica, ou melhor, uma “praticante notável” do gênero, conforme palavras de Antonio Candido,<sup>236</sup> ainda não mereceu muita atenção dos estudos acadêmico e/ou críticos. Considera o volume de crônicas como uma espécie de quase “diário” de sua vida. Foi o “espaço onde melhor registrou suas lembranças, opiniões, afetos, indignação”.

A crônica é um espaço de experimentação:

Algumas são extraordinários perfis constituídos por desenhos precisos de tipos regionais capturados por suas lembranças do sertão ou de personagens eleitos pela cronista em episódios percebidos ao acaso. Outras são contos estruturalmente perfeitos. Outras, diálogos abertos com o leitor, cenas da vida carioca, reflexões sobre amor, o tempo e a morte, paisagens, ou mesmo importantes documentos de história,

---

<sup>234</sup> LISPECTOR, Clarice *Só para mulheres*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

<sup>235</sup> SADLIER, Darlene. Não sou cronista: um estudo da crônica de Clarice Lispector. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista\\_litcult/index.php](http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_litcult/index.php). Acesso em: 15 mai. 2010.

<sup>236</sup> CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2007, p. 110.

ecologia, folclore. Em todas, a romancista e a cronista, a escritora e a jornalista se dão as mãos de forma surpreendentemente harmoniosa.<sup>237</sup>

Outro ponto destacado pela prefaciadora é o estilo, a sua marca bem pessoal, identitária. Desde as primeiras contribuições, notadamente a partir de *O Quinze*, Rachel elabora os seus escritos jornalísticos buscando constantemente ser objetiva, curta, incisiva, simples, espontânea, natural, fugindo da adjetivação. Some-se a isto um acentuado traço autobiográfico, um senso de humor discreto e um clima de intimidade que aproxima o seu texto do público, transformando as suas crônicas em uma conversa direta – oralidade –, afetuosa com os seus milhares de leitores, de diferentes pontos do país.

Outra questão é o traço autobiográfico: “onde quer esteja, Rachel aparenta sempre falar do ponto de vista de suas vivências originais, de sua ligação visceral com o sertão cearense”. O contanto com a terra e com seu povo e a sua liberdade “permitem não apenas uma simplicidade estilística com uma posição de destaque e desafiadora na cultura brasileira. As suas vivências, unidas com a memória, proporcionam uma narrativa de textura densa, espessa, múltiplas camadas, feita de tramas subterrâneas infinitas”. Para Heloisa Buarque, as suas crônicas carregam uma “objetividade-subjetiva”. É um desenrolar de casos, marcado pelo da conversa, donde uma crônica puxa a outra.

Com um leque de mote para entreter o leitor amor, o encontro/desencontro, a liberdade, o cheiro do sertão, os problemas da cidade (como as crianças abandonadas), o calor do verão, a presença da morte, Rachel é “ímpar no jogo de ideias e de linguagem. Esta habilidade, aliada ao desenho sensível de sua longa trajetória de vida, fio condutor do conjunto de suas crônicas, tornam a cronista Rachel de Queiroz do mesmo porte que a ficcionista, a primeira grande voz do modernismo brasileiro”.

Um estudo pioneiro é a tese de Maria Helena M. Ferraz de Mendonça, *A crônica e as cronistas brasileiras. Questões de gênero(s)*, de 2002. O estudo aborda “os vários aspectos que contribuíram para que o discurso literário de autoria feminina também ousasse, de fato, uma transgressão, uma liberdade para acompanhar esta “experiência progressiva do tempo”, no sentido de se afirmar junto à vida e ao mundo”. O seu repertório de leituras é composto pelas crônicas de Nísia

---

<sup>237</sup> Idem, p. 08.

Floresta, Carmen Dolores, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Marina Colassanti.

Com suporte da crítica feminista e do Pós-Modernismo, a tese revela-se original por agrupar uma parcela representativa da contribuição feminina para a literatura do “efêmero”. No capítulo dedicado à escritora – “Rachel de Queiroz: ao correr do tempo”, Helena Mendonça trata das relações apaziguadas (e apaziguadoras) de Rachel de Queiroz com o tempo, percorrendo os últimos livros publicados pela escritora (*As terras ásperas*, de 1993, *Um alpendre, uma rede, um açude*, de 1994 e *O homem e o tempo*, de 1995) e algumas crônicas mais recentes publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*. Atenta às questões do seu tempo, Rachel, ao adaptar-se “às circunstâncias de fatos concretos, ou aos temas abstratos, desenvolveu um discurso ora narrativo, quando não consegue escapar às pulsações da ficcionista, ora descritivo, ora dissertativo; aclamativo ou reivindicatório, e argumentativo”. Na sua relação com a terra e com a cidade, Rachel consegue “fundir o ‘trabalho’ e a ‘palavra’ na tentativa de resolver, ou pelo menos apaziguar as dores da ‘ruptura’ com o seu cosmos particular e a consequente transferência para a *polis*”. Isto decorre do seu “bom entendimento com o tempo que sustenta o equilíbrio entre a razão e a emoção”. A motivação memorialista na composição de suas crônicas, ou seja, escrever as suas “verdades particulares” ou “histórias alheias” é uma marca destacada da cronista. No tópico “Temas eternos”, a estudiosa assinala a ocupação de cronista “com os conflitos e contradições de toda natureza, que persistem, eternamente, no cotidiano dos homens” – vida e morte. Como parte da vida, em seu discurso, Rachel, com pragmatismo, discorre sobre as mudanças decorrentes do progresso, o universo feminino, flagrantemente do cotidiano (calor, falta da água, menores abandonados, datas comemorativas, festas populares, violência, questões polêmicas, ecologia, discriminação racial, conflitos sociais) que, “além de abrangerem exemplarmente as variedades da vida – confirmando uma tradicional característica deste gênero literário – ainda revelam uma face mais cosmopolita de Rachel”.

Adriana Figueiredo, em sua dissertação *Entre os dias e os anos: leitura de crônicas de Rachel de Queiroz* (2007),<sup>238</sup> analisa a crônica enquanto um gênero do dia a dia e a temática da velhice diante dessa

---

<sup>238</sup> CF. FIGUEIREDO, Adriana Giarola Ferraz. *Entre os dias e os anos: Leituras de crônicas de Rachel de Queiroz*. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2008. Disponível em: <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/77098/entre-os-dias-e-os-anos-leitura-de-chronicas-de-rachel-de-queiroz.html>. Acesso em: 17 jul. 2010.

cotidianidade. “Entre os processos cruéis da natureza, é a velhice o mais cruel”, afirma a cronista. O assunto “pessoas idosas” é uma oportunidade para se observar como a cronista se posiciona diante da existência humana e seu engajamento social. Em “Não aconselho envelhecer”,<sup>239</sup> a cronista discorre: “você contempla no espelho, vê as rugas do seu rosto, do seu pescoço, como se olhasse uma máscara que se desfaz. Vê bem, sabe como está velho, embora não sinta que está velho. Sua alma, seus sentimentos, sua cabeça, nada disso confirma a palavra ou a imagem do espelho. Mas os outros só veem de você o que o espelho vê”.

### **Escrita e riso**

Considero a sua primeira crônica a carta enviada aos 16 anos, com o pseudônimo Rita Queluz para o jornal *O Ceará*, na qual debocha da escolha de uma rainha em plena República. Este texto muito comentado transcrevo a seguir:

“Minha graciosa Majestade:

Quero primeiro dar-lhe os parabéns calorosos pelo triunfo que sua bela inteligência de mulher culta alcançou sobre a dolorosa mediocridade de nossas melindrosas.

Nada mais justo que o ato das classes estudiosas do Ceará, elegendo-a. Mas agora vai ter sobre a fronte o diadema real, pergunto-me se são de fato os parabéns que lhe devo dar.

Não os acha mal cabidos, dada a atual desvalorização do sangue azul?

E já pensou quantos inconvenientes acarretam atualmente o cetro e a coroa?

Porque isso de ser rei, exige etiqueta, séquitos, uma infinidade de trapalhadas em que a nossa encantadora Rainha, que ainda está na embriaguez do primeiro triunfo, nem sequer imagina.

E a não ser assim com todo esse aparato majestoso, não é admissível a realeza. Senão, vejamos o exemplo:

---

<sup>239</sup> Cf. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004. p. 265-267.

- Quem é essa senhorinha que está a meu lado?

- É sua majestade, a Rainha Suzana.

Avalie a minha decepção! Eu, que na minha ingenuidade de tabaroa só compreendia rei à antiga, de carruagem, manto e coroa de ouro, não posso conceber essa rainha “made às pressas”, que anda comigo no bonde, que não conduz pagens nem batedores, que não usa coroa nem manto e que, como todos nós, pobres mortais, paga modestamente o seu tosto.

É por isso que avento a ideia de lhe mudarem o título; e em vez de ser chamada “Sua Majestade Suzana I, Rainha dos Estudantes Cearenses”, proclamem-na como “Chefe de Soviet Estudantal do Ceará”.

Veja que título pomposo! E não lhe acarretaria o absurdo e anacrônico “Majestade”; bastar-lhe-ia quando muito o “Excelência” ou simpático e democrata “Cidadã-Chefe”.

Não seria muito mais bonito?

Então, sim; uma vez que fosse feita essa mudança, veríamos na atual Rainha, não a cabulosa Majestade, mas a encantadora Chefe, que conquista os louros que a cobrem pelo alto mérito de seu esforço e de seu talento, e cujo título ultra democrático permite os mais fantasiosos e populares meios de locomoção, dispensa toda essa cambulhada de complicações que um rei leva após si, sem escândalo dos tabaréus ingênuos, dos civilizados ignorantes, e dessa quase maioria de medíocres que enchem o nosso lindo Ceará.

Talvez que os poucos espíritos cultos da terra compreenderam essa coisa paradoxal e extravagante que é fazer-te rainha nos tempos atuais. Porém esse feliz ou infelizmente são poucos, e os reconhecidos, atualmente – a maioria.

E é em nome dessa maioria soberana que lhe venho pedir, minha graciosa Majestade, que abandone esse título bolorento e anacrônico, que não condiz com os seus dezoito anos prováveis, suas ideias de mulher hodierna, e com isso que

todos nós respeitamos e a que se dá o nome de espírito moderno.

Faça inversamente o que fizeram os dois Napoleões da França! Dê um golpe de estado... mas em que tenha o direito de lhe dar o abraço fraterno da democracia, sou por ora, a súdita reverente que lhe beija as mãos.

RITA DE QUELUZ

Estrada de Ferro de Baturité, Estação do Junco, 23 de janeiro de 1927.<sup>240</sup>

A carta se enquadra na caracterização do gênero: amena, agradável, cuja escrita revela uma opinião descompromissada de um acontecimento, visão sutil, bem-humorada ou de “desimportância” dos acontecimentos para consumo imediato veiculado na página. Também é exemplar quanto ao estilo literário da autora e se anuncia marcado pela oralidade.

Foi quase um século de produção. E as mutações da língua – por exemplo, gíria, regionalismo, acréscimo, neologismo, mudança ortográfica e modismo – não passaram despercebidas de sua escrita:

Conseguir uma linguagem literária que se aproxime o mais possível da linguagem oral, naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo. E essa linguagem oral pode ser a fala do nordestino ou gíria de carioca, pode ser qualquer fala de brasileiro que meus ouvidos escutam e apreciem (...) incorporar a linguagem que escuto no meu ambiente nativo, à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade – apenas por necessidade.<sup>241</sup>

A relação com o veículo, revista ou jornal, é outro ponto de destaque.<sup>242</sup> Veículos efêmeros, textos também de digestão rápida, ligeira. Não há pretensão de durar. Filha de máquina que tudo engole, a crônica é precária, segundo Jorge de Sá, “morre antes que acabe o dia,

<sup>240</sup> *O Ceará*, 03/02/1927.

<sup>241</sup> “Língua”. In: \_\_\_\_\_. *O caçador de tatu*. p. 21.

<sup>242</sup> Diferentes artigos sobre o assunto, ver em CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (org). *Jornalismo e literatura*. A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo”.

Atualmente, desfrutando de um sucesso editorial sem igual, este gênero pode ser considerado brasileiro, ou melhor, tornou-se um gênero autenticamente brasileiro, visto como uma oportunidade de analisar a problemática da identidade nacional a partir das cores e das formas das miudezas da vida cotidiana.

### **Muitas páginas, muita conversa**

A sua intensa atividade como cronista gerou milhares de crônicas dispersas na imprensa. Retomando o percurso e geografia de sua contribuição: No Ceará, *O Ceará* e *O Povo*. No Rio de Janeiro, ela escreveu para os jornais *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal do Comércio* e para a revista *O Cruzeiro*; de Belo Horizonte, *Diário da Tarde*; de Recife, *Diário de Pernambuco*; de São Paulo, *O Estado de São Paulo*.<sup>243</sup>

Desta ampla contribuição de 1927 a 2003, cerca de 76 anos, foram publicados os seguintes livros: *A donzela e a moura torta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958; *O brasileiro perplexo*. Histórias e crônicas. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963; *O caçador de tatu*. 57 crônicas escolhidas. Seleção e prefácio de Herman Lima. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967; *As meninhas* e outras crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976; *O jogador de sinuca e mais historinhas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980; *Mapinguari* (integrando *O brasileiro perplexo* e *O jogador de sinuca e mais historinhas*). Rio de Janeiro: José Olympio, 1989; 2ª edição com o título *O homem e o tempo*. São Paulo: Siciliano, 1995; *As terras ásperas*. São Paulo: Siciliano, 1993; *Um alpendre, uma rede, um açude*. 100 crônicas escolhidas. São Paulo: Siciliano, 1994; *Cenas brasileiras*. São Paulo: Ática, 1995; *A casa do Morro Branco*. São Paulo: Siciliano, 1999; *Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Arx, 2002; *Existe uma outra saída, sim*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003; *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004; *A lua de Londres*. Organizado por Ana Miranda. Fortaleza: Demo, 2010; *Do Nordeste ao infinito*. Organizado por Regina Ribeiro. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010.

---

<sup>243</sup> Há milhares de crônicas dispersas que resultarão em inúmeras antologias.

Com certeza esta lista de livros será acrescida na medida em que o interesse de pesquisadores e críticos se debruçarem sobre a diversidade temática e encantadora da conversa da sertaneja

### 3. OBSERVADORA LITERÁRIA

*Ninguém fale mal de livros, nem do que os livros ensinam; não se afirme nunca que um povo como o nosso carece mais de braços que de cabeça.*

*Todo progresso, e toda riqueza, para se transformar em realidade, teve que ser ideia, ensino, esquema, palavra escrita: - livro.*

Rachel de Queiroz

*Os escritores não escrevem porque são pobres, mas porque estão insatisfeitos com os livros que poderiam comprar e que não lhe agradam.*

Walter Benjamin

*Livro é sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês.*

Monteiro Lobato

*A literatura sempre concorreu com outras formas de lazer. Hoje, televisão, internet e vídeo games vestem às vezes a roupa dos vilões da história. No fim do século XIX, por exemplo, alguns achavam que corridas de cavalo e banhos de mar afastavam os leitores dos livros. Mas a literatura vem sobrevivendo galhardamente a tudo isso, apesar do coro dos aflitos.*

Marisa Lajolo

#### A rede, o livro

Em 1995, para efeito de um projeto, entrevistei Rachel de Queiroz. A escritora, sempre solícita a quem a procurava (na cidade ou no sertão), recebeu-me em seu simpático apartamento, na Praia do Futuro, em Fortaleza. Observei atentamente o espaço da casa e a simplicidade dos móveis, feitos por um artesão do interior. Olhei para o

quarto, lá estava uma rede armada, uma cama com muitos livros, uma mesa de cabeceira com mais livros. Logo recebi um convite para café artesanal, feito no pilão, coado no pano, bem quentinho. Acostumada com os “intrusos”, conversamos por algumas por poucas horas. Deixei-me conduzir pela conversa agradável e fui esquecendo o roteiro previsto.

Congelada a cena: quando se pensa em Rachel de Queiroz, pensa-se em livros.

## Mundo dos livros

Segundo Gilberto Mendonça Teles,<sup>244</sup>

o livro, como, aliás, toda literatura, não passa de um “espaço” que pode ser visto como lugar do *não lugar*, do *entrelugar*, um espaço semelhante ao da obra de arte (quadro, poema, peça musical), onde as coordenadas de tempo e espaço são abolidas, e o espectador (leitor e ouvinte) é levado a uma idealização da vida e do mundo, numa ‘ultrapassagem’ que lhe dá outros bens e lhe estimula os sentidos da imaginação.

Em seu artigo de 2001, o crítico literário lamenta a ausência de estudos acadêmicos sobre o livro, sobre o mercado editorial. Para Silviano Santiago, por sua vez,<sup>245</sup> o livro era um suporte textual que durante muito tempo era considerado um artigo de luxo, acessível somente às elites. Em estudo sobre o mercado editorial da década de setenta fala sobre o objeto livro, que circula de “maneira limitada, deficitária e claudicante”. Naquela época, a proporção era de 60 mil leitores para 110 milhões de habitantes.

A indústria do livro, a partir dos anos trinta, torna-se um instrumento de cultura; intensifica-se o volume de publicações, desde os livros escolares a publicações dos autores mais em voga. O incremento desta indústria exigiu esmero nos projetos gráficos, material gráfico, planejamento, estratégia para a difusão do livro. Monteiro Lobato,

---

<sup>244</sup> Texto apresentado no *Seminário sobre Estudos de Literatura e Mídia* (PUC-Rio/2001) e publicado em TELES, Gilberto Mendonça. O mercado do livro universitário. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLHAMMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2002, p. 32-53.

<sup>245</sup> SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa (A ficção brasileira modernista). In: \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 25.

grande empreendedor pela nacionalização da publicação, foi pioneiro desta história com a criação da Editora Companhia Nacional. Nesta mesma década surgiram outras empresas, como a Editora Globo (Rio Grande do Sul). Na capital federal proliferaram outras muitas (Andersen, Schmidt, Ariel, José Olympio), assim como as editoras Amigos dos Livros e Pindorema (Belo Horizonte).

Nos anos 50 começa a amadurecer o processo de industrialização editorial, ou seja, começava-se a ver ajustada a lógica do mercado capitalista (lei da oferta e da procura) neste mercado cultural, e o livro passa a ser, timidamente, um bem de consumo e o consumidor – leitor – alguém a ser estimulado a comprar. É uma história bem recente. Por isso que em pleno século XXI ainda há tantas campanhas governamentais para estimular a prática da leitura.<sup>246</sup> O livro recebe uma atenção mercadológica bem depois de outros bens culturais que, segundo Nelson Werneck Sodré, acontece com a segunda metade do modernismo; assim como já existia um público consumidor para rádio, teatro e cinema, com a revolução burguesa surge o público consumidor brasileiro de literatura.<sup>247</sup>

Os estudos tendo o livro como objeto primordial de análise vêm mudando na última década com as Bienais, os Seminários e com os muitos Núcleos de Estudos espalhados pelo imenso Brasil. Porém muito ainda há para se fazer. A preservação da memória livresca ainda necessita de muitos investimentos governamentais, de muitos olhos e de muitas mãos. Atualmente, com as novidades tecnológicas, também se discute muito a sobrevivência do livro diante de concorrentes: tempo de muitas linguagens e muitos suportes. Aliás, este debate é antigo. Como veremos, era pauta nos anos 50 devido à ampliação do acesso ao cinema, ao surgimento avassalador da TV, dos quadrinhos, do rádio. Hannah Arendt,<sup>248</sup> em *A condição humana*, demonstra e denuncia que o projeto da modernidade, com as máquinas e tecnologias, prometendo tempo de lazer e convivência, se mostrou falacioso. O mundo da experiência, do narrador, analisada por Walter Benjamin, está comprometido com as vivências, apenas pela minoria, por conta da TV e da Internet, sendo que à grande maioria falta de tempo em decorrência das horas trabalhadas que se avolumam a cada dia. Contudo, a guardiã

---

<sup>246</sup> O mercado editorial pode ser conferido pelo site *PublishNews* Disponível em: <http://www.publishnews.com.br>.

<sup>247</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976, p. 551.

<sup>248</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Traduzido por Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

das experiências sonhadas e vividas é a palavra: falada ou escrita. O que podemos comprovar é que o tempo passa e o livro continua sendo um lugar “privilegiado do saber profundo”, pois o mercado editorial continua bastante aquecido e gerando muitos lucros.<sup>249</sup>

### Crônica da vida inteira

Rachel de Queiroz tem uma vida dedicada aos livros. Primeiramente como leitora contumaz e simultaneamente como escritora, feitora de livros.<sup>250</sup> Davi Arrigucci, em “O sertão em surdina”,<sup>251</sup> analisa o romance *O Quinze* e apresenta uma perspectiva de leitura: o da mulher leitora solitária. Toda a narrativa sobre a seca dos 1915 está permeada pelas leituras da protagonista Conceição, tornando-se assim uma espécie de matriz da organização do romance.

Percorrendo as páginas das crônicas em antologias, seletas ou agrupamento em livro, nota-se que muitos textos giram em do mundo dos livros, da vida literária. Para Roger Chartier<sup>252</sup> a “leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do

---

<sup>249</sup> Por exemplo, o Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e História Editorial no Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF). Como resultado de suas atividades foram realizados dois seminários. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial* (2004) na Casa Rui Barbosa – RJ. Segundo o organizador Aníbal Bragança, o Seminário “expressa o desenvolvimento do campo interdisciplinar e transdisciplinar de pesquisas sobre o Livro na universidade brasileira, especialmente da subárea de História Editorial, e busca propiciar o aprofundamento do diálogo entre pesquisadores nacionais e internacionais da área. É também oportunidade para o encontro entre estes e os representantes do campo profissional das práticas editoriais e livreas do país. Nasceu sob o ensejo da comemoração dos 150 anos de fundação da mais antiga editora privada em atividade no país, a Francisco Alves, ao qual dedica parte central de sua programação”.

Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/infogerais.php>. Acesso em: 17 nov. 2009. *O II Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial* (2009), cf. página disponível em: <http://www.uff.br/lihed/segundoseminario/index.php/pagina-inicial>.

<sup>250</sup> Rachel de Queiroz formou uma ampla biblioteca ao longo dos anos. Após a sua morte, foram doados ao Instituto Moreira Salles, em maio de 2006, cerca de 5 mil itens (livros, periódicos, recortes de jornais, manuscritos, correspondências, fotografias e demais documentos). Em abril de 2009 verifiquei que havia 2175 livros, sobre os mais diversos assuntos, catalogados, no entanto ainda indisponíveis para consulta. Cf. Instituto Moreira Salles.

Disponível em: <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=20>. Acesso em: 17 abr. 2009.

<sup>251</sup> ARRIGUCCI, Davi. O sertão em surdina. *Folha de São Paulo*, 12 mai. 2001. Caderno Mais.

<sup>252</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores, bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Traduzido por Mary Del Priore. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999, p. 16.

corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. Para os cronistas modernos, estar em contato com o leitor é sempre uma oportunidade de engatar uma conversa sobre a matéria de seu ofício, que é a escrita, falar de leitura. Cito, como exemplo, o nome de Carlos Drummond de Andrade, que discorre em suas crônicas leves sobre lançamentos, recomenda livros ou fala de livraria e editoras.<sup>253</sup> Este comentário vale para Manuel Bandeira, Cecília Meireles e muitos outros..

Rachel afirmou em certa ocasião que a “crônica não tem âmbito definido, pode falar do tempo ou do espaço do nosso mundinho interior, ou do mundo interior dos outros. Por que então não falar de um livro, mormente quando esse livro sai da bitola cotidiana?” (*O Cruzeiro*, 27/03/1954, p. 98). Para a cronista, os livros estão entre os seus assuntos prediletos.

### Dois pontos

De acordo com Lúcia Miguel Pereira,<sup>254</sup> Muito se tem discutido sobre o valor e o alcance da crítica, sobre a sua função junto à arte. Há quem a considere mera parasita, há quem lhe exagere a importância(... )Na verdade, é um gênero literário que, por necessitar de um ponto de apoio na obra alheia, não deixa de possuir personalidade própria – e independente – de constituir uma forma interessantíssima de literatura. É mesmo o que há de mais puramente intelectual como manifestação do pensamento.

Em “Suas cartas, nossas cartas”,<sup>255</sup> Silviano Santiago reitera que “Bons críticos agem por conta própria: são como os que conseguem fazer *tabula rasa* da instituição jurídica. Sem terem sido convocados para julgarem determinado réu, por conta própria elegem qualquer um como culpado, ao mesmo tempo em que se autodefinem e são reconhecidos pelos pares como juízes no tribunal das letras. A lei do

---

<sup>253</sup> Sobre a crônica Drummondiana, Cf. estudo de NUNES, Valentina. *A produção jornalística de Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil (1969-1984)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

<sup>254</sup> Ver “Crítica e controvérsia” em PEREIRA, Lúcia Miguel. *A Leitora e seus personagens*. Seleta de publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Prefácio de Bernardo de Mendonça. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2005, p. 92.

<sup>255</sup> SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 60.

crítico é a mesma que rege o universo kafkiano. O acuso tem direito ao protesto, mas o recurso, mesmo usado com mestria, de nada vale.

Constância Lima Duarte, em seu estudo “Literatura feminina e crítica literária”,<sup>256</sup> diz que os nomes femininos na crítica literária brasileira – seara dos “donos da verdade” – são poucos e quando citados, com valoração diferentes dos textos masculinos. Ou seja: “atribuíam à mulher que escrevia, com raras exceções, um estatuto inferior frente aos escritores”. Outras vezes esses críticos revelam certo constrangimento em fazer crítica de textos femininos. Neste sentido, percebe-se que são as próprias escritoras que saem em defesa das mulheres, participam de modo consciente da valorização desta contribuição literária.

### **Mulheres com a palavra**

Para Heloisa Buarque de Hollanda e Lúcia Araújo, em *Ensaístas Brasileiras* (1993),<sup>257</sup> o pensamento crítico feminino nas artes e na literatura realizou-se em “formas e espaços muitas vezes marginais e diversificados”. Na zona de fronteira entre o ensaio e a crítica muitas mulheres escreveram desde o século XIX em jornais, revistas e em outras publicações informais, muitas vezes sob a forma de narrativa e escrita circunstancial.

Recuando no tempo, em 1899 Ignez Sabino<sup>258</sup> publica *Mulheres ilustres do Brasil*, um esforço pioneiro para tirar as mulheres do esquecimento numa época em que havia uma onda de publicações de coletâneas e biografias. Nos anos seguintes houve outras publicações, tais como: *Galeria ilustre (Mulheres célebres)*, de Josefina Álvares de Azevedo e Andradina Oliveira com *A mulher riograndense* (1907); Cândida de Brito e a *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas* (1929); Alzira Freitas Tacques, autora de *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros: Antologia de escritores brasileiros e estrangeiros* (1956); Henriqueta Galeno com *Mulheres admiráveis* (obra póstuma, 1965) e várias autoras com *Mulheres do*

---

<sup>256</sup> DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: *A mulher na literatura*. v. I. Ana Lúcia Almeida Gazolla (org). Belo Horizonte: Imprensa Universitária de Minas Gerais, 1990, p. 70-79.

<sup>257</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>258</sup> SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Prefácio de Artur Orlando. Florianópolis: Mulheres, 1996. (Edição fac-similar).

*Brasil (Pensamento e ação)* de 1971-1993 - 4 volumes. Com um salto gigantesco no tempo, cito os três volumes *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizados por Zahidé Muzart (1999 -2009).<sup>259</sup>

### Boom editorial

A década de 50 é marcada pelo surgimento dos suplementos culturais e literários. Segundo Alzira Alves de Abreu registra, “a origem de alguns suplementos literários se encontra nas páginas ou suplementos femininos, onde se misturavam receitas culinárias, moda, assuntos infantis e poesia, como é o caso do *Jornal do Brasil*, do *Diário de Notícias* e do *Diário Carioca*, entre outros. Os suplementos estavam voltados para a vida familiar; a mulher era, ainda nesta década, a grande consumidora da produção literária de poesias, crônicas, romances. Muitos escritores tinham basicamente no público feminino os seus leitores, como Érico Veríssimo.”<sup>260</sup>

Em 1956 surge o “Suplemento Dominical do Jornal do Brasil” e o “Suplemento Literário do Estado de São Paulo”; ambos inauguram um novo momento da crítica literária.<sup>261</sup> Nos anos 30, com o surgimento das

---

<sup>259</sup> Também é pertinente citar que grande da parte da crítica de autoria feminina e sobre ulheres encontra-se dispersa nos anais dos seminários, encontros, simpósios.

<sup>260</sup> ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: \_\_\_\_\_ et al (orgs.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 21.

<sup>261</sup> Maria Lúcia de Barros Camargo, ao estudar o lugar da crítica e da literatura nos periódicos, faz um apanhado da circulação nos últimos anos apresentado-as em categorias, vejamos o resumo: a) “magazines” literários e culturais, frutos de empreendimentos comerciais, dirigidos a um público mais amplo e não especializado, porém “culto” (ou “chic”), como *Cult*, *Bravo*, *Ventura* ou a pernambucana *Continente*; podemos incluir também neste grupo algumas revistas de divulgação publicadas por institutos culturais, como a *Veredas*; b) revistas literárias e culturais independentes, como *Inimigo Rumor*, *Sibila*, *Babel*, *Coyote*, *Sebastião*, *Iararana*; c) revistas literárias institucionais, dirigidas a públicos “cultos”, de circulação mais ampla que as “independentes”, finamente ilustradas e impressas, como *Poesia Sempre* ou *Cadernos de Literatura Brasileira*; d) revistas culturais “acadêmicas”, como é o caso da *Novos Estudos-CEBRAP* ou da *Revista USP*, ou a grupos e/ou editoras, como *Tempo Brasileiro*, *Revista de Cultura Vozes*, *Praga*, *Crítica Marxista*, *Rodapé* ou, ainda, a instituições culturais, como algumas revistas dos *Gabinetes Portugueses de Leitura*; e) suplementos culturais da grande imprensa, *Mais!* (atualmente *Ilustríssima*) e do *Jornal de Resenhas* (ambos da Folha de São Paulo) ou do *Ideias*, do *Jornal do Brasil*. Neste grupo cabe ainda o longo *Suplemento Literário de Minas Gerais*; f) revistas universitárias (“científicas”), especialmente programas de pós-graduação (*Travessia*, *Teresa*, *Brasil/Brazil*, *Contexto*, *Cerrado*, *Gragoatá*, *Grifos*, *Literatura e Sociedade*, *Palavra*, *Remate de Males*, etc.); ainda as das associações científicas (*Revista da ANPOLL*, *Revista Brasileira de Literatura Comparada*). Cf. Disponível em CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Sob revistas, periódicos e quais tais. In: *Outra*

universidades e suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, se consolida a chamada crítica acadêmica, “momento também em que a crítica se institucionaliza como área de conhecimento, primeiramente sob a forma dos estudos historiográficos das literaturas nacionais e depois sob o aporte da teoria da literatura, criada entre nós como disciplina universitária apenas na década de 60”.<sup>262</sup>

Apontamos os dois suplementos literários polarizando o eixo Rio/SP. Segundo Antonio Candido, o carioca “era muito combativo, muito brilhante, muito movimentado, cheio de polêmicas” e o de São Paulo “contribuiu realmente para a cultura brasileira como ponte entre a Universidade” [...] dava “o tom da *intelligentsia* paulista, que é um tom de estudo, de ensaio, de reflexão”. Por outro lado, afirma Maria Lúcia Camargo que a “oposição Rio/São Paulo” mencionada por Candido pode ser pensada, aqui, como a distinção entre as revistas literárias, mais experimentais, de vanguarda, e aquelas revistas culturais que podemos chamar “acadêmicas”, ou seja, que veiculam o produto do estudo, da pesquisa, da reflexão, daquilo que caracteriza, de algum modo, a produção universitária (independentemente de se fazer ela na universidade ou fora dela), e que publicam, predominantemente, ensaios.

### **Crítica, muito pessoal**

Rachel de Queiroz, distante destas críticas mencionadas, com uma ampla rede de amizade sedimentada em diferentes cidades e consolidados em torno da Editora José Olympio, trazia para a sua página uma espécie de vida literária. Neste sentido, a cronista muitas vezes tece uma peça publicitária em prol dos livros, este objeto investido de poderes desejados e temidos, como afirma Chartier: “um bem material do qual o comprador torna-se o legítimo proprietário, e um discurso do qual o autor conserva a propriedade”.<sup>263</sup>

---

*Travessia*. n. 1. Florianópolis, 1º sem 2003. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/38783282/Outra-Travessia-01>. Acesso em: 10 fev. 2011.

<sup>262</sup> Cf. CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Op. cit.

<sup>263</sup> CHARTIER, Roger. O livro e seus poderes (séculos XV a XVIII). Traduzido por Caio Meira. In: COUTINHO, Eduardo Granja; GONÇALVES, Márcio Souza. *Letra impressa*. Comunicação, cultura e sociedade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 35.

Sem se autoproclamar uma crítica literária, nos moldes apreçados por Machado de Assis em seu texto “O ideal do crítico”,<sup>264</sup> publicado em 1865, onde ele esclarece que “é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão”, a crítica literária requer meditação profunda sobre a obra para captar o seu “sentido íntimo”. Requer análise e uma escrita argumentativa convincente. Para ela, é nas páginas de suas crônicas que, com liberdade, pode-se ‘com-viver’ com seus contemporâneos (leitores amigos).<sup>265</sup>

Para Marisa Lajolo,<sup>266</sup> “falar de literatura no século XX é também falar de indústria cultural, de capital e de tecnologia: a indústria literária derrama nas livrarias toneladas de romances”.

Dito isto, proponho a seguir um apanhado de publicações e excertos de Rachel de Queiroz que trazem ao centro o mundo dos livros: sugestões de leituras, notícia, fatos da vida literária, elogios, divulgação, lembranças – com o estilo ameno, sem ofender, ou atacar qualquer obra ou artista.

### Vício pela brochura

Ao longo da pesquisa, encontrei muitas crônicas que revelam o intercâmbio da escritora com o seu público. O leitor, entendido aqui como real, virtual ou fictício, na maioria das vezes explícito na diversidade da crônica, em muitas publicações parece sentir-se à vontade para fazer comentários, pedidos vários, como livros, conselhos, dicas, etc. Na “Correspondência”, didaticamente, ela explica a sua condição de “mera” colaboradora ou trabalhadora do periódico, que pouco pode fazer pelos requerentes, destruindo a aura de poder ou de acessibilidade às esferas do poder.

Nós, escritores nacionais e, creio que os do mundo inteiro, não somos donos das edições dos nossos livros. Foi-se o tempo em que publicar livros era “hobby” de gente rica: fazia-se a edição por conta do autor, vendiam-se alguns tantos

---

<sup>264</sup> Cf. “O ideal do crítico” em ASSIS, Machado de. *Obras completas*. v. III. Organização de Afrânio Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 798-801.

<sup>265</sup> Na atualidade destaco o jornal literário *Rascunho* (desde 2000), de Curitiba, com cerca de 200 colaboradores de várias regiões do país e do exterior, que publica resenhas, entrevistas, ensaios, artigos, contos ou poemas.

<sup>266</sup> LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

exemplares e o resto que não se dava aos amigos, ficava amarelecendo num fundo de armário... Hoje só edita livros que tem valor comercial e o direito à edição é negociado como qualquer outra mercadoria. E de certo modo a contribuição do autor, para a complexa operação de pôr um livro na rua, pode-se equiparar a de todos os outros membros da equipe que trabalharam na edição da obra: o linotipista, o revisor, o contador, o encadernador, o desenhista da capa, etc. Temos apenas um pouco mais de cartaz. Pedir livros a autores que não os imprimem por conta própria seria o mesmo que escrever uma carta à Ingrid Bergman pedindo-lhe que mande fazer uma exibição do Jeanne D'Arc (*O Cruzeiro*, 24/02/1951, p. 130).

O trecho resume o caráter de mercadoria do livro na indústria cultural. Um produto do complexo mercado do artefato de palavras transformado em objeto a ser reproduzido e consumido. O escritor é somente um dos componentes desta cadeia produtiva. Uma vida de muito trabalho e de pouco de glamour. Quando a cronista se compara com um trabalhador qualquer da cadeia industrial, distancia-se da visão romântica do escritor como uma espécie de iluminado, de gênio, e se aproxima de um labor como outro qualquer.

Na crônica “Livros”, publicada em 1955, a conversa gira em torno do livro, na qual ela comenta sobre uma Feira de livros e um Concurso Literário promovido pela *Revue Française*, patrocinada pela Embaixada da França. O vencedor deste concurso, além da publicação de seu livro, ganharia uma viagem a Paris, uma oportunidade de se “aprender e conhecer e amar a França, nossa tão velha e tão querida amiga, nossa mãe espiritual, nossa madrinha”. O que nos interessa aqui, porém, é o momento que retoma o produto livro. Se é produto de consumo, como torná-lo vendável? Considera o seu valor ou preço o maior problema. Para a cronista, se seu preço é abusivo (“caro”) não se diferencia do valor mercadológico de outros produtos como feijão ou automóvel, por exemplo. Em meio às reflexões, cito: “pensando bem, livro ainda é uma mercadoria baratíssima, levando-se em conta que dura a vida inteira e levando-se em conta igualmente a quantidade de introdução e entretenimento que proporciona” (*O Cruzeiro*, 05/11/1955, p. 130). A cronista insiste para que o livro faça parte do consumo cultural no país. Apelo de grande atualidade diante dos poucos títulos

lidos por brasileiros. Para Nestor Canclini, consumo é “conjunto de processos sócio-culturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercício de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado.”<sup>267</sup>

Sendo um objeto de “diversão” de grande valia, na crônica temos a imagem de uma noite na *boite*, cujo lazer pode ser resumido em “bebida”, “comida” e “vedetes” para reforçar a superioridade das páginas literárias: “que *vedette* de *show* pode oferecer maior prazer estético, mais sonhos, mais alegrias sublimadas, geração após geração, até o fim do mundo – de que Capitu, do que Ema Bovary, do que Grusenka, do que Mimi, Julieta, Laura, Beatriz, Cleópatra? Há delas para todos os gostos e estados da alma, e imperecíveis imortais como deusas. Quem se deixará amar melhor, a sereia dos olhos de ressaca, ou uma dessas rápidas visões de biquíni – que em geral, salvo exceções, canta mal, dança mal, fala mal, anda mal, e apenas mostra o que Deus lhe deu – menos mal?”. Como uma espécie de declaração amorosa ao livro, ela prossegue, tentando atingir os sentimentos do leitor. Com arremate final o livro “substitui tudo o que a vida nos nega, que pode criar uma vida para quem a vida nega, que pode criar uma vida para quem não tem vida nenhuma. No livro há teatro, cinema, viagem, aventura, amor e poesia”; palavras de uma publicitária.

Em meio à outra crônica, diante da animação nas ruas decoradas por causa do natal, a cronista escreve trechos de marketing. Propõe o livro como um presente ideal para adultos e crianças. E justifica:

Dizem que o leite é o alimento completo; pois o livro, também, é o presente completo. Num livro você dá tudo – dá viagens, dá amigos novos, dá respostas às perguntas mais difíceis; dá um palácio ao ambicioso, dá Pasárgada ao sonhador lírico; dá um disco voador ao fascinado da *science-fiction*. Faz ao cavalheiro ir caçar feras na África, faz a mocidade dançar com o conde e tomar um drinque com um artista de cinema. Um livro lhe antecipa o futuro e lhe devolve o passado

---

<sup>267</sup> Cf. CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos*. Conflitos multiculturais da globalização. Traduzido por Maurício Santana. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 60.

e, acima de tudo, nos fornece a passagem para o mundo mágico – qualquer que ele seja – para onde todos nós queremos evadir, mas do qual o áspero cotidiano nos afasta implacavelmente (*O Cruzeiro*, 14/12/1957, p. 146).

Para os pequenos leitores, após criticar os brinquedos clássicos como a boneca, o carrinho, a pistola, a cronista apela, em uma espécie de campanha publicitária, para aumentar as vendas dos livros no país: “um automovelzinho é um automovelzinho, um boneco é um boneco; mas o leitor do livro suscita ao seu redor um mundo imenso e inumerável”. (...) O livro “fará da criança um imperador, um guerreiro, índio, xerife, astronauta. Dê livros ao seu filho e talvez, num livro só, lhe esteja dando toda uma loja de brinquedo”.

Ainda sobre livro, trago aqui a voz atual de Walnice Nogueira Galvão<sup>268</sup>: “O livro enquanto objeto alçou a um estatuto jamais previsto. Visando ao mercado, com capa e diagramação feitas por artistas de renome, o livro metamorfoseou-se em objeto, elevando seu nível, rendendo-se atento ao prazer de manuseá-lo. Em compensação, ficou mais caro que nunca, as edições populares sumiram, e, ao que parece, resolveu-se desistir da fabricação de livros de baixo custo”.

### ***Scholar e o escritor***

Em “A realidade americana” Rachel tece elogios a Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, uma figura muito prestígio nas letras nacionais

Lembro-me que de que há vinte anos atrás, quando os da minha geração começavam a escrever, violentas divergências ideológicas pareciam nos separar do já então porta-voz do laico católico no Brasil. Mas se havia intolerância era da nossa parte, não dele; que o crítico Tristão de Ataíde, dando à crítica literária um sentido e um feito até então quase desconhecidos no nosso país, sem se impressionar com cores políticas deste ou daquele “novo”, a si mesmo se nomeava

---

<sup>268</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. As musas sob assédio. Literatura e indústria cultural no Brasil. *Série Livre Pensar*. São Paulo: SENAC, 2005, p.11-12.

como uma espécie de padrinho dos “modernos”, a nos amparar os nossos passos vacilantes, a nos apontar caminhos e descobrir em nós qualidades e promessas (*O Cruzeiro*, 02/10/1954, p. 114).

As divergências, com o tempo, foram se “amainando”. Para ela, descobrir que o importante nas relações de cada um não é o modo como cada um “concebe a divindade e suas relações com o sobrenatural; o importante são as relações dos humanos uns com os outros”. Também um fato de aproximação e de consolidação da amizade entre os dois foi o repúdio ao “Estado Novo” ou fascismo nacional.

Hoje, entre os homens da *intelligenza* no Brasil, aqueles a quem talvez mais respeitamos, por causa da sua pureza, da sua incorruptilidade, do seu nunca traído amor às liberdades públicas, do seu combate destemeroso contra todas as formas de opressão intelectual ou política, de sua lucidez, de sua objetividade na discussão dos fenômenos internacionais, encontram-se em grande número nas alas “adiantadas” do pensamento católico e são, por exemplo, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Luiz Santa Cruz, Fernando Carneiro, Sobral Pinto, no laico e Dr. Helder Câmara, D. Marcos Barbosa, Pe. Álvaro Negromonte (Idem).

O título da crônica remete a um livro de Alceu Amoroso sobre os Estados Unidos. Rachel de Queiroz, que se distanciava da União Soviética, porém, também não simpática ao *american way of life*, distancia-se de seu ponto de vista pessoal para reverenciar os escritos do crítico: um depoimento honesto a partir das impressões pessoais. Afirma que o livro é um convite para que o leitor brasileiro possa conhecer a realidade americana, enfim, um elogio à convivência pacífica.

Retomo um pouco a questão do comunismo e Rachel. Em entrevista, ela relata a sua experiência como militante em uma época em que se endeusa a União Soviética.<sup>269</sup> Primeiro dado importante. Os intelectuais no meio do partido comunista eram considerados meros “escribas” porque sabiam escrever. Reconta uma fala deste momento: “nós somos como aqueles escravos gregos que os grandes romanos,

---

<sup>269</sup> VÁRIOS. A imortal Rachel do Sertão. *Entrevista*. Curso de Comunicação Social. UFC, 1993.

riquíssimos, mandavam importados da Grécia para escrever e ler para eles, ensinar os filhos. Para vocês nós somos os escribas, só isso”. Afirma que quem nascia operário não merecia a confiança do proletário.

Nesta mesma entrevista mais uma informação. Ainda noiva de José Auto, o casal tinha o sonho de conhecer a União Soviética como todo comunista:

Juntamos o nosso dinheirinho, nos privando de muita coisa, pra dar a passagem até Hamburgo, que segundo nos tinham informado a gente chegava lá e contactava com o partido comunista. (...) Aí, inocentemente, fomos à direção do partido e dissemos: ‘Nós juntamos esse dinheiro, nós queríamos agora que os companheiros nos facilitassem porque vamos por nossa conta’. Eles descobriram nosso dinheiro e disseram: ‘Esse dinheiro vai ser confiscado pelo partido porque vocês são intelectuais e não precisam ir à União Soviética para conhecer o socialismo. Os operários que aqui não têm dinheiro é que vão. Suas passagens vão servir para dois operários’. Vocês imaginem o ódio com que a gente não ficou.

### **Afeto e guardados**

A cronista acompanhou as transformações na Ilha do Governador por onze anos. Em crônica de mesmo título “Livros”, motivada pela mudança de residência, de sua casa na Ilha do Governador para um apartamento no bairro Leblon – sem especificar qualquer título, propõe-se falar dos

amigos de papel que a gente carrega consigo a vida inteira e acabam afinal já não sendo amigos, mas fardos que nos tomam o melhor lugar da casa, que nos transformam uma simples mudança em operação de guerra e que as outras pessoas de casa encaram com mal-escondido desdém, como se o montão de livros fosse outra família inconfessável que a gente trouxesse para o recesso do lar,

teimasse em fazer conviver com os parentes legítimos (*O Cruzeiro*, 13/10/1956, p. 138).

Procura fazer algumas distinções entre as pessoas que têm biblioteca escolhida, os bibliófilos, aqueles que realizam uma obra de arte e o grupo dos acumuladores de livros, no qual ela se inclui; são leitores que deixam que os livros se “amontoem” sem uma organização ou classificação valorativa. Como ilustração desta prática, coloca-se um *pocket-book* junto de uma “Plêiade” ou uma tradução ordinária ao lado de um original:

Na realidade, livros são mesmo mais um vício do que uma necessidade. Porque os livros que a gente lê não são os livros que a gente possui. O livro, desde o instante que se incorpora ao nosso patrimônio, é um pouco, Deus que me perdoe, é um pouco como a mulher legítima para certos maridos: apenas se folheia, deixa de ter atrativos. E mais cobiçamos uma brochura orelhuda que encontramos num sebo do que o nosso belo Balzac encadernado, ou mesmo o livro inédito, posto em lugar de destaque na prateleira, de páginas ainda virgens da espátula (Idem).

Nessa mesma crônica há questionamentos sobre muitas angústias comuns aos amantes de livros: guardar ou se desfazer títulos, descartar livros (doados por amigos queridos, ruim por dentro, mas bonito por fora, aqueles dos quais não se gostou, porém com mais uma leitura pode-se até descobrir as suas grandezas). Diante de tantas dúvidas, conclui: “Deus protege os avaros dos livros, poucos são descartados”. Após esse consolo, a cronista esclarece que o livro – com aproximadamente seis mil anos de história a ser narrada, a feitura do livro passou pelas diferentes técnicas e diferentes tipos de materiais para dar conta da aventura humana<sup>270</sup> – é “patrimônio da humanidade”. O papel impresso é um símbolo da nossa civilização. No papel estão as conquistas, sonhos, mentiras, rancores, obras-primas, leis, códigos, revelação divina, oração, ciência, poesia, prosa. Enfim, o poder do papel é imenso: “acabasse o mundo e ficasse apenas o papel impresso e poder-

---

<sup>270</sup> Conferir breve resumo dessa história em CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. *Revista Espaço Aberto*. USP, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?ma>. Acesso em: 15 fev. 2009.

se-ia sem dificuldade reconstituir uma civilização idêntica à desaparecida”. E fecha o seu texto com o propósito de conservar os velhos livros, considerando que há muita gente empenhada em liquidar o papel impresso; neste caso é salutar que haja outra turma prontamente ágil para defendê-lo.

### **Lendo, divulgando**

Falar de livros é uma tarefa difícil, afirma Rachel. Na crônica “Caricatura”, se debruça sobre um lançamento de livro de Herman Lima, *Rui e a Caricatura*, de 1949. A cronista discorre com detalhes o primor de composição do livro – “trabalho penoso, exigindo recordes de paciência e teimosia, deve ter sido o de Herman Lima a compilar em revistas e jornais que hoje só existem em bibliotecas (e na maioria de acesso difícil), o apanhado gráfico-humorístico da longa vida pública de Rui Barbosa”. O autor Herman Lima, conterrâneo da cronista, desde cedo se interessou por desenho, publicou alguns em *O Malho* e nas revistas *Fon-Fon* e *O Tico-Tico*. Autor de contos, dos romances (*Tigipió* e *Garimpo*), tradutor, Herman também se formou em Medicina. Após várias viagens e permanência no exterior, começa a estudar e pesquisar o desenho satírico no nosso país. Publica inúmeros trabalhos sobre este assunto em jornais e revistas e organiza três álbuns ilustrados.<sup>271</sup> Figura eminente da nossa história, tido como grande mal-humorado, Rui Barbosa foi estadista, político, diplomata e jurista brasileiro.<sup>272</sup> Participou do movimento republicano, tendo uma grande participação no processo de Proclamação da República; tornou-se primeiro ministro da fazenda da história do Brasil República; o seu nome é relembado

---

<sup>271</sup> Trabalhou na Biblioteca Nacional, em 1954, na Divisão de Obras Raras, onde conheceu o precioso acervo dos periódicos brasileiros ilustrados. Também publicou estudos sobre “J. Carlos” (1950), um dos maiores cartunistas brasileiros e “Roteiro da Bahia” (1953). Em 1961, publica “Domingos Olímpio”. Em 1963, após 20 anos de trabalho exaustivo de pesquisa, publica “História da Caricatura no Brasil”, em 4 volumes, tendo recebido os prêmios Fernando Chinaglia (melhor livro do ano), Centro Cultural Brasil-Israel de São Paulo (melhor ensaio do triênio 1960-1963), Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (melhor ensaio do ano). Ver o seu perfil em LUSTOSA, Isabel. Roteiro para Herman Lima. *Casa Rui Barbosa*. Disponível em: [http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB\\_IsabelLustosa\\_Roteiro\\_HermanLima.pdf](http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_IsabelLustosa_Roteiro_HermanLima.pdf). Acesso em: 17 jul. 2010. Isabel Lustosa, especialista em história da imprensa brasileira e estudiosa da caricatura, publicou *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

<sup>272</sup> Em seus depoimentos, Rachel diz que se seu pai, que era juiz, era um admirador de Rui Barbosa, ao ponto de declamar trechos de seus discursos para a família, porém tal atitude não despertava muita simpatia da jovem Rachel.

como grande erudito e excelente orador. Embaixador do Brasil na Conferência de Haia (1907), representou o Brasil com grande mérito e destaque e, em função da sua brilhante participação, ganhou o epíteto de “Águia de Haia”. Uma grande personalidade da vida política brasileira, com bibliografia de mais de cem volumes (artigos, discursos, conferências e anotações políticas).<sup>273</sup> Enfim, uma figura, um alvo do traço de bem-humorados desenhistas. Segue a cronista:

Herman Lima dá a entender que Rui se estomogava com os seus caricaturistas. Achava decerto o conselheiro que esses moleques da pena lhe feriam a majestade, pois o nosso grande homem seria tudo, menos um humilde. E, além de não ter e escrever, que era pessoa inteiramente destituída de qualquer parcela de senso de humor, sua carreira não teria sido o que foi, antes seria paralela à carreira de Machado de Assis. Porque a capacidade de rir, da qual tão inteiramente carecia o baiano, tinha o divino mulato em grau superlativo – e foi essa qualidade que deu a Machado (*ilegível*) a obsessão de se manter à distância, de não se misturar com os palhaços. Rui nunca enxergou o que tantas vezes enxergaram os seus caricaturistas: o ridículo que havia na desproporção da louca batalha travada entre ele e o primário ambiente político brasileiro. Pois se ele sentia a desproporção, era apenas para se encolerizar contra ela. É essa a luta das panelas de ferro não apenas contra a panela de barro, mas contra um vaso de Sevres, fez de Rui Barbosa o assunto por excelência dos caricaturistas e creio que foi ele o brasileiro mais caricaturado de todos os tempos (*O Cruzeiro*, 24/06/50, p. 138).

A caricatura é um desenho que acentua detalhes ridículos.<sup>274</sup> Um gênero de cunho satírico, a caricatura não é obrigatoriamente cômica. A

---

<sup>273</sup> Sua vasta biblioteca, com mais de 50 mil títulos, atualmente pertence à Fundação Casa Rui Barbosa, cuja sede está na antiga residência do escritor no Rio de Janeiro.

<sup>274</sup> Cf. Caricatura: *história e características*. Disponível em: <http://www.emdiv.com.br/arte/enciclopediaarte/685-caricatura-historia-e-caracteristicas.html>. Acesso em: 22 jun. 2010.

caricatura é a reprodução gráfica de uma pessoa, animal ou coisa, de uma cena ou episódio, exagerando-se certos aspectos com intenção satírica, burlesca ou crítica. O vocábulo (do italiano *caricatura*, de *caricare*, "carregar", "acentuar") foi utilizado pela primeira vez em 1646 para designar uma série de desenhos satíricos de Agostino Carracci que focalizava tipos populares de Bolonha. O termo, porém, já fazia parte do jargão artístico. Com uma longa história desde os povos antigos (egípcios, gregos e romanos), a caricatura na Renascença passa ser vista como arte independente. Se a princípio ela é considerada mero divertimento, a caricatura tornou-se importante atividade artística. Arte de "fixar os caracteres e as expressões", pode transcender o individual para particularizar o coletivo de uma época ou de um povo, como por exemplo o Tio Sam, de Thomas Nast (inspirado em Abraham Lincoln) superou a condição de mera caricatura tida inicialmente para ser uma marca a qual foi usada para recrutamento para as forças armadas norte-americanas, e, posteriormente, sinônimo para o USA. A sua importância merece a atenção de várias áreas do conhecimento, e, como afirma, Baudelaire "por ela, o povo podia falar ao povo". Outros políticos e líderes mundiais, como Churchill, Stalin, Hitler e Mussolini, formam uma galeria de personagens para os mestres do desenho no século XX. No Brasil, por exemplo, J. Carlos marcou a era Vargas com desenhos de uma figura pequena e arredondada, com charuto na boca, com imagem de esperto, dúbio e equilibrista do poder. Por fim, a nossa longa tradição de caricatura de humor, os estudos e publicações de Herman Lima são preciosas fontes para estudos os mais variados.

A cronista o conheceu Herman na Livraria José Olympio. Até há uma história familiar. Quando jovem, Herman Lima trabalhou com o avô de Rachel nas obras de Inspetoria contra a seca. Depois, nos anos 40, ela acompanhou a longa pesquisa da História da Caricatura no Brasil. Recorda em crônica de seu centenário que muitas vezes "arrancava risadas" com as piadas e caricaturas publicadas na imprensa.<sup>275</sup>

Faço uma ilação com outra crônica, cujo título é "Rir, rir, rir...". Inicia com a indagação: "De onde se tirou o preconceito de que o chorar é nobre enquanto o rir é vilão?" (*O Cruzeiro*, 10/11/1951, p. 130). Com o "cordão umbilical preso aos românticos", ela afirma que nenhum autor de respeito na jovem literatura brasileira se "atrevera ao *happy-end*", pois há sempre a espera pela desgraça que virá no fim. No entanto, observa que o gênero teatral está se libertando deste preconceito.

---

<sup>275</sup> "Herman Lima – 100 anos" (*O povo*, 10/05/1997, p. 06).

Lembra que até para o “gag” exige-se técnica e talento para fazer. Os dramaturgos brasileiros, que beberam em Plauto, Shakespeare, Lope da Vega, Calderón, Gil Vicente, Molière, “descobriram que o traço para rir não é desdenhar, e que a nobreza humana tanto pode se revelar no riso como na lágrima”. Com esta convicção, cita os nomes de Raimundo Magalhães Júnior, Guilherme de Figueiredo, Henrique Pongetti, Accioly Neto e Siqueira Sampaio. Também em outro comentário elogia o traço de Vão Gogo (Millôr Fernandes) que na época, ainda não tinha publicado livro, pois estava dedicado ao “demônio” do jornalismo. Para a cronista ele era mais que uma promessa, uma certeza para o humorismo brasileiro. Finaliza com uma frase-síntese: “já é tempo que alguém nos ensine um pouco a sorrir”.

### **Estreia de alguns**

Na crônica “O outro caminho”, Rachel de Queiroz elogia o romance de estreia (cujo título é o da crônica) do autor maranhense João Mohana:

Tencionava eu não falar mais em livros aqui na nossa última página. Afinal de contas isto não é seção de crítica literária – e sempre é triste e feio ver-se o sapateiro com aquela ambição de subir para além da sua velha chinela. E ademais, mexer em livros alheios, mesmo para falar bem, sempre traz mais aborrecimentos do que satisfação. A gente nunca fere a nota certa, nunca faz o elogio necessário, acaba sempre desagradando suficientemente. Quando se corre tal risco por dever estrito, vá lá – mas por diletantismo, por intrometimento, – <a que bem>, como dizia minha mestra de francês (*O Cruzeiro*, 27/09/1951, p. 146).

Seguindo a crônica. O romance, ambientado em São Luís e em outras cidades do interior maranhense, chama a atenção pelo conteúdo psicológico do protagonista, um sacerdote que se afasta do convívio humano pelo amor a Deus. No texto, Rachel destaca o drama semelhante vivenciado por uma famosa edificadora da Igreja Católica:

“maravilhosamente tratado pela grande Santa Teresa<sup>276</sup> nas memórias da sua vida; e que é, creio eu, o drama principal de todos os contemplativos de todos os místicos”.

Este livro, escrito de sopro em 27 dias, carrega as marcas autobiográficas, recebeu o prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. João Mohana praticamente foi obrigado a seguir Medicina, embora o seu desejo fosse o sacerdócio. Militante da Ação Católica, tornou-se grande pregador, culminando com o sacerdócio após a morte paterna. No entanto, o conflito médico/padre narrado influenciou vários livros escritos posteriormente.<sup>277</sup>

Rachel de Queiroz atesta o talento do escritor, conforme se pode ler no final da crônica:

Recomendo a todos que se interessam por literatura nacional o livro desse maranhense. Sempre é perigoso predizer o futuro de um autor pela sua estreia: nunca se sabe se ele tem dentro de si apenas aquela história para contar, ou se, pelo contrário, o primeiro livro é o início de uma obra importante e sempre em ascensão. De qualquer maneira um romance único basta para fazer um romancista e parece-me que, com este romance, já conseguiu o autor um lugar seguro na literatura nacional.

Em “Assunção” (*O Cruzeiro*, 27/03/1954, p. 98) a cronista menciona o romance de estreia do seu colega jornalista Antônio Callado: *Assunção de Salviano*, de 1954. O livro conta “a revolução de alma operada num homem que se propõe determinada empresa para escarnecer de Deus, e no meio do caminho se apaixona por esse Deus, passando a amá-lo”. Rachel filia o romance de Callado na tradição de mestres internacionais como William Faulkner. Dentre os vários aspectos comentados, a cronista chama a atenção para o estilo cinematográfico da narrativa, um verdadeiro roteiro para um filme, cujo estilo é uma “reprodução fonética das deformações de linguagem em que incide comumente o sertanejo de poucas ou nenhuma letras”. Ela

---

<sup>276</sup> Rachel publicou a tradução *Teresa de Jesus* (1946) a partir da obra original de José Baeza, pela Editora José Olympio.

<sup>277</sup> Nascido em 1925, João Mohana é autor de inúmeros títulos além de romances, teatro e notadamente na área espiritual. Fundou o movimento Juventude Universitária Autêntica Cristã (JUAC), com o objetivo de formar líderes. Traduzido em vários idiomas, ele também é autor de CD, Discos, Cassetes Cf. página oficial do escritor. Disponível em: <http://users.elo.com.br/~joaomohana/>. Acesso em: 19 jul. 2010.

considera que a reprodução da linguagem falada na escrita é arbitrária, ou pura convenção, e cada província tem a sua maneira de “deformar os vocábulos”.

### **As palavras e as coisas**

Com a geração de 30, os pressupostos modernistas se consolidaram. A literatura passou a apresentar uma visão renovada e crítica da realidade brasileira. Como marca desta visão artística a linguagem buscava valorizar os falares, a coloquialidade do povo. Em “Vocabulário e Ortografia”, vejo uma afetuosa homenagem a Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (contista, cronista, crítico, ensaísta, tradutor, filólogo e lexicógrafo), um dos grandes nomes da cultura brasileira do século XX. Alagoano, ele não somente circulou os parceiros do grupo de escritores nordestinos – Rachel e Aurélio Buarque - conviveram em Maceió – mas também influenciou muitas gerações de literatos ou estudiosos da língua.

foi mestre Aurélio quem deu unidade, caráter e relativa uniformidade à nossa linguagem-grupo, quem deu foros de cidade aos brasileirismos que nós introduzimos na língua literária, quem deu “personalidade jurídica” à nossa sintaxe meio bárbara. Ele que, revendo com paciência, carinho e compreensão os nossos livros, estabelece os limites do tolerável e do impossível; ele que nos festeja os “achados”, que nos autoriza certos atrevimentos. Porque antes de ser gramático, Aurélio é escritor – de raça, de bom-gosto, de muitíssimo talento (*O Cruzeiro*, 26/09/1953, p. 98).

Conforme bibliografia da Academia Brasileira de Letras,<sup>278</sup> “a preocupação pela Língua Portuguesa, a paixão pelas palavras levou-o à imensa tarefa de elaborar o próprio dicionário, e esse trabalho lexicográfico ocupou-o durante muitos anos. Organizou o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa e foi convidado para participar do I

---

<sup>278</sup> Consultar página sobre o autor acadêmico. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=296&sid=>. Acesso em: 20 jul. 2010.

Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em 1945. Exerceu também o magistério, atividade como contista, tradutor ao lado da lexicografia. Considerado um “Mestre” ou um verdadeiro colaborador nas obras de seus amigos escritores.<sup>279</sup>

Nos anos 40, Aurélio Buarque iniciou a atividade de dicionarista que o absorveria por toda a sua vida. Na década seguinte, a convite do poeta Manuel Bandeira, ele auxiliou na redação do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* da Civilização Brasileira. Outros nomes como contribuintes foram os de Joaquim Campelo Marques e Marina Baird Ferreira (esposa de Aurélio).

Nos anos seguintes, as pesquisadoras Margarida dos Anjos, Stella Rodrigo, Otávio Moutinho e Elza Tavares Ferreira fizeram parte da equipe Aurélio. Após muita peleja com várias editoras, em 1975 foi publicado com grande sucesso o “Aurélio”; também uma versão mini, em 1977. Amante das palavras, recorda sua esposa que ele era capaz de citar um trecho lido uma única vez. Não gostava de palavras híbridas e só acrescentava estrangeirismo quando muito necessário. Após a sua morte, em 1989, a dupla Margarida dos Anjos e Marina Baird Ferreira coordenaria as edições seguintes.<sup>280</sup>

Interessante observar a presença das mulheres como pesquisadoras.

Em outra ocasião, Rachel volta à mesma temática. Em “Vocabulário” busca explicar sobre as conquistas do movimento modernista e o “desserviço” – que a liberdade de criação de escritor foi

<sup>279</sup> Cf. também no *site* da ABL as suas obras: *Dois mundos*, contos (1942); *Linguagem e estilo de Eça de Queirós* – Livro do centenário de Eça de Queirós (1945); *Mar de histórias* (Antologia do conto mundial), em colaboração com Paulo Rónai, v. I (1945); v. II (1951); v. III (1958); v. IV (1963); v. V (1981); *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto. Edição crítica, com amplo estudo sobre a linguagem e o estilo do autor (1949); O romance brasileiro (de 1752 a 1930); *Roteiro literário do Brasil e de Portugal* (Antologia da Língua Portuguesa), em colaboração com Álvaro Lins (1956); *Território lírico*, ensaios (1958); *Enriqueça o seu vocabulário*, filologia (1958); *Vocabulário ortográfico brasileiro* (1969); *O chapéu de meu pai*, edição revista e reduzida de *Dois mundos* (1974); *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (1975); *Minidicionário da Língua Portuguesa* (1977).

<sup>280</sup> Ver interessante artigo sobre os bastidores dos dicionários mais famosos em *Houaiss vs. Aurélio*.

Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al050920015.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2010. Neste artigo encontra-se esta informação curiosa. Curiosidade. O dicionário ‘Houaiss’, que levou 15 anos para ser concluído e exigiu o trabalho de cerca de 150 especialistas, oferece 228 mil verbetes, contra 160 mil do ‘Aurélio’. Busca abranger toda a Língua Portuguesa, não apenas a que se fala no Brasil, mas em todos os países lusófonos – Portugal e as antigas colônias da África e da Ásia. Na equipe de especialistas, participaram professores de todos esses países. Fonte: Observatório da Imprensa. Marcas de outros tempos.

confundida com o desconhecimento das regras gramaticais. O objetivo é comentar o lançamento do livro *Enriqueça o seu vocabulário*, de Aurélio Buarque de Hollanda. O livro é resultante de colaboração, desde 1950, para a revista *Seleções do Reader's Digest*. Apaixonado pelas palavras e preocupado com a Língua Portuguesa, durante muitos anos Aurélio Buarque dedicou-se à imensa tarefa de elaborar o seu próprio dicionário. Outro ponto em torno do fazer literário, tratado na crônica, é a questão da linguagem:

De 1922 para cá começamos a produzir escritores que se dispensavam de ao menos escrever corretamente a sua língua; o estilo deixou de merecer interesse; a forma literária ideal, para os jovens ficcionistas, era o estilo-reportagem. E em livros e suplementos dominicais o que mais se encontrava era uma prosa frouxa, descuidada, solecismos primários de braços dados com cacófatos de arranhar o ouvido. Prosa a que era necessária muita graça instintiva, muito dom nativo de escritor, para lhe obscurecer as gritantes deficiências de técnica.

Digo isso tudo batendo no peito; que eu também, com humildade o confesso, sou parte dessa safra improvisada, e sempre me senti carecida de uma intimidade maior com os segredos do idioma para poder exercer com maior autoridade o ofício de escriba público. Volta e meia um leitor mais pechoso me manda uma carta – olhe tal regência que estava errada, ou esse barbarismo desnecessário, ou essa redundância, ou esse infinitivo que brada aos céus! Ai de mim, e em noventa e nove vezes em cem, o leitor tem razão de sobra nas suas críticas (*O Cruzeiro*, 07/03/1959, p. 114).

O tom de humildade diante da crítica dos leitores ou a confissão de que é também carente de mais conhecimentos está presente. Muitos escritores representavam uma reação contra os “apitadores de pronomes”, os “caturras”, os “guarda-noturnos literários” que se mascaravam de críticos. Lembra que muitos críticos construía sua reputação de “argutos” e “sabedores” na base do “esmiuçamento” de pronomes mal colocados nos escritos dos outros – assim como quem “cata gorgulho no arroz”. Para a cronista, Aurélio Buarque é um

exponente da nova geração de filólogos; assim como o alquimista e o químico moderno, diferencia-se o catador de pronome do verdadeiro crítico literário.

Sua primeira qualidade é uma compreensão ampla e harmoniosa do espírito da língua, da sua flexibilidade e dos seus tesouros escondidos. O conhecimento da gramática é para ele um enriquecimento, não uma limitação. Reconhecendo as transformações sofridas pela língua portuguesa no Brasil, e o fecundo desdobramento que lhe trouxe sua aclimação aqui, foge, entretanto, a quaisquer exageros de xenofobia que levam certos gramáticos tupiniquins a presumir até mesmo a existência de uma suposta ‘língua brasileira’ (...) em matéria de disciplina, jamais esquece que a língua pertence realmente a quem a usa e não a quem lhe dita regras. Em matéria de bom gosto (setor onde sempre falecem os gramáticos) (Idem).

Encerra o texto dirigindo-se aos leitores: “o alfaiate não trabalha sem pano, o seleiro não trabalha sem sola. Vocês todos, que cuidam de escrever, lembrem-se disso: escritor, sem vocabulário, também não escreve”. A contribuição do lexicólogo representa o amadurecimento das pretensões modernistas apregoadas desde os anos vinte como a valorização da língua falada no país.

Por seu amplo repertório cultural, Aurélio, juntamente com Décio de Almeida Prado, tornou-se um dos leitores e consultores do livro de Antonio Candido. *Formação da Literatura*, redigido entre 1945 e 1951. Mesmo sendo avaliado positivamente, permaneceu alguns anos guardado e lançado em 1957, sendo um marco na literatura brasileira.

Em “Mar de histórias”, título de uma coletânea organizada por ele e Paulo Rónai, Rachel, mais uma vez, tece elogios ao estudioso da Língua Portuguesa:

(...) Já é mais que tempo que o confessemos, nós os amigos e beneficiários da cultura, do talento e da amizade de Mestre Aurélio: nenhum de nós (e eu me situo enfaticamente nesse “nós”) publica um livro com a segurança, se ele não passou antes crivo da censura de Mestre Aurélio. Esse filólogo que nunca permitiu a uma filologuice lhe perturbar o

bom-gosto, esse criador literário que abre mão de qualquer sentimento de competição e mergulha na obra dos outros com um interesse, um amor que só o autor poderia ter: esse Aurélio é realmente um fenômeno de altruísmo intelectual, provavelmente desconhecido no resto do mundo. Porque é fácil encontrar o erudito que, sendo ele próprio destituído de capacidade de invenção, se dedica à obra alheia, tentando assim, vicariamente, compartilhar dos tormentos e alegrias da criação artística. Mas Aurélio, que é escritor, grande escritor de seu direito, não se pode comparar a nenhuma solteirona ou casada estéril que cuida os filhos alheios porque não os tem seus. Ele, que pode ter e tem prole mais bela que a nossa não se dói de olhar pelos nossos mesquinhos filhotes, corrigindo-lhes tanto quanto possível os desmandos de paus de arara rústicos soltos na cidade das letras (*O Cruzeiro*, 25/10/1958, p. 162).

Essa antologia, *Mar de histórias*, iniciada em 1945, consta de cinco volumes de contos da literatura universal.

### **Feitor de livros**

Roger Chartier<sup>281</sup> afirma que “os autores não escrevem livros. Os livros não absolutamente escritos. Eles são fabricados por copista e outros artífices, por operários e outros técnicos, por prensas por máquinas.” O relacionamento de Rachel com José Olympio Pereira Filho, o editor José Olympio, o José, o J. O., merece um estudo à parte devido à sua importância para o mercado editorial, bem como para a historiografia da literatura brasileira.<sup>282</sup>

Esta história de amor com os livros de J.O. se inicia com o primeiro emprego – desempacotador de livros, movimento de renovação econômica e cultural promovido pela ascensão de Getúlio Vargas ao

---

<sup>281</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores, bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Traduzido por Mary Del Priore. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999, p.16.

<sup>282</sup> O romance *O senhor do mundo*, da série *Tragédia Burguesa*, de Octavio Farias. O primeiro livro publicado em 1931, pela Editora, segundo Rachel de Queiroz, foi “um obscuro compêndio de psicanálise”.

poder.<sup>283</sup> Atuante no mercado desde 1931, a editora José Olympio participa da história editorial brasileira em muitas fases. Em seu catálogo constam muitos, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Cícero Dias, Tomás Santa Rosa, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Vinicius de Moraes, Mário de Andrade, João Guimarães.<sup>284</sup>

Constata-se que detinha, “graças à sua fina sensibilidade para identificar talentos”, a capacidade de aglutinar gente: escritores, jornalistas e intelectuais. A editora assim funcionava como vivo ponto de encontro, uma espécie de um salão literário permanente. A livraria – a “Casa”- era, por exemplo, um dos “polos de mobilização dos intelectuais pela liberdade” de Graciliano Ramos, preso por mais de ano. Era o espaço de enredo de muitas crônicas de escritores pela Casa editados.

A vida dos escritores e jornalista girava em torno das redações, das editoras e dos salões.<sup>285</sup> Sobre este último, o mais famoso foi o de Aníbal Machado Pontos de encontro para os colaboradores, jornalistas e escritores. Na Casa, José Lins do Rego e Graciliano Ramos marcavam ponto diariamente, com direito a espaço reservado nos fundos da livraria, em que havia bancos de madeira que eram disputados pelos habitues e nos quais Graciliano Ramos tinha o seu lugar reservado.<sup>286</sup>

Em *Tantos anos* Rachel rememora o começo desta intensa amizade:

recebi uma proposta de um então modesto editor que ocupava, na época, duas ou três pequenas salas num edifício da praça XV: a firma usava o nome de José Olympio Editor. Aceitei a proposta e daí por diante nasceu uma associação que durou cinquenta e sete anos entre mim e José (...) Dentro de alguns anos, já não éramos simples editor e editada, mas amigos fraternos, posso

---

<sup>283</sup> Ver PAIXÃO, Fernando. *José Olympio: um editor de risco*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142008000300024&script=sci\\_](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142008000300024&script=sci_). Acesso em: 18 jul. 2010.

<sup>284</sup> Cito, para maiores detalhes da história, o amplo estudo de HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. Traduzido por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

<sup>285</sup> As informações neste tópico foram extraídas do capítulo “Cena cultural”, de NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outra páginas*. São Paulo: SENAC, 2006, p. 129-130.

<sup>286</sup> SOARES, Lucila Soares. *Rua do Ouvidor 110: uma História da Livraria ‘José Olympio’*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

dizer irmão. (...) A Casa, como a chamávamos, chegou a ser a mais cobiçada editora do país: ela que lançou primeiro a mim e depois a onda toda dos nordestinos. Mas foi a loja, a Livraria José Olympio propriamente dita, situada à rua do Ouvidor 110 (no tempo, coração do Rio) que se tornou o *point* preferido dos intelectuais mais famosos, dos já estabelecidos e dos emergentes. Quem queria ser visto e quem queria nos ver ia às tardes à José Olympio (...) De autora da casa eu era especialmente “amiga da Casa”.<sup>287</sup>

Esclarecendo: Rachel foi uma das primeiras escritoras a ser editada do grupo dos autores nordestinos, que tiveram “A Casa” como editora oficial. Desta longa convivência e amizade com a família Olympio ela, além de ser publicada e tradutora das mais profícuas, exercia a função de selecionadora, ou de “censora da Livraria José Olympio Editora”.<sup>288</sup> Dito de outro modo, uma espécie de conselheira das publicações.

Na ocasião do lançamento do livro número 2000 da Editora José Olympio, a cronista escreve o texto “Natal de Livros”. Nesta crônica, é com espanto que, ao andar pelas ruas do Rio de Janeiro, ela pensa no grande crescimento do movimento editorial e na matéria-prima dessa indústria:

esse imponderável que sai de dentro das nossas cabeças. Aliás, sempre sinto espanto e muita humildade quando vejo essa indústria, essas máquinas – a seção das máquinas daqui de O CRUZEIRO, por exemplo, que até parece uma catedral, de tão imponente – e tudo se movimentar e viver para imprimir as bobagens que a gente escreve! (*O Cruzeiro*, 14/12/1957, p. 146).

Observa-se que o sucesso da Editora viabilizou a “profissionalização” de muitos escritores. Ela trilhou o caminho do “autodidatismo”. Optou por não frequentar nenhum curso superior. Primou pela liberdade e independência profissionais. Se a grande maioria dos escritores tinha um emprego no serviço público para

<sup>287</sup> QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 185-186.

<sup>288</sup> Cf. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 261.

garantir uma renda, ela, mesmo dispondo de rede de pessoas influentes, manteve sua autonomia política e profissional. Evidentemente o fato de não ter filhos e ter casado com um médico facilitou um pouco essa escolha; também pôde configurar o empenho de viver de sua pena, com “patrões” amigos e zelosos pela liberdade de expressão da cronista, romancista e tradutora.<sup>289</sup>

A amizade entre a escritora Rachel de Queiroz e o editor perdurou por toda a vida. Em algumas ocasiões, ela se reporta ao seu nome como sendo um irmão. Discutiam política, guerra, livros, assuntos mais pessoais. Em estudo sobre a correspondência entre editor e editada, observa Márcia Silva o “pacto de lealdade”, “tramas afetivas” e “laços de sociabilidade”<sup>290</sup> entre os dois. Rachel de Queiroz permaneceu na Casa por mais de cinquenta anos sem nenhum acordo formal, somente na base da amizade. O editor não interferia nos escritos, respeitava o pensamento dos artistas. O selo da editora era democrático. Publicava dos discursos de Getúlio às memórias de Graciliano. Mesmo quando as grandes estrelas saíram devido à decadência/problemas de gestão e da concorrência, Rachel permaneceu fiel. Somente em 1987 é que a Editora formalizou, com testemunha, as cláusulas desta longa relação. Quando Rachel completou oitenta anos, em 1990, a editora preparou uma coletânea, com ilustração e depoimento de amigos escritores. Alguns anos depois, a escritora recebeu uma proposta valiosa e passou a ser editada pela Siciliano, todavia, o desejo de voltar a “Casa” permaneceu. Em 2002, sob a gestão do Grupo Record, que comprara a José Olympio em 2001, Rachel estava de volta para a “Casa”. Atualmente toda a sua obra está reeditada, sendo lida pelas novas gerações.

Podemos, conforme as palavras de Fernando Paixão, entender a grandiosidade do editor:

---

<sup>289</sup> Lembro aqui, a partir da pesquisa de Aparecida Nunes (2006), que a iniciação literária de Clarice Lispector está ligada à Editora José Olympio. Morando em Recife, Clarice envia uma coletânea de contos para um concurso promovido pela Editora. Após o resultado final, procura os seus originais e fica sabendo que não participara do concurso, pois a sua correspondência fora extraviada. A mesma Editora José Olympio, nos anos 40, recusou publicar *Perto do coração selvagem*. Este livro de estreia de Clarice Lispector foi lançado por uma empresa que não cobrou nada da jovem escritora, mas também ela não recebeu nada pela publicação dos mil exemplares, que se tornou o seu primeiro grande sucesso.

<sup>290</sup> Conforme estudo: SILVA, Márcia Cabral. Correspondência de Rachel de Queiroz com José Olympio. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Disponível em: [www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf](http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf). Acesso em: 17 fev. 2008.

José Olympio deixou-nos a mostra de que não existe boa literatura sem o estímulo de condições objetivas e subjetivas para que os escritores possam desenvolver a criação. Por isso mesmo, pode ser considerado o nosso "Gallimard", pois, tal como o editor francês, foi capaz de cercar-se de autores talentosos e de uma equipe de ótimos profissionais. Ganhou com isso o campo literário brasileiro, que passou a ter uma referência de qualidade, com influências diretas sobre o mercado editorial que se seguiu ao apogeu da editora. Quanto melhor pudermos compreender esse exemplo do passado, melhor saberemos como atuar no presente.<sup>291</sup>

. No século XIX ocorreu a profissionalização do livro pelas obras de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis, que alimentavam o mercado. Marisa Lajolo diz:

Foi, assim, primeiro pelas mãos de Laemert e Garnier, depois pelas de Alves, que a imprensa no Brasil abandonou o regaço estatal e saiu para as ruas, à procura do lucro que vinha sob a forma de compradores. Lucros parcos, verdade, talvez na mesma proporção dos leitores. De qualquer forma, nesta altura, lucros e leitores atestam o considerável avanço ocorrido no contexto de nossa cultura letrada.<sup>292</sup>

Repito mais uma vez. No século XX, a importância de José Olympio para a cultura brasileira pode ser medida pelos autores editados: Manuel Bandeira, Fernando Sabino, Orígenes Lessa, Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Euclides da Cunha, e Monteiro Lobato, Graciliano Ramos e tantos outros. É uma história de muitas tramas, e páginas e brochuras.

---

<sup>291</sup> PAIXÃO, Fernando. *José Olympio: um editor de risco*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142008000300024&script=sci\\_a](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142008000300024&script=sci_a). Acesso em: 22 jul. 2010.

<sup>292</sup> Cf. LAJOLO, Marisa. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

### **Nova história, nova mentalidade**

Em “Sobrados e Mucambos”, o assunto é a publicação da segunda edição do livro de Gilberto Freyre, um colaborador da revista *O Cruzeiro*. A cronista, primeiramente, pede uma saudação ao editor José Olympio e ao seu “amor autêntico pelo livro nacional”. Comenta também o interesse do editor pela pessoa do escritor, e por sua obra, “um carinho especial por esta nossa caprichosa, difícil, instável e vaidosa raça de trabalhadores da pena, à qual nem o tempo, nem as decepções inevitáveis conseguiram cansar”.

A reedição é uma ampliação com cinco novos capítulos e ilustrações. Mais uma vez ela se desculpa pelas limitações da página e da cronista em não poder escrever uma crítica à obra de Gilberto Freyre e, assim, se dispõe a dar “indicação de leitura ao meu leitor”. Para ela, o livro do pernambucano atrai pelo “sopro poético, pela evocação lírica de um passado que, embora próximo, andava de todo perdido para nós”. Figuras do passado emergem como “fantasmas materializados” e passam deixando uma “sensação real de presença, um toque de mão com anel de diamante bruto, um roçar de saia engomada, um cheiro forte de tempero da índia, uma cantilena de bendito, um estalar de relho em couro negro”. Enfim, é o olho da artista que está presente na leitura compartilhada e sem intenção de ter uma visão sociológica ou antropológica do livro. Encerra a crônica:

Não tivesse Gilberto Freyre a sua autoridade indiscutível de mestre da ciência social, os seus livros não precisariam dela para sobreviver. Onde não fosse o sociólogo, ficaria sempre o cronista; onde não estivesse a obra científica, estaria a pura obra literária: uma riqueza de “presença”, um poder de renovar vida, de recompor vida; que nós os outros, que somos ou imaginamos que somos criadores, estamos em geral muito longe de atingir (*O Cruzeiro*, 01/09/1951, p. 114).

Gilberto Freyre foi cientista político, escritor, pintor, desenhista, pesquisador, poeta. Realizou estudos fundamentais para o entendimento da cultura brasileira, como *Casa grande & senzala*, publicado em 1933. Foi intelectual que liderou a demolição do racismo biologizante que dominava nossas universidades. Em 1934, ele organiza, em Recife, o 1º

Congresso de Estudos Afro-Brasileiros. “Recusou empregos e convites, como o do Presidente Castelo Branco para ser Ministro da Educação e Cultura, viveu em casas de amigos e pensões baratas, até que o sucesso do livro lhe devolveu a carreira de professor” e Rachel acrescenta: “reuniu em obras seus artigos de jornais e conferências (...) Escreveu inúmeros guias, perfis de escritores brasileiros e estrangeiros, dezenas de livros sobre sociologia, ciências políticas, antropologia e semi-novelas. A grande maioria de suas obras foi traduzida para outros idiomas”.<sup>293</sup>

*Sobrados e Mucambos* é ensaio sobre o declínio do patriarcado rural do século XIX no Brasil. Para Peter Burke a escolha do gênero “ensaio” “era um meio de distanciá-lo dos historiadores profissionais e afirmar sua identidade como um homem de letras. Era um modo de justificar sua escolha de tópicos aparentemente triviais como a história do mobiliário e da comida, bem como sua decisão de expressar suas opiniões pessoais em estudos sobre seu amado Pernambuco em vez de fingir ser objetivo. Era também um meio de chamar a atenção para aquilo que, com uma característica metáfora visual, Freyre gostava de chamar seu “impressionismo”, seu foco em vivos detalhes concretos da vida cotidiana.”<sup>294</sup>

### **Entre versos e reversos**

Na crônica “Poesia”, Rachel revela a sua esquivança para comentar as obras poéticas.

Creio que é a primeira vez, nesta última página, em que se fala de um livro de poesia. E será decerto a derradeira também, porque o assunto é muito alto e muito difícil, muito profundo, muito de carne a dentro para ser levemente comentado por criatura que dele entende tão pouco; que esta aqui, para poesia, é como ajudante de mágico em sessão de magnetismo. Sou “sujeito” dos mais dóceis, caio

---

<sup>293</sup> Cf. Citações retiradas da exposição do Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: [http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/GilbertoFreyre/sobre\\_a\\_exposicao](http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/GilbertoFreyre/sobre_a_exposicao). Acesso em: 2 fev. 2008.

<sup>294</sup> BURKE, Peter. Um ensaio sobre ensaios. Disponível em: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/ensaio>. Acesso em 05 fev. 2008.

logo em transe, e então como é que posso fazer uma crítica ao trabalho do homem, se estou sob o poder dele, sugestionada, hipnotizada (*O Cruzeiro*, 16/02/1952, p. 130).

Apreciadora da poesia, Rachel de Queiroz começa o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras com um dado autobiográfico: uma “intoxicação poética” pelos versos de Raimundo Correia, patrono e fundador da sua cadeira. Recorda que nas noites enluaradas costumava recitar “Plenilúnio” com todo o encantamento. Os versos parnasianos foram paixão somente abandonada pela poesia de Manuel Bandeira, a quem ela dedica o romance *Três Marias*. Posteriormente, em *Estrela da tarde*, de 1963,<sup>295</sup> o poeta oferece uma “Louvação a Rachel de Queiroz”,<sup>296</sup> bastante reproduzida.

Torno a lembrar que ao iniciar a sua carreira literária, em 1927, a adolescente Rachel também publica os seus versos. Como já foi dito, até preparou um livro – que se chamaria “Mandacaru” – com poemas publicados e outros novos. A insegurança foi tamanha que o livro foi guardado até mesmo com sumário. No prefácio de *Serenata* (2010), Ana Miranda<sup>297</sup> afirma que “ao contrário de tantas moças e rapazes sensíveis, que se apagam nos cadernos, mofam nas gavetas, as poesias de Rachel foram publicadas em jornais e revistas no fim dos anos 1920, cujas redações ela frequentava já como profissional, embora tão nova. Miranda diz ainda que “os temas poéticos de Rachel são a sua própria vida, aquilo que a sensibilizava ou inquietava: a música, o livro, a casa,

---

<sup>295</sup> Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo./Louvo Rachel, minha amiga, nata e flor do nosso povo./Ninguém tão Brasil quanto ela, pois que, com ser do Ceará,/em de todos os Estados do Rio Grande ao Pará./ Tão Brasil, quero dizer Brasil de toda maneira/– brasílica, brasileira, brasileira./Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo./Louvo Rachel e, louvada uma vez, louvo-a de novo./Louvo a sua inteligência e louvo o seu coração./ Qual maior? Sinceramente, meus amigos, não sei não./Louvo os seus olhos bonitos, louvo a sua simpatia./Louvo a sua voz nortista, louvo o seu amor de tia./Louvo o Padre, louvo o Filho, o Espírito Santo louvo/Louvo Rachel, duas vezes, louvada, e louvo-a de novo./Louvo o seu romance: O Quinze e os outros três;/louvo As três Marias especialmente, mais minhas que de vocês./Louvo a cronista gostosa./Louvo o seu teatro: Lampião e a nossa Beata Maria./Mas chega de louvação, porque por mais que louvemos,/nunca a louvaremos bem./Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

<sup>296</sup> O poema consta no livro de Rachel *100 crônicas escolhidas*, de 1958. Há também uma dedicatória do poeta: “À grande e cara Rachel/Mando este livro, no qual/Ruim é parte do Manuel./Ótima a do João Cabral. Cf. BANDEIRA, Manuel. Op. cit., p. 409.

<sup>297</sup> *Serenata*. Prefácio de Ana Miranda. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.

o quintal, o povo simples, a hospitalidade cearense, o amor à terra, os animais, a religiosidade”.<sup>298</sup>

A exceção é concedida para celebrar o lançamento de *Poesia Perdida*, livro do primo Américo Facó. A cronista defende as críticas com muita argúcia:

Disse alguém, falando nesse livro, que ele parece poesia de outro século. E daí? Pois disse muito bem. Por que meu primo não poderia nascer no século que ele entende? Feliz dele se tem o dom raro de se mover na quarta dimensão. Sinal definitivo de que é poeta mesmo, já que o direito de desconhecer eras, e datas, e obrigações temporais é um privilégio dos poetas. E habilidade de criar a ilusão do “outro espaço” é a derradeira pedra de toque da sua vocação (Idem).

Na crônica “O Caminho de Pasárgada”, há uma declaração de amor ao poeta Manuel Bandeira: “Faz medo escrever confissões e faz medo lê-las. Quem se confessa equilibra-se a dois dedos da omissão ou do excesso e quem lê confissões é sempre inquieto que abre o livro perigoso, sem saber se o seu ídolo vai sair da prova mais ídolo – ou mostrando pé de barro, perna de barro, cintura de barro e até cabeça de barro (*O Cruzeiro*, 26/06/1954, p. 98).

Ídolo de uma geração de escritores, Manuel Bandeira é “homem que beija pouco, fala menos ainda, mas inventa palavras”. Ele é o ídolo: “daquelas confissões cuidadosas (onde ele se revela um milhão de vezes menos do que nos poemas) sai intacto”. Se não há nada de novo no itinerário, como os assuntos recorrentes, por exemplo: Recife, Curvelo, doença e amigos, o que há, segundo a cronista “são as confissões que poderemos chamar de profissionais, os mistérios do técnico, agora devidamente registrados”; porém há o lugar do santuário para confissões não aludidas, como das mulheres amadas, das tristezas, das saudades, dos sonhos... tudo isso fica em silêncio.

---

<sup>298</sup> A contribuição das mulheres para a poesia pode ser vista no livro de SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. Ensaio histórico-literário seguido de uma breve antologia. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959; e no excelente resgate de FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Em busca de Thargélia*. Poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo Oitocentismo (1870-1920). v. 1 e 2. Recife: FUNDARPE, 1991 e 1996.

Lançado em 1954, o *Itinerário* é uma importante autobiografia poética bem como da vida literária do século XX. Segundo Arrigucci (1987), é considerado um livro “difícil de classificar, onde os elementos autobiográficos e confessionais se misturam à reflexão sobre poética e ao comentário crítico, numa mesma prosa limpa e enxuta”.

Arrigucci acrescenta ainda que

nessas páginas feitas com intenção de *secura* por um homem ilustre e pudico, de vez em quando se infiltra o suspiro em parte do poeta que lhe espia por cima do ombro. E a austera narrativa do homem pudico que só pretendia falar de versos e datas, e trata as suas intimidades com a distância e o respeito de um estranho, fica de vez em quando minada e controvertida pelo poeta indiscreto e espião (Idem).

Neste livro, Manuel Bandeira recorda que após publicar *As cinzas das horas*, abateu-lhe um sentimento de “inutilidade”. Sentimentos que só foram se dissipando quando passou a ter a consciência da “ação” dos seus versos sobre os seus amigos e principalmente desconhecidos leitores.

Uma tarde voltei para casa seriamente impressionado de ter ouvido, na Livraria José Olympio, Rachel de Queiroz me dizer:

Você não sabe o que a sua poesia representa para nós.

Foi na força de testemunho como esse, às vezes de gente quase alheia à literatura, que principiei a aceitar sem amargura o meu destino. Hoje me sinto em paz com ele e pronto para o que der e vier.<sup>299</sup>

Lembro aqui outra aproximação entre os dois escritores. Em 1956, Bandeira escreve uma crônica para comentar uma resposta de Rachel a um questionário sobre a figura histórica com a qual mais antipatizava. Ela responde que era Maria Stuart, a quem o poeta tinha muita estima ou “um fraco”. Na verdade, comenta que talvez Rachel

---

<sup>299</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999, p. 101.

desconheça a historiografia recente que inocentava Stuart.<sup>300</sup> A sua crônica procura demonstrar que Rachel estava equivocada, pois considera muito mais antipática realmente Rainha Elisabeth, a querida de Rachel, uma das inspirações dela para elaboração do seu romance *Memorial de Maria Moura*, publicado em 1992.<sup>301</sup>

Na crônica “Livros”, Rachel compartilha com o público lançamentos de *Poesias*, de Bandeira, *Fazendeiro do ar*, de Drummond e *Resumo*, de Antônio Olinto. Revela-se novamente uma escritora incapaz de comentar as “coisas grandes”, como é a poesia: “que palavras gordas ou magras, de rasa prosa, podem exprimir a estranha e grave emoção, o transporte, a perturbação, o quase caos que são o fruto da poesia?”. Indaga no texto:

Três dias depois abri a máquina, enfiei papel, bati ousadamente título, tão simples, tão belo – “Poesia” – e me dispus ao comentário. Mas que palavras, Senhor, que palavras gordas ou magras, de rasa prosa, desta minha rasa prosa, podem exprimir a estranha e grave emoção, o transporte, a perturbação, o quase caos que são o fruto da poesia?

Perdão, portanto, poetas. De mim não teréis aplausos articulados. De mim, só o bater no peito, a reverência, o admirado suspiro. O mais que esta alma ousa é ler, reler, balbuciar. E algumas vezes decorar, para repetir sozinha (*O Cruzeiro*, 19/03/1955, p. 98).

Conforme o seu modo de escrever em tópicos, na parte seguinte, a cronista menciona que o ano de 1955 foi rico em livros. Cita algumas produções: Thiers Martins Moreira (*O menino e o palacete*); Accioly Neto (*A vida não é nossa*). Dos livros ainda não lidos, que estão na fila de espera, cita: Mário Donato (*Madrugada sem Deus*), Viana Moog (*Bandeirantes e Pioneiros*), Cornélio Pena (*A menina morta*), Lúcio Cardoso (*O enfeitado*), Alceu Marinho Rego (*A véspera de Deus*), Cecílio Carneiro (*As memórias de um redivivo*), Rubem Braga (*A borboleta Amarela*). E termina comentando: “Tudo a fina flor, os grandes nomes, as certezas excelentes da literatura nacional. A gente

<sup>300</sup> Bandeira fez a tradução de *Mary Stuart*, de Schiller, em 1955, encenada por Cacilda Becker. BANDEIRA, Manuel. Op. cit., p. 109.

<sup>301</sup> Logo quando chega ao Rio de Janeiro, em 1933, Rachel de Queiroz e o marido moraram por alguns meses na Rua do Curvelo, na mesma residência que Bandeira havia morado. Casa na qual o poeta escreveu as famosas crônicas “Trinca do Curvelo” (Cf. *Tantos anos*, p. 63).

olha o monte de livros sobre a secretária, com segurança e vaidade. Ali só tem marechal”.

Rachel menciona também dois volumes – porém não citados – chegados de Angola, de Oscar Ribas,<sup>302</sup> na época “autor desconhecido” da cronista. Ela não menciona os nomes dos livros, porém a citação já referenda um certo intercâmbio ou do interesse entre os países lusófonos.

Por fim, fecha a crônica em um tom oscilando entre a humildade e a ironia sobre os estudos críticos literários:

sobre todos eles, bem eu queria saber falar. Mas falar de livros não é só uma arte, é uma ciência. Perguntem a quem sabe: pede conhecimentos especializados, cultura, anos de leitura e, acima de tudo, autoridade. Escribas da nossa marca, o mais que podemos é repetir os nomes e bater palmas quando achamos que há lugar para palmas. E esperar o diagnóstico dos doutores, para ver se a nossa preferência acertou ou errou (Idem).

### Traduções e escolhas

Em “O Príncipe Idiota”, Rachel escreve uma crônica, quase propaganda, para o lançamento de *O Idiota*, de Dostoiévski, traduzido por J. Geraldo Vieira e prefaciado por Brito Broca, editado pela José Olympio.

De todos os livros de Dostoiévski será talvez “O Idiota” aquele que se reveste de uma poesia mais profunda; e é principalmente nele que Fiordor Mikailovich mostra, com mais constante intensidade, sem mesmo um instante de desfalecimento, a fé e o amor que dedica à miserável criatura humana, mergulhada que esteja na maior miséria, afundada embora na maior degradação. E é por isso decerto que esse livro doloroso, cuja leitura, da primeira à última página, nos arranca lágrimas dos olhos e nos perturba profundamente o coração, representa um das mais

---

<sup>302</sup> Oscar Ribas (1909-2004). Escritor, poeta, jornalista. Considerado o fundador da ficção moderna em Angola. Obras publicadas na época: *Nuvens que passam* (novela, 1927), *Resgate de uma falta* (novela, 1929), *Flores e espinhos Uanga* (1950), *Ecos da minha terra* (1952). Cf. Biografia. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$oscar-ribas](http://www.infopedia.pt/$oscar-ribas). Acesso em: 17 ago. 2009.

belas obras de arte produzidas por uma mão humana (*O Cruzeiro*, 11/02/1950, p. 98).

A apreciação da cronista gira em torno de uma observação de Brito Broca sobre a inspiração da criação do príncipe, a partir da figura de D. Quixote. Rachel então apresenta alguns elementos para demonstrar como “são tortuosos os caminhos da inspiração”. Em síntese, afirma que D. Quixote “combatia o crime e defendia a virtude” e o Príncipe não “acreditava em que houvesse realmente bons e maus” – finaliza.

Em “Moby Dick, a fera do mar”, a cronista fala de uma paixão.<sup>303</sup> Possivelmente Rachel recebeu o convite para escrever o prefácio e, oportunamente, aproveita para divulgar o lançamento deste livro de Herman Melville. Para estimular a busca pelas proezas do herói Ishmael e de seu parceiro Quequeg, a cronista diz:

O vulto horrendo de Moby Dick nos fica passando para sempre os pesadelos e jamais enfrentamos o mar sem sentir no fundo do coração o desejo e o susto de vê-la emergir de repente das águas, lançando nos ares o seu penacho de vapor azul prateado, como um desafio insolente (*O Cruzeiro*, 04/03/1950, p. 114).

Quando indagada sobre qual o livro que mais marcou a sua vida, Rachel costumeiramente cita entre os preferidos *Moby Dick*. Outras leituras marcantes foram os livros *Vinte mil léguas submarinas* e *Ilha misteriosa*, de Júlio Verne. Leituras de meninice, que falam de um protagonismo masculino, marcada pela aventura, pelas viagens, diferentemente das indicações de leituras para meninas bem comportadas e ingênuas.

Em relação ao lançamento do livro *Moby Dick*, ela lembra que cada leitura da aventura da fera do mar é uma redescoberta, onde procura uma nova perspectiva, ou seja, ler a narrativa com um ponto de vista de um personagem diferente. Neste sentido, o livro fica mais interessante.

---

<sup>303</sup> Essa mesma crônica é publicada como prefácio do livro traduzido por Berenice Castro. Muitas vezes Rachel escrevia uma crônica e a utilizava ou, talvez, o contrário prefaciava e publicava como crônica.

## O poder da tradução

Outra atividade importante para Rachel de Queiroz foi o ofício da tradução. Com um acervo de mais de cem livros traduzidos, ela iniciou esta atividade muito jovem, quando era a responsável pela tradução da correspondência de uma firma de exportação em Fortaleza. Depois, continuou com essa atividade na Editora Atena, em São Paulo, sendo uma das responsáveis pela tradução coletiva das obras de Trotsky. Nos anos 40, já morando no Rio de Janeiro, tornou-se uma das principais tradutoras da Editora José Olympio. Traduziu de Dostoiévski, *Humilhados e Ofendidos* (1944), *Recordações da casa dos mortos* (1945), *Os demônios* (1951) e *Os irmãos Karamazov* (1952).<sup>304</sup> Em entrevista em 1991, sobre este ofício, ela comenta:

As traduções de Dostoiévski é uma das coisas de que mais me orgulho. Eu sou uma Dostoiévskiana fanática. É o meu Deus, o meu ídolo. Se há uma coisa no mundo que eu queria ser é Dostoiévski. As traduções portuguesas que havia eram muito ruins. Então eu e José Neves,

---

<sup>304</sup> Pela José Olympio Editora foram 42 traduções: A. J. Cronin. *A família Brodie* (O castelo do homem sem alma), 1940; Edith Wharton. *Eu soube amar* ("A solteirona"), 1940; Erich Maria Remarque. *Náufragos* ("E assim acaba a noite"), 1942; Jane Austen. *Mansfield Park*, 1942; Samuel Butler. *Destino da carne*, 1942; Phyllis Bottone. *Tempestade d'alma*, 1943; Pearl Buck. *A exilada* (biografia da mãe da autora), 1943; Daphne Du Maurier. *O roteiro das gaivotas*, 1943; Concordia Merrel. *Coração Indeciso* (com Cícero Franklin de Lima), 1943; Dostoiévski. *Humilhados e ofendidos*, 1944; Vicki Baum. Helena Wilfuer, 1944; Leon Tolstói. *Memórias* (infância, adolescência, juventude), 1944; Henry Bellmann. *A intrusa*, 1945; Dostoiévski. *Recordações da casa dos mortos*, 1945; Olive Prouty. Stella Dallas, 1945; Pearl Buck. *A promessa*, 1946; John Galsworthy. *A crônica dos Forsyte* (3 vols.), 1946; *Vida de Santa Teresa de Jesus*, escrita por ela própria (memórias de Santa Teresa), 1946; Elisabeth Gaskell. *Cranford*, 1946; *Memórias de Alexandre Dumas*, pai, 1947; A. J. Cronin. *Atos de ternura*, 1947; Emily Brontë. *O morro dos ventos uivantes*, 1947; M. D'Agon de la Contrie. *Aventuras de Carlota*, 1947; Mario Donal. *O quarto misterioso e Congresso de bonecas*, 1947; Y. Loisel. *A casa dos cravos brancos*, 1947; Honoré de Balzac. *A mulher de trinta anos*, 1948; Forrest Rosaire. *Os dois amores de Grey Manning*, 1948; André Bruyère. *Os Robinsons da montanha*, 1948; Germaine Verdat. *A conquista da torre misteriosa*, 1948; A. J. Cronin. *Aventuras da mala negra* ("Os gerânios tornam a florir"), 1948; Jean Rosmer. *A afilhada do imperador*, 1950; Raphaëlle Willems. *A predileta*, 1950; Suzanne Saily. *A deusa da tribo*, 1950; Dostoiévski. *Os demônios*, 1951; Mary Bard. *O doutor meu marido* ("Confissão da esposa de um médico") (com Maria Luiza de Queiroz), 1952; Dostoiévski. *Os irmãos Karamazov* (3 vols.), 1952; A. J. Cronin. *Os deuses riem* (teatro), 1952; Charles Chaplin. *Minha vida* (caps. 1 a 7), 1965; Anne Fremantle. *Idade da fé* (Biblioteca de História Universal Life), 1970; Agatha Christie. *A mulher diabólica*, 1971; Outras editoras: Verner von Heindstam. *Os carolinos* (crônica de Carlos XII), Rio de Janeiro, Delta, 1966; François Mauriac. *O deserto do amor* (romance), Rio de Janeiro, Delta, 1966; Júlio Verne. *Miguel Strogoff* (romance), Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1972; Théophile Gauthier. *O romance da múmia*, Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1972; Jack London. *O lobo do mar*, Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1972.

que é outro Dostoievskiano, nos propusemos fazer uma tradução. Perguntaram: “Como é que vocês vão traduzir se não sabem russo? Nós arranjamos cinco traduções, as melhores do mundo: a francesa, a espanhola, a inglesa, a italiana e a alemã. Eram traduções consideradas exemplares. A gente lia cada período nas cinco versões. Eu lia em quatro. Não sabia alemão, mas as outras sabia. Quando eu tinha qualquer dúvida telefonava para ele: “Vê aí na alemã se é assim...”. Você não imagina o tempo que levou.<sup>305</sup>

O nome Rachel de Queiroz está presente na história da tradução brasileira.<sup>306</sup> A tradução, direta ou indireta, pode ser considerada como um agente de transformação de um sistema literário. Geralmente as suas traduções eram realizadas a partir da Língua Inglesa, em alguns casos realizando um trabalho de cotejo da obra, quando necessário, em outras línguas: francês, espanhol e italiano. Nas primeiras décadas do século XX, a figura do tradutor era, de certo modo, discreta, isto é, o nome do tradutor aparecia na contra-capla do livro, em letras miúdas. Com o crescimento do mercado editorial, nos anos 60, o tradutor passa a ser uma peça muito importante na indústria do livro. Muitas vezes o nome do tradutor aparece ao lado do autor da obra.<sup>307</sup>

A importância das traduções – chamada por José Paulo Paes de “ponte necessária” – para a cultura brasileira, transforma a atividade da leitura na sociedade. Os livros estrangeiros que chegam ao mercado diversificam, ampliam o número de leitores. Desde os anos 20, quando

---

<sup>305</sup> Cf. entrevista: A imortal Rachel do Sertão. *Entrevista*. Curso de Comunicação Social/UFC, 1993, p. 21.

<sup>306</sup> Ver estudo de Maria Clara C. Oliveira (2007): “a prática tradutória de Rachel de Queiroz, iniciada na década de 30 e findada na década de 70 do século XX, contribuiu para a mudança da língua culta o Brasil. O período mais intenso de sua atividade tradutória aconteceu na década de 40, quando foram publicados 60% dos livros por ela traduzidos, ou seja, 31 livros. Desses 31 livros, 22, cerca de 71%, foram traduzidos a partir da Língua Inglesa, estando entre os seus autores Jane Austen e Emily Brontë”.

<sup>307</sup> Alguns lembretes: O consumo de livros traduzidos chega a quase 80% dos títulos comercializados no mercado. Isso demonstra a importância desta atividade cultural. Atualmente há muitos cursos de graduação e pós-graduação formando profissionais com um aparato, métodos e técnicas para o ofício de tradutor, como a Universidade Federal de Santa Catarina, que possui uma linha de estudos de tradução (especialmente a conexão entre literatura traduzida e literatura nacional), na qual atua Walter Carlos Costa; é uma referência no país.

Monteiro Lobato e Francisco Alves começam a traduzir muitos autores. Nos anos seguintes os dois grandes nomes da tradução foram os de Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira. Ao lado de Vera Pereira (esposa de José Olympio), ela foi responsável por muitos títulos, em sua grande maioria de autoras ou de temáticas que envolviam a condição feminina. Neste sentido, a escolha dos títulos contribuiu para a circulação de autoras como Jane Austen (*Mansfield Park*) e Emily Brontë (*Morro dos ventos uivantes*) e de clássicos como *A mulher de trinta anos*, de Honoré de Balzac. Outra curiosidade é a tradução da obra de Mary Bard - *Doutor o meu marido, confissões da esposa de um médico*. Algumas vezes, a cronista se reporta a sua condição de “esposa de médico” e conversa com público sobre os males do corpo e, de leve, sobre a situação da saúde no país.

É evidente que esta atividade tradutória causou impacto na carreira da escritora e merece ser investigada em estudo mais aprofundado. Enfim, da tradutora para a escritora traduzida; lembro que as suas obras até o presente momento foram traduzidas para o alemão, o francês e o japonês – *O Quinze; João Miguel*, para o francês; *As três Marias*, para o inglês e o alemão; *Dôra, Doralina*, para o francês e o inglês; *Memorial de Maria Moura*, para o francês.

### **Pausa para a morte**

Em “Crônica partida em duas”, de 1954, Rachel fala, na primeira parte de um livro de Eneida de Moares, na segunda, lamenta a morte repentina de Oswald de Andrade.

E agora a tristeza: partiu Oswald, morreu Oswald de Andrade. Estávamos acabando a leitura do seu primeiro volume de memórias, tão estranho, tão marcado, tão oswaldiano, quando no jornal nos aparece o seu retrato, em coluna aberta. É o Oswald triunfante dos bons (...) O momento, agora é apenas de chorar. Chorar o artista, o amigo (...) Oswald que telefonava ruidoso e exuberante (...) que passada a fronteira das suas arruaças de carbonário, tinha pelos amigos uma ternura e um entusiasmo às vezes tão excessivo que encabulava (*O Cruzeiro*, 13/11/1954, p. 114).

Se era para ser uma “espécie de necrológico”, ou explicar a morte ao público, a morte do “homem que marcou o seu lugar na história

literária”, dirige-se para a viúva Antonieta a sua dor. Assim solidariza-se com uma amiga, mulher e viúva; solidariza-se com os seus sentimentos que perpassam esses momentos trágicos da vida humana.

Oswald de Andrade (1890-1954),<sup>308</sup> uma “figura catalizadora” juntamente com Mário de Andrade do modernismo brasileiro. Na fala da cronista o tom é de intimidade, de comoção, de poucas palavras biográficas. O escritor e intelectual Oswald

foi um dos mais vivos e panfletários da nossa literatura, com uma rara capacidade de tornar sugestiva a ideia, pela violência corrosiva das afirmações, o humorismo e o lugar das experiências semânticas e o relevo que a palavra adquire, quando manipulada com o duplo apoio da imagem surpreendente e da sintaxe descarnada. Deste modo, quebrou as barreiras entre poesia e prosa para atingir a uma espécie de fonte comum da linguagem artística. Pode-se dizer que a sua importância histórica de renovador e agitador (no mais alto sentido) foi decisiva para a formação da nossa literatura contemporânea.<sup>309</sup>

Outra partida que foi compartilhada com o público leitor: José Lins do Rego. Em “Saudades do menino de Engenho” em três blocos, ela divide a tristeza da morte trágica do amigo e escritor. Por noventa dias ele enfrentou o drama da doença à força, que não era de seu estilo pessoal para ser dramático, de oscilar entre a vida e a morte. Lembra que o escritor, com alma de menino, tinha pavor de morrer e percorreu com heroísmo esses momentos derradeiros:

Coitadinho de Zé Lins. Tinha nascido para morrer suavemente, lá pelos noventa anos, patriarca literário cercado de netos, atrás de uma montanha de livros escritos todos na sua letra de garranchos; morrer cochilando, sem saber que morria, numa manhã de sol. Era esse o fim que ele merecia e que nós todos lhe esperávamos. Mas ir embora assim, brutalmente, cortado, costurado,

---

<sup>308</sup> STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

<sup>309</sup> CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira. Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 64.

furado de injeções, debaixo de uma tenda de oxigênio, num quarto de hospital, arrancado bruscamente ao seu descuido, à sua alegria ruidosa, em pleno vigor da sua força criadora, quando começava com entusiasmo exuberante o seu novo ofício de avô; morrer dentro dessa apavorante encenação com que a ciência moderna trava a sua luta contra a morte – (e eu fico pensando que morrer, antigamente, era tão mais simples e tão mais digno) – morrer desse jeito, tão cedo e de modo tão cruento – ah, isso sim é que foi uma judiação da sorte, contra isso é que principalmente reclamo. Isso é que nos dói, a todos nós, seus velhos, fraternais amigos, que lhe queríamos tanto e o conhecíamos tão bem (*O Cruzeiro*, 28/09/1957, p. 130).

Escreve a cronista da dificuldade de tratar desse assunto, pois é um homem que merece luto nacional. Em se tratando de um amigo, o assunto fica mais complicado para se abordar na imprensa: “Fica-se procurando ser discreto – e sai tudo tão frio! Ou se tenta dizer singelamente a nossa mágoa e a nossa sensação de perda, mas como o luto é, em si, uma coisa extremamente banalizada pelo lugar-comum e pela sublitteratura, só se consegue, logicamente, escrever lugares comuns e sublitteratura”.

Enterrando, Zé Lins, todos nós, seus velhos companheiros, parece que estamos enterrando com ele quase toda a nossa mocidade. Aquelles anos em que, provincianos furiosamente literários, devorávamos quilômetros de livros por semana e tratávamos Flaubert e Proust e Joyce como assuntos de vida e morte; ou quando, pouco depois, mais provincianos ainda, pegávamos o nosso Ita no Norte e desembarcávamos aqui para tomar o Rio de assalto – mas tão trêmulos, mas tão tímidos dentro da nossa aparente arrogância, com tal reverência pelos mestres, com tanto medo da cidade grande e dos seus ídolos! E agora, que a derrubada já vai tão grande – Graciliano, Jorge de Lima, Santa Rosa, Zé Lins, nós, os que ficamos, nos sentimos muito velhos e muito do passado (Idem).

Segue o texto tratando da confraria da qual fazia parte José Lins. A sua morte representa, segundo Rachel, o enterro de “quase toda a nossa mocidade”. Com ele, já se foram Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Santa Rosa. A cronista fala do sentimento de quem fica e de quem está ficando no passado. E torna a dizer:

(...) a vez de Zé Lins veio errada. Veio errada. Ele era um dos batedores da morte no nosso grupo. Tinha tanto que viver ainda, tanto que fazer. Não trazia amargura naquele coração, nem enjoo da vida, nem tédio de nada. Tanto jogo do Flamengo para assistir, tanta risada que dar, tanta rasteira, apelido que botar! E, mormente, tanta história para contar.! (...) pensar nas palavras que nunca mais seriam escritas, o mundo de gente que ele estava inventando ou recriando e que não conheceu a luz do dia – vida que não chegou a nascer, que ficou dentro da sua cabeça de morto, como filho novato no ventre da mãe defunta (Idem).

Passando dessas emoções mais íntimas, ela encerra com um breve perfil do autor de *Menino do Engenho*: 56 anos, paraibano, da Academia Brasileira de Letras, mais de vinte livros publicados, recebeu quase todos os prêmios, traduzido em muitas línguas. Como estivesse “enrolada” em fazer uma homenagem para o amigo, assim, pede perdão ao público por ter se alongado nas questões subjetivas. Para arrematar, deixa o prognóstico: livros serão dedicados à sua obra e sua pessoa.

O nome de José Lins, parte de vida pessoal da cronista, ocupa uma cultura de destaque na geração de 30. Com uma produção ficcional marcadamente memorialista escreveu, crônicas, ensaios, literatura infantil e romances.

Como um Proust rústico que ouve por toda a vida as vozes longínquas de uma infância perdida, Lins do Rego vai contar-se ao espelho, por um quarto de século, histórias de engenhos de açúcar em decadência, de míticos coronéis onipotentes, de coronéis em declínio, de amas de leite negras, de escravos fugidos, de amores e namoricos entre escravos e senhores, de pianos que soam absurdamente nas noites de engenho, sob os pálidos dedos de uma senhora de casa-

grande. E ainda, cegos que escandem, com o metrônomo do passo e do bastão, o espaço-tempo eu separa um engenho do outro; chaminés de engenho em torno das quais gravita, como ao redor de igreja de povoado, ávida dos homens; e moleques mulatos, brancos, negros, apinhados no pequeno espaço que separa casa-grande e senzala para tentar as primeiras, degradadas experiências sexuais com animais; bandidos, cangaceiros e beatos; e ainda histórias, ou melhor, estórias, narradas pelas velhas ou pelos cegos como aedos míticos que misturam Carlos Magno (Carros) e o último delito da crônica, parábolas edificantes e malícias obscenas.<sup>310</sup>

Em outra crônica ela lamenta a morte de Gastão, cuja ausência causa um mal estar pelo não feito, irrealizado.

E o pior é que a falta não é no simples plano profissional. No plano puro da amizade ela continua constante. Podia se ter visitado naquele dia especial, – e não se visitou. Podia se ter mandado um cartão, uma flor, um presente, – e se esqueceu. Na hora em que relíamos um livro dele – aquela observação ou frase que nos pareceu tão deliciosa e perfeita – que custava pegar no telefone, ainda na flor da sensação recebida – meu caro que palavra linda, como me comoveu, como você escreve bem! – Mas qual, deu preguiça o leve esforço, ficou-se omissos, calado (*O cruzeiro*, 29/08/59, p. 114).

Outra morte comentada é da Gétúlio Vargas em “Sombra e luz”. A sua escrita ao calor da hora e da comoção nacional disserta assim:

O desesperado gesto do Presidente morto foi, acima de tudo, um gesto final, um baixar decisivo de cortina. Pois não sendo ele apenas um chefe de partido político, mas a encarnação mesma de uma corrente política, *ele próprio* o partido (podiam os que o apoiavam usar diversas siglas eleitorais, mas o partido real era um único:

---

<sup>310</sup> Cf. STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 528-529.

“Getúlio”) – com o seu desaparecimento dramático, logicamente a ação política que ele corporificava sozinho, desaparece também (*O Cruzeiro*, 11/09/54, p. 114).

Para a cronista mesmo uma hora dura, sombria, a dramática experiência do getulismo não pode “ficar perdida”. Remetendo ao então presidente Café Filho, diz: “os homens têm que aprender que o governo de um país é tarefa de austeridade e renúncia, de prudência e sacrifício”. E elogia a escolha de alguns nomes para compor o seu governo, com o do “seu amigo pessoal”, Raul Fernandes, para o Ministério do Exterior.

### **Arte, (des)invento**

Na crônica “Corpo de Baile”, Rachel fala da prosa singular de Guimarães Rosa, criador de “uma massa de leitores” do país que o acompanhava desde a publicação de *Sagarana*, em 1946.<sup>311</sup>

Sim, o autor. Um homem ausente por profissão, diplomata de ofício, nesses apuramentos de saudade e distância como que refinou seus amores pela terra longe, suas lembranças nativas do povo e da linguagem dos territórios dos Gerais. Ficou assim João Guimarães Rosa feito uma tintura-mãe de brasileiro e é essa tintura-mãe que ele nos serve aos litros, pois se há coisa de que se pode queixar em relação à sua literatura, é que ela é brasileira demais (*O Cruzeiro*, 30/06/1956, p. 138).

Em um diálogo aberto, ela declara:

Gostaria de conversar com o autor a respeito da sua linguagem – esse instrumento personalíssimo que ele usa com tal artesanato que

---

<sup>311</sup> Na edição de 26/06/1952, a revista *O Cruzeiro* traz uma fotorreportagem acompanhando a viagem de Guimarães Rosa pelo sertão de Minas Gerais. Em cadernetas, ele anota os costumes, as falas, os enredos e desenredos que redundarão em muitos contos e fabulação romanesca. A viagem, ocorrida em 23 de maio de 1952, montada na mula Balalaika, fez com que Guimarães acompanhasse por 10 dias a comitiva de vaqueiros chefiada por Manuelzão, da fazenda Sirga (município de Três Marias) até a fazenda São Francisco, em Araçaf. A paisagem – do Morro da Garça – dos morros e a vida do sertanejo serão a base para as criações dos anos seguintes.

muitas vezes consegue passar muito além dos limites do precioso. Tem hora em que chega a irritar o leitor com as suas obscuridades deliberadas (mormente no caso em que o paralelo com Joyce se impõe – e há pessoas alérgicas a Joyce). Verdade que obscuro, São João Evangelista também o era... E que riqueza doída naquela obscuridade, naquele inventar e desinventar, ressuscitando arcaísmo e principalmente registrando, gravando, imortalizando a linguagem a bem dizer perdida das gentes daqueles sem-fins dos Gerais (Idem).

Essa peculiaridade da linguagem do escritor mineiro, apontada na crônica, pode ser sintetizada na “absoluta confiança na liberdade de inventar”, como afirma Antonio Candido (2006) ao analisar o romance *Grande sertão: veredas*, publicado em 1956.

A cronista não poderia deixar de comentar a grande novidade, um dos grandes destaques no mercado editorial na década de 50, Guimarães Rosa. Lançando dois livros em um mesmo ano, Guimarães causou uma surpresa pelo requintado regionalismo, onde o “mundo rústico do sertão”, fonte de uma realidade concreta, torna-se a matéria da sua ficção “pluridimensional”, instaurando assim um momento novo para a literatura brasileira. Para fechar a sua crônica, Rachel reproduz um trecho do artigo “Segredos de Guimarães Rosa”, de Paulo Rónai, que comenta a riqueza de sua linguagem, ou língua pessoal. Segundo a cronista, poucas vezes já leu “páginas tão belas, de uma psicologia ao mesmo tempo tão doce, tão funda, tão pungente quanto a estória de Minguilim”. Afirma que só por essa estória o autor já teria garantido o seu lugar na literatura brasileira. Quanto ao imenso livro, mesmo muitos leitores não decifrando os mistérios, os “caprichados hieróglifos”, nenhum lhe negará a “estranha beleza”, “grandeza paradoxal”.

Desde os primeiros lançamentos do autor mineiro, de cujo estilo Rachel demonstra ser uma apreciadora, ela se considera uma “parceira” na busca por uma linguagem mais regional e ao mesmo tempo universal. Em “Língua” (*O Cruzeiro*, 22/08/1959), ela se dedica, com muita leveza e argúcia interpretativa, sobre alguns temas que envolvem a obra do escritor mineiro:

– “ESTÁ ficando que é mesmo um Guimarães Rosa dos pobres!” – Assim caçoam comigo aqui em casa, ao fazerem a censura das

histórias de bichos e caboclos que ando contando ultimamente. A acusação assusta, pois tenho o espírito fraco e sou tímida. Afinal, trata-se de uma velha profissional que já deveria ter a sua maneira certa de dizer as coisas, sem carecer de copiar os mestres. Ou será assim tão sedutor o brilho do êxito, que nem sequer trinta anos de tarimba resistem ao fascínio do galarim? Só sei que os remoques do pessoal ficaram me aborrecendo. Infelizmente não pude sequer reler os escritos recentes: não guardo cópias, e os originais se andaram bem já estão no Rio na gaveta do Márcio ou na mão dos linotipistas. Mas andei fazendo um exame de consciência, e afinal, dou um suspiro de alívio: não, por mais que eu admire o mestre do Grande Sertão, e bastantemente o inveje, não creio que ande imitando. Essa linguagem que, tanto nos casos de sertão e mesmo nos casos de cidade, pode representar, com efeito, procura de caminhos novos, mas à minha limitada maneira, não à dele. Guimarães Rosa, na mesma linha, embora com muito mais força do que o tentou o nosso saudoso Mário de Andrade – faz trabalho de criação. Ele usa a língua já existente como o artesão usa a matéria-prima. Inventar, tira formas completamente novas do material velho – cria – sim tenho que insistir na expressão – cria. Já o rumo a que me atiro – e com tão pouco resultado que nem entendem o que quero – é mais na linha tradicional dos regionalistas (embora eu tenha horror a essa palavra) –, linha traçada pelo velho Simões Lopes e companheiros: apenas tento registrar expressões costumeiras, botar em uso a sintaxe *já existente*, – e aí é que está o ponto – acomodando-me eu a ela, em vez de acomodá-la a mim, como é o caso do mestre Rosa. Enfim, a nossa diferença e que não pode dar nenhuma margem a confusões é que ele compõe a sua música – e que beleza de música compõe o danado do mineiro! – enquanto eu apenas toco de ouvido as cantigas que escuto dos outros. Assim pouco mais ou menos como diferença que vai dum Vila-Lobos para um acompanhador de violão, tocador da Dalla (Idem, p. 122).

Declara a cronista o seu propósito: busca uma linguagem que se aproximasse “o mais possível da linguagem oral, naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo. E essa linguagem oral pode ser fala de nordestino ou gíria de carioca, pode ser qualquer fala de brasileiro que meus ouvidos escutem e apreciem”. Confessa que a sua escolha pela linguagem regional é por considerá-la estável, e, neste sentido, por não correr o risco da “obsolescência rápida”. Para ela, incorporar a linguagem oral é uma necessidade, uma briga travada bem antes por seu parente José de Alencar.

Ainda na mesma crônica, Rachel também se reporta a Simões Lopes Neto, importante contribuição para o regionalismo. Lembra a cronista que “não é preciso ser gaúcho para sentir-lhe a poesia”. Por fim, como exímia escutadeira de conversas e grande leitora, Rachel se aproxima dos autores que incorporam os falares, que bebem nas fontes da cultura popular, mas distanciando-se do mero pitoresco.

Para Silviano Santiago o trabalho do romancista com a linguagem se assemelha com a do antropólogo quando escuta a produção poética popular para “servir de veículo para que essa manifestação não privilegiada se faça ouvir de longe do local de enunciação, servindo de alerta para o nosso esquecimento cultural e de riqueza para a literatura”.<sup>312</sup>

## **Retórica e paixão**

Com um preâmbulo enfático, Rachel inicia o texto “Vieira”: “Dizem que nas horas de crise é costume dos povos voltarem-se para os seus grandes homens mortos. Creio que é esse o impulso natural do desamparado; vendo-se só em aflição, vira-se e olha para trás, como a criança perdida que tenta recuperar a mão paterna”. Em seguida, apresenta o livro *Aspectos do Padre Vieira*, de Ivan Lins:

Sim, prezados irmãos, de um Vieira é que andávamos carecidos. Não de dizer que padres na política não dão resultados, eu concordo, mas aí o que interessa é o homem, não é o padre. E ele falava do púlpito, porque o púlpito era a sua única tribuna, e de lá mesmo dizia as verdades na cara

---

<sup>312</sup> SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p. 37.

dos poderosos, desmascarando a hipocrisia desses que batem no peito e pensam que o bater nos peitos os redime de todos os males e traições, desses que vivem com o nome de Deus e o nome do Brasil na boca, mas é para os apregoar, como vendilhões (*O Cruzeiro*, 17/11/1956, p.106).

Para ilustrar, reproduz trechos dos sermões “Bom ladrão” e “Tomar”, “Da inveja” para demonstrar a atualidade desses textos quinhentistas. Considera o livro de Ivan Lins “encantador” e “oportuno”, tanto quanto se refere às citações de Vieira bem como dos comentários dos apologistas. As observações têm por objetivo “verter o leitor” ao livro interessado. “Procurar o livro, ir beber a água à fonte”.

### **Ficção e relatórios**

Com o mesmo viés político, Rachel traça um comentário de *Vila dos Confins*, de Mário Palmério,<sup>313</sup> prefaciado por ela, em crônica de mesmo nome do livro, considerado uma grande surpresa do ano de 1956. “Fico muito contente ao verificar confirmadas as previsões que fiz após a leitura dos originais do romance de Mário Palmério, este “Vila dos Confins” que tanto ruído está fazendo depois que apareceu” (*O Cruzeiro*, 12/01/1957, p. 130).

O curioso do livro, segundo Rachel, é a forma de composição. Ou seja, assim como Graciliano Ramos escreveu e depois publicou seus famosos relatórios como prefeito de Palmeira dos Índios, Mário Palmério, então deputado, em viagem pelo interior do país para investigar as fraudes eleitorais e certas formas de “gangsterismo político”, escreveu um calhamaço de papéis que redundou em um texto literário. Neste sentido, as “molecagens dos políticos nacionais” estão presentes na obra, mas o que interessa, frisa a cronista, é a matéria literária propriamente dita. Mesmo sendo denunciada a devassidão dos políticos, eles não escutam e não se zangam, até aplaudem.

---

<sup>313</sup> Mário de Ascensão Palmério (Monte Carmelo, 1916 – Uberaba, 1996) foi um professor, educador, político e romancista brasileiro. Obras: *Vila dos Confins*, romance (1956); *Chapadão do Bugre*, romance (1965); *O Morro das Sete Voltas*, romance (inédito); *Seleta...*, organização, estudo e notas de Ivan Cavalcanti Proença (1974).

## Um Antonio, um conselheiro

Em “Mestre Antônio Sales”, Rachel traça um perfil do escritor que muito influenciou a cultura cearense:

Ele era sem contestação a figura suprema das letras na província, o nome nacional residente no Alagadiço; e o padrinho obrigatório de todo principiante conterrâneo. Meu Deus, acho que jamais houve neste mundo um poeta laureado que ocupasse essa posição eminente e incômoda com mais segura elegância, com mais céptico bom-humor, e ao mesmo tempo com maior ternura para a sua corte de aprendizes e com a maior modéstia perante si próprio (*O Cruzeiro*, 12/05/1951, p.130).

Segue comentando a falta de ambição, o ceticismo e a indolência do autor, que publicou um romance, alguns livros de versos, epigramas e sátiras. O interesse da cronista não é propriamente falar das suas obras e sim da sua influência como um exemplo de ser humano que ele representou para muitos literatos.<sup>314</sup> Antônio Sales, que sempre desdenhou da glória, das “honrarias”, era o mestre que incutia segurança na principiante, rememora a cronista:

nunca esqueço a resposta que deu à primeira carta que lhe escrevi – ele teria já mais de sessenta anos, cobriam-no todos os louros do

---

<sup>314</sup> Antônio Sales (Paracuru-CE, 1868; Fortaleza-1940). Funcionário público, político e jornalista. Foi um autodidata; escreveu, com vários pseudônimos, poesia, ficção, reminiscências. Trabalhou na imprensa *Libertador*, na revista *A Quinzena*. Em 1892 idealizou a “originalíssima agremiação” Padaria Espiritual, tendo como órgão de imprensa *O Pão*, agremiação que marcou, entre 1892 e 1898, a vida da provinciana capital do Ceará naqueles primeiros dias de República e da qual fizeram parte vários grandes autores cearenses. Parte para o Rio de Janeiro em 1896, permanecendo até 1920. Atua intensamente na imprensa: *Versos Diversos*, poesias (1890); *Trovas do Norte*, poesias (1895); *Poesias* (1902); *Minha Terra*, poesias (1919). Também colabora para criação da Academia Brasileira de Letras, porém exclui-se de sua formação inicial. Autor de *Aves de Arribação*, folhetim publicado no *Correio da Manhã* (RJ), e, posteriormente, lançado em livro em 1913. *Aves de Arribação*, romance e novela (1914). Sânzio de Azevedo, em “Lembrando Tio Sales”, conclui afirmando que ele é um dos “vultos robustos da intelectualidade cearense, bem merecia maior renome no panorama da cultura nacional”.

Cf. [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes\\_online/inventarios/Inventario](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/inventarios/Inventario). Acesso em: 23 fev. 2010.

ofício e a pequena sertaneja de dezoito anos lhe mandava uma carta tímida, mas entusiasta: acabara de ler as “Aves de arribação”. Ele respondeu logo, – era daquela geração cortês que jamais deixa uma carta sem resposta. Dizia com enternecida simplicidade: “Você não sabe, menina, como é bom a gente saber que os moços ainda nos consideram vivos e nos querem bem, que não nos arquivam simplesmente, como medalhões que somos” (...) (Idem).

Fala de afeto, do carinho que os jovens dedicavam ao “medalhão”; considerado uma espécie de irmão mais velho, amado, compreensivo e sábio; pois era ele a quem se recorria para tirar dúvidas, corrigir português “vacilante”, citação em francês, ou ficar informado sobre as novidades do mundo editorial de Paris ou Rio de Janeiro.

Era querido não só dos literatos, não só dos poetinhas em botão, dos pequenos romancistas inéditos, dos jornalistas estreates. Acolhia a todos, e como discutia os nossos problemas, como sorria da nossa ansiedade, como sabia quase sempre as respostas para as nossas indagações. Bastava ver-lhe na rua o vulto esguio, o rosto magro vincado de rugas fundas, a mão inquieta sempre segurando um livro (foi ele quem nos ensinou a gostar dos *pockets-books* baratos, fáceis de ler, fáceis de jogar fora) a gente corria a rodeá-lo. Sentava-se no café conosco: as moças o adoravam, era o “tio Sales” de todas. E, diga-se, ele também adorava as moças, florescia junto delas, tinha sempre um verso, um galanteio para lhes dizer (Idem).

Comenta o amor de Sales pela esposa, a ausência de filhos e o apego à terra natal, Fortaleza: “só sabia viver nela, por ela desdenhou a metrópole e suas pompas. Naquela terra foi feliz, tão feliz quanto o pode ser o sábio que pede”. O autor de *Aves de arribação* foi um dos primeiros leitores do romance *O quinze*, um entusiasta, divulgador, o seu guru. Recordo informação já mencionada anteriormente que foi Sales também quem a orientou a mandar exemplares do livro a alguns nomes no Rio de Janeiro, como Graça Aranha. Estes contatos

redundaram em enorme sucesso de crítica, premiação e na carreira literária de Rachel.

### **Escrita, varíola**

Em “Rodolfo Teófilo<sup>315</sup>” Rachel menciona o centenário de nascimento do baiano que se tornou um cearense das letras, ciências e “bem-querência pública”.

Romancista, Rodolfo Teófilo foi dos primeiros a usar como tema dos seus livros dois assuntos que ainda hoje são a espinha dorsal da literatura nordestina: o cangaço e a seca. No seu romance “Os Brilhantes”, tomando como protagonista a figura famosa de Jesuíno Brilhante, espécie de precursor do grande Lampião, estudou o cangaço, tirou dele todo o rendimento dramático que pôde, à moda naturalista, ou *solista*, como se dizia então. E a seca serviu-lhe de tema para o seu famoso “A Fome”, que é dos primeiros, senão o primeiro romance escrito tendo como heróis as vítimas do nosso flagelo regional, e abriu caminho para todos os exploradores do filão, que iriam culminar na obra-prima do gênero, o insuperável “Vidas Secas”, do nosso imenso Graciliano (*O Cruzeiro*, 16/05/1953, p.106).

No lugar da crônica se concentrar nos livros do autor, por exemplo, *A fome*, diferentemente Rachel conversa sobre a varíola, “pois

---

<sup>315</sup> Rodolfo Marcos Teófilo (Salvador-1853; Fortaleza-1932) - romancista, poeta, documentarista, contista e articulista, médico sanitário, intelectual, industrial e divulgador científico. Aderiu à campanha abolicionista e pertenceu à Padaria Espiritual (agremiação literária) e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Instituto do Ceará e à Academia Cearense de Letras. Obras: Romances: *A Fome* (1890), *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897), *Violação* (novela – 1899), *Paroara* (1899), *Reino de Kiato* (1922). Poesia: *Lira Rústica* (1913), *Telesias* (1913). História: *História da Seca no Ceará* (1884), *Secas do Ceará – Segunda metade do Século XIX* (1901), *Seca de 1915, Seca de 1919, Libertação do Ceará* (1922), *Sedição de Juazeiro* (1922). Contos: *O Conduru* (1910). Ciências: *Botânica Elementar* (1890), *Monografia da Mucunã* (1888), *Ciências Naturais em Contos* (1889). Crônica ou Memorialismo: *Violência* (1905), *Memória de um engrossador* (1912), *Cenas e Tipos* (1919), *O Caixeiro* (1927), *Coberta de Tacos* (1931), Ainda: *Os meus zoilos* (Rodolfo Teófilo faz críticas aos seus injustos críticos). Relatos de suas atividades filantrópicas: *Varíola e Vacinação no Ceará* (1905 e 1910).

a cada seca que havia, com a grande concentração de retirantes nas cidades, os recursos higiênicos ainda mais precários que os de hoje, a varíola comia de esmola. Quem escapava da fome morria de bexiga”. Mesmo havendo um serviço oficial de vacinação do governo, Rodolfo Teófilo resolveu ajudar; foi até Rio de Janeiro para aprender a fazer a vacina com Osvaldo Cruz; ao retornar a Fortaleza desenvolveu uma ampla campanha baseada não na violência ou autoritarismo, mas no convencimento; abria a própria casa ou visitava as pessoas em suas residências para aplicar a vacina. Por isso ganhou muitos inimigos e amigos (vide a famosa a Revolta da Vacina de 1904, no Rio de Janeiro), posteriormente, após a erradicação da doença, ganhou o reconhecimento e o carinho do povo.

### **Livro publicado, sobreviventes**

Como uma escritora extremamente popular, Rachel também recebia inúmeras cartas com diversos tipos de solicitações: dicas, doação de livros, leitura de inéditos de leitores ávidos pela fama, conselhos, etc. Em “Moços e livros”, ela começa narrando, exemplarmente, como se deu a escrita de seu primeiro romance:

Vai fazer vinte e oito anos que aconteceu esta história: uma rapariga de Fortaleza, Ceará, acabou de escrever o seu livrinho e, como é natural, pensou em editá-lo. Já nesse tempo havia grandes editores, mas quem era ela para interessar editoras? A mocinha conhecia o seu lugar. E então arranhou dois contos de réis, com que pagou à saudosa “Gráfica Urânia” uma edição de mil exemplares e pôs na rua o que ela entendeu de chamar “romance” – um volume muito feinho, com uma espantosa capa vermelha. O livro teve sorte (nunca esquecer o papel importantíssimo do elemento sorte nesses assuntos), foi bem recebido, ganhou um prêmio aqui no Rio, e ainda hoje se vende nas livrarias.

Essa história, que é a da estreia desta vossa criada, poderia ser a história de todo principiante a literato. O fato de se ser um desconhecido – mormente um jovem desconhecido – é um

obstáculo desgraçado. O jovem borbulha de ideias, tem vontade de trabalhar, tem sede de glória, tem uma desesperada fé em si mesmo. Mas ao seu redor só vê desatentos surdos, zombeteiros. Aí, é a tragédia da mocidade – o dramaturgo inédito que os empresários não representam, o jovem pintor a quem ninguém compra os quadros, o inventor em que ninguém acredita. O problema maior dos moços não é produzir a sua obra – é colocá-la. Por isso mesmo só sobrevivem os duros. Os delicados quase sempre abandonam a luta – e isso explica por que se perde tanta vocação preciosa, e por que é tão grande a fauna dos medíocres vitoriosos (*O Cruzeiro*, 28/02/1959, p. 130).

Do mundo de sua experiência como autora iniciante, Rachel faz uma reflexão sobre as permanentes dificuldades para se publicar no país. Em longo parágrafo, comenta os remédios para a tragédia de ter um livro no mercado. Um dos alvos na caça aos culpados costumeiramente é o editor, muitas vezes confundido com um funcionário público, porém na verdade, lembra a cronista, é um “particular que emprega os seus próprios recursos na aventura editorial, correndo enormes riscos”. Mesmo passando da categoria de comerciante para a de industrial, o editor enfrenta um mercado muito pobre, trabalha com material importado, o papel, que na época sofria um aumento de 100% dos preços. Para ilustrar esta situação, Rachel diz que se em 1930 custeou *O Quinze* com dois contos de réis, em 1959 sairia por oitenta ou cem contos. E quem sofre com esse drama são os “moços que ainda não têm público, que são uma incógnita, um risco desconhecido”.

Outro complicador é o livreiro. Sob a alegação de que os 30% do preço de capa não cobrem as despesas, oferta ao escritor somente 10%, e ironiza: “escrever para o livreiro é o que menos custa”. Também lamenta Rachel que os livreiros não se comportem como outros comerciantes mais agressivos no mercado: “o livreiro das cidades limita-se a expor o livro mal e mal nas suas vitrinas antiquadas; se vende, muito bem, se não vende, devolve, que tudo lhe é entregue em consignação. Em cem anos, o nosso comércio de livros não evolui uma linha” (Idem).

Diante do diagnóstico da situação ruim do livro no Brasil, a cronista, com uma pausa, conclui bem-humorada o seu texto:

Mas um consolo vocês moços têm: é que, não tarda estarão velhos como nós, com os seus problemas materiais resolvidos, com a sua vocação reconhecida, com os caminhos abertos à sua frente... O diabo é que chegado esse tempo, há a estrada fácil, sim, mas cadê as nossas belas pernas da mocidade, as nossas ágeis pernas que tinham fome de caminho, e nada mais pediam que andar? (Idem)

### O segredo de José de Alencar

Em “Presença de José de Alencar”, a cronista comenta a coleção completa de José de Alencar publicada pela Editora José Olympio, recebida de presente pelo editor e amigo.

E arrumando os livros na estante, folheando aquelas velhas páginas a gente se põe a pensar em qual será o segredo desse romântico que continua vivo, quando todos os seus companheiros de geração e de escola estão praticamente mortos e enterrados – e dá edições de luxo e tem aberto um vasto mercado aquisitivo à sua frente. Pois se o editam é porque o vendem – e se o vendem é porque o leem – não é mesmo? (*O Cruzeiro*, 05/01/1952, p. 114).

Ao indagar sobre o sucesso dos livros de Alencar, a pergunta permanece atual, pois ainda hoje há várias edições de seus romances circulando, como *O Guarani*, *Iracema*, *Senhora* e outros.<sup>316</sup> Em seu texto, Rachel reproduz um excerto do prefácio de Brito Broca:

Alencar deu-nos um pouco daquilo que poderíamos chamar as “mil e uma noites” brasileiras. Das histórias maravilhosas da infância passamos na adolescência e na juventude para os seus romances: e depois, retornar a eles é sempre ir em busca das ilusões perdidas, num doce movimento de recuperação sentimental.

---

<sup>316</sup> Rachel escreveu os prefácios e notas das obras *Iracema* e *Ubirajara* de José de Alencar. Cf. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. Op. cit., p. 262.

Em relação às críticas da falta de realismo da obra romanesca de Alencar, ou em considerar que as suas ideias, que os seus livros estão “fora do lugar”, distante da realidade brasileira, a cronista rebate, com muita argúcia, afirmando que ninguém seria capaz de provar o realismo de Borralheira, pois, reitera, os contos de fadas agradam porque são contos de fadas, simplesmente. Considera que cada literatura terá o seu Alencar, aquele escritor que fica no coração do povo e pelo povo foi amado: “seus excessos, seus arroubos, suas falsidades, são coisas nossas também”. O escritor imaginou heróis, “índios imaginários”, procurou firmar as bases para uma língua brasileira (“a língua em que Alencar escrevia estava tão distante do brasileiro falado quanto a de qualquer outro escritor português da época”). E segue aproximando o escritor com o país:

Sim, nessa semelhança é que está o segredo. Ninguém, tanto quanto o magro cearense nascido em Messejana, foi mais parecido com o homem que o brasileiro médio imagina ser. E a sua obra é, no fundo, aquela que todos supomos poderíamos ter feito (...) Ler Alencar é um estado de alma: a costureirinha tem o Guarani na sua bolsa; o ginasião decora as Minas de Prata, nos intervalos de estudo; aos quarentas anos calcinados de experiência, acompanhamos ainda com interesse as proezas mirabolantes de Arnaldo; e num velho lar brasileiro é sempre fácil de encontrar, num fundo de gaveta, alguma brochura amarelada e já treslada do romancista (Idem).

Ainda falando de Alencar, temos a crônica “Peri faz cem anos”. Nesta o assunto é *O guarani*, romance publicado em forma de folhetim que amargou por um tempo o silêncio resultante da indiferença do público leitor. Contudo, posteriormente, este mesmo livro alcançou grande sucesso. E ainda hoje está entre os títulos mais vendidos do Romantismo brasileiro.

Para Silviano Santiago,<sup>317</sup> “Alencar foi o prosador que mais contribuiu para o enriquecimento do dicionário brasileiro da língua portuguesa”. É impressionante como a crítica acadêmica compara

---

<sup>317</sup> “O coração indômito de Pindorama” em SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 247.

Alencar ao Machado de Assis para depreciar o autor de *Iracema*. Lembra Santiago que “nos romances indianistas, José de Alencar não é Machado de Assis. Não se deve procurar, na caracterização de Iracema, sua alma ou fino tratamento psicológico de um personagem feminino”.

Trago aqui uma fala de Flávio Aguiar sobre a importância do autor:

o Alencar, muito provavelmente, é uma das personalidades mais brilhantes da História do Brasil. E eu comparo assim. Eu diria que se o Machado de Assis pode ser considerado o nosso Pelé em relação à literatura do século XIX, sem dúvida nenhuma o Alencar é o nosso Didi. Quer dizer, era o homem que tinha visão de campo, que organizava o time. O Alencar mapeou o Brasil, e isso não é pouca coisa.<sup>318</sup>

Como a crônica é espaço para as divagações e conversa desalinhada, Rachel rememora:

Já contei em outra oportunidade as lembranças que narrava minha bisavó Miliquinha (D. Maria de Macedo Lima), prima de José de Alencar – lembranças do tempo em que fora escrito “O Guarani”. Em serões de leitura, para a família, Alencar lia os manuscritos inéditos, ante as primas elevadas. E, na sua primeira versão, “O Guarani” terminava com o incêndio que D. Antônio Mariz provoca com a explosão. Todo mundo morria, inclusive Ceci e Peri. Mas tal foi a mágoa das primas ouvindo a leitura desse último capítulo, com tal pranto acolheram elas o destino trágico da donzela e do amante, e tais rogos fizeram ao autor para que os salvasse da desdita, que “o primo José” comoveu-se e prometeu escrever um desenlace feliz no qual se salvariam o índio e a moça loura. Daí a origem daquele final inesperado, a enchente do Paraíba, o desenraizar da palmeira e a salvação do casal de namorados que se “some no horizonte” (*O Cruzeiro*, 16/03/1957, p. 130).

---

<sup>318</sup> Disponível em:

[http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres\\_final/josedalencar/transcricao.htm](http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres_final/josedalencar/transcricao.htm). Acesso em: 14 jan. 2011.

Neste primeiro tópico do texto, é realçada a sua ascendência do lado dos alencares.<sup>319</sup> Em seguida, retoma a figura de Alencar como o “pai do romance”, a sua importância e a influência de seus livros. Enfim, enfatiza Alencar como um idealizador de uma realidade, de um passado histórico.

Comumente Rachel cita as mulheres – as da família – como ouvintes de primeira mão das aventuras romanescas alencarinhas. Aquelas mulheres de ontem, citando aqui Maria Crescenti Bernardes,<sup>320</sup> tinha autonomia delegada – um certo tipo de poder – concedido pelo romancista para interferir no desfecho, contribuir na urdidura da narrativa. Vejo esta questão como um ponto importante e não menor para ser investigado com maior demora. Porém me contento aqui com pequenas notas. Lembro que em *Como e porque sou romancista*,<sup>321</sup> Alencar rememora uma experiência de afeto; quando a sua mãe e sua tia faziam trabalhos manuais, ele ocupava um lugar de honra e lia-se até a hora do chá: “era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo”. Leitura contínua e repetida de novelas e romances com pausas para conversação, para comentar algum feito de tal personagem. Estas primeiras leituras para o auditório feminino possivelmente moldaram o romancista: “mas não tivesse eu herdado de minha santa mãe a imaginação de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu somente sinto a chama incessante; que essa leitura de novelas mal teria feito de mim um mecânico literário, desses que escrevem presepes em vez de romances”. Neste libreto temos uma oportunidade para unir a crônica de Rachel com o texto de Alencar. As mulheres leitoras do século XIX e as mulheres leitoras e escritoras do século XX.

Outro ponto destacado é a contribuição do romancista para uma nova visão sobre o índio brasileiro; e a valorização de sua cultura:

---

<sup>319</sup> Sobre a genealogia da família e o nome Alencar, Rachel diz: “nós descobrimos que os alencares eram descendentes dos cristãos novos, porque na época em que a Inquisição estava na Península Ibérica, eles batizavam os judeus e mandavam as crianças para Pernambuco. E os judeus que queriam continuar com suas práticas se internavam no sertão do Cariri”. Há uma creche-escola em Israel com o seu nome. Cf. Entrevista In: *Cadernos de literatura. Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 27.

<sup>320</sup> BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

<sup>321</sup> ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas: Pontes, 1990.

O orgulho nacional carecia de uma fábula heróica e Alencar nos forneceu a nossa: inventou para o nosso uso toda uma mitologia tupi-guarani. Ele, Gonçalves Dias e os outros indianistas criaram os nossos semi-deuses tutelares. Depois deles, ninguém se envergonharia mais da raça de bugre, antes se orgulharia do nobre sangue caboclo. Fabricaram-nos uma árvore genealógica, fantástica é verdade – mas também fantásticos são os gêmeos alimentados pela loba romana, fantástica a cabeça decepada e falante de S. Denis que alicerça os fundamentos de Paris (Idem).

### Mais um enraizado

Em “Livro Novo”, comenta o lançamento do livro *Portas Fechadas*, de Moreira Campos,<sup>322</sup> editado pelo *O Cruzeiro* em 1957 e sendo prefaciadora a própria Rachel. Para apresentar o livro, uma coletânea de contos, ela teoriza sobre a especificidade da narrativa curta:

E parece-me que, na história curta, os problemas criados pela linguagem são mais difíceis de resolver do que os da história comprida, só os encontrando mais complicados ainda a linguagem do teatro. No conto não há que perder tempo, não há fio que enrolar e desenrolar, não há assunto com direito de espalhar por páginas e páginas. Tudo tem de ser dito com propriedade e beleza, mas direto e curto, sem, contudo, deixar-se ao leitor a impressão de que lhe estão dando alguma espécie de resumo de história (*O Cruzeiro*, 25/01/1958, p. 114).

Moreira Campos é de fato um exímio escritor de histórias curtas.

---

<sup>322</sup> Moreira Campos (Senador Pompeu-CE, 1914, Fortaleza-1994), advogado e professor. Integrante do Grupo Clã. Pertenceu à Academia Cearense de Letras. Livros de contos: *Vidas Marginais* (1949), *Portas Fechadas* (1957), *As Vozes do Morto* (1963), *O Puxador de Terço* (1969), *Os Doze Parafusos* (1978), *A Grande Mosca no Copo de Leite* (1985) e *Dizem que os Cães Vêem Coisas* (1987), poemas, *Momentos* (1976). Participou de diversas antologias nacionais. Algumas de suas peças ficcionais foram traduzidas para o inglês, o francês, o italiano, o espanhol, o alemão.

Rachel divide a literatura em duas grandes famílias: os introspectivos e extrospectivos. Ou ainda, lembra que em outros tempos a sua turma de amigos brincava de separar os grupos de “emilianos” e de “charlotianos”. O primeiro, representado por Machado de Assis e Graciliano Ramos, e o segundo, por Lobato e José Lins do Rego. Nesta divisão “elementar” Moreira Campos pertence à estirpe de Graciliano, “da máquina de costura”, segundo José Lins, “pela sua preocupação de polir, retocar, pespontar”. Grupo de elite dos “introspectivos bem dotados”, que sabe usar de uma linguagem regional como instrumento para narrar as pequenas histórias.

Livro de um homem de província, que jamais queimou incenso aos nossos bezerros de ouro federais mostrando que, na verdade, a província é mais fecunda, mais segura, mais original e que aqui, realmente nós todos vamos vivendo às custas do farnel surrado que trouxemos de lá. Ele, mais sábio, ficou onde estava, a colher suas riquezas na árvore (Idem).

Assim retoma novamente a questão dos escritores do “eixo norte” que optam por ficar em suas cidades, distantes dos centros culturais do país (como Antônio Sales, Rodolfo Teófilo e, no caso, Moreira Campos) - isto é, do “eixo sul” e assim conseguem construir uma literatura significativa, mesmo na periferia da metrópole.

### **Lobatiana, emiliana**

Em “Saci Pererê” a cronista dedica-se, em seis tópicos, a comentar uma biografia de Monteiro Lobato escrita por Edgard Cavalheiro. O que ressalta de imediato é a presença viva de Monteiro Lobato: “está ali nas suas qualidades e nas suas limitações, naquela mistura de realismo com irrealismo que era o seu traço principal – o homem prático que vivia com a cabeça nas nuvens”.

Lamenta-se a cronista pela ausência de uma aproximação em vida com o escritor:

Já contei aqui mesmo, nesta página, que não me consolo de não haver conhecido pessoalmente Monteiro Lobato. Sempre andamos às avessas um do outro – eu no Ceará, ele em São Paulo; quando fui para São Paulo estava ele na

América, depois vim para o Rio e ele voltou a São Paulo; e quando eu ia à cidade dele, essa timidez que tenho de incomodar os outros me impedia de o procurar – já que o sabia exausto de tanta visita e tanta solicitude de admiradores ao seu redor. De Lobato guardo, entretanto, algumas cartas, cheias de afeição e entusiasmo, como era o jeito dele fazê-las, quando se interessava por alguém. Devo, pois, esta gratidão a Edgard Cavalheiro: me proporcionou a presença de um Lobato que eu adivinhava, mas não tive, o Lobato vivo que eu perdi (*O Cruzeiro*, 14/01/1956, p. 114).

Para Rachel, o escritor, o inventor da personagem Emília, tinha de ser um homem extraordinário; e considera que “Lobato era a Emília: atrevido, obstinado, implicante e genial”. Uma relação entre a criação e o escritor:

Chamei estas notas de “Saci-Pererê” porque suponho que, se Lobato fosse escolher para si mesmo um símbolo, escolheria o indomável duende como seu espírito-totem. Ao Saci, Lobato dedicou dois livros, o de estréia, que era uma espécie de antologia saciana, e, mais tarde, umas das suas histórias infantis. Creio mesmo que a figura do pequeno demônio nacional muito se enriqueceu e popularizou por influência do interesse que lhe dedicou o paulista. Saci e Lobato, hoje em dia, são duas figuras que quase se confundem no pensamento de muitos de nós (Idem).

Declarando-se ser uma lobatiana, a cronista demonstra estar surpresa com os enigmas revelados e muitas contradições explicadas no livro; porém, como boa divulgadora, prefere não revelar os segredos, mas sim deixá-los como sugestão para que o leitor adquira o livro. Neste sentido, revela-se uma propagandista de uma obra que revive Lobato de modo afetivo.

É consenso a importância de Monteiro Lobato como editor de livros, ideólogo da indústria do livro no Brasil. Como nacionalista, empreendeu na área editorial e produção de livros (para crianças e adultos), consciente do valor mercadológico do livro, ou seja, um produto cultural, e ainda considerava um veículo para a formação e construção

cidadã do país. O feito com empreender teria repercussão na história literária brasileira. “Um escritor-editor de si mesmo, e finalmente editor de obras alheias”.<sup>323</sup> Fundou a Monteiro Lobato & Cia., depois chamada Companhia Editora Nacional. Procurou editar autores estreates como a Sra. Dupré, com *Éramos Seis*; traduziu também muitos livros e editou obras polêmicas como *A Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey, uma das suas preocupações nacionalistas.

### Os quadrinhos mágicos

Há nas crônicas a preocupação com a literatura dedicada às crianças. Em “A nova literatura” comenta, em três momentos, algumas inquietações:

Uma das preocupações dos que no Brasil se dedicam ao estudo dos problemas da infância é a relativa pobreza da nossa literatura infantil. Queixam-se de que no Brasil não temos uma literatura especial para crianças e jovens, que são pouquíssimos os livros bons destinados a essa classe especial de público leitor; concedem em que existe Monteiro Lobato – e nada mais (O Cruzeiro, 27/07/1957, p. 138).

É categórica a cronista ao afirmar que somente a obra de Monteiro Lobato torna nossa literatura infantil muito rica. O cerne principal do texto, entretanto, é a sua preocupação com a chamada “literatura de quadrinhos” (HQ). Narra que os seus sobrinhos preferem os quadrinhos aos livros. A posição da escritora não é de rejeitar a novidade, mas de reconhecer a especificidade da leitura das narrativas:

o enredo é mais complicado que um romance de Dumas, os personagens são numerosíssimos, as aventuras obedecem a um plano tão dinâmico

---

<sup>323</sup> Cf. Premiado estudo: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

quanto o de cinema, sem falar nos nomes próprios, quase todos americanos; e do desenho, que de tão miúdo e detalhado, exige atenção minuciosa e bom golpe de vista para localizar rapidamente a situação, e para que se percebam, de quadro para quadro, as alterações, acompanhando a marcha sempre acelerada da ação (Idem).

Em outro momento questiona a novidade dos quadrinhos: “será que os quadrinhos acabarão representando uma revolução na arte de escrever?”. Mantendo uma postura de atualização constante com o seu tempo, Rachel procura entender os interesses dos jovens; “não são indiferentes aos prazeres da leitura: apenas usam um veículo diferente”.

Em seguida propõe uma revisão de atitudes. Tentar encarar como “vício” ou “ignorância” essa predileção da meninada parece não ser uma boa saída. Perguntas são disparadas: “esse novo gênero literário é realmente tão desprezível quanto parece aos nossos preconceitos de amadores de letra e de figuras; e segundo – desprezível, não estaremos nos alertando um pouco tarde demais”.

É sabido que as histórias em quadrinhos só surgiram na metade do século XIX, através do italiano Ângelo Agostini, radicado no Brasil, com “as aventuras de Nhô Quim”, obra publicada em 1869.<sup>324</sup> Logo passaram a ter publicação em jornais, sendo proliferadas e alcançando maior número de leitores. Nas primeiras décadas os quadrinhos eram essencialmente humorísticos, e essa é a explicação para o nome que elas carregam ainda hoje, *comics* (cômicos), popularizadas pelas tiras diárias.

Nas duas primeiras décadas do século XX, Rachel de Queiroz foi uma leitora da revista *O Tico-Tico*, iniciada em 1905, considerada a primeira revista de quadrinhos do Brasil dedicada ao público infantil, que publicava “As aventuras do Gato Felix”. Nessa perspectiva, outro personagem importante é *Juca Pato* (1925), de Belmonte (ilustrador dos livros infantis de Monteiro Lobato).<sup>325</sup>

Na década de trinta surgem outras publicações de HQ – todas voltadas ao público infantil como *Suplemento Infantil*. Diversos sucessos dos *comics* americanos foram publicados no país, tais como *Flash Gordon*, *Jim das Selvas*, *Agente X-9*, *Tarzan*, *Mandrake*, *Dick Tracy* e *Príncipe Valente*. Também Roberto Marinho lançava a revista *O*

<sup>324</sup> Cf. MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

<sup>325</sup> O personagem dá nome ao prêmio, instituído em 1962, pela União Brasileira dos Escritores, oferecido aos Intelectuais do Ano.

*Globo Juvenil* e, anos depois, *O Gibi* (1937), cujo nome passa a designar qualquer publicação de HQ no Brasil (gibi, anteriormente, era uma denominação para os meninos negros). Nessa revista foram publicados *Capitão Marvel*, *Tocha Humana* e *Príncipe Submarino*, dentre outros.

Na década de quarenta, a editora *O Cruzeiro* também entra no negócio das HQ, com a revista *O Guri* (“Do Oiapoque ao Chuí todos leem *O Guri*”, dizia o *slogan*). Aparece o personagem *O Amigo da Onça*, de Péricles de Andrade Maranhão. O mais importante cartum-personagem do Brasil e um dos primeiros personagens humorísticos não infantis do país. Foi fundada a EBAL (Editora Brasil-América LTDA.), a maior editora brasileira de HQ do século XX. Dentre os personagens cujas revistas eram publicadas por essa editora, estão *Superman*, *Batman*, *Tarzan*, *Lone Ranger* (por aqui batizado de *Zorro*), e os famosos álbuns em tamanho grande de *Flash Gordon* e *Príncipe Valente*. Os heróis americanos aparecem lutando em favor da justiça e do bem americano, gerando muita controvérsia ou revolta em torno dos quadrinhos por serem um dos veículos propagadores da ideologia imperialista do capitalismo norte-americano. Ainda nesta mesma década ocorre um *boom* de adaptações de romances clássicos, sendo *O Guarani*, de José de Alencar, um exemplo.

Os anos 50 têm como marca a influência estrangeira dominando o mercado editorial. A revista *O Pato Donald* passa a ser publicada pela Editora Abril, e também as HQ Disney no Brasil – inicialmente com material predominantemente estrangeiro, a seguir com histórias produzidas no Brasil.<sup>326</sup>

Em 1960 Rachel escreve “Saci-Pererê”, uma longa crônica, bastante elogiosa, à revista de quadrinho cujo primeiro lançamento foi feito por um só autor: Ziraldo.<sup>327</sup> Já acumulando um percurso como

---

<sup>326</sup> Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, realizada em 1951( São Paulo), sendo Álvaro de Moya um dos organizadores ao lado de outros desenhistas. Havia um forte movimento apregoado por pais, padres, professores, escola, Igreja – contrários à história em quadrinhos, considerada como sendo uma forma de expressão deletéria.

<sup>327</sup> Ziraldo (MG, 1932). Após atuação na imprensa mineira, passa a residir no Rio de Janeiro (1957), publica desenhos na revista *A Cigarra*. Em 1958 começa a trabalhar na edição internacional, publicada em espanhol, da revista *O Cruzeiro*. Posteriormente começa a trabalhar também na edição nacional. Em 1960 – Rio de Janeiro, RJ – cria o personagem *Pererê*, publicando suas histórias nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Devido ao sucesso do *Pererê*, a empresa dos Diários Associados decide publicar um mensário infantil e a cores apenas com histórias do personagem. Publicou no *Diário de Minas*, no *Jornal do Brasil*, *Pasquim*, criador do *Menino Maluquinho* e de muitos livros infantis como *Flicts*, 1969. Maiores informações sobre a biografia do autor e cf. em: <http://www.ziraldo.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ilustrador, Ziraldo recebe um grande estímulo com as palavras da escritora.<sup>328</sup>

Destinando-se a esse público extremamente variado, que é o público infantil, pois inclui leitores que vão da primeira infância à adolescência, o *Pererê* traz histórias de vários padrões, visando naturalmente a satisfazer cada uma a um determinado tipo de amador. (...) Este Saci de Ziraldo me recordou muito um brasileiro que todos adoramos: Monteiro Lobato. (...) Ao *Pererê* de Ziraldo não falta o toque lobatiano, a sátira encoberta na história ingênua, a palavra de sabedoria e humor dentro do divertimento para meninos (*O Cruzeiro*, 05/11/1960, p. 146).

### **Biblioteca para criança**

Sempre solícita com os seus leitores, na crônica “Biblioteca Infantil” comenta a visita de duas moças, responsáveis por uma biblioteca no bairro Méier, cuja história gira em torno da morte de um menino. Diante da profunda dor, os pais “quiseram perpetuar a lembrança amada” e fundaram a Biblioteca Carlos Alberto, especializada em livros infantis. Elogia a iniciativa e fala da cidade:

de crianças abandonadas, verdadeiro cemitério de inocentes, o Rio de Janeiro é um inimigo da infância. Megera, madrasta, não sei que nomes por a nossa cidade quando penso na criançada das favelas, quando penso em todo o abandono, quando penso na negra miséria que acompanha como um anjo mau as pobres crianças cariocas (*O Cruzeiro*, 17/03/1951, p. 114).

Para que a mágica dos livros possa atingir outras crianças, Rachel faz um apelo:

Senhores e senhoras, sigamos esse exemplo. Prestigiemos esta Biblioteca Infantil e todas as suas congêneres, já fundadas ou por

---

<sup>328</sup> Em 1986, Ziraldo ilustra o livro *Cafute e Pena-de-Prata*, escrito por Raquel de Queiroz, publicado pela Editora José Olympio.

fundar. Auxiliemos a fundação de outras bibliotecas infantis por toda a nossa vastíssima federação de analfabetos. Formemos pequenos clubes de leituras entre as crianças da nossa rua, ensinemo-los a *saber* ler, a *gostar* de ler, que é talvez mais importante do que simplesmente “*aprender a ler*” (Idem).

Conforme Marisa Lajolo, “só fala de livros quem tem a intimidade de ter nascido em meio a eles”<sup>329</sup> – apelo bastante atual e contundente.

As políticas públicas para o livro no Brasil têm dois marcos.<sup>330</sup> O primeiro com a criação, em 1937, do Instituto Nacional do Livro (INL), no governo Getúlio, tendo como objetivo controlar a circulação das ideias no país. Outro momento é a criação do Serviço Nacional do Livro (SNL) tendo como propósitos criar, organizar e estruturar bibliotecas públicas. O SNL posteriormente foi incorporado ao INL. A partir de 1969 todas as editoras e gráficas são obrigadas a enviar para o INL um exemplar publicado. Em 1987 é criada a Fundação Nacional Pró-Leitura. Pela primeira vez a palavra leitura aparece em destaque, porém este órgão durou somente três anos. Em 1992 é criado o sistema nacional de bibliotecas públicas e neste mesmo ano o PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) com os objetivos de promover o interesse pelos hábitos de leitura, estruturar projetos de práticas leitoras e dar condições de acesso ao livro.

O acesso público ao bem cultural “livro” está diretamente relacionado com as políticas públicas de uma escola de qualidade no Brasil. A biblioteca, parte do quesito “qualidade”, há poucos anos é quem vem recebendo atenção governamental. Porém ainda há muito o que se fazer em matéria de propostas governamentais para que o livro chegue até às crianças, aos leitores como um todo. A valorização do livro faz parte de uma conquista mais ampla, que é a conquista da elevação das condições sócio-econômicas da população brasileira.

Após esta digressão cabe retornar à década de 50, período em que são realçadas mais ainda a pertinência das observações da cronista. O acesso à leitura é tarefa de todos, conclama a cronista. Em meio à

---

<sup>329</sup> LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993, p. 60.

<sup>330</sup> Cf. informações em: CALDAS, Elaine F.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. *Biblioteca pública no Brasil: políticas de inclusão à leitura*. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03). Acesso em: 21 jan. 2011.

miséria das crianças do Rio de Janeiro, miséria esta que se assemelha a das demais cidades brasileiras e que pode ser amenizada com o “gostar de ler”.

### Teatro em cena

Em crônica rememora um “trauma” de infância quando foi montada uma peça de teatro pela família – os primos - e não sobrou nenhum papel para ela. Como insistiu muito, sobrou um poema para recitar. Não satisfeita, foi à contra gosto para o palco, na hora do recital, acabou parando para coçar o joelho e esquecendo o texto. Deste então, as suas frustrações com o teatro sempre a acompanhariam: “aliás, uma frustração que me acompanhou durante toda a vida foi nunca ser chamada para representar nos ‘dramas’”<sup>331</sup>. Por outro, também relembra que outras vezes no aconchego da casa, espaço mais íntimo, brincava de “dramas” com seu irmão pequeno, tendo como palco a mesa da sala de jantar. Mesmo o irmão sendo forçado a participar, ela conseguia produzir diversos dramas com a ajuda de seus pais, que se divertiam tanto quanto a filha. Por exemplo, o seu pai ajudava: “arranjou um jeito de fazer os letreiros e a cortina correr no palco”.<sup>332</sup> No colégio de freiras, não a deixavam interpretar: “talvez Ma Soeur já me achasse muito saliente – e não sabia o desgosto que me dava! Não consegui ser nem ao menos carrasco de Joana d’Arc”.<sup>333</sup> Anos depois: “eu tinha 18 anos quando as atrizes (que ficavam em casa) me convenceram a pintar os olhos. Diziam: “moça de família só passa um batonzinho e pronto”. Eu então passei a pintar os olhos. Fazia aqueles círculos todos, reforçava as sobrancelhas, até que papai olhou para mim e disse: “ – Você parece uma cômica”. E eu logo respondi: “ – E o que é que tem ser cômica? Está aí. Quero ser uma atriz cômica”.<sup>334</sup>

Mais um episódio cênico. Nos anos 20 ela conviveu com Renato Viana (estimulador da divulgação de *O Quinze* no Rio/SP), um dos articuladores – como Ronald de Carvalho e Villa-Lobos – “que

---

<sup>331</sup> *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 18.

<sup>332</sup> *Idem*, p. 95-96

<sup>333</sup> Cf. “Livro de Raquel” In: COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: Da gênese ao apocalipse. Fortaleza: Tipogresso, 1999, p. 164.

<sup>334</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel de Queiroz*. Conversas informais com a escritora. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002, p. 163.

empreendeu uma guerra santa entre 1922 e 1944 para iniciar a cena brasileira nos mistérios de Antoine e de Stanislávski”.<sup>335</sup>

Rachel sempre teve admiração pelo teatro, tanto que queria ser atriz. Ainda no tocante à vida literária, o teatro está presente em seus comentários. No texto “Valsa n.º. 6” Rachel descreve a falta de cenário que gera um impacto para o espectador. *Valsa n.º. 6* é a décima peça escrita de Nelson Rodrigues, em 1951.

Considerado o autor de “renovação” do século XX, Nelson Rodrigues (1912-1980) estreou com a peça *A mulher sem pecado*.<sup>336</sup> Escandalizou o público com a peça *Vestido de noiva*, de 1943. “Era a primeira vez que se passava das normais histórias ambientadas na sala de visitas para a realidade dilacerante do subconsciente e da memória”. Em seguida escreveu *Álbum de família* (1945), *Anjo negro* (1946), *Senhora dos afogados* (1954), “todas focalizando o problema do sexo e as aberrações da civilização urbana, mergulhados numa atmosfera de pesadelo”. Em *A falecida* (1954), ele se volta para o subúrbio e para as frustrações da condição humana.

*Valsa n.º. 6* é um monólogo e tem como personagem a solitária Sônia, uma menina assassinada enquanto ouve a chamada “Valsa do Minuto” de Chopin, aos quinze anos de idade, com uma facada nas costas. A peça não teve o alcance popular, nem o autor conseguiu sucesso financeiro, permanecendo apenas quatro meses em cartaz. Apesar de tudo, a peça foi considerada pelos críticos uma grande peça, e colocou novamente o autor nas páginas dos jornais.

Considerado um dos melhores cronistas brasileiros de futebol de todos os tempos, Nelson Rodrigues é um dos escritores que contribuiu para a renovação do gênero, imprimindo uma marca pessoal em seu discurso, dramaticidade e uso da adjetivação de modo muito peculiar. O cronista fez escola para que o futebol fosse encarado como parte fundamental do entendimento da cultura brasileira.

É próprio do teatro de Nelson Rodrigues provocar manifestações violentas da parte de quem gosta e de quem não gosta. Sinal claro da sua força, pois se se tratasse de autor somenos, não desencadearia tal choque de paixões pró e contra. E esse clima

---

<sup>335</sup> STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 505.

<sup>336</sup> Ver informações de CACCIAGLIA, Mario. *Pequena história do teatro no Brasil*. Quatro séculos de teatro no Brasil. Apresentação de Sábato Magaldi. Traduzido por Carla de Queiroz. São Paulo: EDUSP, 1986, p. 108-109.

exaltado de parcialidade tira do espectador muito do seu ânimo sereno ao ocupar a poltrona, antes do levantar-se a cortina. Contudo, há qualquer coisa de tão comovente, de tão autêntico, registra-se um impacto tão firme e bem conduzido ao próprio coração do espectador, quando se acompanha aquele vulto branco que às vezes parece um lírio e às vezes parece um pássaro de rapariga debatendo-se nas malhas da sua terrível perplexidade; há uma tal angústia naquele arremesso de paixões da menina que ainda não entende que morreu, que as prevenções do assistente desmoronam, e ele só torna a recuperá-las (quando as recupera) depois que cai a cortina final e o choque emocional se dissolve com o acender das luzes e o retorno ao ambiente cotidiano (*O Cruzeiro*, 15/09/1951, p. 130).

Em outra crônica – “Teatro” – traça um paralelo entre o cinema e o teatro:

Acredito assim que o valor principal do teatro sobre o cinema é este: no cinema tudo é ou parece fácil. Se a cena ficou ruim, repete-se, interrompe-se, corta-se. No teatro, uma vez levantado o pano, tudo é irremediável e irreversível, como na própria vida. E cada fala, cada diálogo, é obra do momento, é um instante vivido diante de nós. A lágrima tem que correr realmente dos olhos da atriz – não é uma gota de glicerina que o maquiador lhe põe a rolar pela face, enquanto a câmara se detém o minuto necessário à operação. Dentro do palco o artista está sozinho, não tem nada, nem ninguém que o ajude (o próprio “ponto” é para muitos um elemento espúrio e há plateias que não o admitem); conta apenas com a força que tira de si mesmo e que se chama o seu talento. Dispõe apenas dos próprios recursos, sem máquina de nenhuma espécie a ajudá-lo, nem microfone, nem efeitos de luz, nem interrupções para repouso e instruções. Está sozinho diante da plateia, tal

como cada um de nós está diante da vida e da morte.

Essa é a força imortal do teatro: a vida presente (...) É apenas um homem ou uma mulher *trabalhando* – quer dizer, sofrendo, suando, afadigando-se diante de nós. É e disso que nós gostamos: contemplar noutra criatura o reflexo real, em carne viva, de nós próprios, ou do que poderíamos ser (*O Cruzeiro*, 221/02/1953, p. 130).

Em outra crônica, “O Rei Floquinhos” (*O Cruzeiro*, 29/08/1953, p. 98), mesmo título de peça infantil de Oswald de Andrade Filho, o teatro aparece com assunto; a novidade é que o texto é para ser representado por crianças.

Ademais, em “Raminho de alecrim”, em meio a vários assuntos, sob a reclamação do forte calor no Rio de Janeiro, Rachel fala sobre a construção de um palácio pela Academia Brasileira de Letras e conclama: “Senhores acadêmicos, um teatrinho! Para peças de pouco público, para iniciativas de criatura para encenar autores premiados por Vossas Excelências – ou, em último caso, se a Academia achar por bem, um teatro para alugar às companhias profissionais sem ser a preços de usurário (*O Cruzeiro*, 9/02/1957, p. 130).

### **Memórias e livros**

Segundo Antonio Candido, uma “literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais”.<sup>337</sup> Neste sentido a cronista divulga um pouco dessa contribuição.

Na crônica “Memórias da Rua do Ouvidor”, Rachel conta que muitos escritores, mesmo tendo uma larga produção livresca, geralmente ficam conhecidos somente por um título. Como exemplos cita Flaubert (*Madame Bovary*), Taunay (*Inocência*), Jane Austen (*Orgulho e preconceito*), Charlotte Brontë (*Jane Eyre*), Emily Brontë (*Morro dos ventos uivantes*), Camilo (*Amor de perdição*), Herculano (*Eurico*) e acrescenta: “numa salada de nacionais e estrangeiros, gente grande e gente miúda – o resultado seria quase sempre o mesmo: só um livro fica, o resto é sorvete”. Para fechar o foco volta-se para Joaquim Manuel de

---

<sup>337</sup> SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p. 34.

Macedo, de *A moreninha*, de *Moço Loiro* e de *Memórias da Rua do Ouvidor*, reeditado na década de 50.

Trata-se de um livrinho curioso, de leitura saborosa, repositório muito rico de anedotário da cidade do Rio. E nós todos que amamos o Rio, que nos tornamos seus cidadãos adotivos e afeiçoados, deveríamos lhe conhecer melhor a história e as tradições. Para bem amar uma cidade, não basta lhe conhecer as feições atuais, é mister conhecer-lhe o passado também, evocar-lhe os anos idos, as memórias antigas, as saudades, as lendas, as origens. Senão, como é que se pode entendê-la? (*O Cruzeiro*, 31/01/1953, p. 114).

Comenta a cronista que a rua do Ouvidor estava perdendo a sua tradição para a Rua Gonçalves Dias e “irresistivelmente para Copacabana”.

Mas não quero ficar falando; quem fala bem é Doutor Macedinho na sua coleção de folhetins, que são as *Memórias*, cheias de flagrantes pitorescos de registros de costumes, de apanhados ao natural, frescos como uma boa aquarela, engraçados deliciosos. Talvez a verdade histórica não esteja neles rigorosamente respeitada; mas, que mal faz? Pois toda vez em que Macedo apela para a sua imaginação, explica que está inventando sem deixar motivo para equívocos (Idem).

Encerra o texto com saudade dos tempos de outrora:

põem diante de nossos olhos com engraçado realismo aquele Rio que nós não conhecemos mais – provinciano, frívolo, meio mourisco e meio afrancesado, janota e beato, com a febre amarela crônica, o carnaval ainda se chamando entrudo – com seus defeitos, é bem verdade, mas em comparação com o Rio de Hoje, um verdadeiro paraíso (Idem).

As lembranças avivadas pela leitura deste livro trazem à tona uma história em ruínas da cidade em rápida transformação. De modo

lírico, esta leitura evoca um tempo perdido, evoca a cidade que tem uma ligação muito longa com a crônica, como afirma Beatriz Resende.<sup>338</sup> O texto de Rachel evoca o escritor João do Rio que, de modo “tão particular falou da alma encantadora das ruas cariocas, de sua gente e de suas histórias”, e escreveu o seu momento literário.

---

<sup>338</sup> RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

#### 4. LITERATURA FEMININA, SIM SENHOR!

*O chamado estilo feminino da época era água com açúcar. As moças liam assuntos triviais, coisas bonitinhas que reforçavam preconceitos bobos e hipócritas, ou descrições da natureza, romances com uma visão idealizada do amor e da vida. Meu negócio era mais direto. Já cheguei sem essas frescurinhas toda..*

Rachel de Queiroz

*Escrevo em páginas, tomo notas. Às vezes estou num taxi e minha personagem diz uma coisa que eu acho que deve ser gravada e eu tiro o caderninho e tomo nota. É uma espécie de colcha de retalhos, onde vou juntando mas por um mistério que eu não explico.*

Lygia Fagundes Telles

#### **Ângulo pessoal**

Já foi dito que em sua trajetória de vida Rachel de Queiroz demonstrou independência e grande liberdade. Retomo aqui algumas nomeações que podem ser agregadas à trajetória de vida desta escritora: uma formação educacional e cultural em ambiente familiar liberal, jornalista precoce, miss estudantil, professora interina de História, quase repórter, tradutora e escritora aclamada pela crítica aos vinte anos, militante, articulista do Golpe Militar de 64, presa política, teve dois casamentos, viajou, a primeira mulher a compor o seletto grupo da Academia Brasileira de Letras, e que, acima de tudo, viveu do seu ofício – a escrita.

Nestas marcas biográficas apontadas há fortes indícios de um feminismo vivido. No entanto é na construção ficcional que Rachel de Queiroz inscreve o seu nome na história cultural brasileira com as protagonistas de seus romances e de suas crônicas. Também destaco a escrita empenhada de seus escritos. Isto é, comumente encontrei atitudes de estímulo à iniciativa de mulheres nas Letras: primeiro enquanto

leitora de um romance, apontando as fraquezas e realçando as qualidades, outras vezes com uma crítica positiva.

Segundo Vicente Figueiredo,<sup>339</sup> em seu estudo sobre o patriarcado e a revista *O Cruzeiro*, as mulheres eram apresentadas ou representadas de diversas maneiras, desde a rainha do lar (casada, reprodutora, responsável pela economia doméstica); passando por ávidas pela beleza (casada ou casadoira, busca o embelezamento e a jovialidade, consumidora dos produtos cosméticos, vestuário e higiene pessoal); pela mulher moderna (trabalha fora, estuda e faz atividade de lazer fora de casa) até a mulher coca-cola (*pin-ups*, fetiches que vendem qualquer produto).

Uma evidência (des)necessária: Rachel de Queiroz é uma mulher que discute em seus romances, cujas personagens principais são mulheres, questões ligadas às mulheres na sociedade brasileira. Em uma entrevista de 1997, Rachel afirma que acredita em uma “escrita feminina”.

As marcas da escrita feminina estariam principalmente na linguagem. O meu caso é diferente talvez porque venho do jornal. Quando eu comecei a escrever, a literatura brasileira ainda se dividia entre o estilo açucarado das mocinhas e a literatura masculina. Hoje o estilo de muitas escritoras brasileiras se impõe. Clarice, por exemplo. Ela foi a maior de todas nós – e era absolutamente feminina.<sup>340</sup>

Ficcionalizou algumas mulheres “danadas”, afirma, talvez “ressentimento do que não sou ou gostaria de ser”. Reconhece na mesma ocasião que a mulher avançou muito, principalmente no setor profissional, onde as mulheres têm demonstrado grande vigor. Hoje as que estão em altos postos não são mais consideradas “machonas” como antigamente. Ainda assim, que ninguém se iluda: sempre haverá aquela mulher para quem a coisa mais importante do mundo é um vestido importado.

Tantas vezes a contribuição de Rachel de Queiroz à literatura brasileira é vista pela crítica canônica como uma produção regionalista:

---

<sup>339</sup> Sigo caracterização das mulheres na revista conforme estudo proposto por FIGUEIREDO, Vicente Aquino de. *O gênero em revista: simbiose patriarcado-patriarcalismo na publicidade de O Cruzeiro, nas décadas de 1940-1950*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC, SP, 2005, p.19.

<sup>340</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Rachel de Queiroz*. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 26.

“romance de 30”. E por ser regionalista são agrupados os mais diferentes autores de regiões diferentes. Uniformizados em um único nordeste, uma invenção dos anos 20 que polarizou o país em norte (atraso/pobreza) e sul (desenvolvimento/riqueza). Rachel diz “eu uso cenários típicos, discuto problemas, mas realmente não sou regionalista típica. O Ariano tem aquilo incorporado. Jorge também, mas é diferente. (...) Eu sou um produto da minha terra, não é? Não teria como ser diferente. E falo a linguagem que o povo fala na minha região; neste sentido estou naquele regionalismo fabricado que hoje já contamina até o cordel. Eu me louvo de ser espontânea.”<sup>341</sup>

### Um evento, o reconhecimento

Em 1993 o *V Seminário Nacional Mulher e Literatura*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação geral de Constância Lima Duarte, teve como homenageadas Gilka Machado e Rachel de Queiroz. O evento contou com a presença de Rachel de Queiroz, a “nossa primeira grande escritora”, que concedeu depoimento e autografou o romance *Memorial de Maria Moura*. A mesa “A obra de Rachel de Queiroz” foi composta por Benjamin Abdala Junior, Eduardo de Assis Duarte e Elódia Xavier.

Com uma leitura sobre *O Quinze*, focado na questão da utopia, Abdala diz:

Conceição afasta-se desse modelo ideológico, colocando-se como um ator social novo, em emergência. Não aceita para si nem os papéis masculinos de seu ambiente, nem os femininos. Conceição olha para os livros de outros contextos, um horizonte maior para onde se deslocam suas expectativas. Um olhar para fora, à procura de um porto de chegada.<sup>342</sup>

Na abertura do seu estudo, Eduardo Duarte<sup>343</sup> afirma que “antes dela, nenhuma outra mulher conseguiu manter cativo, durante décadas,

---

<sup>341</sup> Idem, p. 26.

<sup>342</sup> ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Utopia e ideologia em *O quinze*, de Raquel de Queiroz. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN Universitária, 1995, p. 78.

<sup>343</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiroz – literatura e política no feminino. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995, p. 81.

um público sempre atento e renovado, seja para seus romances ou peças teatrais, seja para sua extensa produção no campo da crônica jornalística”. As suas obras podem ser vistas como “índices precisos, espécie de marcos ou emblemas do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX”. Uma mulher de “vanguarda”, assim como Pagu. Escritora com o “ponto de vista da mulher”, Rachel, em *O Quinze*, “agudiza” a luta de classes e a crescente polarização ideológica, desmascara a literatura ideologicamente “neutra”. Para Eduardo, “as mulheres de Rachel são fortes sim, como é forte seu estilo simples e direto, calcado na oralidade nordestina; e como são fortes seus diálogos, às vezes duros e ríspidos, da mesma forma que o mundo retratado. São mulheres fortes mesmo quando choram, adoecem ou morrem de parto (...). A literatura de Rachel é uma construção empenhada “em abalar a ordem falocêntrica” e que se “insurge contra uma ordem social injusta”. Os seus romances “estão a nos dizer que a verdadeira liberdade só existirá quando homens e mulheres trilharem fraternos o caminho da igualdade de direitos e deveres”.

Em “A trajetória ficcional de Rachel de Queiroz”, Elódia Xavier<sup>344</sup> considera que em *O Quinze* estão presentes as duas vertentes que se desenvolverão nos romances seguintes: “a social e a existencial”. Em *João Miguel* temos o romance denúncia, o livro mais engajado da escritora. Em *Caminhos de pedras* e *As três Marias* ocorre a “investigação acerca do ser humano, sua natureza e seus conflitos”. Quanto à *Dora, Doralina*, a crítica percebe uma “visão amarga e desencantada” do mundo e “o doloroso reconhecimento da fragilidade do ser humano e de seus ideais e, conseqüentemente, a descrença em seu poder de transformar o mundo”. Elódia considera em *Memorial de Maria Moura*, narrativa de maior complexidade (ponto de vista), que as “rupturas são levadas às últimas conseqüências” – “assumindo os padrões masculinos” – ela vai se identificar com o pai –, corta o cabelo, modifica seu visual e dá início a uma existência de aventuras, de marginalidade e de crimes.

---

<sup>344</sup> XAVIER, Elódia. Trajetória ficcional de Rachel de Queiroz. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995, p. 86-88.

## Algumas leitoras de Rachel

Em 1993, Nelly Novaes Coelho, em “Rachel de Queiroz revisitada”,<sup>345</sup> atesta que a escritora pertence a uma linhagem humanista e revela em seu universo literário (romance, crônica e teatro) a crença de que o humano se caracteriza pela vida do espírito; (...) “consciente de que toda mudança estrutural em qualquer sistema social depende visceralmente de mudanças profundas na consciência ou mentalidades de cada indivíduo, Rachel cria um universo literário trágico, mas permeado por uma paixão peculiar pela vida e pelo respeito humano.”

Ainda Elódia Xavier, em “Da casa para a rua”,<sup>346</sup> considera que as mulheres da ficção de Rachel “rompem com a ‘casa’ para experimentar o mundo na ‘rua’; se nem sempre têm sucesso e voltam desiludidas, outras aí se realizam e, até mesmo, como Maria Moura, tornam-se poderosas, apesar dos pesares...”.

Maria de Lourdes Leite Barbosa<sup>347</sup> em seu livro *Protagonistas de Rachel de Queiroz* analisa as personagens Conceição, Guta, Dôra e Maria Moura mediante três perspectivas: a orfandade, a busca e o espaço. E como síntese dessas mulheres, considera a estudiosa que Maria Moura é o resumo de todas elas, ou seja, que ao comandar a “si mesma e seu bando, revela sua independência, a não concessão à moral religiosa e econômica da época, numa flagrante desforra das derrotas sofridas pelas protagonistas anteriores em seu processo de individuação”.

## Um ensaio panorâmico

Das visões críticas sobre a produção literária de Rachel, Ligia Chiappini<sup>348</sup> escreve uma contribuição inovadora. Propõe uma necessária releitura de seus romances partindo da visão de um

<sup>345</sup> Uma montagem de dois textos: “O pioneirismo de *O Quinze*” (1966) e “Rachel de Queiroz revisitada” (1990). COELHO, Nelly Novaes. Rachel de Queiroz revisitada. In: *A literatura feminina no Brasil*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 310-323.

<sup>346</sup> Idem. Rachel de Queiroz: Da casa para a rua. In: \_\_\_\_\_. *Declínio no patriarcado, a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998, p. 33-42.

<sup>347</sup> BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz*. Campinas: Pontes, 1999.

<sup>348</sup> CHIAPPINI, Lígia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: CHIAPPINI, Lígia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 167.

regionalismo diferente, por leitoras mulheres. Para tanto, ela lista, por meio de resenha, alguns estudos publicados por homens e mulheres. No tocante aos homens (por exemplo, Djacir Menezes e Durval Muniz), as suas leituras dos romances são “desatentas e, no mínimo, assexuadas, para não dizer machistas”. Das leituras das mulheres, cita Mônica Schpun com “Lé com crê?”, que trata das fronteiras móveis e imutáveis em *Memorial de Maria Moura*. O estudo demonstra que o enfrentamento da Moura com os seus queridos (Duarte e Cirino)

expressa primorosamente o caráter intrínseco das relações de poder, ligando homens e mulheres em toda sua complexidade, assim como a fragilidade das situações de ruptura, de ambiguidades profundas que envolvem a fissura encontrada por Maria Moura para ocupar um espaço de poder, escapando ao triste destino que lhe estaria reservado, enquanto mulher não submissa, disposta a defender com a vida a posse incerta da terra, num tempo e lugar em que se gestava a tradição da grilagem em vigor até hoje no Brasil.

Outro estudo considerado pioneiro é o de Nicole Guenot Baranes, *Presence de la femme l'ouvre romanesque de Rachel de Queiroz* (Paris, 1979), do qual são apresentadas as seguintes conclusões: 1. Os romances se expandem em números de páginas; 2. Substituição de técnica linear por mais complexa, *flash-back*, saltos no tempo, movimentos complexos internos das protagonistas; 3. Expande com maior liberdade, concentração no tempo; 4. Sertão é o refúgio, mas elas não ficam muito tempo; 5. Heroínas fortes confrontadas com mulheres submissas; 6. Fatalismo, evita o final feliz; 7. As mulheres são sensíveis aos problemas sociais do país; “a sensibilidade para a pobreza e para a opressão dos negros, dos pobres e das mulheres”; 8. O preço para essa liberação dessa mulher, que pensa e sente as mazelas do País e as suas próprias, será a solidão..

Heloisa Buarque de Holanda é citada por sua parceria com Rachel no estudo sobre matriarcas (Dona Bárbara de Alencar, avó de José de Alencar, que teria participado da Confederação do Equador.)<sup>349</sup> Chiappini cita Heloisa Buarque: “ser matriarca é criar espaço de

---

<sup>349</sup> Cf. QUEIROZ, Rachel de; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Matriarcas do Ceará*: D. Fideralina de Lavras. Disponível em: [acd.ufjf.br/pacc/literaria/donafederalina.html](http://acd.ufjf.br/pacc/literaria/donafederalina.html). Acesso em: 06 jun. 2005.

domínio próprio, assumindo uma relação de poder e decisão sobre o grupo familiar” e “decisão sobre o domínio”. Segue apontando que Heloísa B. de Hollanda “nos fala também de outras mulheres que aparecem com a modernização e estão mais próximas das inquietas jovens dos romances de Rachel, meio autônomas e meio submissas, como Dora, ainda, no tempo do Comandante. A crítica aponta para essas personagens fortes e decididas e constata a diferença delas em relação às heroínas vitimizadas, da abnegação sensível e ou das grandes viagens existenciais de Clarice Lispector, que seria, segundo ela, o grande emblema da literatura feminina no Brasil.”<sup>350</sup>

Quanto a Vilma Arêas,<sup>351</sup> em *Rachel: o ouro e a prata da casa*, atesta que Conceição seria uma alegoria da seca, com a sua indiferença diante de Vicente. Segundo Chiappini, “ela lê nessa obra a desconstrução discreta mas firme de mitos, preconceitos e expectativas (como o final feliz que poderíamos esperar, do rapto da donzela pelo sertanejo forte), ou a crítica que se enuncia mais nos silêncios para o leitor concluir do que nas palavras. Haveria em Conceição uma opção pela segura, porque esse é o caminho da mulher moderna, ou uma etapa necessária dele para a geração que é tida de retirante às avessas.” Percebe ainda na protagonista uma ironia e ceticismo, preocupação de ser não deseja ser piegas. Aproxima a escritora de Machado de Assis, uma das suas leituras prediletas.

Outro estudo interessante apontado é o de Vera Borges: *A representação do feminino em Rachel de Queiroz e Jorge Amado*. As conclusões das leituras dos romances dos dois autores são resumidas assim: 1. As mulheres de RQ<sup>352</sup> são descritas, mais no pensamento e na ação enquanto que as de JA são descritas fisicamente; 2. RQ trabalha com mulheres de classe alta, de média ou alta educação, em geral filhas de fazendeiro, e JA com mulheres pobres, de classe baixa; 3. Os dois trabalham com órfãos, porém as de RQ têm lembranças, apego, raízes; as de JA apagam o passado; 4. Nos dois as mulheres não têm filhos ou os perdem. As de RQ sentem a falta, ao contrário das de JA; 5. As mulheres de RQ buscam o poder e competem com os homens, as de JA são submissas; 6. Em RQ as mulheres pagam alto preço pela liberdade (a solidão), enquanto que as de JA rebelam-se e depois obedecem, sendo

---

<sup>350</sup> HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O éthos Rachel. *Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 103-15.

<sup>351</sup> ARÊAS, Vilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. *Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz*. n. 4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set. 1997, p. 87-102.

<sup>352</sup> RQ é sigla utilizada no decorrer do presente estudo ao fazer referência a Rachel de Queiroz; o mesmo ocorre com Jorge Amado, cuja sigla é JA.

que quase sempre terminam acompanhadas no final; 7. Quanto aos finais das narrativas: JA é otimista e fechado e os de RQ ficam abertos, geralmente marcados pelo pessimismo.

Para Vera Borges, o poder patriarcal ainda permanece absoluto, causador de inquietações, sem vislumbrar uma “saída”. Atesta que elas “perpetuam o modelo patriarcal, só que exercido por mulheres”. Em RQ o masculino e feminino são construtos “histórico-sociais”, e em Jorge Amado, quase fenômenos naturais. Borges acrescenta ainda que

Expressões de uma cultura marcada pela exploração, desigualdade social, aculturação e violência, estas mulheres têm que lutar contra o poder masculino em muitas frentes, contra a fome, o analfabetismo e a falta de condições mínimas de sobrevivências (...) Construir igualdade sobre desigualdade é antes um paradoxo, talvez possível, mas extremamente frágil e, o que é pior, continuaria a ser uma sociedade injusta.

Após a longa resenha, Lígia Chiappini conclui seu inventário propondo algumas questões, tais como: “ 1. Como se juntam os limites e as possibilidades representadas pelas mulheres de Rachel? 2. Observar ‘como o construto histórico-social de gênero se relaciona com o construto da região e da nação, considerando esse contexto de desigualdade tanto no centro como na periferia do país’. 3. Rachel rompe com a proposta regionalista defendida por Gilberto Freyre, pois as suas ‘heroínas saem do útero, da região e da casa grande para ganhar a rua, e mais que rua, a estrada, chegando às pensões das cidades, às suas escolas, lendo, estudando e escolhendo livremente seus parceiros e profissões’. 4. Que Brasil se cobre e descobre a partir do sertão cearense de Rachel? Que Ceará se descobre a partir de Fortaleza, Rio de Janeiro e Ilha do Governador, principais espaços em que essas mulheres transitam? 5. Qual a nordestinidade de Rachel? Difere dos autores homens lidos, do jornal, das novelas, carregados de estereótipos?”

Estas perguntas e tantas outras que não citei só poderão ser respondidas, segundo a ensaísta, com o retorno ao romance *Dora Doralina*, passando pelo *O Quinze*, avançando até *Memorial de Maria Moura*.<sup>353</sup>

---

<sup>353</sup> No decorrer deste trabalho o título do romance de Raquel de Queiroz *Dora Doralina* aparece, em certos trechos, com o acento circunflexo no ‘o’ do primeiro termo; isso se justifica

## Conduta curiosa

Além dos romances, em muitas crônicas Rachel tem a mulher ou as mulheres como foco central de sua escrita: notícias, comentários, lembranças ou narrativas (contos propriamente ditos). A condição feminina apresentada nas crônicas de Rachel é plural e complexa, assim como as suas protagonistas. A seguir recolho alguns trechos para ilustrar a diversidade de seu pensamento.

Em “Dona Noca”, a cronista traça o perfil de uma sertaneja que conheceu no Rio de Janeiro. Reconto uma história por Inês Barreto Correia de Araújo, uma importante educadora de Recife, uma “*career-woman*”, diz a cronista, mulher de grande capacidade de trabalho disfarçada de figura agradável, de “grande dama”.

Pois foi dona Inês que me apresentou à maranhense dona Noca, – aliás, dona Joaquina Rocha dos Santos – que é prefeita Municipal da cidade de São João dos Patos, no seu Estado, desde o ano de 1934 (...) / Contou-nos parte de sua vida; desde menina vem aprendendo a mandar, a tomar decisões e a fazer escolhas. (...) o pai, negociante forte no Maranhão, era daqueles provincianos de ideias largas que não se intimidava com o estreito onde vivem; este acreditava em liberdade feminina, em igualdade entre os sexos e criou a filha de acordo com o que pensava (...) / Contou-me ela que quando acha que vai debilitando a sua energia, deixando que a natureza fraca de mulher a domine mais do que permitido, faz qualquer coisa que os outros acham maluca – manda selar o cavalo, parte sozinha, apenas com um pajem, em viagem de muitas léguas, noite a dentro, cortando o sertão bravio. Talvez um inimigo – (quem não os tem, e por que não os teria essa mulher forte?) (...). Pois é disso que ela sente que precisa, para endurecer outra vez. Regressa da cavalgada retemperada, com energia nova. E paga com redobrado carinho a

São João dos Patos o que a sua cidade lhe dá em prestígio e gratidão (*O Cruzeiro*, 17/06/1950, p. 122).

Dona Noca pode ser uma recorrência das poderosas matriarcas narradas por Rachel em parceria com Heloísa Buarque de Hollanda. O que se assemelha é a desenvoltura dessas mulheres no universo masculino, porém distanciam-se pelos usos da civilidade, da lei, dos caminhos legais para o exercício do poder, como D. Noca, prefeita de uma cidade. Também é oportuno lembrar que a personagem Maria Moura chefiava um bando de homens; o seu mando, de poucas palavras, era a lei e a ordem. Para a mulher que ocupa espaço na esfera masculina – D. Noca – assim como Moura, o ambiente hostil não comporta sentimentalismo, marcas do feminino, e sim a força do mando e da ação.

Nesta crônica, infere-se que o protagonismo feminino, bem como já foi dito anteriormente nos romances da autora, só é possível com a orfandade e ausência de prole. Parece que na literatura, a ausência da mãe (ou dos pais) é a condição para a liberdade. Na crônica, o que destoa da realidade vigente das mulheres na década de 50 é o ideário paterno a propiciar a emancipação da filha – Dona Noca – na ausência de descendente/filho homem; tem mediante a proteção patriarcal o trânsito nas esferas públicas com desenvoltura e assim garante a perpetuação do poder do familiar.

Outro ponto interessante que a citação nos apresenta é o espaço do sertão como *locus* da vitalidade da força. Sertão, entendido como lugar inóspito, quente, perigoso, amplo e primitivo, distante da civilidade, onde animais e homens lutam pela vida é o habitat para revigorar a energia da Dona diante dos embates da vida.

### **A solteirona e o caritó**

A importância do casamento para as mulheres burguesas até início do século XX era uma garantia de ascender socialmente, um *status*, uma proteção e quase uma profissão. Segundo Maria Rocha-Coutinho,

durante os anos 50 e início dos anos 60, portanto, a sociedade reforçava a ideia do casamento cedo e a vinda dos filhos. O casamento era considerado o único estado apropriado para os adultos e as

crianças um produto natural e desejável. Estas eram consideradas essenciais para que a família permanecesse unida e as mulheres só se sentiam completamente realizadas com a sua chegada. Aquelas que não podiam ter filhos eram dignas de pena por terem uma vida incompleta. Os principais papéis da mulher – esposa, dona de casa e mãe – giravam em torno do casamento.<sup>354</sup>

Em “Vitalinas” Rachel escreve sobre a mulher solteira. Se as palavras ‘vitalina’ e ‘caritó’ não são compreendidas pela metade da população brasileira da Bahia para o sul, a cronista didaticamente explica:

Caritó é a pequena prateleira no alto da parede, ou início nas casas de taipa, onde as mulheres escondem, fora do alcance das crianças, o carretel de linha, o pente, o pedaço de fumo, o cachimbo. Vitalina, conforme a popularizou a cantiga, é a solteirona, a moça-velha que se enfeita – bota pó e tira pó, – mas não encontra marido. E assim, a Vitalina que ficou no caritó é como quem diz que ficou na prateleira, sem uso, esquecida, guardada intacta (*O Cruzeiro*, 19/09/1959, p. 130).

Feitos os esclarecimentos semânticos, a cronista passa a caracterizar como vive a mulher solteira até os anos 50 nas duas partes do país: nos centros urbanos e no interior.

Nas grandes cidades se desconhece a “reliquia da civilização cristã”, que é a solteirona e o seu cantinho, conhecido por caritó. As mulheres solteiras transitam por toda parte, ocupam as repartições, escritórios, lojas, escolas, e “até mesmo, Deus me perdoe, para esses amores outros melancólicos e irregulares com um homem que tem outros compromissos, e que não lhes pode dar senão algumas poucas horas, de espaço em espaço, e assim mesmo fugitivas e escondidas”. Essas mulheres, segundo Rachel, não se sentem uma “excrescência, aquelas a quem ninguém quis e que não têm um lugar seu em parte nenhuma”. Na província, no entanto, a situação é bem diferente:

---

<sup>354</sup> ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 99.

(...) ainda mantém presa a mulher que não tem homem de seu (o “homem do uso”, como se chama às vezes ao marido...) e assim na província, a instituição da titia ainda funciona com bastante esplendor. E o curioso é que raramente são as moças feias, as imprestáveis, as geniosas que ficam no caritó. Às vezes elas são bonitas e prendadas, e até mesmo arranjadas, com alguma renda ou propriedade, e, contudo, o alusivo marido não apareceu. Talvez porque elas se revelaram menos agressivas, ou mais ineptas, ou menos ajudadas da família na caçada matrimonial? (Idem).

Se, quando jovens, apresentam certa beleza, com o passar dos anos ficam ressequidas ou obesas, azedas e beatas. “Fazendo crochê ou se especializando em outras coisas igualmente inúteis, ressentidas, solitárias, queixando-se de imaginários achaques e tão semelhantes ao tipo caricatural da solteirona pintado nos livros e nos palcos que até parece que escolheram o modelo e o copiam com exemplar fidelidade”.

Dentre os motivos para esse modo de existir de algumas mulheres, Rachel apresenta alguns pontos para reflexão. O primeiro é a migração dos homens. Em muitos períodos de seca ou busca por trabalho os homens partem e tantas vezes casam por lá, ficando um excedente de mulheres para a disputa dos maridos. O outro ponto é a imposição “à reclusão mourisca que muito pai ainda costuma impor às filhas moças”. Deste modo, reclusas, as meninas vão ficando “tímidas, e dentro em pouco, já são elas próprias que se escondem com a cerimônia dos estranhos”.

Enfatiza que as mães também contribuem para o drama dessas mulheres. Ter uma filha moça não é tão terrível quanto na China. Ela pode ser uma preciosa babá, uma professora, costureira, em suma: o “descanso da mãe”; e essas mães, por egoísmo, explica Rachel, para não perderem “a ajudante insubstituível, se associam aos pais no zelo exagerado, traindo a solidariedade do sexo por outra mais imperiosa, a solidariedade da exploração”.

A menina que passeia de lambreta e é assídua frequentadora dos cinemas nem pode imaginar como a vida das meninas do interior é penosa:

Nas famílias mais pobres, então! De pequenina, sete a oito anos, já recebe um irmão menor para criar, e o uso é que crie completamente, assumindo toda responsabilidade, como se a própria mãe o fora. Fazer mingau, banhar o menino, balançá-lo para dormir, atendê-lo à noite (inclusive nas doenças), carregá-lo. Às vezes são tão pequeninas que nem podem com irmão nos braços e por isso inventaram o uso de o carregar no quadril e têm delas que ficam tortas, só do peso permanente que levam do lado direito, durante toda a infância. Também das meninas é a obrigação de trazer água para casa; e quando os irmãos crescem são elas que lhes lavam e engomam a roupa e cozinham a comida. Nas famílias mais pobres elas também vão para o roçado, junto com os homens de casa, limpar de enxada. E o sinal de que uma família tem moça muito mimosa e de bom trato, é dizer-se que ela não sabe o que é enxada. Mas apanhar feijão e algodão todas apanham, mesmo as de luxo (Idem).

Lembra que as mães continuam a ter filhos, e assim envelhecem muito cedo: “aos trintas anos já são umas megeras, sem carnes e sem dentes”. Questão do casamento não chega a ser um problema para as meninas pobres, que quase sempre arranjam maridos para dividir a vida e suas dificuldades. À solteirona, ou vitalina, mais presente na classe dos “remediados e dos meio-ricos” era exigido um trabalho bem menos duro, tendo em vista que costumeiramente havia aquela criada que desde pequena enfrentava penosas jornadas de trabalho, comumente chamada pelos “patrões” de padrinhos, “uma pequena escrava para quem a Princesa Isabel nunca existiu” e teve desde pequena uma vida de muito trabalho. Sobre esta mulher, Rachel descreve a sua labuta:

A primeira que acorda, a última que dorme, não há serviço, por pior, que não lhe imponham, nem direito, por menor, que lhe reconheçam. Para dormir tem uma rede armada a um canto, come às pressas na cozinha o resto das panelas, veste a roupa velha das meninas de casa e lá um vestido de chita nova nas festas. Essas, contudo, raramente se casam (ou fogem e “se perdem”), pois as madrinhas desviam qualquer

pretendente no susto de perderem a cativa; depois de mulheres feitas quase nunca realizam a figura da vitalina guardada no caritó. De escravas que foram quase sempre se transformam em tiranas, assumem a direção da casa quando a senhora envelhece e as moças indolentes não a disputam. Viram-se na Dindiha, na Mãe Titó, na Tia-Bá, eminência negra ou parda e em cujas mãos capazes fica praticamente entregue o governo da família (Idem).

A existência da vitalina anda desaparecendo, comenta. O que surge então é a “moça livre” ou a “mulher de carreira”, que segue os modelos da América do Norte e da Europa.

### **Mulher, mulheres**

No longo texto “Mulheres”, publicado em 1950, Rachel parte da leitura de uma matéria publicada em uma revista francesa sem mencionar título deste periódico, na qual apresenta duas vertentes internacionais sobre a condição das mulheres no pós-guerra: o *modus vivendi* das americanas e das francesas. A partir de uma troca de correspondência entre duas leitoras - europeia e norte-americana-, instala-se um curioso debate entre o velho e o novo mundo, reproduzido na Última Página.

O processo de elaboração da crônica – via noticiário – compõe-se de uma urdidura do texto, detalhadamente compartilhado com público. Em tom de conversa, Rachel assim escreve sobre a leitora/americana:

lamentando os curtos horizontes da sua vida, sua prisão ao lar, os preconceitos sociais que lhe negam liberdade igual à masculina, a vida de economia a que é forçada, uma vez que não faz carreira profissional, o terrível trabalho de cozinha que lhe dá o marido francês, *gourmet* incorrigível, a falta de aparelhos de uso doméstico que lhe facilitem a lida diária, a falta de instituições adequadas – creches, jardins de infância, grandes universidades, internatos – que a libertem da presença permanente dos filhos em casa, a falta de dinheiro e tempo que não permite à mulher francesa frequentar os salões de belezas tanto

quanto as americanas, que são, incontestavelmente, as mulheres mais bem cuidadas do mundo (*O Cruzeiro*, 02/12/1950, p. 138).

O texto passeia pelos diversos aspectos do cotidiano feminino: casamento, maternidade, organização do lar, etc. A americana, que usufruía à época de grandes novidades tecnológicas, de participação masculina nas tarefas domésticas e de acesso ao mercado de trabalho, intenta defender o *american way of life* como paradigma da mulher moderna. Para tanto, a atitude pragmática é um convite para que as francesas visitem os Estados Unidos a fim de comprovarem a realidade propagada. Seguindo a crônica, há a recusa das francesas para tal passeio. De modo curto e grosso, segundo a crônica, elas responderam às críticas das norte-americanas neste tom:

Que não tinham aparelhos elétricos em casa, mas tinham uma “casa”, um lar, coisa que a americana já desconhece. Que, se os seus maridos são *gourmets* e exigentes – ótimo: são homens, têm bom-gosto, e o atrativo da boa cozinha prende-os ao lar, o que não aconteceria se fossem alimentados com conservas de lata: passariam então a comer sanduíches na rua, feito os americanos... Que elas, francesas, não acham encanto nenhum em irem para a rua e os escritórios disputar posições com os homens (até nos ringues de luta, lembra uma leitora de Dijon), onde perderiam a sua feminilidade, a sua delicadeza, transformando-se em ásperas *career women* assexuadas, tal como o são a maioria das americanas... E, aliás, a mulher francesa trabalha muitíssimo (*o que é verdade*), porém sempre em profissões adaptadas ao seu sexo e capacidade. Quanto aos preconceitos sociais, declaram que estimam muito ainda os conservarem, apesar das duas guerras e dos cinco anos de ocupação alemã: são índices do alto padrão moral da mulher francesa. O espetáculo da mulher americana, frequentemente embriagada de coquetéis e uísque nas ‘parties’ e divorciando-se todos os anos, faz com que as pessoas sintam uma certa gratidão pelos preconceitos que as impedem de tomar tais caminhos... Que quanto ao último item, o dos

cuidados de beleza, chega a parecer irônica tal afirmação – porque a verdade é que o cetro da elegância e beleza femininas continua a pertencer às francesas, “*é de lamentar que as americanas gastem tanto dinheiro e tempo nos salões de beleza para obterem resultado tão relativo; pelos menos é o que nos deixa pensar o espetáculo das turistas americanas em visita à França* – conclui maliciosamente uma leitora da Cote d’Azur (Idem).

Continua a reprodução do debate:

E parece que é ponto pacífico a afirmação de que os Estados Unidos são realmente o paraíso das mulheres: os homens de lá são uns anjos, ajudam a lavar a louça, não se metem na vida das esposas, tratam-nas como iguais – ou antes, como a seus superiores; apesar de que elas ganham por si, eles as cobrem de dinheiro mesmo depois que as largam... Afirram, porém, as senhoras francesas que, segundo desconfiam, as americanas não são felizes, apesar de todas essas vantagens. E declaram: “você podem mandar neles, e explorá-los, mas a nós *eles nos amam*. Não nos tratam como os outros homens, tratam-nos como mulheres, graça a Deus! (Idem).

A descrição das vozes dissonantes, com muito humor e escrita leve, é uma oportunidade para análise e problematização sobre a realidade periférica do Brasil, à época marcada pelas distinções sócio-econômico-político e culturais entre a zona costeira (urbana) em processo de urbanização em níveis diferenciados, mais acelerado nas regiões sul e sudeste, e no interior do país. Neste sentido, a cronista, de modo simplista, considera que na província ainda se estava mais próxima das francesas e nas cidades as brasileiras imitavam as americanas o quanto fosse possível, só não tiravam um melhor resultado da imitação porque os homens não eram tão bonzinhos quanto os *husbands* das americanas e também por faltar dinheiro para adquirir o maquinário da casa moderna e a comida de conserva, dois ícones da cozinha moderna.

Retomando a crônica. Rachel escreve que a situação se complicava quando a provinciana se mudava da sua terra para a cidade

grande, sendo que ela imediatamente procurava esquecer os costumes do interior e tratava de adquirir os hábitos americanizados, que “ela supõe ser *carioca*: fumar, tomar coquetéis, jogar buraco”, ou seja, torna-se uma mulher sofisticada, que aprende a falar de sexo, em complexos e cinema. “As mais inteligentes chegam a se interessar por política nacional e internacional”. Ou se caso a relação (não casamento em regime jurídico) não der certo, recorre ao desquite. Neste sentido ocorre o rompimento com a tradição familiar e com o ambiente estreito para os seus novos horizontes. O que resta para mulher exilada, pertencente a lugar nenhum é ficar, para a cronista, ir “vivendo a sua vida”. Sendo assim, Rachel de Queiroz observa a tensão em que vive essa mulher nestes dois mundos:

flutua insegura sem saber a que mundo pertence; perdeu a estabilidade, a tranquilidade de sua gorda irmã que vive em Cuiabá, em Teresina ou em Pelotas (...) mas não adquiriu a segurança, a eficiência, a couraça de ambição da mulher de carreira, a quem a dura vida urbana deu a resistência, a capacidade e a força predadora para defender-se e ganhar dinheiro, como acontece com os homens (Idem).

Rachel conclui que esta mulher intermediária, participante dessas duas vidas, deslocada, pois, não pertence a lugar nenhum, vivendo dentro do conflito, é “profundamente infeliz”.

É oportuno retomar as representações femininas acima mencionadas, especialmente a da mulher americana no período. Lembro aqui, por exemplo, do estudo de Dulcília Buitoni:<sup>355</sup> a “mulher celulóide”. Ora, o processo expansionista dos Estados Unidos e a conquista de novos territórios e consumidores tiveram como grande propagandista o cinema. Através das películas dos filmes, exportavam-se sonhos ou um ideário de liberdade e de progresso que se intensificou no segundo pós-guerra, em que se ditaram novos padrões de comportamento a ser seguido. E como símbolo, a mulher celulóide alimentava-se pelo imaginário do Tio Sam.

Neste contexto, lembro que Lygia Fagundes Telles<sup>356</sup> fala de uma “mulher-goiabada”. A mulher goiabada é aquela que perdeu os sonhos

<sup>355</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel*: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981, p. 123.

<sup>356</sup> TELLES, Lygia Fagundes. *Mulher, mulheres*. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord.). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 669-672.

na vida doméstica. A escritora rememora a sua formação e a relação com sua mãe que fazia uma goiabada maravilhosa e, receosa dos caminhos que a filha, Lygia, se propunha a seguir.

A relação com o labor doméstico é uma questão bem atual. Em seu livro de memórias – *Tantos anos* – esclareceu que sua mãe, além das amplas leituras, passeios, liberdades, foi cuidadosa para que as filhas tivessem responsabilidades com as tarefas domésticas (havia revezamento durante as semanas na organização da casa). E assim, Rachel cultivou acentuado interesse em cozinhar. Encarava o trabalho manual (também costurava, fazia crochê e tricô) como um certo alívio para a mente. Ao ser indagada que outros interesses profissionais poderia ter, responde: “provavelmente eu seria cozinheira (...) minhas frigideiras de mariscos cearenses são um sucesso”. Raramente se distanciou de suas panelas e apetrechos, mesmo na fase mais trabalhosa de preparação de suas obras. Se cozinhar é uma arte de transmutar e de ‘com-partilhar’ com o outro, e, entre palavras para o texto e temperos para molhos, alguns amigos mais chegados – Carlos Drummond, Mario de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, por exemplo – provaram as delícias da mestre-cuca, dividida entre os sabores sertanejos e a culinária francesa.

### **Dois tipos de mulher**

Em “A eterna *jeune-fille*”, Rachel comenta como os anglo-saxônicos, em meio às conversas ou na literatura, mencionam o tipo “*jeune-fille*” para “falar em malícia, no eterno frívolo feminino, em soltura de costumes, em pecados, senão da carne, pelo menos da/pela”. No meio da crônica, Rachel ilustra com uma passagem de um romance de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, cuja narrativa apresenta como defeitos franceses, “a frivolidade, a vaidade, o imoderado amor às *toilettes* caras e às companhias masculinas”. Passa então a fazer uma distinção para os seus leitores entre a *fille* e a *jeunne-fille*. A primeira é aquela mulher bonita que dança nos cabarés, canta cantigas apimentadas, é exportada para vários lugares alegres do mundo. A segunda é moça de família, personagem tipo dos livrinhos de condessa de Ségur, “a *fillete-bien-élevée* dos compêndios de boas maneiras dos nossos tempos de menina”. Elas pouco se mostram. “Precisam ser procuradas, espreitadas”. Essa menina é descrita como sendo modesta, vestindo uniforme escolar, que

---

vai à missa aos domingos, matinê de teatro ver peças açucaradas. “Aparentemente recém-saída de um romance de Bordeaux ou de Gyp – tal como era há cinquenta anos”.

Conhecedora de Paris, a cronista-viajante mapeia lugares em que o turista poderá deparar-se com essa jovem: confeitarias da Place de La République, os trens de subúrbios, os liceus, os cortejos dos casamentos, as praças de bancos modestos, os jardins de Luxemburgo ou Jardim das Plantas. Pode-se encontrá-la:

vigiada, submissa, inocente, acreditando ainda que o casamento é uma profissão e o seu destino; ignorando, totalmente, as suas irmãs de suéter preto, cabelo liso e sujo, cigarro à boca, que povoam os cafés de *Saint-Germain* – aquelas falsas existencialistas de fala rouca e olhos sonolentos, que o turista inexperiente toma por verdadeira *jeune-fille* francesa. E volta o viajante para a sua terra pensando horrores da perdição daquela mocidade, sem saber que só viu a mercadoria de amostra, manuseada e gasta, para uso da indústria do turismo. Que as genuínas raparigas francesas, as moças de família que os moços da terra levam à *mairie* ou à igreja, fazendo delas sua esposa e sua sócia, essas ninguém as vê senão depois que engordam e envelhecem, na figura da *patrone* da pequena loja de armarinho ou de tintureiro, ou da senhoria atrabiliária e prodigiosamente econômica, que para ajudar o marido mutilado da guerra ou desempregado, aluga a casal distinto o quarto mobiliado, com direito a *chanffage* e *tout le confort moderne* (*O Cruzeiro*, 23/02/1952, p. 145).

Com essas descrições, Rachel apresenta um tipo feminino presente em muitos livros, mas também observado durante os passeios pela cidade de Paris como *flâneur*. A delicadeza em caracterizar essa jovem submissa, sem grandes intenções, mostra a diversidade da vida das mulheres que coexistem na vida real e na ficção.

## Feminismo e maternidade

Na crônica “Problemas de feminismo”, de 1952, Rachel parte de uma proposta para participar de uma agremiação de mulheres que se dizia não ter intenções feministas, mas procurava lutar pela defesa dos direitos das mulheres. Com certa perplexidade, a cronista fala: “ora, minhas flores, mulheres reunidas fazendo discursos, escrevendo manifestos, batalhando pelo progresso do sexo, lutando pelos nossos famosos direitos, o que não é senão feminismo?”. Em seguida, a escritora dá o seu depoimento:

O importante, para mim, não é que eu goste ou não goste; o ponto, comigo, é outro: o importante é que não acredito em feminismo. Não creio numa rede de interesses comuns que ligue as mulheres do mundo, separando-as dos homens e dos interesses masculinos. Acho que vai distância muito maior entre uma comunista e uma católica, ambas mulheres, do que aquela que separa um homem de uma mulher das mesmas convicções (*O Cruzeiro*, 26/07/1952, p. 146).

Para ela, há “mulheres”, seres diferentes. Acredita que não há igualdade dos sexos, biologicamente são distintos. No entanto, ela concorda que a legislação vigente sobre os direitos civis das mulheres casadas era injusta, e que necessitava ser revestida “não porque sejam especificamente contra as mulheres, mas principalmente porque são injustas”.

Continuando a falar com franqueza, chego a confessar que não tenho ideias muito seguras a respeito do papel que a mulher pode e deve desempenhar no mundo moderno. Se, por um lado, somos capazes de aprender muitas das coisas que os homens sabem e se podemos dar conta da maior parte dos ofícios masculinos (talvez porque a civilização atual suavizou de tal modo a tarefa dos homens e que a pôs ao alcance até das mulheres...), por outro lado a nossa carga – biológica, digamos – já é de si muito pesada para que procuremos outros encargos além dos que a natureza nos reservou (Idem).

Considera que a natureza:

que não é moderna e nem progressiva, nem tem ideias modernas; a natureza, com a cegueira e a sua característica falta de imaginação, teima em fazer da mulher, moderna ou antiga, um mero animal reprodutor e aleitador. Por brilhante, intelectual, artista, ambiciosa que seja a mulher, não deixa por isso de ser – com licença da palavra – a fêmea da espécie, e ter ao seu encargo exclusivo o penoso trabalho da gestação e criação dos filhos. Que os homens, tudo que eles fazem pela prole é o que pode chamar de trabalho voluntário e não compulsório, como o nosso... (Idem).

Voltando à crônica, esclarece Rachel o seu ponto de vista:

Nessa teima de natureza é que nasce o grande conflito da mulher de carreira, da mulher profissional, que pelos seus dotes intelectuais, capacidade de trabalho e agressividade ousa e consegue competir com os homens nos terrenos que até bem pouco eram reserva particular deles. Conflitos com os homens, pode-se dizer que já não existe, que eles já estão vencidos e convencidos. O conflito é com ela própria. A mulher ainda não descobriu uma fórmula que resolva o problema da maternidade quando esta entra em choque com a profissão, o que quase sempre sucede. É sistematicamente obrigada a escolher entre carreira e os filhos: ser ou a amazona, ou a mãe de família. Nenhuma das outras soluções experimentadas resolve: porque a melhor delas, que são as “creches”, ou as amas, governantes, etc., não representam uma solução, mas simplesmente uma transferência. Arranja-se uma mãe substituta, mas a necessidade da mãe permanece e tem que ser suprida; e o problema não foi resolvido, foi passado adiante. Há as que tentaram ao mesmo tempo ser uma profissional e dar conta dos filhos; mas isso representa uma sobrecarga pesada demais, e acaba sempre

resultando no mesmo: o sacrifício de uma das duas tarefas – a família ou a profissão (Idem).

Continua refletindo que o problema básico da mulher não está no relacionamento com os homens, mas na própria “condição de mulher”. Para a cronista, a mulher faz parte “desses dramas terríveis e insolúveis da natureza humana, como o do amor, por exemplo, e para os quais, aparentemente, não há fórmula conhecida de solução”. A saída proposta é uma “acomodação à inglesa”: aproveitar as oportunidades que o mundo oferece com novas profissões, “mas sem muito arrojo, sem muita soberba”. Qualquer coisa que a mulher possa fazer: “dirigir aviões”, “arengue às massas”, “dispute política” ou “ajude a governar o Estado”, mesmo assim “escondida na nossa entranha de mulher estará sempre presente a misteriosa máquina, pronta a funcionar, sem respeitar cartaz nem coroa, pronta a transformar a valquíria audaciosa que toma o lugar dos homens, na simples e eterna mulher que carrega o filho consigo e por isso mesmo se torna fraca e desinteressada do mundo, carecida de proteção e ajuda.” Por fim, em um parágrafo curtíssimo, afirma que “a verdade que pode ser desagradável, mas é também verdade, nua e crua. E assim sendo, para que perder tempo com feminismo?”.

A questão da maternidade é complexa. Aproximando o pensamento da cronista com a ficção de autoria feminina, cito Zahidé Muzart<sup>357</sup>: o “romance de Carolina Nabuco, *A sucessora* traz uma personagem ambígua, conservadora e rebelde ao mesmo tempo mas que ao final assumindo a maternidade, assume a prisão do casamento”.

### **Paralelo, simultâneo**

A luta pelos direitos da mulher no Brasil é estudada minuciosamente por June Hahner, em *Emancipação do sexo feminino*<sup>358</sup>. Conforme apresentação de Joana Pedro, o livro de Hahner “compara o movimento feminista do Brasil, utilizando como pano-de-fundo a sociedade brasileira, conforme o testemunho de escritores estrangeiros, com o movimento feminista em outros países. Este tripé –

---

<sup>357</sup>MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In.: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.

<sup>358</sup> HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino*. A luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Traduzido por Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

feminismo no Brasil, visões sobre a sociedade brasileira e feminismo em outros países – estende-se de meados do século XIX até os anos quarenta do século XX. O livro analisa a luta pelo direito à educação das mulheres (da erradicação do analfabetismo até o acesso ao ensino superior), desenvolvimento integral de todas as potencialidades, e, ainda, pelo direito de se eleger e ser eleita.<sup>359</sup>

### Uma teoria

Constância Lima Duarte<sup>360</sup> em *Feminismo e literatura: discurso e história* faz uma reflexão sobre a trajetória do movimento feminista no Brasil e da literatura de autoria feminina, estudo em que analisa também a inserção do pensamento feminista na prática literária e no qual chama a atenção o tabu para a palavra “feminismo”, carregada de “desconsideração”. Uma história de grandes conquistas, o feminismo garantiu as principais conquistas para as mulheres: frequentar a universidade, profissão, salários compatíveis, atuação na esfera poder político, etc.

Considera Constância como uma derrota do movimento o isolamento da palavra e o desconhecimento das novas gerações da longa história de luta das pioneiras que se sacrificaram. Com este intuito de tornar pública essa história, Constância propõe uma definição para feminismo: *todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual ou de grupo*. Comparadas com ondas – no seu vai e vêm entre calma e impetuosidade, o movimento feminista apresenta as seguintes fases, ou melhor, ondas: 1830, 1870, 1920 e 1970. Em cada etapa muitas escritoras, muitos movimentos.

Na primeira onda – “As primeiras letras” – no tempo em que as mulheres viviam enclausuradas, na indigência cultural, aparece o nome de Nísia Floresta, que percebe as desigualdades como resultantes da

---

<sup>359</sup> Talvez, o desencanto de Rachel de Queiroz com o movimento feminista possa ser aproximado ao pessimismo de Maria Lacerda de Moura com as lutas das mulheres nas primeiras décadas do século. Ambas se declaravam anarquistas. Maria Lacerda, uma “anarquista individualista” e Rachel uma “doce anarquista que não respeita governo”.

<sup>360</sup> DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura: discurso e história. O Eixo e a Roda*. v. 9/10. Belo Horizonte, 2004, p. 195-219. Disponível em: <http://www.lettrasufmg.br/posli>. Acesso em: 20 jul. 2010.

inferioridade e quem “antecipa a noção de gênero como uma construção sócio-cultural”.

Na segunda onda (1870) – “Ampliando a educação e sonhando com o voto” – há o surgimento de jornais e revistas de caráter feminista, editadas principalmente no Rio de Janeiro: “movida por uma mesma força e um mesmo idealismo, esta imprensa terminou por criar concretamente – uma legítima rede de apoio indispensável para a conscientização feminina”.

Na terceira onda (1920), denominada de “rumo à cidadania”, século XX é marcado por mulheres organizadas pelo voto, por universidades, pela ampliação do campo de trabalho além do magistério. Dois nomes se destacam: Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. No governo de Getúlio as mulheres são incorporadas ao Novo Código Eleitoral, em 1932; já podem votar, mas só poderão exercer plenamente esse direito ao voto e ser votada em 1945. No campo literário destacam-se: Rosalina Coelho, Gilka Machado, Mariana Coelho<sup>361</sup> e Rachel de Queiroz: “grande nome da literatura brasileira, que há décadas mantém um público atento e renovado, seja para seus romances, seja para sua extensa produção no campo da crônica jornalística (...)”.

Como outras mulheres, “Rachel colocou-se na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços estranhamente masculinos (...). Apesar de tantas personagens roubando a cena ficcional e também de sua própria trajetória de vida, Rachel de Queiroz nunca vai admitir a legitimidade do movimento feminista. E ironicamente, vai caber a ela, em 1977, inaugurar a presença de mulheres na Academia Brasileira de Letras”.

A quarta onda – “Revolução sexual e literatura”, o momento mais exuberante, que “foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal”, é citada com data importante o 8 de março, instituído em 1975 pela ONU como dia Internacional da Mulher, ano do movimento pela Anistia, com destaque para Rose Marie Muraro pela “atuação firme e coerente, assumidamente feminista”. No campo literário Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Marina Colassanti. No final dos anos 70, há a institucionalização dos estudos sobre a mulher, como

---

<sup>361</sup> Um dos grandes nomes da história é o de Mariana Coelho que probem Cf. COELHO, Maria. *A evolução do feminismo*. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. Ver também o estudo KAMITA, Rosa Cássia. *Resgate e ressonância*. Mariana Coelho. Florianópolis: Mulheres, 2005.

ocorria na Europa e nos Estados Unidos aqui no Brasil são criados os GT - da ANPOLL e Núcleo de Estudos da Mulher – em vários estados.

Nos anos 90, com a assimilação da revolução cultural no cotidiano, as bandeiras feministas passam por acomodação e “arrefecimento”. Os estudos saem da cena principal e passam a compor os chamados estudos culturais.

### **Procriação e liberdade**

Para a cronista, a questão crucial para a recusa da bandeira feminista é a maternidade, considerada tarefa essencial para as mulheres.

Sob o clima das grandes mudanças pós-guerra, em 1949 Simone de Beauvoir publica *O Segundo Sexo*, um marco fundamental no pensamento feminista do século XX,<sup>362</sup> provocando escândalos e adesões entusiasmadas. O seu estudo abriu novas perspectivas e a teorização sobre o feminismo.

No contexto histórico marcado por grandes transformações, como a industrialização acelerada, com entrada em grande massa das mulheres no mercado de trabalho, crescente controle da concepção, Beauvoir investiga o que vem ser a mulher em diferentes perspectivas (biológico, sociológico e psicanalítico), uma obra composta por dois volumes, (Fatos e Mitos e A experiência vivida), sendo que a escritora também aponta novos horizontes para a convivência entre homens e mulheres.

Os estudos de Beauvoir tratam o corpo como algo concreto, e não metafísico: “não se nasce mulher, torna-se”. Contestando todo o determinismo biológico, a família, a moral e os bons costumes, defendendo a contracepção e o aborto, a maternidade é vista como uma “construção social que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal de dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino”.<sup>363</sup>

Deste modo, a experiência da maternidade – gestação, parto e cuidados com os filhos – passa ser o elemento-chave da dominação de um sexo sobre o outro. Garantido o lugar da mulher como reprodutora

---

<sup>362</sup> Em 1953 *O Segundo Sexo* é traduzido para o Inglês, vendendo dois milhões de exemplares. Em seguida é traduzido para a mais de 20 idiomas, tornando-se um *best-seller*. Sartre e Beauvoir estiveram, em 1960, por duas vezes no Brasil: Recife e Araraquara-SP.

<sup>363</sup> SCAVONE, Lúcia. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as Ciências Sociais*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2011.

da espécie, justificaria a sua ausência no espaço e o seu confinamento doméstico.

Para Susana Borneo Funck<sup>364</sup> – em “A maternidade como determinante social nas utopias feministas” –, apesar da profunda importância da maternidade na estruturação social e nas relações entre os sexos, tanto dentro quanto fora da família, suas implicações psicológicas e ideológicas permaneceram até recentemente pouco abordadas e raramente questionadas. Com o advento do feminismo dos anos 70, Nancy Chodorow, Dorothy Dinnerstein e Adrienne Rich veem a função procriativa da mulher como um importante componente social, cultural e político, contribuindo para despi-la da mística que ainda a envolve na máscara do cotidiano atual”.

Cristina Stevens<sup>365</sup> considera que a “maternidade, tradicionalmente assumida como o alicerce da estrutura familiar, passou a ser controlada de várias formas, com uma surpreendente proliferação de discursos patriarcais que buscam entender e controlar o que se considera o ‘imperativo da reprodução’”. Para ela, a “maternidade é um *locus* de poder e opressão, autorrealização e sacrifício, reverência e desvalorização, aspectos complexos que precisam ser trabalhados a partir da ótica da mulher”.

Como exemplo, cito a fala de Isabel Allende: “antes de tudo, tive que criar os meus filhos e manter uma família. Não pude me dedicar à literatura até os 40 anos. Tive também de vencer minha própria insegurança e os preconceitos culturais”.<sup>366</sup>

Em seu estudo considera que mesmo tendo acontecido mudanças no fazer maternal, as mulheres encontram em uma “espécie de encruzilhada”, tendo em vista que a maternidade é “ao mesmo tempo um dos pilares que sustentam o patriarcado, mas também um elemento importante da identidade feminina”. Ora, na crônica dos anos 50 começavam as mudanças que desvinculavam a sexualidade da missão suprema feminina, e, nas décadas seguintes, foram intensificados os questionamentos e experiências com o acesso à pílula e a outros métodos contraceptivos, com a contracultura e, notadamente, com as

---

<sup>364</sup> FUNCK, Susana Borneo. A maternidade como determinante social nas utopias feministas de Marge Piercy e Margaret Atwood. *A mulher na Literatura*. Nádia Batella Gotlib (org). Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 93-103.

<sup>365</sup> STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente*. Disponível em: <http://www.ufsc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTINA%20MARIA%20TEIXEIRA%20STEVENS.pdf>. Acesso em: 06 set. 2009.

<sup>366</sup> *Folha de São Paulo*, 8/11/1994.

conquistas das organizações feministas em vários países. Nas décadas seguintes, a cronista continua a abordar a questão do feminino, das mulheres em outros escritos.

### **Senhoras leitoras, prestem atenção**

A cronista acompanhou toda a “Era Vargas.” Tempos marcados pela intervenção do Estado na economia e na organização social do país. O governo de Getúlio teve como característica o autoritarismo e a centralização do poder em suas mãos pelo populismo.<sup>367</sup> Rachel foi uma antigetulista por toda a vida. Em 1950, período eleitoral, escreve a crônica “Eleições (para mulheres)”. A partir do título, endereçada à leitora, o texto envereda para uma boa conversa entre “comadres”. Antes pede desculpas por “bater na mesma tecla” – Getúlio, após quinze anos de poder, ensaia o seu retorno, e a cronista não mede as palavras:

é o único motivo que realmente interessa a todos nós brasileiros. E mais do que ninguém nós, mulheres, que temos os nossos filhos, os nossos maridos, os nossos lares, toda a nossa vida e os nossos interesses dependentes do que acontecer na política, poderemos por acaso cruzar os braços e ir discutir poesia, ou moda, ou literatura?

(...)

A essas mulheres venho prevenir que votem nesse homem – digamos logo o nome dele – que votem em Getúlio Vargas – se querem novamente ver no Brasil um governo de força. E que não pensem que, pelo simples fato de ser um eleito num pleito democrático, um antidemocrata visceral pode mudar as suas convicções e se corrigir aos limites que lhe marca a Constituição (*O Cruzeiro*, 29/07/1950, p. 130).

A sua escrita e a sua voz têm destinatário específico: as mulheres. Marcada pelos horrores dos regimes totalitários, ela cita Hitler, explicando a sua ascensão, e também Getúlio que, em 1934, foi “legalmente-eleito”.

---

<sup>367</sup> Cf. FERREIRA, Jorge (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Após estas explicações, exorta, ironicamente, às mulheres que votem em Getúlio:

quem desejar ver novamente o país sob regime de ditadura, esses votem sossegados, que serão satisfeitos. Quem quiser ver restabelecida a censura à imprensa, quem quiser ver suspensas todas as liberdades públicas garantidas pela Constituição. Quem quiser ver de novo o Tribunal de Segurança fazendo o seu monstruoso arremedo de justiça, quem quiser que volte a ser legal pena de morte. Quem quiser, em resumo de males – ver na chefia do país um senhor absoluto, lidando com a vida dos cidadãos, com o dinheiro público, com a lei, com a justiça, com a política, com a paz e com a guerra – como se fosse com as reses dos seus rebanhos do Rio Grande, as quais ele manda vender e comprar, matar, ferrar a fogo, marcar na orelha, como dono e senhor que é delas.

Se vocês querem esse Getúlio, votem em Getúlio. O que não podem esperar é que se mudem as malhas da onça, ou usando um ditado gaúcho, para dar cor local, que um cachorro que mata ovelha possa mudar de costume. E muito menos tomar conta das ovelhas e protegê-las contra os lobos (Idem).

O nome de Rachel de Queiroz ficou muitas décadas longe dos acadêmicos. Um dos fatores, além do cânone literário ser marcadamente constituído por escritores, está associado ao episódio problemático, espécie de “caixa preta” na vida de Rachel: a sua atuação junto ao grupo de intelectuais que conspirou em prol do Golpe de 64, como já observamos neste trabalho. Mais uma vez foi no seu espaço íntimo, apartamento no Rio de Janeiro, onde ocorreram algumas reuniões para que Castelo Branco, amigo pessoal, assumisse a presidência da República no lugar de Jango, considerado herdeiro do populismo de Getúlio. A ditadura militar tomou outros caminhos, endureceu, e a escritora afastou-se, amargando críticas e ressentimentos ao longo de sua trajetória. Em nenhum momento, todavia, procurou desculpar-se ou lamentar pelo ocorrido nem pouco se importava em ser aclamada como reacionária.

O jornalista Dimitri Túlio<sup>368</sup> esmiúça esse acontecimento em artigo publicado na ocasião dos 90 anos da cronista: “inimiga confessa de Getúlio Vargas, a quem chamava de caudilho e fascista, Rachel de Queiroz havia transferido por tabela ideológica a herança odiosa a Jango e Brizola”. Rachel de Queiroz e Adonias Filho trabalharam voluntariamente “como intelectuais para fardões Golbery do Couto e Silva, Newton Reis, Herrera, Antonio Muricy e Sizeno Sarmento”.

Os desdobramentos da biografia, de sua atuação política e dos escritos políticos de Rachel de Queiroz merecem estudos mais aprofundados que superam as minhas pretensões com estas observações.

### Vão abrindo alas

Em “Uma romancista”, parte a notícia da estreia de Heloneida Studart, “filha das praias do Ceará”, com o romance *A primeira pedra*. Considera o livro “ousado e belo”, de um escritor de verdade. Se a fórmula usada pela romancista é clássica (amor, sofrimento e morte), percebe originalidade em conduzir a história, um “delicado sentido poético”; e, segundo ela, Heloneida pertence a uma nova geração de escritoras da literatura nacional, fazendo parte também Adolphina Bonapace com o seu romance *Isa*.

Meses depois, Heloneida esclarece em uma coluna famosa de João Conde como o romance surgiu. A funcionária pública narra que, em meio à burocracia e monotonia, surgiu a ideia que foi efabulada. Após a primeira versão datilografada, Heloneida viaja até o Rio de Janeiro e mostra para Rachel de Queiroz “que se entusiasmou, com aquela superioridade que é tão dela, de encorajar os jovens”, afirma (*O Cruzeiro*, 03/07/1954, p. 21).

O romance, ambientado em Fortaleza, é uma abordagem sobre a mulher na década de 50. A educação que ela recebe é voltada para o casamento, marcada pela repressão e aspiração pela liberdade. O preço do desgarramento dos velhos costumes é caro: o reformatório, uma das saídas para aquelas que ousaram transgredir as regras impostas pela sociedade. A virgindade é tida como algo imprescindível. O aborto é praticado por senhoras casadas e é menos transgressor que a maternidade fora do casamento. A protagonista Graça, funcionária pública, talentosa na música e comunista, herdou do pai o gosto por

---

<sup>368</sup> Cf. TÚLIO, Dimitri. *Conspiração Nordeste*. Rachel 90 anos. Disponível em: <http://www.noolhar.com/rachel/1689.html>. Acesso em: 06 set. 2009.

escrever: “casta, ela não tinha nenhuma arma feminina, nem a dobrez, nem a sinuosidade, nem a faceirice”. Seu primo

se compadecia dela, com seu vestido modesto de xadrezinho azul e branco, seus olhos fulgentes, sua gesticulação canhota. Era canhota na vida também; tinha uma inesperada energia, mas uma energia *gauche*. Pobre criaturinha de talento! Nascera-lhe a força no lugar errado, que infelicidade, que esquisitice uma mulher de talento! Se ao menos ela não soubesse da inteligência que possuía, talvez os outros lhe perdoassem; mas ela sabia que não lhe perdoariam nunca.

Graça é apaixonada por Cid, a única razão de sua existência. Ele é muito bonito e não tem ideologia. Para agradecer, ele vai morar no Rio de Janeiro a fim de estudar Medicina, e adoece, quase morrendo, escreve à Graça pedindo socorro. Graça pede licença no trabalho, vai falar com um tio e lhe pede uma bolsa. Mentando dizendo que vai estudar Música. Somente depois que ele fica bom Graça retorna, não sem antes ouvir muitas críticas de sua tia por seu comportamento considerado mentiroso e indecente. Após outros acontecimentos com o amado, ocorre o falecimento e uma reviravolta na narrativa. Ela busca uma irmã que está no reformatório: “Diante da ausência do amado, resolve partir para o Rio de Janeiro e resolve escrever um livro. Sentia-se livre, tinha a história para escrever e independência para escrevê-la”.

Voltando à crônica, em longo parágrafo Rachel agrupa muitos outros nomes de escritoras (sublinhados por mim):

Falei acima em escritora, em “livro de mulher”. Sim, é bom acabar com esse clima de anedota que acerca a literatura feminina, aqui no Brasil. Acabar com esse costume de sorrir e encolher os ombros quando se fala em escritora ou, pior ainda, essa maneira equívoca de elogiar: quando querem dizer que a gente escreve bem, dizem que escrevemos “como um homem”. Hoje não se precisa escrever como homem para escrever bem. Já existe realmente uma literatura feminina – sem pejorativo; excelentes escritoras femininas, escrevendo livros de mulher – quero dizer, o conteúdo, o sentido profundo, a própria

alma dos livros genuinamente femininos – e dessa força de feminilidade é justamente que tiram a sua grandeza. Cecília Meireles, tão alta poetisa – poeta-mulher, que como mulher escreve. Não é como homem que escreve outra das estrelas maiores das letras nacionais: a romancista e ensaísta Lúcia Miguel Pereira. Duvido até que um homem fosse capaz de finura de interpretação, desse feminino talento de perquirir e captar nuances que ela revela no seu “Gonçalves Dias”, ou no seu “Machado de Assis”. São de homem os versos de Henriqueta Lisboa? E o que dizer dessa natureza misteriosa, esquiva mas tão rica de Clarice Lispector? Mulher, bem mulher, é Dinah Silveira de Queiroz, quer conte histórias de amor, quer faça painéis históricos. E nossa adorável, doce, fina e tão lúcida Maria Julieta? (Por falar nesse nome, que é feito do novo livro, Maria Julieta?). Ou da contista sutil e irônica que é Helena Silveira? Não é como homens que escrevem Maria de Lourdes Teixeira, nem Lúcia Benedetti. Haverá nada mais feminino, neste mundo, do que as divagações poéticas e sentimentais – que (perdoem!) – me comovem e me enchem de maternal vaidade – escritas por minha irmã Maria Luiza? Recentemente apareceu um grande livro, assinado por mulher, livro de mulher, de filha amorosa. Nele se revelou uma escritora de raça, construindo uma biografia que pode ser e é uma louvação ardente, mas nem por isso perde como importância de depoimento: falo de Laurita Pessoa, contando a vida de seu pai, o Presidente Epitácio Pessoa. Como mulher, boa escritora-mulher, escreve Carolina Nabuco. E desafio a quem descubra traço masculino na deliciosa e inimitável prosa de Elsie Lessa. Ah, a lista é excelente e enorme. Lúcia Machado de Almeida, Ruth Guimarães (a admirável Ruth), Maria José Dupré, Francisca Bastos Cordeiro, a minha querida Ester de Viveiros (aguardem a sua biografia de Teixeira Mendes), Eneida, a radiante humana e eternamente Eneida; Lígia Fagundes, Lúcia Fernandes, Terezinha Eboí, Morena Flores que vem lá do Rio Grande do Sul. Ah, são muitas. Muitas que não nomeio, porque a memória é fraca

e estou escrevendo de longe dos meus livros. E são ótimas. (Grifos meus)

Literatura feminina, sim senhores. Tirem o chapéu, façam o favor. E vão abrindo alas, que nós queremos passar (*O Cruzeiro*, 13/02/1954, p. 98).

Aqui a cronista, ao apresentar esta extensa lista com vinte e três (grifos meus) nomes de escritoras, afirma que elas fazem uma literatura marcada pela experiência de ser mulher. Neste sentido, pode ser possível incluir esta crônica como um importante escrito sobre a contribuição das mulheres para a cultura brasileira no século passado.

Conforme já observei neste trabalho, Zahidé Muzart vem coordenando o ambicioso projeto “Escritoras Brasileiras do Século XIX”. Até agora com três volumes, contemplando as escritoras nascidas até 1900, e possivelmente esteja trabalhando nas escritoras do século XX.

Cada autora acima mencionada merece um estudo específico que foge ao meu propósito. Porém, com o auxílio de dicionários,<sup>369</sup> livros e sites, especialmente a *Estante Virtual*, *Jornal da Poesia*, *Releituras*, *Wikipedia* ou informações dispersas na Internet, fiz uma lista dos nomes com anotações mínimas sobre estas escritoras (Vide Anexo). Ressalto que procurei apenas dar noção das publicações até meados dos anos 50, data da crônica. Algumas escritoras voltarão em outras crônicas como assunto de pauta.

### **Lúcia Miguel em foco**

Em “Dois negros”, a cronista trata da questão racial para comentar uma obra de grande fôlego de Lúcia Miguel.<sup>370</sup>

---

<sup>369</sup> Por exemplo: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Revista, aumentada e atualizada. São Paulo: LTC, 1978; V.V.A.A. *Mulheres do Brasil (Pensamento e ação)*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971-1993. 4 volumes; GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987; SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002 e LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

<sup>370</sup> Cf. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira*. Prosa de ficção: 1870-1920. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 290.

No volume que lhe houve da “História da Literatura Brasileira”, a “Prosa de Ficção de 1870 a 1920”, Lúcia Miguel Pereira faz uma observação da maior importância com referência ao sentimento de inferioridade racial que padecia o brasileiro daquele período: “esse sentimento de inferioridade racial de que só nos veio libertar Gilberto Freyre, a todos oprimia. Uns exaltavam os alemães, outros os franceses, alguns os ingleses ou americanos do norte, mas todos concordamos em que os brasileiros e seus avós, portugueses ou negros, pouco valiam”. ...Só depois de *Casa Grande & Senzala* começou o brasileiro a descobrir que era gente igual às demais, nem melhor nem pior do que ninguém. (...) Não tivéssemos outras dívidas para com o grande Freyre, bastaria o fato de haver ele empreendido a nossa cura de um complexo que parecia irremediável para nos conquistar uma gratidão perpétua (*O Cruzeiro*, 04/02/1950, p. 114).

Partindo de uma observação, a cronista discorre sobre a aproximação dos dois grandes escritores: “se não saiu, como Machado, da extrema pobreza, Lima Barreto era também mulato, e isso significa muito, infelizmente, nesta nossa paradoxal terra de mestiços”, afirma com categoria a crítica.

Ao pinçar somente um detalhe do livro da historiadora, Rachel, por metonímia, reverencia a qualidade da obra de Lúcia Miguel. Se durante décadas esta história da literatura ficou “esquecida”, ultimamente vem despertando interesse e revalorização de sua contribuição à formação cultural brasileira.

Rachel discorre traçando um paralelo entre os mulatos escritores:

De um lado Machado de Assis, mais egoísta, implacável, mais forte, lutando para criar um branco vitorioso dentro do mulatinho gago do morro do Livramento. E de outro, Lima Barreto, que queria se impor como negro, lutou e para tal árdua batalha procurou compensação na boemia e no álcool. Resume a cronista o paralelo detalhadamente proposto das duas vidas: “cada um à sua maneira, foram ambos vítimas da mentalidade corrente, já que ambos, evidentemente, aceitavam a sua inferioridade de

mestiço. Machado, o forte, curvando-se ao preconceito de cor, trata de abrir uma exceção para si, sendo embora maior que todos, considera uma vitória ser tratado de igual pelos demais. Lima Barreto, apesar de toda a sua fraqueza da sua insegurança tem, entretanto, aspiração mais alta: quer ser aceito tal como é – não pede uma exceção para si, mas uma regra geral de fraternidade que acolha sem distinção todos os homens, brancos e pretos, mulatos e amarelos.

Zahidé Muzart,<sup>371</sup> na introdução do seu livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX. Vol I*, comenta que Lúcia Miguel-Pereira, em 1954, se espanta com a ausência das mulheres na Literatura Brasileira em seu estudo “As mulheres na Literatura Brasileira”.<sup>372</sup> Ao investigar as obras de historiadores, comprova descaso como as escritoras. Sílvio Romero, em sua *História da literatura brasileira*, inclui somente sete escritoras e por “nenhuma demonstra qualquer apreço”. Já Sacramento Blake, mesmo apresentando cinquenta e seis escritoras, “não teve o menor critério seletivo, abrigando, ao contrário, toda a gente que houvesse publicado fosse o que fosse, ou até que possuísse apenas escritos inéditos”. Para a crítica, “convenhamos que é pouco, muito pouco mesmo, em quatro séculos, pois o dicionário é de 1899. Ainda descontada a centúria inicial, quando se compunha predominantemente de índias a população feminina do Brasil, a proporção de cinquenta e seis mesquinhas escritoras, de cuja maioria quando muito os nomes chegaram até nós, para trezentos anos, ou seja, dezoito ou dezenove por século, é quase ridícula – e sintomática.”

Para a ensaísta, na labuta literária estão as “heroínas literárias, as figuras históricas e as criaturas de carne e osso”. Dito de outro modo, “As mulheres que serviram de modelos aos escritores eram as que, noutras condições, se poderiam por sua vez ter se revelado escritoras. Mas como o fariam, se viviam a bem dizer sufocadas? Que, como vimos de início, mais de meia centena delas ousasse ter, até cerca de 1900, veleidades literárias, já é muito, dadas as circunstâncias, sendo, porém, pouco em relação ao que poderia ter sido.

---

<sup>371</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. I. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 22.

<sup>372</sup> As mulheres na Literatura Brasileira. *Anhembi*. n. 49, v. 17, São Paulo: dez. 1954, p.17-25.

Uma curiosidade. Percorri atentamente os escritos de Lúcia Miguel, publicados em livros, buscando ler em algum trecho “algo” sobre a obra de Rachel de Queiroz.<sup>373</sup> Na única passagem que consta em seu ensaio “Dostoievski e a religiosidade russa”,<sup>374</sup> Lúcia Miguel cita que uma intelectual russa, que visitava o Brasil, “notou com espanto, entre a sua terra e a nossa, estranhas semelhanças”. Para a estrangeira e estudiosa da obra do escritor russo, o autor “simpatiza com tudo que é humano, para além das diferenças de nacionalidade, de sangue e de solo. Descobre logo o ponto de contato e de conciliação entre ideias rivais e completamente opostas”. Discorre sobre a capacidade “como os brasileiros são capazes de sentir Dostoievski. Entre as personagens desse russo do século XIX e os brasileiros do século XX existem curiosas afinidades espirituais”. Aquele sentimento íntimo de culpa presente na obra do romancista é encontrado, segundo a crítica, nos melhores romances brasileiros modernos. Cito

a consciência de estar usurpando um direito que é de todos, a necessidade da comunhão com os humildes, quase do seu perdão, que aparece, com maior ou menor intensidade, nos livros de Graciliano, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rego, de Lúcio Cardoso. Todos eles, por intuição ou por influência, têm alguma coisa de Dostoievski, não na sua maneira, nem talvez nas suas ideias, mas no seu sentimento.

Passagem rápida e bastante emblemática sobre a obra de Rachel de Queiroz, uma humanista que se interessou pela diversidade da condição humana.

---

<sup>373</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Escritos da maturidade*. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 1994 e *A Leitora e seus personagens*. Seleta de publicações em periódicos (1931-1943) e em livros. Prefácio de Bernardo de Mendonça. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.

<sup>374</sup> Originalmente publicado em *Gazeta de Notícias*, 07/07/1935, p. 06. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *A leitora e seus personagens*. Seleta de publicações em periódicos (1931-1943) e em livros. Prefácio de Bernardo de Mendonça. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2005, p. 125-129.

## Uma escritora transcontinental

Em 1954, em “Nísia Floresta”,<sup>375</sup> a cronista se dedica a narrar sobre a transferência dos restos mortais de Dionísia Gonçalves Pinto, uma mulher de “personalidade excepcional”, popularmente conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), para o município de Papari, hoje Nísia Floresta – no Rio Grande do Norte. Considera que na época em que viveu Nísia, quando “rara era a dona de casa brasileira que sabia ler”, ela sabia latim, italiano e francês. Ou, em um tempo em que imperava o cativo, ela foi abolicionista. Momento em que as mulheres – as sinhás – só deviam “sair de casa três vezes: a batizar, a casar e a enterrar – e se afundavam, de cabeça e chinelas, na intimidade de serralho das mucamas, a engordar, a fazer renda – nesse tempo, nesse tempo, Nísia Floresta era feminista!”, afirma Rachel.

Constância Lima Duarte<sup>376</sup> dedica-se há décadas à vasta contribuição de Nísia Floresta para a história das mulheres no Brasil; vem publicando vários estudos, dentre os quais destaco o livro *Nísia Floresta: vida e obra* (1995). Considerada uma das vozes mais importantes na conquista de direitos civis e políticos, Nísia foi umas das primeiras mulheres a publicar em jornais: “e foram muitas as colaborações sob a forma de crônicas, de contos, poesia e ensaios, que ainda hoje encontramos nos jornais. Aliás, esse é um traço da modernidade da escritora – sua presença constante na imprensa, desde 1830, comentando questões polêmicas de sua época”, declara Constância Duarte. Publicou *O Brasil Ilustrado, Diário do Rio de Janeiro e Espelho das Brasileiras (PE)*. Destacou e inovou na educação para as mulheres, dirigiu um colégio para moças, no tempo em que o melhor livro é a almofada e o bastidor. A sua mulher é questão central dos seus quinze livros publicados em português, italiano e francês. Uma mulher à frente do seu tempo que recebeu de seus contemporâneos o desprezo e o silêncio.

Outro tópico destacado na crônica é o pioneirismo do Rio Grande do Norte na história do feminismo. Lembra a cronista que, em 1832, Nísia Floresta publicou *Direito das mulheres e injustiça dos homens*

---

<sup>375</sup> Conforme estudo de Constância Lima Duarte, Rachel de Queiroz também publicou “Nísia Floresta Brasileira Augusta” no Diário de notícia de 11 de dezembro de 1949. Porém, infelizmente, não tivemos acesso.

<sup>376</sup> A ampla fortuna crítica sobre a autoria pode ser conferida em *Floresta: a pioneira feminismo no Brasil* (Editora Mulheres, 2005); *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995. Outro estudo interessante chama-se “As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história.” *Revista Estudos Feministas*, v. 16(3), 2008, p. 1047-1060.

(1832), uma tradução de *Vindications of the rights of woman* (1791) de autoria da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, Conclui o bloco da crônica lembrando que Adauto Câmara, ao escrever a biografia de Nísia, conta a história “secreta” do voto feminino que foi instituído no Estado do Rio Grande do Norte em 1927. Terra de Nísia e também a “terra natal da doce, triste e canora Auta de Sousa”, outro nome na história da literatura escrita por mulheres.

Os deslocamentos de Nísia no Brasil e na Europa são contados com muito humor:

Acusou-se de insincero o nativismo tão apregoadado por Nísia Floresta nos seus escritos, uma vez que ela, sem nenhum motivo aparente, acabou vivendo na Europa a maior parte da sua vida. No entanto, era bem compreensível que a sociedade nacional da segunda metade do século XIX sufocasse um pouco aquela mulher ousada e inteligente, que sentia em si forças para ultrapassar de longe a modesta posição de mestra-escola – a mais alta que aqui poderia pretender. Acusaram-na também de esnobe. Imagine, tinha a mania de escrever em francês e italiano, até para a família fazia cartas em francês! Sim, talvez fosse um pouco esnobe, ou “bas-bleu”. Mas razões de sobra teria ela para adorar a França, onde vivia com literatos da maior importância, visitava Lamartine e Manzoni, recebia na sua intimidade Augusto Comte, com quem mantinha cerrada correspondência. No Brasil que vida seria a sua, naquele Rio beato e mal arejado, onde todos os seus passos deveriam ser espiados e mal interpretados, os seus anseios literários levados a ridículo, suas ambições consideradas fora de propósito e até mesmo fora de decência. O Rio, onde os seus esforços por inculcar nas iaiás contemporâneas um pouco de gramática e ortografia eram assim comentados por uma “correspondência” de jornal: “no Colégio... trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos”. Seria, pois, de admirar que Nísia Floresta, entrando, ao que parece, nos dinheiros de uma herança, fechasse o Colégio Augusto onde desasnava as

sinhazinhas com tão pouco agradecimento, tomasse um navio e se fosse a viver na Europa, a passear pela Itália, pela Alemanha e pela Grécia, a morar em Paris e a trocar bilhetes com o Pai do Positivismo? (*O Cruzeiro*, 15/05/1954, p. 98).

Como é de praxe, encerra o seu texto com poucas palavras, falando que foi lá na Europa que ela brilhou e lá morreu. Assim, unindo o ponto inicial da conversa, a cronista fecha: “e agora tornará a dormir na sua terra, às margens da lagoa nativa, que nunca na verdade esqueceu, e que foi a fonte constante da sua inspiração”.

Esta crônica, publicada em veículo de ampla divulgação, com certeza popularizou ou suscitou interesses pela vida e obra de Nísia; entretanto, somente várias décadas seguintes, no final do século XX, com os estudos de Constância Lima Duarte, é que Nísia passa a ocupar o merecido lugar de destaque na história brasileira.<sup>377</sup>

### **Confraria feminina**

Em meio às notícias de publicações, a crônica “Livros”, de 1955, chama a atenção para a estreia de Lygia Fagundes (São Paulo, 1923):

Há também um importante livro de mulher: “Ciranda de Pedra”, de Lygia Fagundes Telles, aquela menina tão bonita, cujas visitas recordo com amizade e ternura, dos tempos de seu livro de estreia – um caderno de contos que já mostravam a força poética e a riqueza de recursos da romancista vitoriosa de hoje (*O Cruzeiro*, 19/03/1955, p. 98).

Deste modo, declara a atenção dispensada à jovem escritora que lançava o romance em 1954, pela Editora O Cruzeiro. Segundo a biografia da escritora, disponível na Academia Brasileira de Letras, ela começou a escrever em cadernos escolares histórias aterrorizantes que ouvia das empregadas de sua família. Aos 15 anos, em uma edição financiada por seu pai, lança seu primeiro livro, *Porão e sobrado*, com

---

<sup>377</sup> Em 12 /09/1954 finalmente os restos mortais da escritora foram trasladados para o Rio Grande do Norte e enterrados em Papari. Próximo do local da antiga residência do Sítio Floresta, foi construído o seu mausoléu.

12 contos. Após conclusão do curso fundamental, começa Educação Física e Direito (Largo de São Francisco). Participa de rodas literárias da faculdade. É apresentada a escritores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade e conhece o crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, com quem viria a se casar mais de 20 anos depois. Participa da Academia de Letras da Faculdade e colabora nos jornais acadêmicos *Arcádia* e *O Libertador*. Em 1944, ainda estudante de Direito, publica pela editora Martins *Praia viva*, seu segundo livro de contos. Em 1949 publica outro volume de contos, *O cacto vermelho*. O livro conquista o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. A escritora nunca mais autorizaria a republicação destes livros, exceto alguns contos do último livro incluídos em *Antes do baile verde*, de 1970.<sup>378</sup>

De acordo com Antonio Candido, é com o romance *Cirande de Pedra* que Lygia Fagundes atinge a “maturidade literária”: “(ela) sempre teve o alto mérito de obter, no romance e no conto, a limpidez adequada a uma visão que penetra e revela, sem recurso a qualquer truque ou traço carregado, na linguagem ou na caracterização”.<sup>379</sup> E é com o domínio técnico da carpintaria romanesca que ela, mediante a protagonista Virgínia, aborda temáticas bem modernas como adultério, loucura, rejeição, solidão, homossexualidade, as incertezas, frustrações, valores burgueses, liberdade e ousadia femininas.

Em crônica do final do século XX publicada no *Estado de São Paulo*, em tom amistoso a cronista fala que “Deus Nosso Senhor foi bastante exagerado com Lygia: deu-lhe ao mesmo tempo os dons mais cobiçados pelos humanos: o talento e a beleza”.<sup>380</sup> Comenta também sobre os muitos admiradores, a sua presença causava alvoroço nos jovens intelectuais, principalmente no “point” da Livraria José Olympio (Rua Ouvidor, nº. 100).

Rachel de Queiroz também cita outra escritora: “o pequeno e bonito caderno de versos de Laura Constância,<sup>381</sup> rosa de boa roseira,

---

<sup>378</sup> Estes dados das suas primeiras publicações não são encontrados na biografia da Academia Brasileira de Letras. Cf. Disponível em: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/lygia-fagundes/lygia-fagundes.php>. Acesso em: 3 out. 2009.

<sup>379</sup> Cf. “A nova literatura” em CANDIDO, Antonio. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 206.

<sup>380</sup> “A menina de São Paulo”. Estado de São Paulo. Disponível em: <http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/rachel/rachel11.html>. Acesso: 03 out. 2009. Lygia Fagundes Telles é a terceira escritora a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras.

<sup>381</sup> Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni (Rio de Janeiro, 1934). Casou com Cícero Sandroni. Jornalista, crítica literária, grande incentivadora da literatura infantil, Laura organizou com um grupo de pessoas a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) – entidade não governamental afiliada à IBBY (International Board on Books for Young

filha e bonina de artistas, artista genuína ela própria”. Filha de Austregésilo de Athayde, professor, jornalista, cronista, ensaísta e orador, um dos grandes defensores dos Direitos Humanos, Laura Constância, na época, ainda não tinha livros publicados.

### Entre parentes

Outra crônica que fala dessa confraria feminina é “Dinah”. A narradora compartilha lembranças de como conheceu Rachel de Queiroz ainda “menina-e-moça e recém casada” com o seu primo. Saindo de uma lancha na ponte metálica em Fortaleza, “vinha com a nova moda dos vestidos compridos, o que a tornava ainda mais alta, e os olhos garços, a pele clara, o lindo cabelo de um louro-avermelhado lhe dava um jeito de inglesinha”. Relata da admiração que ficou no ar de “miss” e a “reticência paulista de bom tom” em contraste com as “exuberâncias nordestinas”. Se na ocasião o contato foi rápido, posteriormente, no Rio de Janeiro, estreitaram a amizade. Percebeu desde o início da convivência a “vivacidade, o encanto, a inteligência, a capacidade de observação que despontaria em uma escritora”. E quando Dinah publica o seu primeiro livro – a novela *Sereia Verde* na Revista do Brasil – fica alegre ao invés de surpresa: “a gente sabe que a planta de estimação vai dar flor – porém se alegra e festeja quando a flor rebenta mais bela do que era esperada”.

Da revista foi para o livro, e do primeiro livro ao segundo, e então, foi como se abrisse uma porta mágica: êxito atrás de êxito, edição atrás edição, prêmios, traduções, versões cinematográficas. Creio que nenhuma mulher escritora no Brasil e, talvez poucos homens, tenham tido uma carreira literária tão rápida e tão cheia de triunfo (*O Cruzeiro*, 04/02/1956, p. 114).

---

People) em 1968. Cf maiores informações no texto “A arte desinibida de ler” e entrevista com Laura Constância.

Disponível em:

<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernob/2006/03/23/jorcab20060323001.html>. Acesso em: 30 dez. 2008.

Escritora premiada e também participante do grupo de colaboradoras de *O Cruzeiro*, Dinah Silveira de Queiroz,<sup>382</sup> autora de *Floradas na serra*,<sup>383</sup> *Margarida Lá Rocque*, *A Muralha*,<sup>384</sup> publicada em 1954, é o tema do texto de Rachel por sua estreia no teatro com a peça *O oitavo dia*. Como sempre, a cronista fala que já lera os originais antes da publicação. A peça, que tem a sua marca de autoria como a “capacidade de invenção e ternura, uma doce espiritualidade, o seu interesse fascinado pelo mistério das criaturas e os seus motivos”. Para o texto teatral, cita Rachel que Dinah foi buscar a lenda dos homens nos seus começos mais obscuros, no “drama da primeira família que o anjo expulsou do Jardim” – *A Muralha*.

Mesmo tendo como motivo da crônica o teatro, o fechamento da crônica envereda para apreciar as qualidades de romancista: “tão singular na nossa literatura feminina e mesmo na literatura *tout court*, fossem abandonadas por amor de um novo caminho. Faça teatro, mas continue a fazer romances”.

### Coisa nenhuma, um livrinho

Em janeiro de 1957, em “Livros de Mulher”, Rachel rememora os lançamentos literários do ano anterior separando as publicações por sexo. No grupo dos homens, o “monumental” Guimarães Rosa com *Corpo de baile* e *Grande Sertão, veredas*, que “por muitos motivos darão o que falar por anos e anos”; José Lins do Rego (*Verdes anos*); Gilberto Amado (memórias); Joel Silveira (*Desaparecimento da Aurora*); Accioly Netto (teatro); Fernando Sabindo (*Encontro marcado*); Mário Palmério (*Vila dos confins*); Brito Broca (*Vida literária*), “um mural feito por mãos de mestre”; Afrânio Coutinho (*História da Literatura Brasileira*); Gilberto de Alencar (*Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho*); Herberto Sales (reedição de *Cascalho*); Paulo da Silveira (meditações); Magalhães Júnior e José Guilherme Mendes (*Viagens*); Gustavo Corção (artigos). Quanto à poesia, Rachel escreve:

---

<sup>382</sup> Outras publicações da autora: 1941 - *A Sereia Verde*, contos; 1951 - *As Aventuras do Homem Vegetal*, infantil; 1956 - *O Oitavo Dia*, teatro; 1957 – *As noites do morro do encanto*, contos. Cf. maiores informações disponíveis em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=131>. Acesso em: 30 dez. 2008.

<sup>383</sup> *Floradas na Serra* foi filmado em 1953 pelo estúdio Vera Cruz e estrelado por Cacilda Becker e Jardel Filho.

<sup>384</sup> Este romance foi adaptado pela TV Globo em 2000 por Maria Adelaide Amaral e dirigido por Denise Saraceni.

“não falo porque não me meto publicamente com poetas, amo-as às escondidas, de um amor culposo e cheio de complexos”.

Em relação ao grupo de mulheres, que também considera ter tido “muita coisa boa”, menciona Lúcia Benedetti (*Chão Estrangeiro*); Heloneida Studart (*Dize-me o teu nome*) “tão bom como o seu romance de estreia”. Também pede desculpas por não mencionar outros nomes de homens e mulheres por estar distante, no sertão cearense, longe de seus livros “para avivar a memória”.

Mas falando de livros de mulher, e daí o título desta crônica, quero notar uma tendência do romance feminino brasileiro, que é a de serem realmente romances, no velho sentido da palavra – histórias com começo e fim, onde se narra realmente um caso, gênero que atingiu a perfeição na Europa no século XIV, e que os da nossa geração abandonáramos (*O Cruzeiro*, 19/01/1957, p. 114).

Como prova desta sua constatação fala de *Bodas da solidão*, de Emi Bulhões Carvalho Fonseca. Com mais de trezentas páginas, em formato grande, este livro é uma história “onde acontecem coisas, onde há personagem com caráter bem delineado, onde o bem é bem e o mal é mal, onde há um quadro com desenho nítido e não esses esboços impressionistas que nos comprazemos todos em lançar no papel e a que chamamos romance por simples necessidade de rótulo”.

Segundo Nelly Novaes Coelho<sup>385</sup> a escritora tem:

como um dos principais valores de seu universo romanesco, a denúncia surda da desumanidade (ostensiva ou latente) que marca as relações humanas. Seu estilo denso, dramático e hábil em manipular o suspense, o mistério e os meios tons, é dos que agarram o leitor, da primeira à última página. Sua obra faz parte daquelas injustamente esquecidas. Inúmeros textos seus foram publicados em antologias.

---

<sup>385</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 195.

Falando por si mesma, confessa então não ter “imaginação” para criá-lo. Afirma: “nós não sabemos ou temos vergonha de inventar uma história”. Isto se dá, pelo “calo ou esse complexo de doutrinação dos realistas” do final do século XIX: “o medo de inventar, de compor, de fazer um enredo”. Ora, a palavra estava em desuso e talvez por isso, considera a cronista, tenha passado para a ala dos sambistas.

Qual o assunto do romance nacional nos anos cinquenta? Incluindo o seu nome no rol dos escritores é taxativa: “é coisa nenhuma”:

Nos orgulhamos de dizer que no nosso livrinho não acontece nada; é só um retalho de vida... O livro de homem obedece a duas fórmulas: a) o rapaz provinciano que toma o Ita no Norte, se mete numa pensão do Catete, arranja emprego público, tem vários conflitos de inadaptação, passa miséria, desiste, parte, ou fica aqui vencido; b) o rapaz da província que fica lá mesmo, na cidadezinha onde há o padre, o boticário e o juiz, e onde ele é médico ou promotor; os amores, os pequenos debates íntimos, o tédio (ah, como usamos o tédio!) e mais nada até o fim da história, que se dilui em vez de acabar (Idem).

Prossegue comentando que livro de mulher também era a mesma coisa, só mudando a protagonista, um pouco o cenário que, ao invés da rua, era o interior, a intimidade da heroína. “Quantos livros já lemos assim? Quantos, Senhor, já lemos e já escrevemos, da moça e do rapaz, solitários, chateados, afundados em livros franceses e ingleses, no seu desterro do interior, vivendo num mundo circunstante?” – indaga Rachel.

Para concluir, elogia Emi Bulhões pelo seu romance, ousadia em romper com a moda já que escreve um romance com enredo bem elaborado: “pega-se o livro no começo da noite e só largamos de madrugada, depois de o ler de um fôlego, sem perdas de interesse um momento”, enfatiza. Aplauda e deseja que o “livro tenha êxito que merece, que o público saiba descobrir e apreciar essa bonita história tão bem contada”.

Rachel de Queiroz, nos dois romances seguintes pós anos 50 – *Dora Doralina* e *Memorial de Maria Moura* – parece que emprega a receita de Bulhões; os enredos tornam-se mais consistentes e movimentados. Acredito que Rachel tenha se tornado, com o passar dos

anos, cada vez mais exigente com a sua narrativa. Em uma entrevista ela conta que tinha muito medo do plágio involuntário (medo de muitos escritores).<sup>386</sup> Ou seja, ilustra a cópia com ofício do músico: “fica com três compassos na cabeça e pensa que é dele”. Segundo Lúcia Miguel Pereira, “o romancista – que nisto se assemelha ao poeta, embora divirjam as reações – precisa receber a vida, deixar-se penetrar por ela numa passividade propícia à gestação”.<sup>387</sup> A história de Moura ficou por dezessete anos em sua mente até sentar e escrever, “mas eu já ouvi essa história. Isso é algum romance que li e estou pensando que tô contando”. Para ela, “deve ser uma maldição, como a dos lobisomens”.

Para a escrita do *Memorial de Maria Moura* ela contou com a ajuda do estudioso de folclore Oswald Lamartine, a quem dedica o livro. O romance foi urdido após repetidas leituras de *Memórias de um sargento de milícias*, de anotações de suas vivências interioranas e de longas pesquisas, notadamente com a linguagem – cada vocábulo foi checado no Dicionário *Morais* – na verdadeira “arqueologia literária”, segundo o crítico Houaiss. Situado no século XIX, o romance traz uma trama cheia de aventuras contadas por diversas personagens, principalmente pela protagonista. Essa pluralidade de vozes possibilita uma visão mais ampla e imparcial dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, dá ao leitor a ilusão de que os fatos narrados são reais. Maria Moura, a menina seduzida pelo padrasto e perseguida pelos primos, torna-se chefe de um bando de cangaceiros que assaltam e pilham os viajantes sem se aproximar das cidades. A história conta a luta de Moura contra seus primos pela posse da fazenda ‘Limoeiro’ e a consequente busca das terras de seu avô na Serra dos Padres. A narrativa tem um final aberto, pois o bando de Moura parte, com suas precárias armas, para assaltar um grupo de comerciantes de charque que viaja protegido por homens armados.

Sobre o processo da escrita romanesca e o ideal desejado, comenta: “acho tudo muito ruim quando faço. Quando acabo com o texto, em vez de olhar e dizer, “ôba, bonitinho, tal”, eu digo assim: “meu Deus, como é que eu disse esse horror de besteira? Que horror, me dá uma impaciência horrível”.

---

<sup>386</sup> VÁRIOS. “A imortal Rachel do sertão”. *Entrevista*. Curso de Comunicação UFC, 1993, p. 18.

<sup>387</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. A gestação feminina do romance. In:\_\_\_\_\_. *A leitora e seus personagens*. Seleta de publicações em periódicos (1931-1943) e em livros. Prefácio de Bernardo de Mendonça. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas de Luciana Viégas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2005, p. 155.

## As palavras e as rotas

Rachel enreda-se em “Guias de turismo”, tendo como mote o lançamento de um “Guia da Ilha do Governador”, considerado um primor de edição que “até dá um certo receio que não vá atrair visitantes demais, chamar turistas demais, que já bastam os que nos invadem sem publicidade e sem guias”.

O texto ainda trata da carência de guias no Brasil. Segundo Rachel, são as exceções os guias de Ouro Preto,<sup>388</sup> escrito por Manuel Bandeira, e o Guia de Recife,<sup>389</sup> de Gilberto Freyre. Ambos os livros, na época, podem ser considerados como documentos e obras literárias. O guia de Manuel Bandeira é resultante de uma equipe de colaboradores, além da ilustração de Luís Jardim. O livro discorre sobre vários aspectos da cidade mineira: história, impressões de viajantes estrangeiros, passeios a pé e de automóvel, monumentos. Em relação ao *Guia prático histórico e sentimental da cidade do Recife*, Gilberto Freyre também conta com a ilustração de Luís Jardim. Assim inicia o seu livro: “o viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista”.<sup>390</sup>

Rachel segue a crônica narrando a sua experiência como viajante contumaz:

O viajante que anda por esse Brasil caminha tão ao acaso quanto o primeiro bandeirante furando a floresta. Escolhe as estradas por palpite, toma pelo caminho pior porque não sabe onde fica o melhor, leva dando voltas à entrada das grandes cidades porque não encontra a mínima indicação lhe ensinando o caminho para o centro (entrar ou sair de São Paulo, por exemplo, é uma aventura que pode consumir horas); e dá-se por felicíssimo se consegue obter nos postos de

---

<sup>388</sup> BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Ilustrações de Luís Jardim. Rio de Janeiro: Edições de Ouro. (Coleção Prestígio).

<sup>389</sup> FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da Cidade de Recife*. 4. ed. Ilustrada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

<sup>390</sup> Jorge Amado também escreveu, em 1945, o seu *Guia Bahia de Todos os Santos - guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador*. Afrânio Peixoto publicou *Breviário da Bahia* em 1946. Obras não mencionadas na crônica por Rachel.

gasolina um daqueles minúsculos lacônicos mapas de cartolina, pouco maiores que um cartão de visitas, distribuídos pelas empresas de petróleo, mapas que, naturalmente, só descrevem os caminhos que interessam à publicidade da empresa distribuidora (*O Cruzeiro*, 11/11/1950).

O Brasil era um país desconhecido por seus habitantes. Como exemplo ela cita a Cachoeira de Paulo Afonso, para cujo acesso não se encontrava “em parte alguma a menor indicação escrita, a menor facilidade turística”. O mesmo, segundo Rachel, vale para Manaus, Belém, São Luís, Fortaleza e Goiás. Enfim, um país sem roteiros, sem infraestrutura para viabilizar qualquer viagem.

Para finalizar, sugere:

Por que não aparece uma firma editora que se interesse pela publicação a preços populares de guias turísticos das cidades brasileiras, monumentos, parques nacionais e outras atrações para viajantes? Cada cidade, vila ou povoado, cada belo recanto do país conta sempre com erudito apaixonado do seu cantinho de mundo que está pronto a escrever as informações necessárias à confecção de um trabalho desse gênero. Os editores só teriam que colher esse material já preparado pelo amor dos nativos, estilizá-lo, dar-lhe forma comercial. E talvez ficassem surpresos com o número de interessados que aparecerá disputando os seus livrinhos (Idem).

No espaço da página da revista, embaralham-se os assuntos (viagem, literatura, indústria editorial). Deste ponto, desperta em seus leitores diferentes reflexões – sem muita pretensão.

Em “Passeio a Sabará” (*O Cruzeiro*, 24/07/1954, p. 106), refere-se ao título de mesmo título de Lúcia Machado de Almeida. Em sua leitura didática e bastante elogiosa – “excelente fatura literária” –, atribui as seguintes qualidades, em três aspectos: “o cristalino da frase, o bom-gosto e a segurança da composição situada sempre equilibrada, distância entre a evocação poético-sentimental e a evocação histórica e a ternura da escritora pela terra do Sabará”. O segundo é a segurança das

informações, dosagem certa entre “amenidades” e “ensino”. Terceiro lugar, a escolha de um ilustrador.<sup>391</sup>

O livro pode ser um modelo a ser seguido, imitado por aqueles que desejam escrever guias e roteiros turísticos, e assim talvez se formasse uma mentalidade turística: “talvez o brasileiro se interessasse em conhecer sua terra, antes de conhecer o estrangeiro; e, conhecendo-a bem, amando-a melhor, pois conhecer é amar, soubesse mostrá-la ao viajante de fora que tão completamente nos ignora e só sabe do Brasil, quando do Brasil se sabe alguma coisa, que ele dá café e tem cobras. E que dava futebol, dantes...”

### **Esquemas e soluções... ou o segredo de Lúcia**

Outra representante dos lobatianos, assim como Ziraldo, que trata a criança como alguém dotado de inteligência e por isso mesmo dispensa os diminutivos em excesso, é Lúcia Benedetti,<sup>392</sup> cujo nome é título da crônica sobre “Literatura infantil”:

Foi Lúcia a pessoa que inventou – sim, inventou é o termo – o teatro infantil no Brasil. E com que lirismo, com que força, com que imaginação rica e atrevida! Acontece agora que este “vesperal com chuva” vem com uma espécie de chave explicando de certo modo o êxito imenso do teatro de Lúcia, pois sendo ambos de gêneros tão diversos e cada um tão bom no seu gênero, teatro e contos participante mantêm as mesmas qualidades, provocando o que poderia ser uma exceção e é, ao contrário, uma constante. (...) E como sabe atingir o “infantil” nas suas peças, sem jamais roçar o piegas nem o clima de bandido, nestes contos de agora consegue mais do que ninguém realizar o “feminino” sem tropeçar quer na água com açúcar, quer na sexualidade

---

<sup>391</sup> Ratificando a importância deste livro, há uma resenha de Antonio Candido (*Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 22 dez. 1956, p. 02) conforme informação retirada do livro: D’ANCO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloisa Faria (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras/ Instituto Moreira Salles, 1992, p. 353.

<sup>392</sup> Comumente interessada por crianças, Rachel escreveu sobre o universo infantil: abandonadas, preconceito racial, educação. E será a pedido de Lúcia que ela publica o seu primeiro livro, *O menino mágico*, em 1969.

desenfreada que vem sendo a característica mestra de certa literatura dita “feminina” – É sempre tolo procurar parentescos literários. Contudo, há neste livrinho um sopro de Mansfield que a gente não pode deixar de sentir: a sua tristeza leve e funda, a sua finura amarga e uma ingenuidade meio cínica e um desprezo pela anedota, e o aparente inacabado das soluções. Tudo muito grato ao nosso coração (*O Cruzeiro*, 16/12/1950, p. 166).

Evidentemente que muitas escritoras, desde o século XIX, escreveram teatro para criança, buscando primeiramente a função pedagógica ou moralizante. Lembro aqui de Ana Faço, que publicou *Comédias e cancionetas* e Francisca Clotilde, com dramas sacros.<sup>393</sup>

Em 1957 é lançada a coletânea *Teatro Infantil* com sete peças, pelas edições *O Cruzeiro*. Em seu prefácio, a cronista comenta o surgimento de autores, mas lamenta a falta de casas de espetáculos e de políticas públicas.

No ano seguinte, em “Lúcia Benedetti e as crianças”, a cronista principia criticando a receita usada por muitos escritores que escrevem para crianças; “falar pequenininho, pregar moral e apelar para um fantástico de encomenda”. Para Rachel, os autores que procuram investir na literatura infantil geralmente são aqueles que se sentem fracos para enfrentar o público adulto ou são estudiosos da Psicologia ou Pedagogia que procuram aplicar o que aprenderam. Na ausência de “recursos literários”, estes escritores recorrem aos esquemas; todavia, Rachel aponta que há exceções, tais como Lúcia Machado e Maria Clara Machado.

Outro ponto destacável é a filiação da narrativa de Lúcia Benedetti à tradição minimalista da escritora neolandeza radicada em Londres, Katherine Mansfield<sup>394</sup> (1888-1923), na qual os pequenos acontecimentos, os pormenores da vida, os detalhes compõem os pequenos quadros narrativos ou relatos curtos.<sup>395</sup> Ao lado de Virgínia Woolf, Mansfield forma uma dupla de inovadora contribuição à literatura mundial do século XX, notadamente na escrita do fluxo da

---

<sup>393</sup> Faço um apanhado das contribuições dessas escritoras no livro: CUNHA, Cecília Maria. *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

<sup>394</sup> Mansfield foi editada no Brasil e teve tradutores como Edla Van Steen, Eduardo Brandão e Julieta Cupertino. Atualmente a Editora Cosac & Naify prepara coletâneas com alguns de seus contos.

<sup>395</sup> É importante acrescentar que a escritora também deixou cartas e diários.

consciência, na inquietação, subjetivação, na escrita de sentimentos, nas emoções, nos pormenores da vida, na observação com aparente desinteresse do corriqueiro da existência.

E qual seria a receita para essa escrita diferenciada?

Parece que o grande segredo do êxito no gênero está em falar com meninos, não propriamente como se eles fossem adultos, mas de igual para igual. Quero dizer – colocar-se o autor dentro dos reais pontos de vista do menino, em vez de lhe tentar impor aquela mamãozada água com açúcar que se convencionou ser o ponto de vista infantil. Pois menino não tem um senso de humor muito semelhante ao do homem primitivo, compraz-se em tombos, pancadaria, desventura grotesca, e não deixa de ter a sua leve tendência para essa forma aparentemente tão sofisticada de riso que nasce do *humour noir* (*O Cruzeiro*, 17/05/1958, p. 130).

Segundo Rachel, quem melhor compreendeu o modo de ser das crianças foi Monteiro Lobato e Lúcia Benedetti; esta que, reitera, com o tempo poderá ser “seriamente” estudada, e deste modo, a sua posição será “entendida e consagrada”. Profecia que se confirmou posteriormente.

A cronista fala de uma época de transformações.

A criança de hoje vive num mundo de realidades muito mais feéricas do que aquela imaginada pelos contadores de história de fadas. Tapetes mágicos, feiticeiros, adivinhações, bichos falantes, tudo isso tem de enfrentar uma competição muito dura com as invenções modernas; e note-se que, para a mentalidade infantil, tanto é mágica uma fada, quanto um avião a jato – ou tão natural é um quanto o outro, pois não conhecendo a explicação científica das coisas novas, alia-as com a maior simplicidade ao miraculoso tradicional. Assim o “fantasma voador”, concepção moderna do “bizuth”, do bruxo das velhas histórias, viaja de foguete, faz incursões interplanetárias, cavalga discos voadores, enfrenta máquinas pensantes; o fato é

que a ficção científica está mesmo definitivamente integrada no folclore infantil (Idem).

Após estas considerações, Rachel disserta sobre o caminho de Lúcia. Ora, se a grande invenção de Lobato são as coisas que a Emília diz, no caso do teatro mencionado de Benedetti são os diálogos, “saborosos, tão correntes, ricos de *nonsense*, de anacronismos deliciosamente espontâneos”. Por fim, se “o importante é ter talento”, este é o segredo de Lúcia, encerra a cronista.

### **Cheiros da Amazônia**

Dando continuidade à escrita de Rachel dedicada à crítica literária e ao seu empenho de impulsionar vocações literárias entre as mulheres temos, em “Crônica partida em duas”, um comentário sobre Eneida, amiga de longos anos.

Anda ultimamente barateado na imprensa nacional. Cada jornal, revista sustenta a sua equipe de pelo menos meia dúzia de cronistas – pois descobriu-se que a crônica é coisa por demais fácil de fazer... E assim, para sentir nas entranhas da alma ou do corpo a mais pequena alteração, a melhor terapêutica é abrir coluna na imprensa e desabafar; explicar que se está com sono, com gripe, com tédio, ou com simples falta de assunto; e em estilo penumbriista, a modo de bolero em prosa sincopada (a chamada “prosa menor”), dividir com o leitor esses estados – digamos d’alma (*O Cruzeiro*, 13/11/1954, p. 114).

A proliferação de adeptos ao gênero ‘crônica’ – tanto escritores quanto leitores – nos anos 50 é parte do queixume de Rachel de Queiroz. Distante da banalização do gênero, conforme descrição acima, a escrita de Eneida rompe com tudo isso pela inteligência, honestidade e encanto; considera um livro de mulher de personalidade, que além de páginas de emoção, expressa também a “força do talento, coragem, desejo de servir”.

Em 1958, na crônica “Eneida”, o assunto, em tom bem exaltado, é a própria personalidade da cronista, cuja adjetivação (alegre, bem

humorada, independente, caridosa) traça o perfil da paraense. Eneida, além de jornalista/escritora, também foi uma ativista, militante do Partido Comunista do Brasil.<sup>396</sup> E, mesmo, após o rompimento de Rachel com o partido, elas permaneceram amigas, parceiras. Ambas faziam parte da “patota” que frequentava a Livraria José Olympio, ao lado de outros nomes femininos, como Lúcia Miguel Pereira, Adalgissa Nery, Dinah Silveira de Queiroz.

Na crônica, Rachel comenta livro *Aruanda* de Eneida, um apanhado de tudo um pouco: crônicas, saudades, poesia, memórias da infância no Pará, Círio de Nazaré, ternura e sentimento humano. Em linhas suaves, pontua alguns aspectos de sua vida, o sofrimento, as dores, mas sem entrar em detalhes, conforme já dito antes.

O nome *Aruanda* remete inicialmente à capital de Angola (São Paulo de Luanda), um dos portos africanos do tráfico, depois como síntese de toda a África.

Lembro aqui que quando criança Rachel de Queiroz foi levada pelos pais para Belém, onde viveu por dois anos. Nesta crônica, rememora um pouco dessa experiência ao falar de lugares e pessoas como o colégio e Museu Goeldi e o “homem das pupunhas”, que pelas ruas cantarolava “freguesa, eu tenho a pupunha cozida, freguesa eu vou me arretirar”. E fecha a confissão:

No seu livro, você dá a receita do cheiro-cheiroso. Pois lhe conto que saí do Pará aos nove anos de idade, mas até o dia de hoje ainda arranjo jeito de tomar banho de cheiro, de vez em quando; e os saches das minhas gavetas de roupa branca não são de lavanda nem de mais fuleragem francesa, são de priprioica, capim-santo, japanca, catinga de mulata que eu ganho, compro ou roubo de gente do Pará (*O Cruzeiro*, 15/03/1958, p. 114).

---

<sup>396</sup> Conforme o estudo de Eunice Santos (2007), Eneida trabalhou cerca de vinte anos no Diário de Notícias, assinando a coluna *Encontro Matinal*, escrevendo reportagens intituladas na série *Mulheres contam sua vida* (1951-1953) e *Mulheres de ontem e de hoje* (1953-1957). Há troca de afetos entre Rachel e Eneida. Na mencionada série, a paraense escreve um perfil de Rachel oscilando entre o público, as suas obras e o particular, o marido, as mangueiras, o quintal da Ilha do Governador.

Eneida foi cronista do *Diário de Notícias* do início dos anos 50 até a sua morte. Grande foliã do Carnaval carioca, criadora do famoso "Baile dos Pierrôs", realizado todos os anos. Produziu espetáculos maravilhosos – como "Carnavalha Carnavalesca". Também publicou a obra "História do Carnaval Carioca", de 1958.

### Mais uma confraria

Acrescente-se à lista supracitada mais nomes que, em 1957s assinavam a coletânea de contos *Nove elas são*<sup>397</sup> como os principais nomes femininos da literatura brasileira. O livro consta de 314 páginas com novelas e contos das autoras Dinah Silveira de Queiroz (*O porto resplandecente*), Emi Bulhões Carvalho da Fonseca (*Tortura lenta*), Francisca de Basto Cordeiro (*Flores de Mato*), Lasinha Luís Carlos (*Luara*), Sra. Leandro Dupré (*Comediante*), Lygia Fagundes Telles (*A confissão de Leontina*), Maria Eugênia Celso (*A meia dúzia*), Ondina Ferreira (*Era uma vez três meninas*) e Rachel de Queiroz (*A casa do morro branco*).

Até que seria pertinente uma leitura da coletânea, porém me contento pelo menos em mencionar o conto de Rachel de Queiroz. Quase um folhetim, pois foi publicado em três partes na revista *O Cruzeiro* (24 e 29/05 e 05/06/1954 – *A casa de Morro Branco*).<sup>398</sup> A obra apresenta uma “casa” e a geração de moradores: o avô, o filho e neto. A narradora primeiramente busca ser testemunha do relato e diz: “só conheço o lugar de vista”. Logo adiante, acrescenta:

a casa caiada, cercada de alpendres, é tão antiga que certa gente pretende que ela vem dos tempos do Anhanguera. Naquela terra tudo que é tão antigo botam logo por conta do Anhanguera; e, então, no caso do Morro Branco, como o Anhanguera levava nome de diabo e a casa tem fama de mal – assombrada, juntaram uma coisa com outra”. (*O Cruzeiro*, 22/05/1954, p. 98).

Na trama linear, o patriarca, possivelmente fugido da Confederação do Equador, constrói um mundo particular no interior do

---

<sup>397</sup> No site da ABL este livro é classificado também como “crônicas”. Cf. *Nove elas são*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1957.

<sup>398</sup> Esta mesma crônica é título de coletânea de contos publicada em 1999.

país (lugar não identificado) entre mistérios, misturas sócio-culturais, casamentos, maledicências, em que três gerações são unidas por uma botija. Neste conto, as mulheres aparecem como coadjuvantes de tempo narrado. Mulheres mestiças que se “ajuntam” para cuidar da casa e gerar os descendentes. Vivem ao redor sob o poder masculino, em silêncio, solidão e morte.

### **Cartas em livros, segredos públicos**

Segundo José Mindlin, “as cartas foram, inegavelmente, uma grande invenção. No Brasil, durante séculos (a começar pela de Pero Vaz de Caminha), tiveram um papel importante, e foram imbatíveis no campo da comunicação, tanto entre correspondentes distantes, como também entre próximos”.<sup>399</sup>

Na crônica “Princesa”, Rachel fala do livro publicado por Guilherme Auler, em que a escrita da princesa Isabel a torna uma similar a qualquer “dama fluminense dos fins do século passado, com as quais nos familiarizamos através dos romancistas da época”:

A sua linguagem, os seus modismos, os seus interesses, suas amizades, sua vida social, os ingénuos *potins* que repete – ninguém dirá, lendo aquelas cartas sem ver a assinatura, que são a correspondência de uma Princesa herdeira, várias vezes Regente, endereçadas a El-Rei seu pai (fala de comida, de trivialidades (...)) a Princesa mostrava que nada tinha de estadista, que muito bem fizeram em lhe tirando dos ombros os encargos do governo (...). É que no moderno regime monárquico, o soberano, sendo apenas o poder moderador, não carece de envergadura de águia para exercê-lo. Basta que tenha senso e honestidade, coração. Que isso não exclui um lampejo de heroísmo, de vez em quando, como o mostrou Isabel por ocasião do 13 de maio, arriscando conscientemente a sua coroa por amor a uma ideia bonita e de um gesto generoso (*O Cruzeiro*, 23/07/1953, p. 98).

---

<sup>399</sup> Cf. MINDLIN, José. Cartas, para que vos quero? Presente na excelente coletânea sobre epistolografia de: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 35.

Em “Magalhães e a Condessa”, Rachel comenta o seu descobrimento da correspondência<sup>400</sup> de D. Pedro II com a Condessa de Barral, antiga aia das princesas Isabel e Leopoldina. O achado resultou em livro com anotações. As cartas são discretas, com aspectos de carta de amigos, e a ternura aumentava com o passar dos anos, ou seja, à medida que envelhecem o Imperador vai ficando mais “atrevido, arrisca palavras e frases de amante e de namoro”. Costumeiramente a cronista fecha as suas crônicas com poucas palavras e com um sagaz arremate discursivo. Como conclusão escreve: “... mas o papel não é arriscar comentário. O que se deve é ler essas cartas e fazer a reverência a essa grande baiana, a essa velha que, com quase setenta anos, ainda tinha artes de manter um Rei ajoelhado a seus pés. A aventura da Simpson, conquistando Eduardo VIII com 42 anos, aparece, ante Barral, uma simples façanha de jardim de infância...” (*O Cruzeiro*, 31/03/1956, p. 114).

### **Mulher, política e humor**

Uma crônica muito curiosa é “Maria Antonieta”, de 1957. A rainha francesa aparece em sonho reencarnada no Brasil no corpo de um homem, cometendo os mesmos erros. Adora Brilhantes, e nasceu por aqui, em Diamantina. Sabia que era encantadora e abusou. “Estouvada, inquieta, detestava as obrigações da corte, as durezas e monotonia do reinar”. Continua com a paixão por construção e ergue o seu palácio no planalto goiano, enquanto o povo passa fome para realizar o seu sonho campestre. Li num cronista que a rainha, nos últimos tempos, quando ia à sua carruagem de Paris a Versailles, tapava os ouvidos com bolinhas de cera para não escutar as maldições da plebe e assim poder manter o altivo sorriso. Já agora ela inventou coisa mais eficaz e, em vez de tapar os ouvidos, tapa com a portaria famosa a boca dos maldizentes (*O Cruzeiro*, 28/12/1957).

---

<sup>400</sup>A obra citada de Raimundo Magalhães Jr. é *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do Imperador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 436p. É curioso como os estudos atuais não citam a contribuição do escritor. Ausência em: GOTLIB, Nádya Battella. Correspondências: a condessa de Barral e o imperador D. Pedro II. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (org). *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 227-239. Vale mencionar o estudo cuidadoso desta correspondência realizado pela historiadora Mary Del Priore em *Condessa de Barral: a paixão do Imperador* (2008).

O mal maior da rainha reencarnada não é o amor à pompa, gráficos de prosperidade a quem tem fome, construir palácios sobre a miséria do povo, o pior é a sua *entourage*: são homens fortes, hábeis, mágicos das finanças e os zeladores da autoridade real. “Finalmente, agora, o povo perdeu o costume de cortar a cabeça dos seus reis quando se fartava deles. Com a moda do governo a prazo fixo, seria muito oneroso e impraticável guilhotinar um rei ao fim de cada quinquênio. Mas não sei se a disponibilidade, em seguida ao poder, não é castigo mais duro do que a morte. Pensem em Maria Antonieta. Ao término do mandado, a pé, sem carruagem e sem “Viscount”, a vagar melancolicamente pelas ruas da cidade, a escutar as pragas, as queixas, a ver de perto o que as alturas do trono não lhe deixavam enxergar, a receber pontapé da turma gorda dos ingratos” (Idem).

Trago este texto entre as suas muitas crônicas da década de 50 que comentam o momento político como um exemplo de sua inventividade, ou seja, de como Rachel escreve com artimanha um texto crítico sobre a conjuntura política da época.



## 5. BABUGEM E RUMINAÇÃO

*E o trabalho, este nosso trabalho de escrever? Meu Deus, como às vezes chega a ser sórdido! Aquele riscar, aquela grosseria do texto primitivo, aquele tatear atrás da palavra desejada e, ainda pior, da combinação de palavras desejada! A gaucherie do que sai escrito – tanta beleza que a gente sonhou, depois de posta no papel como ficou inexpressiva, barata e normal! Já dizia tão bem o velho Bilac: “a palavra pesada abafa a idéia leve.*

Rachel de Queiroz

*Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas.*

Certeau

*Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos.*

Graciliano Ramos

*A literatura para mim foi uma compulsão. Por ela me separei do meu primeiro marido, para ela tenho vivido. A literatura libera e conforta. Nela encontro a minha paz.*

Maria de Lourdes Teixeira

Neste capítulo trago um cotejo sobre o processo de escrita. São tópicos que se imbricam, tais como as produções teatrais, estratégias (re)aproveitadas de crônicas em outros suportes textuais, as mídias, a importância da oralidade, a literatura de viagem, dentre outros tópicos que ruminam na escritura da ‘Última página’, transformando-a em uma ilha por onde transitam diferentes águas discursivas.

## Água parada, água corrente

Michelle Perrot,<sup>401</sup> em “Práticas da memória feminina,” afirma que no “teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”. Ao refletir sobre a história das mulheres, enfrenta a ausência da memória das mulheres (por exemplo, na iconografia, nos arquivos públicos e nos museus) no século XIX, cujos espaços privados (feminino) e públicos (masculino) estavam bem demarcadas, a memória feminina – memória familiar, “semioficial” – está principalmente na “oralidade das sociedades tradicionais que lhes confiava a missão de narradoras da comunidade aldeã”.

Em “Memórias”, de 1954, primeiramente Rachel lembra que no sertão, memória significa talento. “É como fala o cantador: “não há homem como rei/Nem mulher como rainha,/Nem santo como Deus/Nem *memória* como a minha”. Este elogio à memória pode ser pensado:

Quer dizer, não há também poeta igual a ele, com tanta *memória*, inspiração e verve. E a gente fica pensando se o talento não será memória mesmo, ou pelo menos fica a calcular quanto a memória não ajuda a empurrar o carro do talento. Explico-me: no complexo de elementos que constituem o talento literário, quanto haverá de simples recordação, e como é pequena ou nenhuma a contribuição da inventiva (*O Cruzeiro*, 06/11/1954, p. 114).

Para a cronista talento é a “faculdade inconsciente de escolher entre a sucata que a memória armazenou. Ou, pior ainda, talvez o talento seja exclusivamente memória, mais nada”.

Tânia Regina Ramos, em tese *Memória, uma oportunidade poética*, afirma que “as memórias literárias não passam só pela autoria, por aquele que lembra, mas pelo narrador que traz para o texto um somatório de experiências de linguagem; e estas experiências são sempre revigoradas por possibilidades líricas”.<sup>402</sup>

---

<sup>401</sup> Ver clássico estudo de PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. v. 9, n. 18, ago.-set., 1989, p. 09-18.

<sup>402</sup> Cf. RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. Por uma poética das memórias literárias. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>. Acesso em: 24 set. 2007. Também é oportuno mencionar a sua contribuição sobre o assunto com disciplina da Pós-Graduação em Literatura, da qual participei: “Poéticas da Memórias” (UFSC – 2005.2).

Segundo Ecléa Bosi,<sup>403</sup> a memória pode ser conservação ou elaboração do passado. As experiências passadas são refeitas, reconstruídas, repensadas, com imagens e idéias de hoje. Para ela, memória não é sonho, é trabalho resultante da experiência. E a experiência é a fonte dos narradores, lembrando famoso estudo de Walter Benjamin. Neste sentido, Rachel fala: “é ponto pacífico a incapacidade de que padece o homem de conceber coisa fora da sua experiência”. Deste modo, a linguagem – o texto – é vista como uma construção a partir de uma realidade da experiência,<sup>404</sup> marcada pelos contextos da enunciação.

Em “Sertão em surdina” Davi Arrigucci Jr.<sup>405</sup> reforça: “A tudo Rachel imprime de fato a sua "marca de casa", à maneira de Conceição, no romance. E o que resulta é sóbrio, bem feito, na medida certa. É que se guia pelo senso prático da narradora e sabe tornar concreta na expressão a secura real do sertão. Para tanto, depende do procedimento moderno da simplificação, manejado com a perícia da artesã de poucas palavras: talho justo na matéria agreste. A experiência histórica, acumulada na memória regional ressurgem então fundida na forma particular, concreta e nova de sua narrativa: memória coletiva esbatida na câmara íntima da heroína individual (grifos meus).

Retomando a crônica, temos a indagação sobre como alguém se torna um romancista. No texto, Rachel declara que não se considera uma romancista. Com humildade, reproduz então uma crítica ( “lúcida e justa”) do teatrólogo Ruggero Jacobbi sobre a sua obra. Para ele, a romancista é “fragmentária, dispersiva e impressionista”; faltando-a “aquele impulso centralizador que faz do romance uma síntese compacta”. Ratificando as palavras de Jacobbi, afirma que os seus livros são considerados romances por uma mera “classificação editorial”. Então, confessa: “sempre senti que às minhas histórias faltavam essa coisa básica do romance que é o enredo. Um sistema compacto de narrativa, tal um rio no seu curso. Comigo é como uma paisagem de lagoas: poça de água aqui, poça de água ali, tudo salteado, descombinado, sem continuidade – e mormente sem a força de corrente que o rio tem. Água parada.”

---

<sup>403</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

<sup>404</sup> Cf. SCOTT, Joan. Experiência. tornando-se visível. Tradido por Ana Cecília A. Lima. In: SILVA, Alcione et al. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

<sup>405</sup> Ver excelente ensaio sobre o romance. ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O sertão em surdina. In: Folha de São Paulo, 12 mai. 2001.

Distanciando-se do tom confessional, a crônica passa então para os esclarecimentos solicitados pelo leitor. Reitera que a qualidade de um bom romancista é a memória:

Memória para fatos, memória para a vida, principalmente memória de si mesmo. Ir enrolando a meada enquanto vive, para desenrolar enquanto escreve. Naturalmente que há o comentário pontuando as lembranças e há a escolha do que recordar, e há os disfarces mascarando as recordações. E há a linguagem, que é *mise-en-scène*. Mas memória, memória do consciente e inconsciente, lembranças acumuladas, imagens, recordações – isso constitui a matéria-prima. Que seria de Proust, ou antes, existiria Proust, se não fossem as suas memórias?

É o motivo de serem melhores os romances em que o autor, sob a capa de ficção, narra sua própria experiência interior. Fora casos de intuição excepcional, sempre o escritor conta melhor quando *se lembra*. Por isso é que o romance “romântico” fala tão pouco à nossa alma, ao contar experiências imaginosas, todas fora da experiência do novelista. E também nos deixa frios o romance realista-reportagem, que narra coisas vistas *de fora* e não *de dentro*. O escritor que vale, o que comove, o que impressiona é o que põe as próprias vísceras à mostra, das mais nobres, às mais sórdidas – coração ou tripa – ou conta como se portaram elas em tais e tais circunstâncias. O que se vira pelo avesso e se dá todo, sangrando, chorando. O que saqueia a infância, a adolescência, a força do homem, os seus mais sagrados santuários, revolve amores e ódios, a baixeza, ou a pequena grandeza de que seja capaz, e atira isso tudo às feras, quero dizer, ao público, o grande canibal. Canibal que nos devora vivos, e às vezes mesmo se sente indigente com o mais fino dos nossos sonhos, ou atira fora, como caroços de azeitonas, os pedaços mais rijos do nosso coração partido. Mas não era isso mesmo o que nós queríamos? (Idem).

Rachel encerra a crônica sem citar autores. Entretanto, pode-se fazer uma ilação com a ampla produção romanesca da época que tem

como material fecundo a memória, como, por exemplo, *Infância* (1943) e *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, e de José Lins do Rego *Menino de Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943).

Neste sentido, Rachel, despretenciosamente, teoriza sobre a constituição do fazer literário e deixa, possivelmente, o leitor sedento por receitas prontas, atordado diante do somatório de exigências para o ofício de romancista: talento em manejar a matéria da memória.

### **Prefácio: a roda da fortuna**

A crônica “Prefácio” traz uma discussão sobre esse elemento paratextual que atualmente vem merecendo um pouco mais de atenção em análises críticas.<sup>406</sup> O prefácio não é fundamental, afirma a cronista enfaticamente ao recordar o lançamento de *O quinze*, ainda tão jovem; não procurou a ajuda de um nome importante para validar o seu romance, sendo que ela mesma redigiu o seu, como foi visto no capítulo 1.

Para Zahidé Muzart,<sup>407</sup> que publicou um estudo comparativo dos elementos paratextuais (prefácios, dedicatória, nota e preâmbulo) de escritores homens e mulheres do século XIX, em uma época em que a mulher era “tolerada como escritora” e não respeitada, a pesquisadora percebe que nos femininos há um certo “tique feminino” e diferença na manifestação feminina. Longe dos famosos prefácios teóricos de José Alencar, afirma que as escritoras “transparecem a culpa, o medo de ser repudiadas, medo de ser ignoradas, compondo um estranho jogo,” e para conseguir a aceitação, as escritoras utilizam da modéstia, metáforas (florais), adotando o feminino que lhes era imposto para garantir a sua sobrevivência.

Sabe-se que Rachel ao longo dos anos foi uma prefaciadora contumaz.<sup>408</sup> Esta crônica, talvez por ser uma espécie de recado aos

---

<sup>406</sup> Cf. estudo teórico sobre o prefácio em GIUSTI, César. Teoria e Prática dos prefácios. Um estudo sobre Tutaméia.

Disponível em: <http://vbookstore.uol.com.br/ensaios/prefacios.shtml>. Acesso em: 04 nov. 2007.

<sup>407</sup> Ver outro estudo interessante, voltado para os prefácios das escritoras brasileiras do século XIX: MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas. In.: FUNCK, Susana Bornéo (org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1994, p. 263-269.

<sup>408</sup> Conforme consta em sua bibliografia disponível no site da Academia Brasileira de Letras, Rachel escreveu os seguintes prefácios em livros: *Iracema - Ubirajara*, de José de Alencar; *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho; *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna;

leitores que solicitam e apelam para que seja a madrinha de seus escritos, divide os prefácios em duas espécies: o dos tímidos e o dos “nomes feitos”. O primeiro caracteriza-se por um pedido de desculpa ao público pelo “calhamaço imposto à sua boa vontade”. A outra categoria, a do “nome feito”, que o autor considera importante, é um tipo de “carta de apresentação impressa” que está passando de moda.”As palavras mais sinceras, o louvor mais honesto, ditos assim, numa apresentação de encomenda, perdem todo traço de autenticidade, ficam infalivelmente cheirando a favor”. Para a cronista, o “nome feito” tem por objetivo emprestar “um pouco do seu brilho consagrado”. O prefaciador, que não teve como negar o pedido, muitas vezes nem leu a obra inteiramente, “alinha como pode algumas frases encomiásticas (...) para manter o cartaz, assina e suspira aliviada”.

A intenção da cronista é aconselhar os estreates.

Nunca se viu um bom prefácio redimir um mau autor e muitas vezes um mau prefácio pode prejudicar um bom livro. O critério de julgamento do noviço nesse emaranhado universo literário, é muito diferente do critério dos que militam lá dentro. Certos sujeitos que eles pensam da maior importância, não têm nenhuma cotação entre os seus pares: em vez de ajudarem, comprometem. E mesmo quando valem realmente, – é ilusão julgar que o público se sentirá mais atraído por um romance ou por um livro de versos, só porque dito livro traz prefácio de um acadêmico ou de uma estrela literária. O público tem muito mais discernimento do que em geral lhe atribuem. E os bons livros, como tudo que é bom, são como Benedito, na sua frase famosa: “se fazem por si mesmos”. É verdade que além dos fatores de

---

*Menino de engenho*, de José Lins do Rego; *Uma vida e muitas lutas* (vol. III), de Juez Távara; *O enterro do anão*, de Chico Anísio; *Proezas do menino Jesus*, de Luís Jardim; *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon; *Os naufragos do Carnapijó*, de Sílvio Meira; *Destino da carne*, de Samuel Butler; *A crônica dos Forsyte*, de John Galsworthy; *O morro do ventos uivantes*, de Emily Brontë; *Moby Dick*, de Herman Melville; *Eurídice*, de José Lins do Rego; *Vila dos confins*, de Mário Palmério; *Paquetá*, de Vivaldo Coaracy; *A faca e o rio*, de Odylo Costa Filho; *Estrela da vida inteira*, de Manuel Bandeira; *O puxador de terço*, de Moreira Campos; *Do sindicato ao Catete*, de Café Filho (em Caminho de pedras); *Isto é Brasil*, de Erich Joachim (prefácio e legendas); *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *Perfis parlamentares I* (discursos parlamentares I), de José de Alencar (prefácio e seleção). Acredito que haja muitos mais dispersos. Esta modalidade discursiva é uma excelente oportunidade de análise de sua contribuição para a vida literária.

qualidade, também pesa muito no êxito o fator sorte. E a sorte, com perdão das pessoas de espírito, manda muito mais do que se pensa (*O Cruzeiro*, 04/10/1952, p.113).

Uma consideração importante sobre o próprio prefaciador. Ora, se este “sofre de peso, o peso passa todinho para o pobre que confiou o seu livro ao ‘urucubaca’”. Assusta: “Peso pega, feito moléstia ruim”. Ao utilizar a expressão popular para agourento – urucubaca –, a cronista avisa que muitas vezes o nome escolhido pode ser um azarento tanto para cima (urubu) quanto para baixo (cumbaca é um peixe que se pescado estraga o dia do pescador).

Como uma sábia matriarca literária, aconselha: “acreditem, meninos: sorte, coragem e talento, se vocês têm isso, venham de rijo, entrem como em sua casa, que não precisam tomar a benção a ninguém”. O escritor deve contar com a fortuna, ter habilidade de enfrentar as adversidades (coragem) e a aptidão natural, ou habilidade adquirida (talento). Com esta visão essencialista e romântica da produção literária, a cronista difere de uma visão feminista que desmascara o jogo do poder inerente à produção do saber, da cultura. Com certeza, não é somente pelo fator “talento”, “coragem” e “sorte” que o cânone literário, ou seja, o conjunto de obras consideradas clássicas, obras-primas e “patrimônio das futuras gerações” exclui as vozes femininas, os negros, os índios e outros sujeitos que estão às margens da sociedade. E sim por um complexo emaranhado do poder patriarcal que subordinou às mulheres à condição de inferior, notadamente na prática da escrita. Outro ponto da crônica é o fator “coragem” que, segundo alguns dicionários, pode ser a energia moral ante situações aflitivas ou de difícil valor; destemor, ânimo, intrepidez, bravura, denodo – como um estímulo para o enfrentamento das inseguranças e dificuldades com a produção literária brasileira.

### **Conselhos e queixumes**

A crônica “Clube dos inéditos” tem como tema central as cartas de leitores iniciantes em prosa e poesia. Costumeiramente a escritora vivencia o drama de receber apelos de “jovens escritores” para que

facilite a “aparição das letras”. Se não há espaços (jornais ou revistas) para publicação, o “remédio”, segundo a cronista, é ter paciência – “e esperem que a gente morra, para lhes abrir a vaga... Será o caso então de eles perguntarem: E quando é que vocês morrem? Coisa que não lhes poderemos prometer para data fixa. Nem próxima, querendo Deus”. Fala então da boa notícia da criação de um “Clube dos Inéditos”, no Rio de Janeiro. Se a cronista não apresenta muitos detalhes sobre o funcionamento do Clube, organizado por Homero Homem, como critérios, métodos, seleção, enfatiza a “tábua de salvação”: “uma clareira nessa escura floresta de impossibilidade em que se debatem os principiantes à procura de um lugar-ao-sol”. A questão editorial é concluída:

Ao Clube dos Inéditos remeto todos os jovens que me procuram, querendo aparecer. Mostrem do que são capazes, ajam, apareçam. A ideia parece ótima, é cheia de possibilidades e esperanças. Quem sabe não teremos nela as bases de um novo sistema editorial por cooperativa, quem sabe num futuro próximo não será o Clube dos Inéditos um viveiro de valores novos, arrastando galhardamente as simpatias do público e pondo na aposentadoria os velhos cartazes, os cansados medalhões?(*O Cruzeiro*, 08/09/1951, p.130).

Em “Prêmios Literários” Rachel lamenta a pobreza dos prêmios literários do Rio de Janeiro, inferiores aos valores dos prêmios de São Paulo. Menciona a criação do prêmio Carmen Dolores, sem distinção de gênero e nem de nacionalidade, de estado do autor que, em 1954, foi para a obra *Cangaceiros* de José Lins do Rego, e teve como finalista *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. No segundo tópico, lamenta que a instituição do mecenato no Brasil é algo que não pegou. Lamenta a falta de pessoas ricas que mantenham um prêmio, como acontece com as artes plásticas:

Literatos, os nossos ricos os apreciam pobres, se desunhando no jornal para dar pão aos filhos, ou vegetando melancolicamente numa repartição, escrevendo versos no papel timbrado.

Quando ganhamos melhor, isso até os ofende e lhes parece suspeito. Verdade que não

possuímos uma aristocracia de dinheiro, sólida nos pés, carecendo criar tradição e desejosa de embelezar sua posição social com uma auréola de Mecenas. Nossos ricos quase todos são de vôo curto – meros cogumelos que brotam à sombra úmida das negociatas ou dos favores oficiais. E há também os ricos tipo Matarazzo, que embora menos frágeis que os demais fungos dos lucros extraordinários, continuam sendo uma vegetação peçonhenta a cuja sombra nada medra (*O Cruzeiro*, 6/03/1954, p. 98).

E o que é o mecenato? Na crônica explica: “uma senhora ou um senhor, que disponha dessas três qualidades difíceis de juntar: dinheiro, bom gosto e boa vontade – se dispõe a favorecer escritores, dar-lhes semanalmente agasalho e drinques e anualmente um prêmio”. E, à contrapartida dos literatos, poderia conceder um prêmio simbólico também, um ‘Oscar’ para o maior mecenas do ano.

Deste modo, além do prêmio de Carmem Dolores, apareceriam muitos outros para favorecer os “dois alimentos essenciais ao progresso das boas letras: a pecúnia e a glória”.

Em 1959 O Prêmio Jabuti foi idealizado por Edgard Cavalheiro, então presidente da Câmara Brasileira do Livro.<sup>409</sup> Atualmente é o mais tradicional e importante prêmio literário do Brasil. Ao longo dos anos, o Jabuti foi ganhando novas categorias, passando a contemplar também livros didáticos, livros de ilustração e projeto de gráficos.

## **A arte de bater chapa**

Rachel declara-se uma apreciadora da fotografia. Na crônica “O álbum de Manzon” rememora o impacto que uma imagem gerou:

---

<sup>409</sup> Os premiados de 1959 foram: Jorge Amado, Romance; Jorge Medauar, Contos/cronicas/novelas, Estudos literários (Ensaios); Mário da Silva Brito, História literária; Renato Sêneca Fleury, Literatura infantil; Isa Silveira Leal, Literatura juvenil; Carlos Bastos, Ilustrações; Aldemir Martins, Capista.

Uma das mais fortes emoções que o papel impresso já me proporcionou, devo-o ao cidadão do mundo Jean Manzon. Era uma fotografia, e representava um guerreiro xavante de arco esticado, a seta apontando para o céu (...) Foi essa reportagem histórica, feita de colaboração com o seu inseparável companheiro, o ás dos repórteres, David Nasser, que tornou Jean Manzon conhecido dos brasileiros(...) / Meu Deus, que grande superioridade têm as imagens sobre as palavras! Imagens dispensam interpretações e comentários, imagens são uma coisa em si, concretas e incorruptíveis (...) /Jean Manzon preferiu não falar. Deixou que o seu depoimento fosse gravado pelo olho da câmara, que não mente, que é de vidro e matéria plástica e metal branco, não tem ouvidos para escutar lisonjas nem mão para receber propinas. É o registro mais veraz que o homem inventou, é o inimigo da mentira trabalhando com a luz e papel branco (*O Cruzeiro*, 13/05/1950, p. 130).

Ao invés de considerar a imagem como concorrente da palavra, que também é imagem, a cronista elogia a luz e o papel que registra os instantes.

Também em “O mundo em figura”, a partir das correspondências de seus leitores, Rachel apresenta uma crônica em tópicos. A primeira parte principia a correspondência dos leitores que não cessam, sugerem, solicitam livros, enviam originais. O curioso é que em outras crônicas menciona a leitura de textos originais de seus amigos. A cronista sente-se frustrada diante dos apelos dos leitores que solicitam uma “ajuda” para lançar os seus livros. Na segunda parte refere-se às reportagens. Os leitores sugerem novas pautas ou comentam reportagens publicadas (principalmente as ilustradas de David Nasser e Luciano Carneiro). “Incrível como a imagem impressa fala à imaginação, sugere sentimentos, indignações, amores”, comenta. O leitor de diferentes localidades, preso ao seu cotidiano, “viaja nas asas do repórter”, e por meio dele outros mundos são revelados, de “homens tão diferentes de nós e tão parecidos conosco.” Mesmo que o escritor produza “volume de prosa”, dificilmente conseguirá reproduzir o impacto que uma imagem em preto e branco pode obter sem grande esforço.

Uma crônica afetuosa sobre o poder da imagem fotográfica que lembra Roland Barthes<sup>410</sup> em *Câmara Clara* é, para Rachel, um “documento vivo”: as sensações corporais da imagem vista e do corpo tornado imagem. Por exemplo, a fotografia de si mesmo é semelhante com morte. Aquela imagem é parte do que passou.

É oportuno citar outro apaixonado pelo visual, Peter Burke.<sup>411</sup> Por exemplo, em *Testemunha ocular*, Burke estuda a importância da iconografia para a história, como gráficos, fotografias e filmes. Para ele, imagens são reflexões de realidades, mas “extensões dos contextos sociais” em que elas foram produzidas. Com as contradições entre promessas e perigos, o uso da imagem tem um fator econômico que aqui deixo de lado, porém vale dizer que uma foto diz muito e vende muito nos anos 50 e, sobretudo, na atualidade. Naquela década a televisão ainda dispunha de poucos telespectadores. O cinema fazia a concorrência forte com a imprensa escrita. Diz a cronista: “há no cinema um elemento de ilusão, de fugidio, que é como a negação do documento. E é do documento que o povo gosta”.<sup>412</sup> Outro ponto destacado é o aspecto da funcionalidade do objeto ‘revista’ que pode ser levado para qualquer lugar enquanto que o cinema é fixo, em lugar determinado, em horário certo.

Na terceira parte, o texto centra-se em nela mesma:

Muitas vezes quando me sinto nesta agonia de querer dizer as coisas mais simples e só consigo me explicar de maneira confusa e sem sentido, ah, quantas vezes me dá vontade de agarrar numa máquina de tirar retrato e botar no papel a figura viva que eu só faço assassinar com estas letras! Quanto invejo a capacidade de comunicação desses demoníacos rapazes que podem dizer tudo, carecendo apenas do olho clínico para escolher o assunto, a velha técnica da angulação, da luz e do momento oportuno, e, sem precisão de gramática nem de outras astúcias do escriba, põe na frente do leitor o mundo inteiro

---

<sup>410</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Traduzido por Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>411</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e imagem. Traduzido por Vera Maria Xavier Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

<sup>412</sup> Há uma informação curiosa: Rachel também escreveu crítica de cinema na revista *Vamos Ler*, em 1940. Ainda não verifiquei na fonte. Cf. HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 261.

resumido em algumas polegadas de papel (*O Cruzeiro*, 14/07/1956, p.114).

Rachel expõe a sua angústia diante da insatisfação de representar em palavras a realidade. Em *O Cruzeiro* a cronista debate-se com a sua página, feita com palavras e uma pequena ilustração na parte superior do texto. Reporta-se às ditas facilidade da técnica fotográfica, que com os flashes procuram dizer muito<sup>413</sup> e, aparentemente, com mais facilidade. Mas será que a fotografia fala mais que o texto verbal ou a literatura? É fácil, exige menos exercício para dominar a técnica? Lembro aqui de Roland Barthes (1993) ao mencionar os “fotos-choque” da revista *Match* com cenas de execução:

nenhuma dessas fotografias, excessivamente, hábeis, nos atinge. É que perante elas ficamos despossuídos da nossa capacidade de julgamento: alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós; o fotógrafo não nos deixou nada (...) para nós não tem história, podemos inventar o nosso acolhimento a essa comida sintética já perfeitamente assimilada pelo seu criador (p. 62-63).

Desta mesma revista francesa, um grande sucesso no Brasil, vieram, atravessando o atlântico, os fotógrafos Jean Manzon e Pierre Daninos para, nos anos 40, implementarem as mudanças radicais na revista *O Cruzeiro* – no fotojornalismo brasileiro ou fotorreportagem, uma espécie de “crônica visual que organiza a informação dentro de uma ordem cronológica dos acontecimentos”.<sup>414</sup>

A paginação, com ilustração aos moldes das grandes revistas europeias, atualizava-se rapidamente e buscava agradar ao grande público, até mesmo os analfabetos, pois o apelo visual poderia ser motivo de apreciação por diferentes leitores.

Neste sentido, utilizavam-se estratégias como reportagens com imensas fotos que se configuravam em narrativas visuais sobre os mais diferentes e escandalosos assuntos (por exemplo: presos, loucos, índios, ritual de macumba, tragédias, paisagens urbanas e naturais e outros tipos

<sup>413</sup> Cf. Interessante estudo sobre a fotografia na revista *O Cruzeiro*. COSTA, Helouise. *Um olhar que pensa: Estética e fotojornalismo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>414</sup> PERAGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991, p. 59.

humanos). Deste modo, a fotografia tinha um *status* incomparável e as queixas da cronista ganham contornos significativos.

Isto ficará mais claro acompanhando o término da sua crônica, uma espécie de confissão de desejos: de ser mais nova, de ser repórter, de ganhar o mundo e “bater chapa, e bater chapa, e calar a boca, e mostrar ao povo todas as coisas que os olhos veem e o coração escolhe e que a gente jamais saberá exprimir com as miseráveis combinações das nossas vinte e cinco letras do alfabeto!”. E o mundo seria seu, com a máquina a tiracolo. Um mundo em figura, um vasto mundo.

### **A arte de fazer pastel**

Em “Escrever” revela-se impaciente ao responder a uma carta de uma jovem com pretensões literárias. Reconhece que a moça tem talento e graça, porém parece que esta considera o “ofício mais como mais uma prenda de sociedade, como pretexto para ser festejada e conhecida”. E com essas intenções, afirma que nunca será um escritor:

O que vou procurar dizer pode aparentar uma ênfase excessiva – mas aos moços a gente tem que falar a verdade, mesmo correndo o risco de parecer ridículo. E o que eu quero explicar é isto: arte, seja qual for – prosa, poesia, *ballet*, teatro, pintura, etc. – arte, é uma vocação penosa e exigente. A sua primeira condição é a humildade, em seguida vem o trabalho, que inclui no seu programa uma espécie de renúncia a muita coisa boa e divertida, pois, como se disse acima, arte é trabalho e trabalho toma tempo e não rende, tempo é sempre pouco e chorado; mal dá para metade do que se tem a fazer, quanto mais para o supérfluo (*O Cruzeiro*, 03/07/1954, p. 98).

Para Michel Foucault escrever é mostrar-se, dar-se ver, fazer aparecer. E isto exige exercício, “adestramento de si mesmo”.<sup>415</sup> Esclarecendo a cronista que o escritor, ou qualquer pintor, como por exemplo Portinari, trabalha e não tem tempo para a vida movimentada

---

<sup>415</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Traduzido por José Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais. Vegas: Passagens, 1992, p. 150.

de artista que se imagina, aquela vida de muitas festas, conferências e badalações.

Arte, creio que se pode definir como um corpo-a-corpo permanente entre o artista e o seu trabalho. Uma exigência diurna e noturna, um comer, um beber, um viver daquilo. Arte é incompatível com vida social, com lazeres, com diletantismo; arte é egoísta e absorvente; é disciplina, é autocrítica, e é estudo. Se você quer ser escritor não terá tempo para posar de escritor; tem que passar o tempo lendo e escrevendo, apenas (Idem).

Reconhece que há várias maneiras de se ser artista. Por exemplo, enclausurado em uma biblioteca ou em um atelier; e expandindo na vida, nas coisas mais simples.

Creio que encontrei outra definição; artista é aquele que vive em função da sua arte e não em função do público. O público é uma consequência que se pode ou não se pode alcançar, não um fim. O que para o artista deve ter importância é o trabalho propriamente dito, é realizá-lo de acordo com aquilo que lhe parece bem, ou de acordo com esse impulso íntimo que o arrasta a produzir, o qual se convencionou chamar de inspiração. Impulso que tem como objetivo único a obra de arte, a obra de arte em si, mais nada. O pintor que no seu quadro quer exprimir ideias ou símbolos, em vez de simplesmente fazer pintura – não acredito nele. Cito novamente Portinari como exemplo. Fala-se muito nas suas ideias políticas; mas em que as ideias políticas têm influenciado a pintura de Portinari? Corre por aí certa frase como sua, e tão justa é que deve ser dele realmente: “Pintor não tem ideias: pintor pinta”.

Já com o escritor, o processo parece mais complexo, porque ele também lida com ideias. Mas não deve esquecer nunca que o seu material de trabalho *são as palavras*. O seu artesanato, o seu “metier”, a sua finalidade é reunir palavras harmoniosamente, combiná-las em efeitos novos, retirar dessas combinações o máximo de

rendimento e o máximo de sentido. Só por esse meio tem direito de exprimir ideias. Nada de arrogância de iluminado, nada de pôr a obra de arte a serviço desta ou daquela pregação. Se a pregação decorrer da obra de arte – vá lá; mas a obra de arte subordinar-se ao postulado político, ou religioso, ou filosófico – não pode ser, está errado, não é arte.

E acima de tudo, nada de complacência consigo mesmo; nada de contemplar o que foi feito e achar que está bom. O artista tem muito em comum com o santo em procura da santidade: o santo jamais se volta para trás e se compraz nas suas excelências e nas suas virtudes. Se se volta para o passado é com o fim de catar pecados, e carpi-los e corrigir-se. E quanto mais se adianta no caminho da santidade, mais se apura na renúncia, na mortificação, nas exigências consigo próprios. Mais se considera imperfeito e pecador – porque à medida que se adianta, tem um melhor conhecimento do que é a perfeição (*O Cruzeiro*, 03/07/1954, p. 98).

Conforme Eneida de Souza,<sup>416</sup> o objeto literário encontra-se, há muito tempo, desprovido de aura e transformado em mercadoria. A longa citação acima enfatiza o trabalho árduo com a palavra, a constante busca pelo aprimoramento do ofício.

E para encerrar essa longa crônica, afirma “não ser uma artista. Talvez sonhasse ser, anos atrás. E afinal sou apenas uma pobre mulher que escreve por ofício, não por paixão, não por vocação, por simples meio de vida. E traz consigo aquele desgosto, ou aquele remorso do que talvez pudesse ter feito e não fará, nunca fará”. Enfim, mais uma vez ela expõe, com humildade, a pouca importância de sua atuação enquanto escritora.

Alguns anos depois Rachel retoma o mesmo assunto em “Livros de soldado”. Ao mencionar o lançamento do livro de contos *Três mulheres*, de Umberto Peregrino, reflete sobre a arte.

---

<sup>416</sup> SOUZA, Eneida Maria de. O Não lugar da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Crítica cult.* Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 86.

O que caracteriza em geral o artista, – literário, plástico, teatral, músico – seja qual for a sua especialidade, é uma violenta absorção em si mesmo, uma permanente pesquisa interior, uma paixão pela própria obra que não o deixa interessar-se por ninguém mais, além do seu precioso eu. Sabe-se que o fim dessa absorção, desse egocentrismo é, em principio, senão louvável, pelo menos explicável: o artista vive em permanente trabalho de fabricação, atento ao processo em que se transforma a matéria-prima bruta, apanhada no exterior, em matéria artística capaz de ser oferecida ao público. Mas o diabo é que, em certos casos, essa atitude, que era antes uma mera exigência de ofício, vai-se transformando em comportamento invariável. A criatura perde os seus olhos de ver para fora, a menos que o espetáculo exterior não diga qualquer coisa com a sua pessoa ou as suas inspirações. Por isso é que são muito mais comuns do que se pensa o pintor que não vai às exposições de ninguém, senão às suas, o ator que não frequenta espetáculos, o autor que não lê literatura alheia. O tempo que eles têm, o interesse de que dispõem, é pouco para a própria obra, para a própria pessoa, a própria propaganda – não dá para reparar na existência de mais pessoa alguma (*O Cruzeiro*, 12/12/1959, p.130).

O texto é uma síntese explícita do jogo de armar da profissão artística que exige muito de interiorização, de reclusão para elaborar o texto; Há pouco glamour e muito suor na elaboração da escrita.

Os excertos acima versando sobre a prática ou artesanato da escrita podem ser alinhados aos estudos dos manuscritos de seus romances – *As três marias* e *Dora, Doralina* –, nos quais os pesquisadores Marlene Mendes e Ítalo Gurgel comprovam que os procedimentos de escrita informam sobre o labor do seu processo criativo. Ou seja, Rachel de Queiroz esboçava a narrativa em caderno e cópias datilografadas nas quais se revela “o conflito redacional”.<sup>417</sup>

---

<sup>417</sup> Cf. GURGEL, Ítalo. *Uma leitura de Dora, Doralina*. A lição dos manuscritos. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1997 e MENDES, Marlene Gomes. *As três marias, de Rachel de Queiroz*: edição crítica em uma perspectiva genética. Niterói: EDUFF, 1998.

## A fisiologia da escrita, da arte

Em “Fama e a realidade”, a metalinguagem é assunto do texto:

Até o pobre diabo do escritor, com a folha de papel em branco diante de si; sabem lá o que é o desespero de não poder inventar, a agonia de se sentir fracassar, a boca que não diz nada, a mente vazia, sem riqueza de ideia, sem desenho de forma, poço seco onde só há areia e pedra? E assim mesmo o relógio correndo, a obrigação de ter inteligência e ter espírito, a luta desesperada por um fiapo de frase que se desfaz de pensamento que aborta antes de exprimir em palavras?

Sim, passado o momento decisivo da criação, ou da ação, há o aplauso, o dinheiro, o renome. Mas antes – tem-se que pagar o preço disso tudo – em dor, em suor, em medo. Desculpem a aproximação -, pode ser brutal mas é verdade: como uma cortesã, paga-se com o corpo. Por mais que se doure o cenário, por mais que se idealize o ofício e o oficiante -, tem-se o luxo, o amor do povo, o retrato nas revistas, as palmas, a inveja. Mas quando chega a hora de “entregar a mercadoria!, com o velho corpo é que se paga – quando também a alma não vai de roldão, misturada com o suor, o tremor da perna, o medo e a fadiga (*O Cruzeiro*, 14/ 02/1953, p. 114).

O que se percebe é que costumeiramente há “culto da personalidade a rondar o aprendiz de escritor”.<sup>418</sup> O processo da escritura é retomado, anos depois, em 1957 com “Vocação literária”. Muitos leitores “pedem conselhos ou ajuda para chegar ao exercício dessa vocação”.

A primeira constatação, bastante curiosa que se faz diante desses correspondentes, é a seguinte: quase todos os que anseiam por escrever, não têm, de maneira nenhuma,

---

<sup>418</sup> “Uma literatura anfíbia”. SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 65.

*capacidade* para escrever. Nada de dom natural, nada de facilidade de palavra escrita, nada de espontaneidade. Acho que eles querem escrever não porque se sintam dotados para isso, mas porque acham bonito escrever. Querem ser escritores, ou poetas, ou dramaturgos, ou jornalistas pelo “glamour” que a profissão literária ainda conserva (muitos ainda se chamam, e o que é pior, me chamam, de “beletrista”...) – “glamour” cuja força surpreende, ante a concorrência fortíssima de outras seduções modernas – o palco, o rádio, o cinema. (*O Cruzeiro*, 09/03/1957, p. 130)

A cronista didaticamente elabora uma tipologia dos candidatos a literatos. Em primeiro lugar é daqueles que “querem aparecer”. O segundo é o grupo dos “frustrados, que passaram por uma decepção ou uma degradação e querem transferir para o papel as suas amarguras”. O terceiro é o grupo dos “patriotas, que querem cantar as belezas do Brasil”. Em quarto, em grande número, os de tendência “ecléctica-espiritualista”, que almejam pregar ideais religiosos, um mosaico de todas as religiões, pois nenhuma serve. E por último o grupo que “obtem êxito em outras profissões ou vocações, e aspiram a glória literária como coroa dos seus triunfos”.

O cinema brasileiro no decênio de 50, mesmo com a hegemonia norte-americana, passa por um momento de intensa produção, de muita euforia, notadamente com o surgimento da Companhia Vera Cruz, que traz a temática brasileira para as telas.<sup>419</sup> Se já havia espectadores para a Chanchada (da Atlântica) – marcadamente por comédias de costumes para um público pouco exigente, exemplo de Carlos Manga – “Nem Sansão nem Dalila” (1954) e “Matar ou correr” (1954), satirizando dramas americanos de sucesso, é com a Vera Cruz que ocorre o amadurecimento do cinema nacional como, por exemplo, com filmes de Nelson Pereira dos Santos (“Rio 40 graus”), que passou por censura, podendo ser visto como uma preparação para o Cinema Novo (de Glauber Rocha), na década seguinte, momento também no qual muitos atores passaram para a Televisão, abrindo espaço para um grande público consumidor de Chanchada, mais um concorrente para o livro.

---

<sup>419</sup> Cf. PAIVA, Salvyano Cavalcante de. *História ilustrada dos filmes brasileiros. 1929-1988*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p. 48.

É muito comum a gente ver – digamos um herói militar vitorioso num golpe de mão – sair do silêncio em que viveu sempre e derramar em colunas de prosa sub-literária a insolência do seu triunfo. Parece que a euforia da vitória despertou o literato adormecido, pois tudo leva a crer que a raiz do fenômeno é esta: toda criatura humana tem, dentro de si, o literato que dorme. Basta um nada – um copo a mais, uma inibição a menos, a sensação de segurança que o êxito proporciona – ou uma saudade, uma evocação, um espetáculo de rua, para despertar o tigre beletrista. Não há comerciante, nem marinheiro, nem bacharel, nem operário, nem matuto, nem ninguém, que não padeça da sua pequena nostalgia literária, quando não tem os seus pruridos ativos e no fundo do coração não abrigue a ideia de que, se tivesse querido, se tivesse experimentado... se tivesse ousado!(Idem).

A cronista, com muita franqueza, afirma “a maioria o que mostra é a mais desnuda indigência de qualidades literárias ou artísticas”. O que responder, indaga a cronista-conselheira?

Por outro lado, há aquela parcela ínfima dos vocacionados:

Quanto à minúscula, à infinitesimal minoria dos realmente dotados, a resposta ainda é mais difícil. Porque a verdade, meus caros, é que não há receita para o trabalho artístico. Há técnica (e disso podem falar outros, não eu, simples autodidata que nunca passou de caloura no nosso penoso ofício) – mas a técnica é apenas um acessório do bom inicial. É como o caso do cantor: não adianta aprender teoria musical, nem ter excelentes professores, nem se dedicar dia e noite – se ele não tem o básico – a voz.

Assim, para escrever, para poetar, tem que haver essa coisa que lhe bota as letras na mão e as palavras na boca. As letras certas e as palavras certas. Perguntam-me como devem fazer. E eu sei? Como disse, não há receita. Não falo assim por egoísmo, ou secura de coração, ou por antecipada inveja. Mas porque é verdade: este

nosso ofício não tem professores. Aliás, se os tivesse, não seria eu, pobre de mim, a mestra indicada. Escrever certo você aprende no colégio, mas escrever bem só seu coração, sua cabeça, seu estômago – ou mesmo a sua alma, pode lhe ensinar.

Regras servem para policiar o que está feito, não para criar o que não nasceu. E depois, se você tem mesmo dentro si aquela coisa mágica, pode romper todas as regras, desacatar todas as barreiras: e se o êxito ficar do seu lado, *eles* inventarão novas regras, desenharão um mapa novo, traçando outros limites – que lhes caibam dentro... (*O Cruzeiro*, 09/03/1957, p. 130).

Atualmente há uma proliferação de cursos, oficinas e livros que procuram esmiuçar a técnica literária. Muitas vezes, como por exemplo a Feira de Parati, há uma seleção prévia dos candidatos com um texto e em seguida algum renomado autor passa o segredo do seu ofício. Assis Brasil, um dos mais requisitados mestres neste ofício, no site de divulgação de sua oficina traz um panorama destas práticas.<sup>420</sup>

Também em “Escrever Literatura”, mais uma vez Rachel traz a literatura como tema de sua página:

Este negócio de escrever é engraçado. A noção comum que se tem a respeito de escritor é que pessoas excepcionais, nascidas com o dom de escrever bem, ou belo, são periodicamente visitadas por uma espécie de iluminação das musas, ou do Espírito Santo, ou de algum espírito *toutcourt*, – fenômeno a que se dá o nome de “inspiração”. O escritor fica sendo assim uma espécie de agente, ou médium, que apenas capta as inspirações sobre ele descidas, manipulando-as no papel graças àquele dom de nascimento que é a sua marca.

Pode ser que existam esses privilegiados, – mas os que conheço são diferentes. Não há nada de súbito, nem de claro, nem de fácil. O processo é todo penoso e dolorido – e se pode comparar a alguma coisa, digamos que se parece muito com

---

<sup>420</sup> Cf. Maiores detalhes sobre a Oficina Literária Disponível em: <http://www.pucrs.br/fale/oficialiteraria/>. Acesso em: 2 dez. 2009.

um processo fisiológico – que se assemelha terrivelmente a uma gestação, cujo parto se arrastasse por meses e até anos (*O Cruzeiro*, 25/05/1957, p. 130).

O processo de criação não tem nada de mágico, de involuntário; é gestacional, uma comparação bastante usual, notadamente pelas mulheres escritoras.

A cronista passa então para os pormenores da criação artística. Primeiramente “você sentindo vagamente que tem umas coisas para dizer, ou uma história para contar. Ou às vezes ambas”. O processo é de latência, de “inchado”, até o momento em que surgem as frases, definições. Então se escreve para não se perder (o escritor “ladino”) ou se confia na memória (o “preguiçoso”) e depois se esquece. E em seguida, em meio às frases, as pessoas, as personagens ainda aparecem sem muita nitidez. E é o começo da história em arrumação. E os autores nesta etapa passam a delinear a obra, o seu esqueleto. Porém essa etapa embrionária da escrita também pode ser marcada pela falta de imaginação para desenvolver a história. “E a gente fica numa irritabilidade característica”. Disto isto, exemplifica: primeiramente surgem os lugares, os coadjuvantes (depois surge o protagonista). Este período de “posse do cenário e dos personagens pode durar meses, até anos”. Comparado com a “massa de pastel”, o escritor necessita criar o recheio, uma boa história.

Entretanto, com outros autores, aqueles de “imaginação rica”, pode ocorrer diferente do processo dos “terra a terra”. Esses imaginam o enredo e depois os personagens, que, considera, é “menos penoso”.

Esta “lenga-lenga” sobre o processo de composição literária ficará mais evidenciada na crônica “Escrever Literatura II”, da semana seguinte:

Citei os dois processos mais penosos – o que se poderia chamar a técnica dos pobres. Porque há simultaneamente os ricos de invenção – e com esses o parto se faz sem dor nem custo, antes com alegria. Primeiro eles bolam o enredo: um caso acontecido, um fato histórico, uma notícia de jornal, ou um *plot* todo criado na imaginação do ficcionista. Inventado ou escolhido o enredo – tudo o mais vai de valsa: os personagens, o local, o tempo, as circunstâncias colaterais. A esses felizardos, basta apanhar da pena ou sentar-se à máquina e largar o verbo. E

quando eles têm talento, – tem no peito, no ventre ou na cabeça, essa qualquer coisa essencial que faz o artista genuíno, a obra lhes sai muito melhor, muito mais inteiriça e correntia do que a feita sob o nosso penosíssimo processo de acertos e erros (*O Cruzeiro*, 01/06/1957, p. 130).

Quanto ao talento, que, segundo o Dicionário Aurélio, significa "aptidão natural ou habilidade adquirida; inteligência excepcional", a cronista diz que "Deus dá de sobra a um, a outros em conta-gotas, e aos enfeitados nem em conta-gota. E muitos se tornam escritores sem força bastante para tal tarefa, mas como têm em seu redor amigos, parentes que o chamam de escritor, acaba se acostumando e os livros vão aparecendo e o apelido vai permanecendo".

Em "Poucos são os eleitos" comenta mais uma vez as cartas que chegam de "candidatos a escritores". A cronista afirma que abre e lê tudo por dever de ofício e cortesia. Em meio às amostras literárias, há recortes de jornais. Raros são os bons e inexistentes os ótimos: há os "bonzinhos", "sofrível" e "regular". Solta a pergunta: para que se escreve? De modo pessimista, discorre então sobre o ofício:

Acreditem, não há mais triste ofício. Porque é um ofício que não depende de aplicação, de honestidade, de fidelidade, de perseverança. Todas as receitas que os americanos ensinam para se triunfar na vida, nesse caso falham. Ou antes, elas ajudam – mas apenas para nos fazer figurar nominalmente na profissão, nunca para substituir méritos. O primeiro aventureiro com talento de verdade chega e arrebatou o lugarzinho que durante vinte ou trinta anos você vinha preparando sem jamais o alcançar. A coisa só é tolerável para quem não tem ambições. Quem se resignar a ser durante a vida inteira uma espécie de Barnabé literário, assinando o seu ponto, recebendo no fim do mês, ou mesmo não recebendo nada, trabalhando por amor. Os lugares principais esses são pouquíssimos, e estão marcados para aqueles que já nascem com estrela na testa. E esses não precisam de nenhum das virtudes pacíficas que nós dizemos essenciais – esses explodem de qualquer jeito, sem precisarem de cultivar as belas letras, – rigorosamente não precisam sequer

aprender a ler e a escrever. Infelizmente esses astros, em alguns milhões de pessoas, são apenas dois ou três. Para haver um Manuel Bandeira, por exemplo, vocês já pensaram no mar imenso de pequenos poetas que é preciso haver – desde os grandes-menores, passando pelos menores propriamente ditos, até aos que só são chamados de poetas por cortesia? E tudo isso sofre, e labuta, e rima, fazendo pano de fundo, para que no céu esplenda solitária uma estrela! (*O Cruzeiro*, 18/01/1958, p.114).

Como se fosse uma organização das forças armadas, o exército, assim continua divagando sobre as diferenças e os eleitos, aqueles que ocupam os postos de comando e os pracinhas, a grande maioria. Se em outras ocasiões considera o “dom” um atributo para se vencer na literatura com o fator “sorte”, aqui o “talento” é o elemento indispensável.

E que ajuda se pode dar? Ninguém ajuda em arte, como não se ajuda na vida. A gente nasce só, morre só. E escreve só, pinta só, esculpe só, representa só. Ah, a solidão incrível do trabalho artístico! É pior que um parto – e a parturiente sempre é só, também.

Não, não espere nem peça ajuda. Se você está convencido de que fez um grande livro, edite-o como puder, até mimeografado, e o atire à cara do público. Se o livro for bom mesmo, o público o recebe nos braços. Mas se for apenas razoável, não há padrinho que ajude: é engraçado, pode parecer o contrário, mas o público não reconhece compadres nem comadres. O que é bom é como a verdade, não se esconde por muito tempo. Nem o medíocre engana por longo tempo também. O nosso mal é que nós somos só isso, medíocre, e às vezes temos aspirações de grandes. Soldados rasos do batalhão literário, lembremo-nos da nova safra de recrutas que já está aí, sorteada, esperando vez (Idem).

Se os leitores escrevem pedindo apoio, é taxativa: “não sou crítico literário, não sou mecenas literário. Aliás, nem gosto muito de literatura”. Para quem deseja enveredar por este caminho, apresenta que

a solução é não ter ambição e admirar os grandes, pois “ambição mesmo só dá amargura. E se teimar mesmo em escrever, é pedir a Deus a graça que eu recebi, felizmente: “uma alma enternecida de velha ordenança, cuja maior alegria é polir as estrelas dos generais.” Essa postura retórica de desinteresse ou de melancolia em relação ao seu ofício permaneceu ao longo de sua vida em entrevistas e outras crônicas.

Evidentemente que estas palavras não são nada encorajadoras para qualquer iniciante. Parece que o descontentamento supera qualquer glamour. Ao invés de estímulos, o que os seus leitores encontram nessas linhas são exortações para que busquem outros caminhos como apreciadores da literatura e não necessariamente almejem os patamares das primeiras estrelas.

Ainda continua falando sobre o que é o escritor, em outra crônica – “Livro Novo”:

Escrever todos escrevemos. O difícil, porém, é ser escritor. Pois uma coisa é dar um recado com certa facilidade e outra coisa muito diversa é fazer desse recado uma obra de arte. Porque não nos enganemos: a única finalidade real do trabalho literário, como da pintura, como da escultura ou da música, é produzir uma obra de arte. Todas as outras considerações e conseqüências são secundárias. Passam as modas e as escolas, vão e vêm o romance-reportagem, a novela interessada dita “social”, o poema piada, a poesia apologética e a patriótica, ou simplesmente a hermética; – mas disso tudo só fica o que tiver a marcá-lo o selo da honesta criação artística, selo que não admite falsificação (*O Cruzeiro*, 25/01/1958, p. 114).

Em “Correspondência”, de 1959, em meio ao amontoado de cartas, há uma amostra de leitores que solicitam uma palavra de incentivo ou de crítica, ou promessa de publicação. Assim descreve o seu cotidiano:

Diariamente, como uma fera, a dentuça da máquina de escrever está aí para nos devorar o surrado miolo – é o artigo para entrega, é o livro, a peça, a tradução, - sei lá! Raro raríssimo o dia em que um compromisso de entrega urgente não nos amarra ao pé do malfadado instrumento – e

enquanto os outros tomam banho de mar, ou vão ao cinema, ou batem papo nas livrarias, nós ficamos blá-blá-blá, no teclado, espremendo o juízo, inventando assunto, suando sangue. E assim, por maior boa-vontade que a gente tenha para com os que começam, primeiro temos que enfrentar os nossos dois grandes problemas: tempo e dinheiro. Precisamos de um para ganhar o outro (*O Cruzeiro*, 17/10/1959, p. 130).

Para a cronista, primeiramente muitos pretendentes à carreira literária deveriam buscar um bom professor de português.

Compreendo bem que tudo isso demonstra que cada dia se torna mais difícil aos jovens furar a barreira do desconhecimento. Mas a culpada disso não sou eu, e acho que falar a verdade não aumenta as dificuldades – talvez até facilite. Pode ser duro o que estou dizendo, mas é a realidade. Os moços que não se zanguem conosco, velhos profissionais, por essa recusa que talvez lhes pareça egoísta e desumana – mas o fato é que não está nas nossas mãos resolver o problema deles. Nós somos uns pobres diabos como toda gente, estamos muito longe de ser meros e felizes diletantes, que, interrompendo um ócio de comedores de lótus, vez por outra tomamos da pena e displicentemente produzimos a nossa obrinha-prima, regressando depois às delícias da nossa torre de marfim (Idem).

Em meio às leituras das crônicas de Rachel, o livro *Pena de aluguel*, de Cristiane Costa,<sup>421</sup> revelou-me a necessidade de refletir sobre os momentos culturais no estudo abordado. Ela parte do livro do João do Rio, *Momento Literário* (1907), e desdobra a mesma enquête feita por ele na virada do século XX e propõe treze perguntas para trinta jornalistas escritores entre 2001 e 2004. Do grupo, somente quatro mulheres: Cíntia Moscovich, Gisela Campos, Heloisa Seixas, Rosa Amanda Strausz. Dentre as perguntas, cito: “Pretendia ser escritor quando ingressou no jornalismo? A linguagem dos jornais oferece um

---

<sup>421</sup> COSTA, Cristina. *Pena de aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

aperfeiçoamento formal ou bloqueia o texto literário? A profissionalização através da imprensa permite a sobrevivência financeira do escritor ou a afasta de seu caminho? Até que ponto que a obra literária é influenciada pela atividade jornalística?.”

Penso nestes dois momentos agrupados por Cristiane Costa, imaginando como seriam as mesmas perguntas respondidas no *intermezzo* no decênio de 50, momento de grande expansão da imprensa e do mercado editorial.

### **Art (e)manhas da profissão**

A profissionalização do jornalista é um assunto defendido na página de Rachel. Em “Jornalista”, discorre sobre o ofício para o qual, além de profissão, ela considera que seja necessária a “vocação” para esta atividade “de risco”:

É uma espécie de trabalho que não se pode exercer sem uma dose grande de amor por ele – e se não houver esse amor, o sujeito fracassa. Talvez uma das vocações mais aproximadas seja o teatro, porque para o teatro também se exige o mesmo dar de si que não sei se sai da carne ou sal da alma, a dependência permanente do aplauso público para cada frase que se diz, cada gesto que se faz: e contudo não há no teatro aquele elemento de combate de luta que é entretanto a própria essência do jornalismo (*O Cruzeiro*, 31/03/1951, p. 130).

Cita como exemplo David Nasser que “encarna a figura do repórter em todo seu diabólico dinamismo”. Com raro “faro” ele faz parte do grupo: “São os modernos D. Quixotes, talvez... Brigam de graça, matam-se à toa. Mas que será deste nosso desgraçado mundo no dia em que se acabar a raça do Cavaleiro da Triste Figura? No dia em que só o povoarem os Sanchos? Vira tudo uma imensa Baratária.”

Uma reflexão atual sobre o assunto parte de Ciro Marcondes Filho, que afirma:

O jornalismo não é uma atividade como qualquer outra. É certo que os homens que produzem nosso noticiário cotidiano não se distinguem muito do homem comum, mas há uma

diferença, algo adicional, que é a de exerceram a função de reconstruir diariamente o mundo, despejando verdades cristalizadas sobre pessoas, sobre fatos, sobre novas ocorrências, exercendo uma tranquilizadora e gratidão.

(...) Jornalismo e informação são coisas sérias demais. Há na sociedade um *contínuo mediático atmosférico*, onde circulam opiniões, temas do momento, modismo, que constitui, em certas épocas, o *sentido* para as pessoas.<sup>422</sup>

Ainda segundo o estudioso, “o jornalismo pode ser a síntese do espírito moderno”. Filho da Revolução Francesa, expandiu-se a partir da luta pelos direitos humanos, contribuindo para a afirmação do espírito burguês. Com o surgimento do jornalismo, ocorre a “desconstrução do poder instituído em torno da Igreja e da Universidade”, já que o “poder se espalha e começa e começam a ruir as bases da unidade religiosa. Todo o saber acumulado e reservado aos sábios passa agora a circular de forma mais ou menos livre. “E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado; sua atividade será a de procurar, explorar, escavar, vasculhar, virar tudo de pernas para o ar, até mesmo profanar no interesse da notícia”.<sup>423</sup> No século XX, com o fim da modernidade – temos a descaracterização da atividade, marcada pelo poder dos monopólios, pelas guerras e governos totalitários. Some-se a isto, com maior relevância, as novas formas de comunicação – a indústria publicitária e de relações públicas (assessor) – que passam a competir e descaracterização da atividade – para muitos vista como “decadência” mesmo–, como ocorreu no final do século XX. Fruta do tempo, o jornalismo ressoa, alimenta-se, movimenta-se com a cultura ocidental marcada pelo desencanto, pelos metarrelatos e pela política sem grandes embates ideológicos. A profissão nem sempre é vista com bons olhos. Balzac,<sup>424</sup> por exemplo, ao falar da imprensa de seu tempo que se assemelha à do século XX, é quase “anedótico”: “para o jornalista, tudo o que é provável é verdadeiro”.

---

<sup>422</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. *O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 10.

<sup>423</sup> Idem, p. 18.

<sup>424</sup> Ver BALZAC, Honoré. *Os jornalistas*. Traduzido por João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Outro clássico de Balzac é o livro *As Ilusões Perdidas*,<sup>425</sup> destaque da *Comédia Humana*. A história gira em torno de um escritor, considerado uma caricatura, que faz carreira em Paris, obtendo sucesso rápido quando entra para o jornalismo e caindo em desgraça em boa parte pelos próprios poderes ambíguos da imprensa. O romance traz uma representação da imprensa como o mundo da mentira e, fazendo contraponto, a literatura, da verdade. Uma visão bastante maniqueísta. Para ele, o jornal era um instrumento que visava somente interesses econômicos, acordos político-partidários, palco para vinganças, etc. O jornalista é vendedor da opinião pública. O jornal, espaço de troca de influências, em síntese de uma maneira maniqueísta, passa para a ficção uma imprensa em pleno desenvolvimento que por estar aliada ao capital financeiro muitas vezes abandonava o interesse público. Algo que se tornou uma constante e continua maltratando a ética na conjuntura do “jornalismo mercadoria” nas décadas seguintes e na atualidade.

Quais as distinções entre o labor do jornalista e o escritor? Parece-me que para Rachel as atividades são uma só. Não há distinção, mas um campo único: escrita. Cito aqui como ilustração a recente Classificação Brasileira das profissões – CBO, de 2002, do Ministério do Trabalho. No plano legal, o jornalista e o profissional da escrita<sup>426</sup> são diferentes, com códigos próprios. A profissão de “cronista” está nas duas vertentes. Estas classificações são insuficientes, já que há escritores e escritores, afirma Marisa Lajolo.<sup>427</sup>

Comumente, a cronista afirmava ser uma jornalista ao invés de escritora. Nesta crônica, declara que o profissional de imprensa necessita de “liberdade de palavra e de pensamento”. Liberdade esta que é tão importante quanto o “respeito pelo direito e pela segurança alheios”. Curiosamente, lembra que, como há “casos diários de publicidade desmoralizadora e imerecida contra pessoas inocentes”, a criação de entidades para a classe de jornalista deve punir os colegas cuja conduta seja considerada exorbitante. Considera que a Ordem dos Jornalistas poderia criar um padrão de ética na sociedade.

---

<sup>425</sup> BALZAC, Honoré. *As ilusões perdidas*. Traduzido por Ernesto Pelandia e Mário Quintana. Nota introdutória de Paulo Rónai. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

<sup>426</sup> Ver especificações Disponíveis em:

<http://www.mteco.gov.br/cbo/site/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 20 fev. 2011.

<sup>427</sup> A ideia de conferir a legislação trabalhista atual foi retirada de seu livro curioso *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 105.

Que “palavras de jornal” não continuem na linguagem popular como sinônimo de ligeireza e acusação fácil. Que não se diga mais, como até agora, que “papel vale tudo”. Palavras de jornal, porque lidas por milhões, devem ser sempre palavras de verdade. E este papel de jornal, este papel de linha de água, que a generosidade dos contribuintes nos ajuda a adquirir em condições privilegiadas, justamente porque nos reconhecem utilidade e autoridade como informadores – “papel de jornal” – não pode carregar mentiras, nem acusações levianas, nem falso testemunho. Papel de jornal deve ser como papel de Bíblia: só pode ser usado em serviço da justa causa, do bem de todos e do bem de cada um (Idem).

Voltemos ao assunto da profissão do jornalista como pauta. Em “Literatura de horror”, a cronista inverte e escreve para os seus pares, colegas de jornalismo:

Isto hoje é espécie de carta: queria endereçá-la aos meus colegas de imprensa diária, aos que fazem a cobertura dos casos de polícia, e especialmente dos crimes misteriosos.

Diz-se que no Brasil ainda não pode haver romance policial porque primeiro os crimes não convencem – são muito primários, muito pouco sofisticados. Segundo, porque não dispomos de nada que se pareça com o herói obrigatório dessa literatura: o detetive que tudo solve. Mas ante a plethora de assassinatos misteriosos que têm sido cometidos aqui, de uns anos para cá, parece que a primeira condição, quer dizer, os crimes complicados e aparentemente insolúveis, já foi satisfeita. Quanto ao detetive, quem sabe se os ficcionistas inventarem no papel algum fabuloso Sherlock, ele em seguida nos aparecerá a vida de imitar a arte?

(...)

O que eu queria pedir a você, rapazes, é que, por ocasião desses crimes de solução difícil ou impossível, vocês, além de exercitarem a imaginação e a inteligência, exercitassem também a piedade. Tenham dó das pessoas direta ou indiretamente envolvidas nesses pavorosos casos, as quais enquanto não se lhes provar a culpabilidade, têm direito ao menos ao benefício

da dúvida, para não falar na presunção de inocência (*O Cruzeiro*, 19/10/1957, p.130).

O pedido soa bastante atual pelas mesmas práticas – marcadas pelo imediatismo sem limites – da imprensa brasileira em divulgar antes de apuração cuidadosa, pelo sensacionalismo cotidiano e pouca apuração da notícia ou investigação dos acontecimentos. A cronista chama a responsabilidade social do jornalista, que muitas vezes no decênio de 50 e nos dias de hoje prepondera a distração, o espetáculo, a transformação da notícia em mais um entretenimento sem conseqüências.

Se o jornalismo, segundo Alberto Dines, é a busca pela circunstância,<sup>428</sup> ter uma conduta ética na/da imprensa deveria ser o primado da profissão. Ora, muito tempo se passou até que, somente em 1987 foi o Código de Ética dos Jornalistas do Brasil criado pela FENAJ, no qual consta o artigo que se refere ao assunto da cronista: “tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar”, o que deveria ser a premissa básica do exercício deste ofício.

Em janeiro de 1956, na crônica “Literatura” também há referência ao profissional de imprensa. Ao descrever as festas de final de ano, as solenidades com discursos e pronunciamentos, relata a cronista que sente a “sensação de superficialidade”, como um profissional qualquer de imprensa. Nestes eventos o profissional é expulso pela concorrência, “como se o seu lugar ao sol, a sua exclusividade de artesão, da sua arte lhe fossem sonogados”.

Em tempos de reivindicação pela regulamentação da profissão, ela comenta que os poderosos, ao sentirem uma dor de dente, procuram um especialista e nem reclamam em pagar; o mesmo não acontece com a área das Letras, pois “todos se julgam licenciados” para literatura.

Em entrevista a Haroldo Bruno, a cronista explica:

o escritor deve ser um profissional, eis a resposta que deu: - Bem, se há uma coisa que eu sou mesmo, é uma profissional conscienciosa, uma artesã fiel ao seu ofício. Pela minha natureza tenho horror a qualquer forma de diletantismo. Escrevo porque essa é a minha arte - e digo a palavra arte no sentido profissional mais estrito, como se diz arte de carpina, de tecelão, de

---

<sup>428</sup> Cf. DINES, Alberto. *O Papel do jornal e a profissão de jornalista*. 9. ed. São Paulo: Summus, 2009.

pedreiro, de artífice mesmo. Dada essa disposição natural, sempre procurei viver dentro da minha profissão e foi por isso que me dediquei ao jornalismo, a única opção possível no âmbito da minha linha de trabalho, já que o romance, fora as conhecidas exceções, era e ainda é, entre nós, trabalho de amador.<sup>429</sup>

A mistura entre o escritor literário e o jornalista está posta. Também tece comentários sobre a complexidade que envolve a profissão:

Escrever, por mais em contrário que pensem os amadores, é uma especialidade difícil, de longo aprendizado. Cada jornal, cada revista que sai à rua, exige profissionais com décadas e décadas de tarimba, num trabalhão de humildade e de equipe que espantaria os que não nos conhecem. Para se escrever o outrora chamado “artigo de fundo”, ou para se ser estrela de redação, quantas credenciais não se exigem ao jornalista e em que píncaros da profissão são eles recrutados! Cada um dos nossos grandes jornais não é apenas um jornal, mas um nome de letrado ilustre – um Prudente de Moraes, neto, um Chateaubriand, um Macedo Soares, um Aníbal Freire, um Antônio Callado (sucendo a Costa Rêgo), um Raul Lima, um Odylo Costa, um Carlos Lacerda, um João Neves, um Austregésilo de Athayde, um Octávio Malta – para dar apenas alguns pouquíssimos exemplos em lugar de uma lista enorme e luminosa. Podem dizer os inimigos de algumas dessas estrelas do jornalismo que eles não têm consciência, que atacariam a própria avó, por amor do jornal – mas com que graça o fariam, com que elegância, com que *métier!* Até as escaramuças travadas nos tópicos e nos sueltos, vêm de mão de mestre, e fácil nos é identificá-las, mesmo que não tragam assinatura.

---

<sup>429</sup> BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro / Brasília: Cátedra/INL, 1977, p. 20.

Pois essa especialidade “especialíssima”, que além da prática exige aquilo que se chama *o dom*, é invadida triunfantemente pelos amadores mais bisonhos, e com que ardor, e com que desembaraço! E os jornais os destacam em primeira página, em caixa alta quando não em manchete (sabe Deus com que secreta malícia, também), e a Nação inteira se vê mergulhada num clima lírico de clube recreativo, e se já não se recita a “Judia” ao som da “Dalila”, é porque os sócios do grêmio fazem questão de declamar obra da própria lavra, justiça se lhes faça (*O Cruzeiro*, 21/01/1956, p. 114).

Na terceira parte fala da ambição, do desejo de criar que é próprio do ser humano; escrever uma bela página se “enquadra bem nessa aspiração universal e legítima”. No entanto, afirma a cronista que não se improvisa um escritor. Da mesma forma que não basta uma alma atormentada, a disposição e o empenho para se criar um Hamlet, por trás há o artesão, o escritor, escrevendo -, enfim um Shakespeare.

Isabel Travancas,<sup>430</sup> em *O livro no jornal*, considera que o “jornalismo exerce grande atração para muitos indivíduos, seja pelo seu papel social, seja por ele ser visto como um instrumento de obtenção de poder e sucesso”. Envolvimento este denominado por Travancas de “adesão”, isto é, a “profissão passa a ocupar um enorme espaço em suas vidas e se torna o elemento fundamental para a construção da identidade dessas pessoas”.

É necessária formação do exercício desta profissão. Lembro aqui que antes de enviar a famosa Carta à rainha dos estudantes, após a conclusão do curso normal, Rachel envereda pelas leituras como de preparação para a entrada na imprensa.

Em “Magalhães e a Condessa” o tema volta à página da revista:

O Jornalista, regra geral, é homem que antes tende para o frívolo. O costume da improvisação e a falta de tempo para aprofundar os assuntos vão lhe vincando o espírito e ele acaba dizendo tudo mais ou menos de oitiva, dificilmente tendo tempo ou paciência para

---

<sup>430</sup> TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. Os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

apanhar a água na fonte ou cavar a ciência abaixo da flor da terra.

Mas quando se trata de pessoa de inteligência realmente curiosa, pode acontecer o contrário: aquela ligeireza da profissão fatigada, o homem se aborrece do simples comentário do dia e dá para pesquisar papéis velhos, enterrar-se em bibliotecas – e se torna um estudioso em virtude desse perverso instinto humano que faz com que procuremos tudo aquilo que nos é vedado e nos afastemos do que nos é fácil e natural (*O Cruzeiro*, 31/03/1956, p. 114).

Dito isto, passa das generalizações para falar de Magalhães, um homem “que se volta para o avesso da profissão e procura caminhos completamente fora das suas cartas de guia”. Homem de jornal, teatro e política. Diferentes atividades marcadas pelo entusiasmo. E como exemplo de sua atividade, cita as biografias de sua autoria: *Artur Azevedo* e *Machado de Assis*. Menciona ainda o teatro – *Carlota Joaquina* – e na área de história, *Vila Rica*.

### Concorrência

Em 1859 Machado de Assis publica o artigo “O jornal e o livro”,<sup>431</sup> no qual indaga se “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?”. Considera que o jornal traz o “gérmen da revolução”. No texto, ele revela-se um esperançoso e entusiasta tendo em vista que encara o jornal como a “locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções”. O jornal, uma invenção moderna que teve o seu desenvolvimento acelerado no século XIX, é visto por Machado como uma espécie de sintoma da democracia.

Quase cem anos depois, Rachel escreve sobre outras novidades tecnológicas. Além do jornal, sobre outros concorrentes para o livro. Com um olhar aberto às novidades, Rachel não teme a concorrência da TV, grande novidade da década.

---

<sup>431</sup> ASSIS, Machado. O jornal e o livro. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Organização de Afrânio Coutinho. 4. ed. v. 6. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 943-948.

É pilhéria corrente dizer-se que televisão é uma cruz mal sucedida entre cinema e rádio, sendo na realidade, inferior a ambos. Como cinema não tem nitidez, como rádio não tem qualidade sonora equivalente. Poder-se-ia responder que isso é apenas uma questão de aperfeiçoamento técnico facilmente alcançável mas concordemos em que seja verdade, para poder discutir. O fato é que essa natureza dúplice da televisão – cruza entre rádio e cinema – não faz mais do que provar que o seu destino é completar, realizar fusão de ambos. Pois a verdade é que dentro em pouco a TV estará para o cinema como a imagem móvel das primeiras telas cinematográficas estava para a lanterna mágica, e estará para o rádio como o cinema sonoro estava para o cinema mudo (*O Cruzeiro*, 29/09/1951, p. 130).

Continua afirmando que mesmo diante de tantas ameaças o livro permanece:

Mais ameaçado por toda espécie de diversão nova é o antiquíssimo, monótono, fatigante, absorvente, hábito da leitura. Teatro, cinema, rádio, televisão, jornal barato, historietas de quadrinhos, tudo isso é periodicamente apresentado como concorrentes do livro, como coveiros do livro. E a verdade é que o livro não morreu nem morre, que nunca, na história do mundo, se registraram tiragens de livros nas proporções das tiragens modernas, que jamais se viu, como se vê nos Estados Unidos, um homem ficar de repente muitas vezes milionário só porque nas horas vagas, pegou numas tiras de papel e sobre elas escreveu uma história da sua invenção (Idem).

### **Nas ondas sonoras**

Rachel teve uma passagem pelo Rádio. Porém sabemos muito pouco sobre esta passagem de sua vida. Em uma crônica, “Rádio”, há um testemunho dessa experiência, sobre este veículo de grande sucesso nos anos 50 e que enfrentava também muitas críticas:

(...) escrever para o rádio não é tão fácil quanto se diz e, acima de tudo, é diabolicamente ingrato. Primeiro, a imposição de escrever muito, escrever em massa, já que o microfone é um devorador infatigável de matéria escrita; depois, a transitoriedade absoluta dessa matéria radiofônica. Aquilo que dá trabalho escrever, que tem de ser produzido com cuidado, pois se destina a um vasto público será lido rapidamente no microfone, entre anúncio e outro – atirado ao vento, literalmente, sem nenhuma audiência garantida, esperando ser escutado apenas pelo ouvinte ocasional que no instante preciso da irradiação, se dê ao desfastio de rodar o dial na direção da nossa emissora (*O Cruzeiro*, 28/03/1953, p. 122).

Se hoje é impossível compreender a sociedade brasileira sem compreender a TV, nos anos 50, o rádio tinha semelhante penetração cotidiana; veículo de grande ‘quantidade de dinamismo, de bom humor, de improvisação, na capacidade de comunicação com o público’. Ana Maria Fadul,<sup>432</sup> estudiosa da Indústria Cultural, reforça que o rádio teve um papel crucial no regime nazista e fascista. Hitler sabia do poder deste veículo de comunicação e para ele tinha uma política própria, uma das mais competentes. Também Em *História social da mídia* Asa Briggs e Peter Burke<sup>433</sup> fazem minucioso estudo sobre a mídia, no qual o rádio é visto em toda a sua complexidade de democratização de informações e ferramenta de regimes totalitários.

Para a cronista a ”coisa ruim“ do rádio brasileiro é:

O que é pior, de péssimo, no rádio, é a literatice, a xaropada sentimental, os programas de “recitativos”, e as famosas novelas de pranto e uivos. Mas já se nota uma boa reação contra tudo isso.

---

<sup>432</sup> FADUL, Ana Maria. *Indústria Cultural e Comunicação de Massa*. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c\\_ideias\\_17\\_053\\_a\\_059.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_17_053_a_059.pdf) Acesso em: 18 mai. 2010. FARIA, Octavio. Rachel de Queiroz (Arquivos implacáveis). *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1963, p. 86.

<sup>433</sup> BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *História, social da mídia*. De Gutenberg à Internet. 2. ed. Traduzido por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

E mais crimes tivesse o rádio às suas costas, afora a sub-literatice dos programas “belo sexo” (em geral irradiados nas horas mais ou menos “mortais”), diga-se como desculpa mais pecados cometesse, de muitos deles estaria redimido, levando-se em conta o que tem feito o rádio em prol da música popular. Os grandes cartazes, os grandes compositores e grandes intérpretes, quem lhes deu direito de cidadania, senão o rádio? (...) Sei que ao rádio se deve difusão tremenda, o verdadeiro renascimento da música popular, expresso em exuberância e força. A divulgação dos mestres que andavam apenas no coração dos seresteiros, e dos poucos aficionados: hoje, no Brasil, quem não sabe da existência de Noel e Sinhô? E a oportunidade para os bons compositores e intérpretes, como as grandes irmãs Batista, o lírico Caymi, a extraordinária Araci, lava, Ataulfo, Prazeres. Se hoje há “clássicos” da nossa música popular, quem os fez assim, senão o rádio? Sim, se o samba carioca não se perde, ou não fica apenas na tradição oral da cidade, como acontecia antigamente, se é hoje patrimônio preciosamente conservado – ao rádio o devemos. E, por causa dessa dívida, muito lhe pode ser perdoado (*O Cruzeiro*, 28/03/1953, p. 122).

Dito isso, a cronista não “perdoa” o mau uso da radiodifusão para comunicar “bobagens”. Sempre com a sua escrita empenhada em defender o bom profissional da imprensa.

Rachel, sempre atenta às novidades, em “Voz Humana”, em tópicos soltos, alinhava uma conversa sobre as tecnologias e a possibilidade de “conservação da fala, do canto, da voz nesses discos de cera”, perfeito que até o “som da respiração se escuta, como se preservasse uma presença da vida”. A cronista relata a emoção de se poder escutar as vozes dos poetas, uma “presença constante e invisível”. O editor Carlos Ribeiro é responsável pelo registro da voz, ou como o que hoje é designado de áudio-livro.<sup>434</sup> Os nomes imortalizados são: Manuel, Carlos Drummond, P. M. Campos e Vinícius de Moraes, Schmidt e Abgar, Onestaldo e Guilherme de Almeida, M. Mendes e

---

<sup>434</sup> A obra de Rachel faz parte da coleção de CD “Os imortais”, da ABL. Narrado pela atriz Arlete Sales, foi lançado um volume com “Historinhas e crônicas”.

João Cabral, Rosalina C. Lisboa e Gilberto Amado, Adalgisa Nery e Menotti Del Picchia, Geir de Campos e Augusto Meyer, Mário de Andrade, Jorge de Lima e Ascenço (*O Cruzeiro*, 02/06/1956, p. 114).

### **Elogio à voz**

Em “Analfabetos”, em meio à polêmica sobre o voto dos analfabetos, Rachel escreve uma longa crônica para defender a sabedoria do povo àgrafo e exaltar a importância do rádio:

O que acontece, em país de analfabetismo tradicional como o nosso, é que um tantinho de leitura, ou nada pouco valem na formação intelectual do indivíduo. Sabemos que se acumula nas sociedades iletradas (creio que era assim também na Idade Média, quando até reis não sabiam ler) um acervo comum de cultura oral, passada de pais a filhos e de certo modo muito mais importante e esclarecedora do que essas impressões, apressadas, colhidas nas páginas de jornais de orientação duvidosa, e que são a principal fonte de informação do povo miúdo, nas grandes cidades.

O homem, seja iletrado ou não, tem sede de conhecimento, em constante curiosidade pelo mundo e os seus fenômenos; assim, aqueles que não aprenderam a ler colhem a sua cultura de ouvido, e podem formular sobre os partidos políticos da sua terra, sobre as figuras públicas, sobre justiça e injustiça, opiniões tão razoáveis e dignas de respeito quando a de qualquer eleitor qualificado só porque traça umas linhas na frente do juiz. Converse com um velho sertanejo que não conhece um A, mas é homem inteligente e reparador. Ele lhe contará casos da história do Brasil (...) e até sobre Kaiser, Hitler, Juarez, Churchill, Truman. Discuta o petróleo nas zonas em que o tema interessa o povo- (porque lá existe petróleo ou promessa de petróleo), eles lhe dirão a respeito opiniões muito mais sensatas do que as dos tupiniquins – eleitores todos, mas embriagados com a gritaria do petróleo é nosso.

Não é não é pelos livros que se aprende. Aprende-se pelo ouvido também mormente de alguns anos para cá: que hoje, a grande fonte de informação das massas populares não é letras – é o rádio (*O Cruzeiro* 14/09/1957, p. 130).

O voto ao analfabeto só torna-se feito permitido na Constituição de 1988. O apelo da cronista nos anos 50 é uma antecipação. Ela fez o apelo: “distintos cavalheiros, deixem que os analfabetos votem. Não serão votos menos conscientes do que o desse eleitorado cidadão, embebedado de demagogia. Ao contrário, talvez o eleitorado de analfabetos até produza uma surpresa feliz”.

Luiza Lobo,<sup>435</sup> ao estudar o romance *Memorial de Maria Moura*, afirma que o livro parece ser ter sido escrito com a intenção de ser um simulacro romanesco da narrativa de cordel, “pois segue de perto a forma de relato da literatura oral popular herdada da Idade Média Ibérica”. Considero que a palavra “simulacro” entendida como cópia ou reprodução imperfeita, arremedo, simulação do discurso oral, é imprecisa. Com certeza a oralidade como marca escritural é perseguida pela cronista, ou seja, a naturalidade do discurso que flui pela voz e adentra aos ouvidos.

Os estudos da oralidade tiveram impulso na década de 70 com Paul Zumthor<sup>436</sup>. Ele o afirma que na origem de tudo o que se escreve está a voz.

Um nome que se destaca também é o de Ria Lemaire,<sup>437</sup> que vem contribuindo com o retorno à Idade Média para investigar as canções de amigo, até então tidas como de autoria masculina. Interessada na oralidade e na escrita, Lemaire é uma historiadora da tecnologia da escrita. Atualmente vem se dedicando sobre a questão de gênero nos cordéis, espaço onde as mulheres também foram excluídas, apagadas e silenciadas.<sup>438</sup>

---

<sup>435</sup> LOBO, Luiza. O oral e o popular em *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Fernanda (org). *Uma escrita no tempo: ensaios*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010, p. 101-122.

<sup>436</sup> ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. A literatura medieval. São Paulo; Companhia das Letras, 1987.

<sup>437</sup> Neste momento de minha escrita, acontecerá dia 07 e 97 de fevereiro de 2011 a 1ª Jornada Internacional de Estudos de Poéticas da Oralidade (UECG), cujo tema é “Poéticas da oralidade: reinvenção e reescritura”, com a presença de Lemaire.

<sup>438</sup> “Cordéis do Ceará ganham o mundo”. Entrevista com Ria Lemaire. *O Povo*. 11 nov. 2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/vidaearte/834420.html>. Acesso em 05 fev. 2011.

## Imagens na tela

Como já foi dito, nas páginas da revista *O Cruzeiro* Rachel de Queiroz escreveu em diferentes gêneros textuais (carta, conto, relato, depoimento, crítica, resenha, memorialismo, etc.) e transformou o espaço da página como experimentação das possibilidades da escrita.

Uma faceta ainda pouco estudada é a contribuição da tradução de RQ para a literatura brasileira. Isto é, analisar como as traduções contribuíram para a circulação de autores. Sabe-se que ao longo de seu ofício, é possível que ela tenha traduzido cerca de cem títulos. O arquivo de Augusto Bezerra, já dispõe de cerca de setenta títulos.

A cronista também manteve interesse por cinema. No texto “Chaplin”, Rachel comenta um assunto do momento, que era a proibição de Charles Chaplin voltar aos Estados Unidos. Começa a sua crônica criticando as chamadas revistas “fãs-magazines”, que se dedicam a fofocar sobre a vida particular dos artistas sem, no entanto, apresentar uma palavra inteligente acerca do cinema. Na época, esse tipo de imprensa o atacava de ser judeu, de ser indigno do seu renome, que não se adaptava à vida americana. O que espanta a cronista é a opinião de uma autoridade, declarando que ele não poderia mais pisar o solo norte-americano. E por que o medo do artista?

E a curiosa verdade é que Chaplin, no fundo, é um conservador, apenas liricamente anárquico. Nunca foi um socialista de partido, quanto mais um comunista. Um individualista, amante acirrado da liberdade e da dignidade humana, é realmente o que ele é. Foi ele a primeira voz da América a denunciar de público a farsa hitlerista – antes mesmo do Presidente Roosevelt, que foi praticamente a segunda. A tragédia da automatização do homem pela máquina, a desumanização do indivíduo dentro da multidão, o direito de ser feliz sendo humilde, o impulso fraternal que leva o vagabundo a socorrer os oprimidos e os fracos, o grotesco do homem grande, ou rico, ou poderoso, a tragédia do homem bom, o absurdo lógico a que pode ser levado o homem que aceita as regras da vida em sociedade e as leva às suas conseqüências máximas (Mr. Verdoux) – essa tem sido a

mensagem de Chaplin, o Carlitos. Tal mensagem e mais o gênio –, já que ela nada propriamente nos traz de novo, e é repetida cotidianamente por todos nós; o seu milagre é a centelha de gênio que a ilumina; centelha que isola e eleva a mensagem do Vagabundo muitos metros acima da bitola comum dos demais seres humanos (*O Cruzeiro*, 01/11/1952, p. 112).

Essa genialidade, a mediocridade americana não tolera; e a cronista escreve que necessita de que alguém explique que não importa se Chaplin é “judeu, inglês, palhaço e excêntrico, sendo um gênio; é dos entes que só vêm ao mundo de raro em raro. Tem direito a tratamento de exceção”. O mundo inteiro (onde exista cinema e um espectador) já compreendeu que ele é uma pessoa importantíssima. E se ele não for recebido nos Estados Unidos, o “prejuízo e a vergonha não serão para Chaplin, de modo nenhum...” O período de caça às bruxas, ou macartismo, apontando indiretamente na crônica, culminou com o seu exílio, na Europa, durante a divulgação do filme “Luzes da Ribalta”, em 1953.<sup>439</sup>

Na década seguinte, em 1964, Rachel, Magalhães Júnior e Genolino Amado formam o grupo de escritores que traduziu a biografia *Charles Chaplin, minha vida*. A cronista é a responsável pelos sete primeiros capítulos: a infância, a doença da mãe, o orfanato, a pobreza, as mudanças constantes, os trabalhos no teatro, até a primeira viagem aos Estados Unidos com uma companhia teatral.

Ora, foi com espanto que li o estudo de Maria Clara C. de Oliveira<sup>440</sup> (2007) sobre a tradução de Rachel, de vários livros, incluindo o de Chaplin. Em sua conclusão, Maria Clara considera que mesmo tendo por objetivo o entretenimento, as traduções, “veiculavam padrões ideológicos de comportamento que interessavam aos articulados e sustentadores do golpe de 64”. Segundo a sua análise, a autobiografia *Minha Vida*, publicada em 1965, “exaltava a prosperidade da nação norte-americana e a perspectiva de sucesso contemplada por seus imigrantes, ao mesmo tempo em que apontava para o fracasso a que estariam fadados os que cedessem às investidas comunistas”. Para

---

<sup>439</sup> Somente em 1972 ele, já bem velho, retorna aos Estados Unidos para receber um Oscar pelo conjunto de sua obra.

<sup>440</sup> OLIVEIRA, Maria Clara Castelões. Rachel de Queiroz tradutora. In: *Pesquisa em Tradução Literária na UFJF*. Disponível em: [http://www.ronai.ufjf.br/05\\_Literaria.html](http://www.ronai.ufjf.br/05_Literaria.html). Acesso em: 28 fev. 2007.

minha surpresa, ao ler a parte traduzida por Rachel, percebi o quanto Chaplin foi genial, e, ao invés de fazer apologia dos Estados Unidos, apresenta o artista como alguém que se articulava em diferentes tendências e que tinha interesse prioritário pelo cinema. Evidentemente, ao narrar o sucesso e o enriquecimento fantásticos do criador de *O garoto*, apresenta-se o capitalismo como sistema de oportunidades e de liberdade, no entanto, esse mesmo povo, os seus dirigentes, o proibiram de permanecer no país sem nenhuma comprovação de seus envolvimento políticos, além das narrativas cinematográficas e de seus contatos com muitas pessoas, incluindo alguns comunistas.

A tradução enquanto ofício perdurou por muitos anos na vida de Rachel. Com uma sólida formação em Francês, a cronista, uma leitora dos *pocket books* ingleses, também conferia em outras línguas (italiano e espanhol) as traduções de livros escolhidos ou encomendados. Esta atividade compartilha do ato de criação. Observar a estrutura, as costuras dos textos alheios é esmerar-se na própria escrita.

Voltando à tela. Desde a juventude que Rachel era uma apaixonada por cinema. Na década de 50 trabalhou nos diálogos do filme *Os cangaceiros*, de Lima Barreto. Muitos dos seus livros foram adaptados para o cinema (*Dora Doralina*, *O Quinze* e o curta metragem *Tangerine-girl*) e TV (*As três Marias* e *Memorial de Maria Moura*).

### Tragédia sertaneja

Além de romancista então consagrada, Rachel enveredou por outro gênero literário, o teatro, revelando, deste modo, um momento de intensa produção literária.; e este deslocamento escritural resulta em “tipos diversos de imaginação e de atitudes em face do mundo”, como afirma Rosenfeld.<sup>441</sup> Com outras pequenas peças já escritas em seu currículo, em 1953 Rachel se aventura com a temática do cangaço e publica a peça *Lampião*, livro ilustrado por Luis Jardim, e escreve uma crônica homônima para, timidamente, anunciar o livro:

Quem pôs este costume em moda foi o professor Rubem Braga. E como, de modo geral, tudo que o grande Braga faz é justo e inteligente, o papel é imitá-lo. Quando ele tem um livro no prelo não se põe com falsos escrúpulos, anuncia o

---

<sup>441</sup> ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 17.

livro, explica ao público leitor e comprador que tem um trabalho a sair, pede a esse respeitável público sua adesão e interesse. Pensa Rubem, com todo o fundamento, que é muito melhor anunciar assim, violentando embora a natural modéstia, do que o fazer por modos encobertos, como o fazem muitos. Que nesta singular amizade estabelecida entre cronista e leitor, o traço principal é a franqueza, este abrir de coração em página de jornal ou revista, esta comunicação, diária ou semanal; conversa de cronista onde debulhamos tudo, lembranças, cóleras, tristezas, saudades, até amores, até a falta de dinheiro e a angústia das prestações vencidas. Por que então deixar de lado um acontecimento capital na vida do homem ou mulher que escreve, tão importante quanto o nascimento dum filho na vida do pai de família: o lançar de um livro (*O Cruzeiro*, 18/07/1953, p. 98).

Essas palavras mostram como a sua insegurança, que também pode ser vista como uma mera argúcia retórica, a torna uma escritora comum, ou melhor, remete até aos famosos prefácios das mulheres escritoras do século XIX, às vezes, cheias de melindres, ao apresentarem as suas obras ao público. No caso de Raquel, uma jornalista de longos anos de ofício, talvez pareça mais uma estratégia mercadológica que insegurança propriamente dita. Ao se percorrer as páginas da historiografia literária brasileira, são perceptíveis os poucos nomes de autoras teatrais.<sup>442</sup>

Em diversas entrevistas e em seu livro autobiográfico Rachel menciona o seu amor pela arte dramática. Tudo a fascinava: o texto, a representação, a música, o figurino, o cenário, a improvisação. Confirma: “acho fascinante a arte teatral. Sempre me fascinou aquela coisa de você incorporar as mais diversas personagens, viver aquela vida de cigano, de cidade em cidade, levando roupas, adereços e tudo mais”.<sup>443</sup>

---

<sup>442</sup> Como grande exceção cita-se a contribuição de Josefina Álvares de Azevedo no século XIX. Sobre a autora ver SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara*. Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001.

<sup>443</sup> NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel de Queiroz*. Conversas informais com a escritora. Ribeirão Preto/SP: FUNPEC, 2002, p. 164.

Por que a escolha de um personagem mitológico como lampião? Como transpor em diálogos as peripécias do cangaceiro? Ora, Lampião, personagem teatral constituinte da totalidade da obra,<sup>444</sup> como afirma, era assunto de pauta da imprensa desde os anos vinte, tendo Rachel acompanhado a sua trajetória via páginas impressas como leitora ou como jornalista em começo de carreira em Fortaleza, ou pelas histórias que passavam de boca e boca; escolher a personagem forte seria uma alternativa inteligente. É oportuno lembrar que o cangaço precede o fenômeno de imprensa personificado em Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, parte da história social brasileira dos sertões brasileiro.<sup>445</sup> O cangaço é composto de muitas narrativas: guerreiros que se embrenhavam pelos sertões do Brasil, exercendo uma espécie de poder paralelo à ordem estabelecida, tendo como base central a figura de um líder que comandava o grupo móvel por um modelo de código de honra cujas atividades de ordenamento e manutenção da ordem passavam por práticas de violência muitas vezes exacerbada e pela formação de alianças e adesões.

Nos estudos recentes de gênero investigando a presença das mulheres observa-se que a quantidade de mulheres era bastante diferenciada: em alguns bandos era rara ou em outros quase se equipara ao número homens em número. A participação das mulheres representava uma vida de certa transgressão ao modo de vida pacato das donas de casa, distante da lida doméstica (cozinhar, costura, lavar roupa, etc.), – espaço de aventura, que, no entanto, tinha como contraponto uma sujeição irrestrita ao mando de seu companheiro. A atividade de costura permaneceu, sendo este ofício repassado aos homens. Dadá foi uma das responsáveis pela introdução dos bordados, uma das marcas da indumentária cangaceira, signo de prestígio dentro do bando e um dos luxos para ambos os sexos.<sup>446</sup>

Em relação à peça *Lampião*, a sua crônica é uma boa publicidade. A escolha do assunto da peça, o mito de Lampião e de seu bando, garante, de antemão, um sucesso. É importante frisar que Rachel, desde

---

<sup>444</sup> PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 84.

<sup>445</sup> Cf. FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Gênese e lutas. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

<sup>446</sup> Sobre cangaço ver: MARQUES, Ana Cláudia D. R. Considerações sobre a honra cangaceira. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (org). *Masculino, feminino plural: gênero na interdisciplinaridade*. 2. ed. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2006, p. 167-189.

1927, enquanto jornalista e escritora sintonizada com a cultura nacional, acompanhou passo a passo as peripécias de Virgulino e sua turma, até a sua decapitação, em 1938, quando se tornou um dos mitos na cultura brasileira. Por exemplo, Leonardo Mota, grande estudioso da cultura popular, publicou em 1930 *No tempo de Lampião*.

Nos idos dos anos 50, o tema do cangaço era ainda muito recorrente. Antes de se transformar em ficção, era parte da realidade do sertão brasileiro, abrangendo cerca de cinco séculos de histórias, cantado em verso e prosa, em folhetos de cordel ou estampado nas páginas dos periódicos como na própria revista *O Cruzeiro*, que publicou fotos das cabeças de Lampião, Maria Bonita e outros comparsas.

A trama real é a base para a ficção dramática. O espaço para o desenrolar das ações é o sertão. Mas que sertão será este tão presente na cultura brasileira nos modos de viver e de se expressar? Millie Thayer, em seu interessante estudo sobre as organizações das mulheres do campo no final do século XX, inicia o seu texto com uma imagem cristalizada sobre o sertão nordestino que pode ilustrar a atmosfera dos anos 50. Vejamos:

O imaginário global, as grandes extensões de terra semiárida do sertão brasileiro por muito tempo têm sido sinônimo de pobreza, atraso, desolação e isolamento. É uma região que as pessoas deixaram para trás, fugindo de secas cíclicas que ressecavam os campos, espalhando esqueletos de animais pela terra infrutífera. Ali as relações econômicas e de gênero ainda mantêm nítidos alguns traços da era colonial: de um lado, uma agricultura de subsistência e uma criação de gado latifundiária que parecem ainda manter relações semi-feudais; de outro, uma estrutura familiar patriarcal, na qual o trabalho duro das mulheres torna-se invisível, enquanto sua sexualidade e sua liberdade de movimentos são altamente controladas. É a figura da camponesa, a vida inteira confinada ao ambiente da casa e subordinada à autoridade masculina, que parece capturar melhor a imagem do sertão como uma realidade aparentemente situada em algum lugar do passado, um lugar por onde os ventos de uma

civilização cada vez mais globalizada ainda não sopraram.<sup>447</sup>

Esta imagem evidentemente que não deve ser cristalizada, emoldurada, como comumente foi difundida pelos meios de comunicação de massa e pelos discursos políticos das elites como sendo a realidade do Nordeste brasileiro.

Pode-se afirmar superficialmente que Rachel percorre um caminho com segurança. Os protagonistas (Lampião e Maria Bonita) são de grande presença dramática, facilitando assim o trabalho de recriação e montagem das cenas. É oportuno lembrar que, no mesmo ano, 1953, José Lins do Rego publicou, em forma de folhetim, a obra *Cangaceiros*, tema presente também em seu romance *Pedra Bonita*. Ambos os livros tratam de um sertão de “santos e dos cangaceiros, dos que matam e rezam com a mesma crueza e a mesma humanidade”.

Nas primeiras décadas do século XX, o tema cangaço era assunto “quente”, como se diz o jargão jornalístico.<sup>448</sup> Durante a leitura de várias reportagens da revista *O Cruzeiro* sobre o cangaço, deparei com o visual da indumentária (adornos e trajés), por exemplo, os bordados. Lembro-me de uma curiosa reportagem sobre o enxoval do bebê usado pelas mulheres cangaceiras.<sup>449</sup> Recordo as imagens de batinhas feitas com tecido de algodão cru, com rendas entremeadas, ou com bordados à mão ou modelos com estampas florais.<sup>450</sup> Para Ariano Suassuna, o cangaço “é o maior responsável pela sedução que o Sertão nordestino vem exercendo, por motivos diversos e desde o início do século 20, sobre várias gerações de escritores, sociólogos, historiadores e artistas

---

<sup>447</sup> THAYER, MILLIE. Transnational Feminism: Re-reading Joan Scott in the Brazilian Sertão. *Revista Estudos Feministas*. [online]. v. 9. n. 1. 2001, [cited 03 April 2006], p. 103-130. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100006&lng=en&nrm=iso)>. Traduzido por Luiz Felipe Guimarães Soares.

<sup>448</sup> “O filho de Corisco” *O Cruzeiro*, 10/10/1953, p.44-45

<sup>449</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. *Estrelas de Couro - A Estética do Cangaço*. São Paulo: Escrituras, 2010.

<sup>450</sup> Além do cordel, o cangaço deu matéria-prima para filmes, músicas, bonecos de barro, outros materiais que invadem o cotidiano nordestino. Deste modo, o assunto cangaço – o mito de Lampião – ainda permanece como muita vitalidade, suscitando novos olhares, novas pesquisas e representações. Por exemplo, uma artista francesa, Élise Grunspan-Jasmin, ao chegar em Recife, em 1991, deparou-se pela primeira vez com a figura de Lampião, esse personagem “onipresente” na cultura nordestina e ficou fascinada. Então passou a pesquisar sobre o assunto que redundou numa tese (1999): “Lampião, seigneur du sertão: vers 1897-1938”, depois publicado pelo *Le Mond*.

brasileiros, de todas as regiões do País".<sup>451</sup> Assim Rachel escolhe falar deste sobre este "mundo estranho"<sup>452</sup>.

Retomo a crônica e sua peça. Para ela, o teatro é um modo de "arriscar à luz do dia". Ora, é com esperteza que ela se arrisca, mesmo com timidez, primeiramente em livro, para, posteriormente, enfrentar o palco, pois considera: "um livro fracassado dá muito menos na vista do que uma peça vaiada... E o autor não sente o impacto do desagrado em carne e osso, de cara, em cena aberta". Finaliza a sua publicidade com apelo enfático: "tem amor, tem morte, tem briga, muita briga, tem tanta coisa quanto uma novela de rádio. (...) vocês leiam. Depois me digam".<sup>453</sup>

Segundo Braga Montenegro,

O estudo sistemático da vida do cangaço não é tarefa para ficcionistas, nem para romancistas nem para dramaturgos, porém para historiadores e sociólogos que terão de investigar preliminarmente as causas políticas (o despotismo dos senhores rurais, a violência e a incapacidade dos chefes municipais, a inconsciência, a arrogância, a estupidez, a arbitrariedade das polícias sertanejas), as causas místicas (o beatário, os atavismos, os esdrúxulos preceitos de dignidade e de honra) e em seguida as origens étnicas e humanas. Porque o banditismo nordestino é, antes de tudo uma página tenebrosa das injustiças sociais, crivada de primitivas valentias e selvagens propósito de vingança e morte.<sup>454</sup>

Maria das Vitórias Rocha<sup>455</sup> lembra que a peça de Rachel de Queiroz bem que poderia se chamar Maria Bonita e Lampião, tendo em vista que é Maria Bonita que, no plano privado, "detona a ação", manda

---

<sup>451</sup> Ver "Prefácio". MELLO, Frederico Pernambucano de. *Estrelas de Couro - A Estética do Cangaço*. São Paulo: Escrituras, 2010.

<sup>452</sup> Expressão cunhada por Estácio de Lima, citada por Ariano Suassuna no prefácio de MELLO, Frederico Pernambucano de. Op. cit, p. 15.

<sup>453</sup> A peça foi montada em 1953 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no Teatro Leopoldo Fróes, em São Paulo. É vencedora do Prêmio Saci, do jornal *O Estado de São Paulo*, pela produção paulista. Em 1954 foi encenada sob a direção de Bibi Ferreira.

<sup>454</sup> MONTENEGRO, Braga. Drama e cangaço. In: \_\_\_\_\_. *Correio retardado V 1*. Estudo de crítica literária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986, p. 147.

<sup>455</sup> ROCHA, Maria das Vitórias de Lima. *Personagens femininas de Rachel de Queiroz*. Algumas analogias. *Correio das Artes*, 27 jun. 1993, p. 6.

recado para Lampião que venha buscá-la. A estudiosa faz um levantamento das falas: do total de 644 falas, 172 são atribuídas a Maria Bonita e 220 a Lampião. Sendo assim, há uma vantagem de 42 falas para o chefe do bando. Todavia, por outro lado, Maria Bonita está presente em quase todas as cenas. Indaga a estudiosa se não era mais justo que a peça se chamasse Lampião e Maria Bonita assim como *Antonio e Cleópatra*.

Rachel retoma o tema do cangaço e o protagonismo feminino seria retomado com o romance *Memorial de Maria Moura*, publicado em 1992.<sup>456</sup> O memorial encerra a produção romanesca da escritora com uma espécie de síntese de seus interesses: Maria Moura é uma mulher destemida, que escolhe a liberdade diante das limitações impostas às mulheres do oitocentismo, remetendo às matriarcas<sup>457</sup> sertanejas de carne e osso. Elódia Xavier<sup>458</sup> escreve uma tipologia do corpo feminino, na qual classifica a personagem Moura como um exemplo, ao lado das mulheres de Tijucopapo - título de romance de Marilene Felinto, como corpo violento. Maria Moura, vivendo no século XVIII, “investe em um projeto perigoso” ou “recusa o destino imposto à mulher pela sociedade”. Recusa ou abandona a própria família, assim como Maria Bonita com outras tonalidades, para conhecer o mundo de aventura, escolhendo por destino o perigo, as incertezas; narrativa pontuada por muitas mortes e da experimentação da esfera de poder propiciado pela convivência em grupo com bandoleiros.

Ao ler essa crônica pode-se, portanto – publicidade dos anos 50, tratando da publicação teatral – tecer uma aproximação com a escrita da maturidade, o seu romance memorial. Para encerrar, na crônica “Regresso” Rachel fala sobre pedidos de livros de seus leitores, um assunto bastante recorrente, para propagar a venda de seu livro:

---

<sup>456</sup> Lembro aqui que a saga de *Memorial de Maria Moura* (1992) foi adaptada para a televisão em 1994 numa minissérie apresentada pela Rede Globo. Exibida entre maio de 1994 e junho de 1994 no Brasil, esta minissérie foi apresentada com grande sucesso em Angola, Bolívia, Canadá, Guatemala, Indonésia, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, Portugal, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, sendo lançada em DVD em 2004. Cf. *WIKIPEDIA*. Rachel de Queiroz. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel\\_de\\_Queiroz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel_de_Queiroz)>. Acesso em: 13 jun. 2009.

<sup>457</sup> Ver QUEIROZ, Rachel de; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Matriarcas do Ceará D. Fideralina de Lavras*. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/pacc/literaria/donafederalina.html>>. Acesso em: 06 jun. 2005.

<sup>458</sup> XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007, p. 125-130.

Livro, meus amigos, desculpem eu lhes falar com esta rudeza, – livro é uma mercadoria como outra qualquer. Ocorreria a algum de nós pedir ao dono de uma fábrica de louças que lhe mandasse de presente meia dúzia de xícaras, autografadas, porque somos grandes admiradores daquela marca de porcelana?

Nós, escritores e editores, temos urgente necessidade de que os brasileiros aprendam a comprar livros, a gastar algum dinheirinho em livros; senão, abrimos todos falência, ou morremos todos de fome, e entoa pronto, acabou-se a literatura nacional!

O assunto é sério, é mesmo de vida e de morte, para nós. Peça a vocês que meditem nele. E, se depois de meditarem, ainda quiserem o “Lampião”, dirijam os seus pedidos ao editor – Livraria José Olímpio Editora, Praça 15 de novembro nº 20, segundo andar, Rio de Janeiro.

Muito abrigada e desculpem o mau jeito (*O Cruzeiro*, 22/08/1953, p. 98).

Esse “mau jeito” merece um comentário. Ora, poucos escritores fazem um lamento assim tão aberto quanto à necessidade de serem apreciados, ou melhor, de ter os livros, a sua mercadoria de trabalho valorizada no mercado. Rachel entremeia a sua crônica com esse pedido ao leitor – “aprendam a comprar livros” – que, sem dúvida, seria um lamento também confessado na intimidade, em conversas com seus pares e amigos de ofício, exceto talvez aqueles mais tímidos e inseguros no ofício. Enfim, escreve-se para ser lido. E de preferência gerando ganhos financeiros para o trabalhador.

A peça estreou em 1954 nos teatros Municipal do Rio de Janeiro e Leopoldo Fróes, em São Paulo. Bem acolhida de crítica e público, a peça recebeu o prêmio Saci pela montagem paulista, concedido pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Com cenários do artista plástico Aldemir Martins (que ainda não estavam totalmente prontos no dia da apresentação) e atuação de Sérgio Cardoso como Lampião, a peça, dividida em cinco quadros, abrange o encontro de Maria Déa, depois Maria Bonita, casada mãe de dois filhos que busca uma vida de aventuras, com o seu ídolo Lampião, o mais famoso e violento líder de bando de jagunço do sertão, até o extermínio na Grota de Angico pelas forças militares.

A peça estreia em 1955 em São Paulo e recebeu uma forte crítica de Décio de Almeida Prado: “Rachel de Queiroz pode escrever admiravelmente, mas ignora tudo de teatro”. Seu drama, *Lampião* (1953), é menos uma peça do que uma crônica, sem qualquer unidade dramática. Segundo o crítico, falta construção emocional em cada personagem para envolver o público.<sup>459</sup>

### Uma lenda antiga, um novo livro

Em “Santa Maria Egípcíaca” (*O Cruzeiro*, 13/09/1952, p. 130), Rachel escreve sobre a famosa “balada” que o poeta Manuel Bandeira dedicou à santa, e emenda a conversa falando do recebimento de um livro – *Santuário Doutrinal* – sobre a vida dos santos, que pertencera a sua bisavó.<sup>460</sup> A história narra a vida de uma mulher egípcia que viveu escandalosamente da adolescência aos 29 anos. Certo dia, ao observar o movimento das pessoas na praia, procura saber para onde iriam aqueles barcos. Ao saber que se dirigiam para a visita anual a Jerusalém, resolveu embarcar junto. Como não tinha dinheiro, o seu pagamento da viagem foi o seu próprio corpo. Na terra santa converte-se e viveria cerca de 47 anos sob rígida penitência. Ao invés da santidade, como está narrado nos versos do poeta Bandeira, a história do livro de sua bisavó é bem mais carregada de pecado.

Ao rememorar a sua infância, Rachel, em meios às leituras de sua avó materna, destaca um livro de hagiografia:

Mas o mais importante era o Flos Santorum ou Coleção Vida dos Santos. A neta do dia tinha que ler a vida do santo do dia não só para a avó ms para todo o mulherio da fazenda. E quando acontecia a história de um santo de vida mais inusitada, como Santa Egípcíaca, que deu o corpo ao barqueiro em pagamento da passagem, ou uma outra santa que se vestiu de frade e foi acusada de seduzir uma donzela, fazendo-lhe um

---

<sup>459</sup> Cf. crítica em LOBO, Luiza. Rachel de Queiroz. In: \_\_\_\_\_. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006, p. 256.

<sup>460</sup> Este livro, de autoria do Padre Francisco de Jesus Maria Sacramento (1713-1790), é “abreviado do compêndio das vidas dos santos de especial veneração na Igreja de Deus, para se egerem por advogados e protetores em qualquer dia do ano”, publicado pela Tipografia da Academia Real de Ciências, em Lisboa. Cf. LACERDA, Lílian. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: UNESP, 2003, p. 398.

filho, minha avó observava com prudência: há santos que a gente deve venerar mas não deve imitar.<sup>461</sup>

Na crônica “Livro Novo” Rachel fala de sua nova publicação inspirada nesta lenda, o drama em três atos *A Beata Maria do Egito*, com desenho de Santa Rosa. O livro é uma história de “misticismo e amor” ambientada em 1913, durante a revolta no Juazeiro, chefiada por Padre Cícero, tendo como cenário uma cidade do interior, mas, segundo a escritora, poderia se passar em qualquer outro lugar do mundo.<sup>462</sup>

Nesta publicidade, primeiramente, a cronista traz à página a história de um grande mentiroso do interior cearense, chamado Bobôco. Este contador de história conta que um pé de jerimum dava frutos o ano todo e de meia arroba... e com o passar dos anos o pé de jerimum ficou caduco e dava melão, melancia, até cabaça.

Não é novidade a oralidade na crônica de Rachel. Aproveita para lembrar como escreve Zahidé Muzart,<sup>463</sup> que sempre a “mulher conferiu importância à oralidade. Primeiro, porque não tendo acesso ao ensino, habituou-se ao armazenamento na memória. Segundo, porque é a guardiã dos mitos, lendas, histórias, transmitindo-as aos descendentes”.

Após relata as peripécias do fabulador, a cronista justifica a mudança de gênero literário: do romance ao teatro. Na verdade, o que se percebe é uma estratégia para chamar a atenção do seu fiel público para a publicação.

A gente pode ter três ou trinta anos de tarimba literária, mas não faz diferença cada livro que se publica representa uma estreia. O autor que atira obra nova ao público, não importa que já tenha uma bagagem de dez volumes, – sua sensação principal é a de insegurança. Depois que se escreve a palavra “fim” e se entrega o original ao editor, não se sabe absolutamente o que está ali. No momento de escrever, batendo máquina,

---

<sup>461</sup> QUEIROZ, 2008, p. 92-93.

<sup>462</sup> Ver dissertação de Raquel M. C. NAVERA *Egipcíaca: prostituta e santa penitente - um caso de intertextualidade na Literatura Brasileira*. Dissertação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001, em cujo estudo são agrupados os textos de Manuel Bandeira, Cecília Meireles (*Oratório de Santa Maria Egipcíaca*) e a peça de Rachel de Queiroz para observar a intertextualidade.

<sup>463</sup> MUZART, Zahidé. Na aprendizagem da palavra: a mulher na ficção brasileira – século XIX. *Anais Fazendo Gênero. Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996, p. 77-83.

naquela euforia da chamada inspiração, a maior banalidade tem uns ares de obra-prima. Mas, depois de concluído e entregue à sua sorte, o livro só dá receios, humildade, e até vergonha. Muitas vezes chega a dar arrependimento: tanta coisa que não precisava ser dita, tanta inutilidade vazia! (*O Cruzeiro*, 03/05/1958, p.130).

A cronista segue compartilhando com o leitor a vivência e o sentimento de medo que surge no momento definido como “vácuo”, que se dá quando o livro aparece nas livrarias e surgem as manifestações dos críticos. E escreve apelando: “tenham dó, portanto, que a prova é dura. Eu poderia, como compensação, não recomendar. Mas, igual ao pé de jerimum do velho Bobôco, sou mesmo incorrigível; e confesso que já ando preparando outra novidade...” Assim encerra a conversa e a publicidade.<sup>464</sup>

Neste mesmo ano, em 1958, Rachel publica a coletânea *100 crônicas escolhidas*. Inicialmente a própria autora começou a fazer o cotejo de suas crônicas para a seleção, como fizera para o livro *A donzela e a moura torta*, de 1948. No entanto, por não conseguir fechar o número, e sim aceitar como parte do repertório somente noventa e três crônicas, é o escritor e amigo Herman Lima que finaliza com o recolhimento, uma das suas mais importantes antologias.

### **Histórias costuradas**

No ano seguinte Rachel retoma o mesmo assunto em “História da Beata”. Inicia com o preâmbulo sobre o processo de criação:

A gente de noite, com insônia tem uma ideia. Aliás não é bem isso, porque a ideia não brota de repente na nossa cabeça, resulta de velhas lembranças, conceitos, problemas, conflitos, imaginações que você ruminava desde anos e que naquela noite se viram numa ideia organizada em figuras e a palavras. Nesta noite em que falo, a minha ideia deu corpo a um tema que me

---

<sup>464</sup> A peça recebeu o prêmio de melhor peça teatral da Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo (1957); Prêmio de Teatro do INL (1957); Prêmio Roberto Gomes, da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (1950); Montagem e encenação no Teatro dos Grandes Atores - Barra, Rio de Janeiro, 1997.

interessara sempre, que eu já tentara mais de uma vez em outras experiências e em diferentes situações: –o comportamento da criatura que a si se considera excepcional (que se considera um santo por exemplo), posta dentro da correnteza das paixões em que se debatem os outros mortais – os “não-santos” (*O Cruzeiro*, 10/10/1959, p. 114).

Deste modo, após muitos dias, as ideias passaram para o papel. A peça, ambientada no Cariri, conta a história da beata Maria do Egito que, em 1914, chega com um grupo de romeiros recrutados para se juntarem à rebelião que Padre Cícero liderava em Juazeiro. Logo se revela uma líder do grupo. Um “coronel” ordena ao tenente que efetue prisão dela. Daí, o texto passa a ter uma grande tensão, causada pela iminência de um ataque dos romeiros para libertá-la. O tenente, atraído pela Beata, negocia a sua liberdade. E ela, sem demonstrar muito interesse, se entrega a ele que, mesmo com o “acordo”, apaixonado, permanece com ela presa, mesmo considerando a possibilidade de ataque à delegacia. Um cabo, simpático ao carisma e causa da Beata, entra em conflito com o tenente. No momento em que a delegacia está prestes a ser invadida, o tenente toma a beata como refém. O cabo tenta desarmá-lo. Instala-se então uma disputa entre os dois.

Em 1944 – ocasião de comemoração do seu centenário de nascimento – ela escreve “O Padre Cícero Romão Batista”,<sup>465</sup> um perfil desta figura emblemática do nordeste. Relembro que ela o conheceu pessoalmente. Na crônica, há descrição dos aspectos físicos (baixa estatura, magreza, pobreza), dos seus epítetos (megalomaniaco, paranóico, gerador de fanatismo, protetor de cangaceiros, explorador da credulidade sertaneja). Se “um bom santo será ao mesmo tempo um bom doido”, para Rachel Pe. Cícero era um santo. Na boca do povo, nos versos dos cantadores ecoam os seus milagres: “dava luz aos cegos, matava pragas das roças, achava coisas perdidas, valia navegantes no mar”. Afirma “se é mentira, ninguém sabe”. Vários acontecimentos importantes são mencionados. O ponto alto é episódio envolvendo Maria do Araújo. Em 1890, ela ao receber a hóstia do Padre entra em êxtase. A hóstia se transformava em sangue. Imediatamente a notícia se espalha. Pe. Cícero é proibido de celebrar a missa pela Igreja da matriz. No entanto ele não pára. Então, começa a construção da igreja do Horto

---

<sup>465</sup> Crônica publicada em *A donzela e a moura torta*. 45 crônicas escolhidas. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 30-35.

que se transformaria no centro de peregrinação. A soma de milagres atribuída a pelo Pe. Cícero aumentava a cada dia. Deste modo, com a romaria a cidade de Juazeiro foi transformada em uma Meca, Jerusalém. Benares. O padre recebia muitas doações e esmolas que o tornaram rico, afirma Rachel que o seu testamento tinha vinte e cinco páginas, mas viveu na pobreza, até a sua morte, que para muitos foi considerada o fim do mundo. Lembra ainda a cronista que Lampião adorava o Padre e “jamais atacava casa que tivesse quadro com a imagem de Meu Padrinho, ou cristão que usasse no peito a sua medalha, obrigou toda criatura que encontrava a por um crepe na roupa, de luto pelo santo”.

Retomando a crônica sobre a peça, Rachel afirma que este livro é diferente dos demais, pois além das duas etapas (escrever e publicar).

{...} a peça tem um destino complexo, a vida do livro de teatro só começa depois da chamada “prova de palco”, quando o drama escrito sobe a ribalta, e gente de carne e osso encarna as personagens imaginadas, e o mistério cênico transforma em realidade as sombras, os diálogos, os gestos que você apenas indicara no papel, dando-lhes substância, presença viva.<sup>466</sup>

Conclui a sua crônica noticiando a encenação de sua peça no Teatro Nacional de Comédia. Com a modéstia que lhe é peculiar, fala: “se fracassar, a culpa não será da produção, da direção, da cenarista nem dos intérpretes, – mas das fraquezas do texto e da pequena capacidade da autora”. Ao mesmo tempo, recebe o prêmio-consagração da Academia Brasileira de Letras, relativo ao conjunto de obras: o Prêmio Machado de Assis. Neste sentido, a crônica, com humor, é um pedido ao público: tenha complacência pela santa.

Lembro aqui que há poucos estudos que abordam a produção teatral de Rachel. Em um interessante estudo, Maria das Vitórias de Lima Rocha<sup>467</sup> agrupa as personagens Conceição, Maria Bonita, Beata Maria do Egito e Maria Moura para observar as diferentes escolhas femininas de Rachel. Conceição deixa-se guiar pela razão, Maria Bonita pelo desejo, pela imaginação e, por fim, a Beata pelo ascetismo. Segundo Vitória Rocha, por detrás dessas mulheres há o universo

<sup>466</sup> Ibid.

<sup>467</sup> ROCHA, Maria das Vitórias de Lima. *Personagens femininas de Rachel de Queiroz*. Algumas analogias. *Correio das Artes*, 27 jun. 1993, p.5-7.

patriarcal como fonte criadora das possibilidades do feminino, dos seus desejos e dilemas. Os estudos de Elódia Xavier sobre o corpo<sup>468</sup> podem ser associados à Beata Maria do Egito. A protagonista utiliza-se de seu corpo de modo disciplinado, consciente, com um propósito vital: garantir a liberdade e lutar por seus ideais.

Às duas peças acima mencionadas acrescenta-se como contribuição no gênero dramático a peça *O padrinho Santo*,<sup>469</sup> escrita para a TV, que pode ter germinado da crônica de igual nome, publicada na revista *O Cruzeiro* (07/08/1954, p.106). O seu texto começa deste modo: “Hoje contarei uma história de um padre. Sim, era uma vez um padre. Desses bem magrinhos, bem santinhos, que não se importam com roupa, casa e comida, que jamais desejaram ser cônego, monsenhor ou bispo”. O padrezinho morava em uma vila de pescadores muito pobre, sem localização definida. Além de suas atividades de rotina: casar, batizar, comungar, com o passar do tempo surgiram algumas notícias de milagres, transformando-o em um santo. Sem intenção maior do que salvar a própria alma, o padre não aceitava de bom grado a fama de ser milagreiro.

Mas, por que Rachel não escreveu mais teatro? As razões podem ser muitas. Dentre elas, considero a pouca motivação financeira que o teatro propiciava.<sup>470</sup> Livros de peças teatrais vendiam pouco. Outro dado que pode ser acrescentado é observado a seguir: em uma entrevista, Rachel relembra uma conversa com Nelson Rodrigues: “vai viver na colcha do teatro, acompanhar as encenações, os ensaios, para conhecer de perto a realidade do palco, senão a peça não chega ao efeito desejado. Apesar de terem sido bem representadas, faltava mesmo esta maior convivência com a realidade teatral”.<sup>471</sup> Mais um motivo para não se dedicar à arte dramática.

É interessante notar que o teatro está presente em *Dora Doralina*, publicado em 1975, romance que vinha sendo escrito desde a publicação de *As três Marias*, em 1939. “Durante todo esse tempo, eu tomava uma notinha, depois tomava outra... A história foi se formando”.<sup>472</sup> O romance traz uma elaboração ficcional de reaproveitamento de crônicas e, no caso, revela-se uma oportunidade para se observar como a

---

<sup>468</sup> Cf. XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

<sup>469</sup> Infelizmente não foi possível ter acesso à peça.

<sup>470</sup> Haroldo Bruno (1977) menciona outra peça de sua autoria, *A sereia voadora* (inédita em livro), sem citar maiores referências.

<sup>471</sup> Cf. NERY, Hermes Rodrigues. Op. cit., p. 166.

<sup>472</sup> *Ibidem*, p. 259.

escritora se interessava apaixonadamente pela arte dos palcos. A protagonista Dôra, em busca da liberdade, entra para uma companhia mambembe e começa a viajar pelo Brasil.

### **Arrumando o discurso**

“Dois pintos” (*O Cruzeiro*, 26/07/1958, p.145) é uma narrativa com dois pintos (pinto de pobre e pinto de rico) que escapam de seus destinos previsíveis e saem à rua. “Andaram, andaram, andaram” e encontram um galo de circo que come ovo e ficam assustados. Depois encontram alguns pombos, que vivem muito ocupados e orgulhosos. Após mais andanças, encontram um frango indiano, uma espécie de galo de briga, e tentam uma aproximação, chamando-o de “tio”. Mesmo sem reconhecer tal parentesco, ofereceu-lhes um pouco de comida e os convidou para permanecerem em sua companhia, pois se sentia muito sozinho em sua constante preparação para as lutas. Certo dia, o dono do galinheiro trouxe outro galo para um treino. Os dois pintos, diante do massacre do frango, procuraram convencer o “tio” a abandonar aquela vida, e, diante da recusa, trataram de procurar outras aventuras. Assim, andaram muito até encontrar uma cancela aberta e entrarem em um quintal com muita semente de girassol no chão. Viram que era jogada por um papagaio amarrado em um poleiro. Segundo a narradora, bicho nenhum gosta de papagaio (“um grandíssimo palhaço, só serve para adular os homens, até fala linguagem de gente, imagine!”). Diante dos pintos, que eram bem “novos e não tinham preconceitos”, o papagaio puxou conversa, explicou que não adiantava fugir dos homens, melhor seria viver com eles e tirar proveito de uma boa razão. Os pintos, embebedos pela conversa, não perceberam quando a dona do papagaio chegou e imediatamente os apanhou, jogando-os no galinheiro (“lambendo os beiços e pensando num molho pardo”). No final, a narradora encerra com uma conclusão moral: “quem nasceu para a panela na panela há de acabar”; e deixa no ar mais outras suposições: quem sabe os pintos poderiam fugir e dar uma surra no papagaio.

Essa mesma história é aproveitada para o livro *Cafute & Pena-de-prata*, lançado em 1975. Após uma comparação entre as publicações percebe-se que há um aproveitamento de quase toda a crônica. Apenas algumas modificações no texto: os protagonistas têm nomes (Cafute, o pinto pobre e Pena de prata, o rico) e o texto possui frases e períodos mais curtos, maior número de parágrafos e uma mudança no final do conto. Se a crônica termina com a captura dos dois pintos pela velha,

nesta nova versão Cafute dá uma “bicolorada” no dedão da velha e sai correndo. Após o susto e longa correria avistam um lindo pavão e muitos outros bichos (patos, galinhas, frangos, pintos) vivendo à vontade. Entraram discretamente e, enfim, comeram a primeira minhoca na vida. Permaneceram vivendo no quintal por um bom tempo. Pena de Prata virou um bonito frangão e Cafute, não tão belo, mas engraçado e querido por todos. No correr do tempo, porém, Cafute ficou cheio daquela vida tranquila e convidou o amigo para novas aventuras, mas o frangão preferiu ficar e se preparar com o canto para ser o rei do terreiro. Por fim, Cafute, com o papo cheio de minhoca, despede-se do companheiro e sai “pensando em tudo de bonito que ainda tinha para descobrir neste mundo”.

O desenrolar da narrativa, após tantos anos de escrita, é modificado significativamente. Nos anos 50, pós-guerra, um desfecho narrativo bem pessimista e trágico para os pintinhos amantes da liberdade, e, na década de setenta, a opção do pinto pela busca da liberdade pela aventura torna o texto bem mais direcionado para o público infantil. Se a primeira versão é para um público leitor mais adulto, as modificações no conteúdo e na forma demonstram o aproveitamento do texto e o direcionamento para o outro alvo de leitura.

### **Matuto não é bobo**

Em o “homem e suas obras” (*O Cruzeiro*, 24/10/59) a cronista dedica-se às novidades da corrida espacial, como, por exemplo, o satélite Sputnik n°. 1, a cachorrinha Laika e seus dias no espaço, comentando que as notícias já estavam caindo na rotina. No meio da crônica, para falar da indiferença em relação aos satélites, ela enxerta um episódio que aconteceu em Iguatu, interior do Ceará, terra de gente brava, altiva, que detesta ser “tomada por bobo”. Comenta que “todo sertanejo não se admira de nada, por princípio e compostura”. Quando os aviões do correio aéreo começaram a cruzar os céus, o povo de Iguatu nem deu bola. Em um domingo, justamente na saída da missa, praça cheia de gente, de repente surge uma esquadrilha completa, passa zumbindo no céu, o povo permanece firme com seu descaso para a novidade, exceto um garotinho: não se conteve e contemplou os aviões. A sua mãe, imediatamente puxou o seu braço, exortando-o para que baixasse a cabeça, pois parecia que nunca tinha visto um “liopano”. Segue a cronista afirmando que

o povo de Iguatu tem uma sabedoria natural. Diante de tantas novidades, para fugir da tensão a saída é “tornar o inverossímil rotina, se não a vida fica impossível”. A capacidade de nós todos tem um tamanho determinado e, se levada a uma pressão excessiva, pode explodir como a caldeira. Para evitar esse desastre é que funciona o nosso maquinismo de defesa – e a gente, em vez de explodir, acostuma.

O mesmo episódio foi recontado em “O aeroplano”, publicado no livro *Memórias de menina*, publicado em 2003. Ao invés de nomear o lugar (Iguatu),<sup>473</sup> a cronista opta por situar “cidade do sertão do Ceará” e areja o texto com pequenos parágrafos, conservando uma mesma estrutura narrativa. Outro fato: não há citação de data de publicação anterior, transparecendo assim ser um texto atual.

### **Casa do pai, outras paragens**

Se para Michelle Perrot<sup>474</sup> as mulheres do século XIX movem-se mais do que se imagina, trago esta assertiva para a vida de Rachel de Queiroz. Ela transitou muito mais do que se imagina. Se muitas mulheres registraram as suas andanças, em meio às crônicas encontrei uma parcela significativa de registros de suas viagens pela Europa e pelo Brasil.

Recuando no tempo. Em 1943, com o pai doente em Fortaleza, Rachel e o marido partiram por terra do Rio de Janeiro até Fortaleza. Na bagagem, além dos pertences, conduziam estudos de rotas e de mapas para essa travessia pelo Brasil daquele tempo, um “arquipélago, onde a comunicação se fazia por mar”.<sup>475</sup> Por dezessete dias eles viveram uma verdadeira epopeia. De trem, de bitola, de navio gaiola, percorreram as Minas Gerais, o Rio São Francisco; de trem se chegava até a capital, cortando grande parte do imenso país. Era tempo de guerra. O Brasil era muito dependente da economia estrangeira. Era um tempo difícil: de

---

<sup>473</sup> Não resisto à tentação de citar o belo filme, ambientado na mesma cidade, *Céu de Suely* (2006), dirigido pelo diaspórico cearense Karim Aïnouz., cujo primeiro longa é *Madame Satã* (2002).

<sup>474</sup> PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998, p. 85-86.

<sup>475</sup> Cf. referências o texto “A guerra”. In: QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 133-140.

restrições, de racionamento, por exemplo, de carne, manteiga e açúcar. Para um civil viajar nos pequenos aviões que circulavam, só com certa “prioridade”. Durante este percurso, Rachel conheceu mais de perto a realidade brasileira e, desta peripécia, acumulou um farto material que foi utilizado em suas crônicas e no romance *Dora, Doralina*, publicado em 1975.

Mas o destino final era o sertão, tão presente em seus livros e crônicas. Aliás, as viagens eram frequentes; todos os anos passava uma temporada por lá. Lembra que toda a sua vida gira em torno deste Nordeste específico: “o único livro que escrevi que não se passou no Nordeste foi *O galo de ouro*, que era num sub-nordeste nesse tempo, o Rio de Janeiro, a Ilha do Governador, que era muito parecida com o Nordeste. Eu morava lá, foi um livro de encomenda, mas que fiz com carinho e com interesse”.<sup>476</sup>

“Viagem à Europa” na revista *O Cruzeiro*. O texto é a expressão de um desejo da narradora. “Se (eu) tivesse dinheiro e consentimento de quem me manda”, poderia fazer uma visita de pêsames, ver o povo, especialmente as mulheres (menina, jovem, mãe de família, avô e mulher da vida). Nesta cartografia de desejos estão algumas questões postas numa espécie de inquérito: como viverão atualmente essas mulheres da Europa? Ao final da crônica, fecha com uma dúvida sobre essas vidas: “talvez nos ensinasse um novo heroísmo; e talvez também nos contagiasse com o seu desespero”.

Humanista incondicional, Rachel acompanhou as notícias e escreveu sobre a Segunda Guerra. Na referida crônica percebe-se que o seu olhar se volta para as mulheres e os seus problemas miúdos da vida. Esta intenção de ver o velho mundo permaneceu até que o seu lamento público teve eco no governo federal. O então Ministro do Exterior, Raul Fernandes, considerou um absurdo que ela e seu marido, Dr. Oyama, não conhecessem a Europa. Para tanto, autorizou que fossem providenciados passaportes, cartas de recomendação e passagens aéreas; no entanto, mesmo com estas facilidades, faltava o dinheiro para as demais despesas com a viagem. Assim relata em seu livro de memória:

Nós tínhamos um dinheirinho, mas ainda estava pouco. Então, Leão Gondim, presidente de *O Cruzeiro*, primo de Assis Chateaubriand (que o pôs na revista), me chamou: “Eu soube que você

---

<sup>476</sup> Cf. entrevista no programa *Roda Viva* – TV Cultura em 01 de julho de 1991. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0260>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

vai à Europa. Por que não me faz agora, para aproveitar, o romance-folhetim que estou lhe pedindo há não sei quanto tempo? Basta que deixe dois capítulos prontos, que eu publico nas vésperas de você chegar.

Deixei alguns capítulos prontos, como garantia, e recebi adiantados cinquenta contos, que era um bom dinheiro, como preço total do folhetim.<sup>477</sup>

Assim, em agosto 1950 surge nas páginas da revista *O Cruzeiro* o folhetim *O Galo de Ouro*, uma “espécie de crônica da vida na Ilha”, uma aldeia, defendida pela “água por todos os lados”, conforme palavras da própria Rachel. O folhetim foi publicado em quarenta capítulos ilustrados com desenhos e uma “caixa texto” com o resumo do capítulo. A narrativa com temática urbana carioca gira em torno do submundo carioca, mães de santo, terreiros, policiais e bicheiros:

*O Galo de Ouro* conta a história de Mariano, criador de galos de briga. Mariano mora na Ilha do Governador, onde também mora a escritora e não é qualquer ser extraordinário. Vigia noturno, foi garçom antes de ser atropelado. Poderia exercer qualquer outra profissão de categoria baixa, não importa. O que importa na figura de Mariano é a sua própria condição humana. Um homem, como tantas centenas de outros na Ilha, que leva existência normalmente miserável. Que morou no Rio e teve grandes sonhos (*O Cruzeiro*, 26/08/1950, p. 25).

Esta publicação ficou adormecida nas páginas da revista. Somente muitos anos depois, o folhetim, “mergulhado em fundo de armário e esquecido”, é publicado em livro, em 1985, com poucas alterações, passando a fazer parte da sua ampla bibliografia.

É com esse “modo particular de produção, de criação e de publicação romanesca do século XIX, umbilicalmente ligado ao jornal”,<sup>478</sup> que Rachel obteve um financiamento para a empreitada rumo à Europa.

<sup>477</sup> “Viagem à Europa” In: QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza. Op.cit., p. 147.

<sup>478</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim.Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 416-417.

## Em busca de Sissi

Em “pleno rescaldo da guerra”, Rachel e Oyama viajaram por dois meses pela França, Itália, Suíça e Inglaterra.<sup>479</sup> Partiram então para ver ao vivo as marcas da destruição, as paisagens, os costumes e as histórias conhecidas nos livros. No roteiro, excluíram Alemanha, pois “estava com muita raiva de alemão”, bem como Portugal, na época sob regime ditatorial.<sup>480</sup>

Recordo aqui Nísia Floresta, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Tarsila do Amaral, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e muitos outros autores que moraram e/ou viajaram para a Europa e desta experiência deixaram como legado páginas com impressões, relatos, diários, etc. Estes escritos trazem uma geopoética da realidade e as paisagens europeias em diferentes épocas.

A contribuição das viagens reais ou imaginárias para a literatura é muito ampla. E a fortuna crítica a cada dia se amplia. Se a partir de uma concepção de Rousseau o homem ilustrado encontra na viagem uma grande fonte de conhecimento ou de saber, seguindo este ímpeto viajou-se muito e continua-se vagando em diferentes rotas e por motivos vários. Essa história é longa, perpassada por muitos desdobramentos.

Em diversas ocasiões Rachel mencionou sobre as leituras da infância, da adolescência, e, sobretudo, da leitura da obra de Júlio Verne, um escritor sedentário que parece que nunca se afastou de sua cidade-natal, contudo aguçou a imaginação com a ficção: *Viagem ao*

<sup>479</sup> Veja os títulos de algumas crônicas: “Londres” (*O Cruzeiro*, 23/09/1950, p.130), “Londres II: A austeridade” (*O Cruzeiro*, 30/09/1950, p.122), “Negros em Paris” (*O Cruzeiro*, 07/10/1950, p.114), “Metrô” (*O Cruzeiro*, 21/10/1950, p. 122), “Retificando impressões erradas”. (*O Cruzeiro* 4/11/1950, p.130), “Suíça” (*O Cruzeiro*, 28/07/51, p.138), “O Sena” (*O Cruzeiro*, 03/03/51, p. 114), “Ir à Europa” (*O Cruzeiro*, 02/02/57, p.114). Com certeza estas publicações merecem um estudo para investigar as especificidades desta literatura de viagem.

<sup>480</sup> Veja os títulos de algumas crônicas: “Angra dos Reis” (*O Cruzeiro*, 11/03/1950, p. 122), “Londres” (*O Cruzeiro*, 23/09/1950, p.130), “Londres II: A austeridade” (*O Cruzeiro*, 30/09/1950, p.122), “Negros em Paris” (*O Cruzeiro*, 07/10/1950, p.114), “Metrô” (*O Cruzeiro*, 21/10/1950, p. 122), “Retificando impressões erradas”. (*O Cruzeiro* 4/11/1950, p.130), “Suíça” (*O Cruzeiro*, 28/07/51, p.138), “O Sena” (*O Cruzeiro*, 03/03/51, p. 114), “Roteiro de viagem: São Paulo” (*O Cruzeiro*, 17/05/1952, p. 146), “A velha cidade de Goiás” (*O Cruzeiro*, 31/05/1952, p. 146), “Campinas” (*O Cruzeiro*, 24/05/1952, p.130), “Paraná e Santa Catarina” (*O Cruzeiro*, 21/06/1952, p. 146), “Entrada no Rio Grande do Sul” (*O Cruzeiro*, 28/06/1952, p. 146), “O país dos gaúchos” (*O Cruzeiro*, 05/07/1952, p. 130), “Viagem de Volta” (*O Cruzeiro*, 12/07/1952, p.130), “Ida e volta” (*O Cruzeiro*, 19/06/1954, p. 106), “Fim da viagem” (*O Cruzeiro*, 16/07/1955, p. 106), “Ir à Europa” (*O Cruzeiro*, 02/02/57, p.114). Com certeza estas publicações merecem um estudo para investigar as especificidades desta literatura de viagem.

*mundo em oitenta dias, Vinte mil léguas submarinas*. Também está entre as suas leituras marcantes *Viagens de Gulliver*.

Devido à miopia, Rachel se considerava uma “má viajante” porque não dispunha de uma visão panorâmica das coisas.

Flora Süssekind, em seu livro *O Brasil não é longe daqui*, estuda a relação entre a viagem e a literatura, analisa como a constituição de alguns narradores foram configurando imagens do Brasil, de como as narrativas de descobertas foram vistas como o “começo histórico” e como ficção. Esses narradores, de Pero Vaz de Caminha a Varnhagem, fixaram tipos e quadros que reproduziram ao longo dos séculos seguintes e permaneceram como uma espécie de certidão de verdade.<sup>481</sup>

Miriam L. Moreira Leite, em *Livros de Viagem*, volta-se para as autoras europeias que visitaram o Rio de Janeiro durante o século XIX.<sup>482</sup> Ela observa algumas especificidades em relação aos relatos de viagem escritos por mulheres. Há, por exemplo, uma preocupação em mostrar um “como” e um “por que”, enquanto os dos homens atinham-se ao “que”. Ambos escreviam diários, correspondência e narrativas breves, porém elas procuram mais a interioridade, a minúcia, o detalhe.

A escritora potiguar Nísia Floresta, educadora escritora, uma mulher à frente de seu tempo, traçou um caminho inverso, isto é, parte do Brasil para a Europa no século XIX. Durante as suas viagens manteve contato com escritores importantes, tais como: Alexandre Herculano, Alexandre Dumas, Victor Hugo, George Sand, Augusto Comte. Dessa experiência publicou, por exemplo, *o livro Itinerário de uma viagem à Alemanha*, publicado em 1857, em Paris. Nísia viaja para conhecer a terra do Romantismo, de Goethe, de Mme. Stäel e escreve em forma de correspondência procurando transpor para o papel crônica sobre o que está à sua volta, as paisagens de cidades, as vilas, os castelos e igrejas. Para Constância Duarte, no livro de Nísia está a “própria subjetividade, pois transmite principalmente “uma imagem” de sua “alma” ou as emoções que os objetos e os lugares lhe despertam”.<sup>483</sup>

### Sobre *Os Lusíadas*

---

<sup>481</sup> Cf. SUSSEKIND, Flora. *O Brasil, não é longe daqui*. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>482</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

<sup>483</sup> DUARTE, Constância Lima. Narrativas de viagem de Nísia Floresta. *Via Atlantica – Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP*. v. 2. São Paulo, 1999, p. 58-75; 1999, p. 64.

Também Portugal ficou fora da rota devido às razões políticas, à ditadura, conforme justificativa na crônica “Por trás de além mar”.

Sei bem o que me custou passar voando alto sobre terra portuguesa. Tão alto, tão longe, que lá de cima não se enxergavam sequer as velhas areias de Portugal. Sabendo que por baixo do colchão de nuvens ficavam não a segunda pátria, mas a primeira, a perdida, aquela que nos veio antes da nova, e que por todos os motivos nos parece tão nossa ou mais nossa do que a nossa própria, pois que tem os direitos da prioridade. Que antes de haver Brasil já havia Portugal, e afinal apenas nos mudamos de uma banda do Atlântico para a outra, e nem outro passado temos que não seja o próprio passado português. El-Rei Afonso Henrique é tão nosso quanto deles, e na semente do reino que ele fundou, claro que já estava incluído o germe deste reino de cá (*O Cruzeiro*, 5/04/1952, p. 130).

Em outra crônica – “Nós, portugueses” – comenta a sua relação com Portugal:

Tenho duas espécies de correspondentes em Portugal: de um lado os amigos, que nos dão sem regateio essa velha ternura portuguesa, que choram com a gente as suas mágoas e aceitam fraternalmente o nosso consolo e a nossa solidariedade. E do outro lado os que se zangam com a nossa interferência em seus problemas, sob duas alegações principais: primeiro: nós brasileiros – *como os demais estrangeiros* – não temos nada com a vida deles. Segundo, isso que eles lá e que nós aqui chamamos de ditadura é ao contrário, uma espécie de Jardim do Éden, antes da serpente, onde, ao preço de algumas obediências e restrições se goza de uma felicidade sem jaça (*O Cruzeiro*, 06/09/1958, p. 146).

Segue refutando com veemência o atributo de ser estrangeira, ou da propaganda oficial do governo. “Quando se quer ouvir Portugal, a gente lê os Lusíadas!”. Para Rachel, “nós temos a obrigação de servir

de voz aos mudos, de pena aos que não escrevem, até que a normalidade se restabeleça”.

### Conquistador insolente

Rachel, uma moradora da bucólica Ilha do Governador, escreve algumas crônicas para refletir sobre o lazer e sobre a nova indústria – o turismo – que, já na década de 50, começava a se estruturar.

Após a Segunda Guerra, começou uma expansão do turismo. Vão Gôgo, um personagem de Millôr Fernandes, dedica duas páginas na revista para tratar da “Arte de turistar” com blocos ilustrados. Para ele, ser turista é “gastar todas as economias e o resto das energias que nos sobrou do trabalho em duas semanas de férias” (*O Cruzeiro*, 03/06/1950, p. 8). O turista viaja de “olhos fechados” entre o abrir e fechar de malas, pouca cultura se adquire, conclui que “quem tem tempo e pouco dinheiro não viaja pela geografia, mas pelo calendário, procurando aproveitar ao máximo esse pouco dinheiro nesse pouco tempo” (Idem, p. 9).

No texto de mesmo nome – “Turismo” – encontra-se um panorama trágico-cômico sobre esse tipo de viajante sofredor:

Hoje, a onda majoritária dos viajantes é composta pelos turistas “baratos”, pequena burguesia em férias, estudantes, funcionários e comerciantes modestos, velhos casais aposentados que lançam mão das humildes economias para a realização do velho sonho de correr mundo. Andam eles sempre em bandos compactos, pastoreados pelos guias de uniforme. Raramente são vistos num restaurante, carregam a própria bagagem, andam vestidos da maneira mais sumária possível, homens e mulheres de *shorts*, e trazendo aos pés grossos sapatões que em tamanho e brutalidade só encontro similar nas nossas velhas ruínas de soldados. Comem pessimamente; ou a bóia do hotel barato onde os hospedam, ou coisa que eles mesmos carregam: sanduíches de pão com cebola, pepinos azedos e envoltos em papel engordurado, que eles tiram dos cestos, aos pés, ou dos sacos, às costas. Os

mais ricos, nórdicos e belgas (a Bélgica agora nadam em ouro, dizem por lá que graças às areias monazíticas de Congo, vendidas aos americanos para a bomba atômica) são conduzidos em enormes ônibus transcontinentais, pintados de cores vivas e que, durante a estação turística, atulham todas as estradas do sul da Europa. Naqueles ônibus, cômodos talvez para um percurso de algumas horas, mas terrivelmente fatigantes para longas jornadas, os desgraçados passam praticamente a viagem toda. Posso falar por experiência, pois cometi a loucura de enfrentar um dia (só um!) de “excursão” num desses veículos coletivos. Visitam-se cidades, castelos, montes e vales como se tentasse um recorde de velocidade e número. A excursão fica na memória da gente como um pesadelo de insolação, - o desconforto, a fome, a sede, a dor na nuca, o calor e a fadiga. Chegado a cada etapa, sejam as ruínas de uma arena romana, ou as escavações de uma cidade soterrada, o chofer, *doublé* de guia, diz sumariamente onde estamos (às vezes, nem o diz), marca a hora da partida e nos abandona ao descampado, ao sol terrível do verão mediterrâneo, feito um bando de órfãos num colégio incendiado. Há senhores que choram; outros se sentam melancolicamente numa pedra (sempre o sol) e põem-se a refazer as bandagens nos pés inchados. Finda a meia hora, o chofer reaparece e parte, para a etapa seguinte – e isso dura até à noite. E o homem nos trata mal, sempre de cara amarrada, porque não espera nada, só amolações, uma vez que turistas de “excursão” acreditam firmemente no que dizem os anúncios das companhias: “que a gorjeta está incluída no preço” (*O Cruzeiro*, 18/11/1950, p. 138).

Percebe-se a atualidade de suas considerações em caracterizar o turista como um tipo de viajante que enfrenta muitas amarguras para realizar o sonho de sua errância. Além do registro como observadora, o texto traz uma espécie de testemunho ligeiro das agruras dessa experiência, sintetizada no vocábulo “pesadelo”.

A cronista/viajante culta distancia-se dos demais viajantes que enfrentam a maratona para ver os monumentos e exclui-se, após um dia

de turista. Essa experiência demarca a sua aversão ao modelo proposto de percepção dos lugares visitados em forma de pacotes.

O termo turismo aparece com Stendhal em seu livro *Mémoires d'un turiste*, de 1838, momento de profundas transformações do capitalismo. Neste sentido, o turismo – viagem moderna – está em oposição ao mundo do trabalho, pois pressupõe o uso de um tempo livre para fazer viagem. Ora, lá pelos meados do século XX muitas mudanças ocorreram.

Uma das marcas da modernidade e popularidade da atividade turística é possibilitar a realização da viagem sonhada em prestações. Os usuários desses serviços, bem como os roteiros, são bastante diversos. Neste sentido, o modo de viajar, o tipo de hospedagem e os locais escolhidos classificam os turistas conforme a condição social.

Cecília Meireles, contemporânea de Rachel de Queiroz, foi uma escritora que viajou por diferentes países.<sup>484</sup> Também escreveu muitas crônicas de viagens que foram selecionadas e publicadas em livro após a sua morte, perfazendo até agora três volumes. Clarice que também viajou não se interessou em escrever especificamente sobre viagens, ou sobre a experiência de morar outra localidade. Lembro aqui de uma crônica bem humorada falando da enorme feiúra do povo inglês.

Em “Por falar em turismo”, escrito em 1956, também fala sobre esse tipo humano, o turista. Afirma a poeta: “é uma criatura diferente, cheia de exigências, que, antes de ver os panoramas, quer experimentar os colchões, antes de se extasiar diante de uma igreja ou de um museu, quer ver a cara do copeiro, e cujas necessidades numerosíssimas não há profeta do Aleijadinho que seja capaz de prever”.

Seguindo os comentários de Rachel, geralmente, como muitas pessoas apresentam um comportamento inusitado em terras alheias, ela sugere um “manual do bom turista”. É com esse mesmo título que a cronista discorre sobre a conduta humana durante as viagens:

Pois que o animal urbano, assim que sai  
das suas tocas aéreas de cimento armado, despe a  
libré da civilização e enverga os ridículos trajos

---

<sup>484</sup> Poeta, educadora, crítica literária e jornalista, Cecília Meireles esteve em muitos países fazendo intercâmbio cultural, lecionando, como conferencista (Estados Unidos, México, Uruguai, Argentina, Europa, Açores, Índia, Goa, Porto Rico, Israel, etc.). Cf. MEIRELES, Cecília. Notícia biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. volume único. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. Em 31/12/1955, João Condê traça o perfil da poeta, em sua famosa página “Arquivos Implacáveis”, publicada na revista *O Cruzeiro*.

que ele chama “de turismo”, sofre, não só na roupa, como na alma, uma violenta metamorfose. Parece que o espírito procura acompanhar a nudez em que o corpo se compraz. E os impulsos recalçados em anos de humilhação social e econômica, rebentam como vapores de uma panela de pressão destampada. Mal salta do automóvel ou do ônibus, o turista calça o chão tal o conquistador que pisa terra vencida. Só no olhar em redor já mostra a insolência. Não há caixeirinho magricela que não se considera um Marlon Brando, não há barrigudo chefe de seção que não se pense pelo menos um Duque de Windsor. De Ali Kan nem falo, porque tudo que chega é Ali Kan. O jeito de pedir quarto, de reclamar a reserva. De farejar o banheiro, de fazer espírito indagando de pulgas e percevejos. A roupa molhada, os chapelinhos de palha grotescos com que se apresentam às refeições (*O Cruzeiro*, 12/02/1955, p. 98).

O imaginário do cinema está presente na *performance* descrita e o contraste com a realidade de pobreza de cada sujeito. Enfim, quem viaja pensa ser alguém importante. Assim, com um discurso apelativo, a cronista propõe:

O bom turista, quando pisa numa cidade que não é a sua, deveria se lembrar de que está sendo recebido em casa alheia. Não deve, portanto cuspir no chão, nem enlamear os tapetes, figurativamente falando. Nem falar comentários mal-educados ao dono da casa, nem perguntar “quanto custa” um bibelô da sala ou uma fruta da mesa (...). Proceda como pessoa humana decente e não como marinheiro bêbedo em porto livre, e verá que tesouros de simpatia, de cortesia e amizade não descobrirá naqueles provincianos que você supõe encabulados e são apenas discretos, e enquanto você pensa que ri deles, estão silenciosamente rindo de você... (Idem).

A atualidade das considerações pode ser resumida no respeito que deve ter o visitante ao patrimônio material e imaterial da casa alheia.

Anos seguintes, o tema ainda merece a atenção da cronista. Em “Ir à Europa”, já mencionada anteriormente, a narradora fala que “esse odioso e importuno” tipo de gente já nasce pronto:

Ora, criatura, o turista nasce, o turista não se faz. A pessoa nasce turista por maldição que vem do berço, e nada que possa fazer durante a vida a libertará dessa tara. Quem tem alma de turista é turista em qualquer parte, até na própria cama. Esse gosto de viver em rebanho, essa procura superficial do pitoresco, de admirar o óbvio, de documentar fotograficamente, para ter provas concretas de que viu, já que não lhe fica nenhuma marca interior da experiência: Se você nasceu para turista, há de ser turista até num passeio a Paquetá. Mas se você não nasceu turista... (*O Cruzeiro*, 02/02/1957, p. 114).

Evidentemente, a cronista é adepta da viagem como uma experiência de alteridade, de deslocamento no espaço-tempo, uma experiência que deixa marcas no interior. Neste ponto, a sua visão ambivalente, ser ou não ser turista, deve ser vista com humor e não como um tratado de estudo comportamental ou da indústria do entretenimento.

### **Os apreciadores do silêncio**

Em “A velha cidade de Goiás”, a narradora volta-se para o centro do país.

A cidade parece adormecida ao sol quente, quando o automóvel desce a ladeira junto ao chafariz histórico, depois de passar ao lado da cadeia velha, e se detém defronte ao antigo quartel do exército, onde agora é o hotel. Depois o carro segue, passa pelo oitão da velha matriz barroca, e entra na praça principal que, como a maioria das ruas, é toda calçada de lajes e tem ao centro o coreto, a fonte, e um lindo jardim de rosas em torno, o casario de beiral e janelas de guilhotina, rematando a volta do largo pela igreja inacabada e o palácio do governo, muito fidalgo no seu

frontão neoclássico (*O Cruzeiro*, 31/05/1952, p. 146).

Repousa a cidade dentro de um “ninho de pedra”. O viajante, ao chegar, depara com uma “massa luminosa da Serra Dourada”. A cidade lembra Ouro Preto e Congonhas, as suas contemporâneas filhas da corrida do ouro. Outra semelhança, segundo a narradora, é o abandono causado pela transferência da sede do governo para outras paragens. O abandono teve um lado positivo: “livrou Goiás da onda de progresso que varre as outras cidades”, (...) guardou intacta a sua deliciosa feição antiga”. O isolamento permitiu que o acervo histórico fosse preservado pelo Patrimônio Histórico. Lá, no centro do país, o tempo permanece o mesmo. “Passa um dia, passam dois, três”. Lugar de “ritmo lento e cordial de visita de cortesia”. Um senhor de idade fala que “tempo perdido é o que se gasta correndo”, representa a gente nativa de lá, que é caracterizada como “tranquila, despida de ambições”. “Os que sonhavam com enriquecer depressa, os que desejavam dinheiro, empregos, subir na política, esses foram embora para Goiânia ou Anápolis, atrás da sua oportunidade”. Na finalização do texto, a cronista, que até agora privilegia em seu discurso o modo de ser da gente que habita o lugar, conclui se justificando pela ausência em descrever a cidade propriamente dita:

De propósito não descrevi a cidade; as varandas de ferro debruçadas sobre o Rio Vermelho, a igreja da Abadia com sua arquitetura tão singular, toda a riqueza arcaica devidamente tombada pelo Patrimônio. Porque, acima de seu tesouro de casarões e de igrejas, o mais importante em Goiás é a sua atmosfera, que a migração para capital nova como que purificou, refinou. Os inquietos, os ambiciosos, partiram. Nela ficaram os escolhidos, os felizes que sabem apreciar o seu silêncio, a sua paz doce e digna, aqueles que, como Maria, irmã de Marta, souberam escolher a melhor parte (Idem).

Anos depois, em 1957, mais uma vez Goiás é tema de sua “Última página”. Bem próximo da inauguração de Brasília, em meio ao clima nacional de expectativa, a cronista fala das “alusões à selvageria, à floresta virgem, ao sertão praticamente inviolado” onde ficará a capital da república.

## Viajora contumaz

Recorda, na crônica “Ida e volta”, de 1954, os deslocamentos entre o Rio de Janeiro e o Ceará. A narrativa constitui-se um testemunho das mudanças dos meios de transportes no país: navio, trem, avião e carro. Com a Segunda Guerra, “acabaram-se os navios”, afirma com saudosismo da regularidade inglesa do serviço, e segue lamentando a falta de dinheiro do governo brasileiro para “substituir o navio que o alemão afundou”. Em meio à despretensão da crônica ligeira, critica a situação política: “a própria Alemanha já funciona outra vez a todo rendimento, mas aqui no Brasil ninguém é alemão, não é mesmo? Governo tem coisas mais urgentes para consumirem dinheiro”.

A literatura de viagem é um vasto mundo que aqui não comentarei.

Trago a contribuição de Mário de Andrade, um dos autores preferidos da cronista, como a publicação de *O turista aprendiz*:<sup>485</sup> coletânea de crônicas escritas a partir de suas viagens etnográficas no final dos anos vinte pelo Brasil.

Zahidé Muzart e Constância Duarte, em “Pensar o outro ou quando as mulheres viajam”,<sup>486</sup> apresentam estudos que tratam das mulheres escritoras viajantes que partem em busca do “conhecimento do outro e de si mesmas”.

Se durante a Segunda Guerra a moda era fazer viagens por terra, com as férias curtas, nos anos 50, o avião abreviava as distâncias. O que se percorria outrora em sete dias de navio, pelos ares percorria-se em sete horas para chegar-se a Fortaleza, assim descrita.

(...) aparece como um xadrez iluminado na madrugada chuvosa. Sim, chuvosa, senhores. Aqui, a gare do aeroporto está em construção; entre os taipais e as traves os queridos rostos sorridentes que enfrentam a friagem e a noite para as boas vindas. O triste coração dos viajantes se aquece ante tanto carinho. Os irmãos, os amigos, a

---

<sup>485</sup> CF. ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

<sup>486</sup>Cf. texto integral na revista *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3); 424, set-dez/2008, p. 1005-1008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/18.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

turma indócil e amada dos sobrinhos. Fortaleza, berço meu. Contudo, o sertão tem mais força. A pressa é correr para lá. Queridos corações, inescqueíveis amigos, perdoem a correria. Mas o sertão está chamando. Sertão chovido, imaginem, não via isso há dez anos! Nestes dez anos só chegava lá para encontrar seca (*O Cruzeiro*, 19/06/1954, p. 106).

O sertão narrado é o espaço geográfico de suas experiências, dos afetos, um dos grandes temas de suas crônicas. Lugar de destino principal de sua rota: a fazenda “Não Me deixes” de sua família em Quixadá. Um espaço quase descrito em seus textos como de maneira rústica, um mundo parado, distante da modernidade que timidamente começava a entrar pelo país adentro. Mesmo assim, a cronista insiste em conservar concretamente e em matéria discursiva, a “casa velha”, o espaço das lembranças, das vivências onde as memórias costumeiramente são ruminadas:

Queria ter ficado uns dias com vocês, almoçar no Náutico, visitar o Colégio, inspecionar a Praia do Futuro, subir a Guaramiranga, tomar banho em Maranguape. Rever a redação dos jornais, abraçar todos os amigos de um em um, com calma e bem querer. Mas o sertão fica o tempo todo trocando chamada – quem resiste? E quando a gente chega lá ainda é pior, porque então nos segura, se desdobra, em beleza, as moitas de (ilegível) se viram todas em flores, os bezerrinhos novos, os borrêguinhos recém-nascidos, vêm escaramuçar no terreiro, a promessa de chuva relampejando bonita para os lados da Serra Azul. A casa velha carregada de recordações e saudade, as gavetas cheias de cartas – quarenta anos de cartas que é preciso rasgar chorando (Idem).

Em “Indústria hoteleira” (*O Cruzeiro*, 20/08/1955, p. 98) o problema é a hospedagem. Com “espanto” a cronista declara que em cidades importantes que dispõem de cinema, de comércio próspero, clube, campo de avião, boa praça, observa-se a falta de hotéis. O texto trata da precariedade das instalações, que são sujas, promíscuas (como metáfora ela cita uma frase de Mark Twain: “dar para se escutar até o

vizinho até mudar de ideia”), isto é, sem privacidade nenhuma para o hóspede. A cronista evidencia que, em cidades menores, a situação complicava-se mais ainda porque as pensões são consideradas um “horror”.

Diante deste cenário, indaga sobre as razões para a falta de iniciativa no setor hoteleiro. A conclusão, obtida por meio de uma enquête rápida, resume-se em frase simples: “falta movimento”. Os pequenos hotéis às margens das rodovias ficavam dias sem receber clientes; a falta de movimento, porém, não significa que as pessoas não circulem: “os trens vivem estourando passageiros que viajam até nos tetos dos vagões e no tênder da locomotiva”. Os caminhões passam cheios; muitos ônibus, carros de passeio, jipes, camionetes – vivem em movimento. Então, como é possível a ociosidade nas hospedagens, questiona?

(...) A resposta é muito simples: vai para a casa dos outros. É hábito nacional de pedir rancho. Hospeda-se na casa de parente, ou em casa de conhecido. O brasileiro não compreende gastar dinheiro com hotel. Quem vai a passeio ou negócio para outra cidade, a sua primeira preocupação é descobrir para a casa de quem poderá ir (...) o que vale é que é recíproco (Idem).

A sua reportagem se fecha dizendo que é impossível pensar em turismo “enquanto não houver à margem dessas estradas uma rede de hotéis satisfatória”.

Em “Fim da viagem” Rachel tece considerações sobre as estradas ruins e as belezas do Brasil e escreve um parágrafo sobre a viagem.

Semana passada fiquei de contar o resto da viagem, o trecho da BR-13 ou “Trans-nordestina” que vem da margem de São Francisco até Fortaleza. Mas isso de escrever impressões de viajante acabo sempre encabulada. A força da convenção estabelece que todos o sujeito de imprensa, ao tomar um navio, avião ou um carro, se sinta obrigado a transmitir aos possíveis leitores tudo que se viu e ouviu de curioso durante o caminho; e a gente, de início aceita a pretensa obrigação com entusiasmo, pois viagens têm um ponto em comum com o amor: quem viaja, como quem ama, acha que está passando por uma experiência única, pisando territórios ignorados,

vendo que alguém jamais viu (pelo menos viu sob tal ângulo). E, no alvoroço da novidade, promete odes e ditirambos, dá de mão na pena, ameaça volumes. Mas, acaba a gente descobre quanto a nossa experiência foi banal e cotidiana e que milhões de outros já passaram por ela.

E é no meio desse anticlímax que chega a hora de escrever e de contar as impressões. Ainda assim, se começa; mas do meio da viagem em diante a cisma piora – será que o pessoal já não está farto daquela lenga-lenga? Isso de ouvir histórias no começo interessa, mas do meio para o fim já enche... E aí se vai tratando de abreviar, de engolir as léguas, de ficar naquilo mesmo (*Cruzeiro*, 16/07/1955, p. 106).

O trecho acima esclarece o modo como a cronista apresenta as suas descrições, as notícias de viagens. Se não há novidades, curiosidades, percebemos que o uso da metalinguagem também é uma maneira de fugir da “lenga-lenga”, ou seja, do já dito e visto por seus leitores.

### **A cobra que morde o rabo**

A cronista contumaz, no texto “Monotonia”, apresenta uma resposta ríspida às críticas de permanência de seus assuntos – conforme crítica de um colega de jornal.

Um colega redator da “Revista do Globo” comentando qualquer coisa a meu respeito, diz que “deve ter sido bom para mim mudar de ares, pois que *“já estava correndo risco de se tornar monótona, comentando sempre os acontecimentos da Ilha do Governador, onde reside”*. Creio que há um engano nesse reparo do caro colega: não estou correndo risco de me tornar monótona; eu já estou é ficando pau como diabo com estas eternas histórias de ilha e do Ceará, com esta lengalenga infundável em redor do meu quintal. *Hélàs*, ninguém se apercebe disso melhor do que eu própria; e bem quisera libertar-me desse círculo de peru onde fico a rondar sem fuga, bicando o mesmo grão de milho. Mas nunca fui pessoa de

largos horizontais. Tenho por obrigação escrever esta crônica todas as semanas, falando do que vejo e de quem conheço; – que hei-de fazer se a vida da gente é estreita, estreitos os caminhos por onde anda, poucos em número e em variedade os conhecidos? Aliás, quero crer que o colega ainda se engana em outro ponto: “si cette chanson vous embête”, o mal não está no assunto da cantiga, propriamente, mas no intérprete. Pode-se jamais sair – já não digo de uma ilha tão grande, mas jamais sair de uma rua ou de uma casa, – e até mesmo ficar eternamente contemplando o próprio nariz – e através dele enxergar em massa as galáxias do céu, e jamais ser monótono. A monotonia está é dentro de nós próprios – dentro de mim, para especificar bem. (*O Cruzeiro*, 25/11/1950, p. 130).

A crônica traz uma reflexão (grifos da “autora”) sobre o escritor que passa a vida a “moer” os mesmos assuntos: dois ou três assuntos que são apresentados com roupagem diferente. “Eu talvez não tenha dois nem três, só tenho um. E se já estou assim cacete agora, imaginem como não estarei daqui a uns vinte anos, contando como todo velho, sempre os mesmos casos, sempre os mesmos casos...”.

Em seguida, a cronista parte da metalinguagem para o plano da realidade política e a permanência do Getulismo, a mesma história que o povo escuta como novidade. Finaliza: “Fico, pois, aqui com as minhas velhas histórias, os meus casos repetidos. Água mole em pedra dura... Quem sabe ainda não acabo sendo qualquer coisa neste país?”.



## CONCLUSÃO

*Num país como o Brasil, onde se costuma identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias.*

Antonio Candido

*Num país (como muitos outros, aliás) onde é praticamente impossível ganhar o pão escrevendo romances e muito menos poesia, a tentação de escrever uma coluna semanal é muito grande.  
Talvez nem escrevesse em jornal se não tivesse necessidade.*

Clarice Lispector

Rachel de Queiroz, a primeira grande escritora da literatura modernista do Brasil, é um emblema, um desafio para qualquer pesquisadora.

Ao se chegar ao final de um caminho, olha-se para trás e vê-se que ainda não completamos a caminhada. É essa a minha sensação ao colocar a palavra FIM no presente trabalho de muitos anos.

Em minhas leituras de/sobre a crônica pincei uma gama de adjetivos para o gênero – leve, fácil, subjetiva, amena, provisória, despreziosa, incerta, anfíbia, trivial, contraditória, informal, saudável, dialógica, humorada, híbrida, efêmera, caleidoscópica, debochada, bem-humorada, banal – que demonstra a falta de precisão ou certezas para explicar a surpresa que a crônica suscita no escritor e no público.

O material de escrita para um cronista é múltiplo, podendo abranger qualquer assunto. Para muitos cronistas o tema do seu texto pode ser a “falta de assunto”. Ou seja, a escrita gira em torno da ausência (como exemplo em textos de Rubem Braga, Drummond). Porém Rachel é sempre fértil na prosa. Durante a pesquisa não me recordo de ter encontrado o lamento de ruminar em busca de assunto. Como não poderia deixar de ser, a base de composição é a sua

experiência de vida, o seu momento histórico, o mundo macro (como os assuntos ligados à política nacional e internacional) e do mundo micro, do bairro, da rua, da casa, das memórias e dos afetos e abundância do universo dos livros e leitores.

A sua produção de crônica abarca uma temporalidade ampla. É quase um século de tantos olhares, ficcionalizando as coisas da vida, fatos e opiniões. Sempre atenta às transformações sócio-político-culturais do país e do mundo, ela acompanhou tudo ao vivo e a cores. Viveu maior parte de sua vida com um olhar na grande metrópole, Rio de Janeiro, e o coração fincado no sertão cearense.

Se o tempo escorria ao sabor das horas, a autora apresentava ao leitor fiel da revista diferentes fórmulas para o mosaico cultural, e para tê-lo ao seu lado, ela imaginava várias estratégias: carta, crítica, comentário noticioso (rádio, jornal ou TV), diálogo, cantiga, drama, conto, bilhete, retrato, fragmentos, ensaios, memórias ou pura conversa fiada – uma diversidade possibilidades discursivas para prendê-lo no encanto da sua voz ou nas páginas da imprensa.

Também muitas vezes reportava-se diretamente ao leitor específico e, deste modo tornava a crônica mais conversa ao pé do ouvido, mais íntima e sedutora.

Ao longo da década analisada, estão presentes as grandes temáticas que ficam de fora dos comentários, tais como: tempo, amor, morte, saudade, infância, crítica social, juventude, família, mulher, mãe, Rio de Janeiro, calor, carnaval, Nordeste, Ceará, Guaramiranga, sertão, pássaro, fábula, militância, guerra, avanços da ciência, a mídia e *frenesi* civilizatório do mundo moderno.

A cidade é o contraponto daquele mundo rústico. Certa vez, falando de modernidade, assim escreveu Rachel: “sempre defendi com paixão a teoria de que o homem não nasceu para viver nestas imensas cidades – formigueiros onde se concentra. Que a natureza humana pede espaços abertos, as distâncias curtas, os ares limpos, o viver natural do campo”.<sup>487</sup> Duas posturas ou demarcações de território da escrita e visão: sertão e ser-mulher: “eu não sou deslocada, sou aquela que não sai de lá mesmo quando sai. Essa diferença eu me reservo e cobro dos outros quando me confundem com a tropa geral dos literatos, eu me isolo disso. Realmente, meu ângulo é feminino, é pessoal”.<sup>488</sup>

<sup>487</sup> “O quente e o apertado”. In: *O homem e o tempo*. p. 124.

<sup>488</sup> CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Rachel de Queiroz*. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 114.

Se o meu trabalho não abordou especificamente o sertão, é significativo que eu faça ligeiras observações.

Percebo que para Rachel, além de ser uma proposta temática, falar do sertão é fazer um testemunho de um mundo em desaparecimento, de uma elite pensante oriunda do ambiente rural em ruínas. Por outro lado, pode-se dizer que o seu sertão é particular. Sertão está dentro da cronista, dentro da vida, das lembranças presentes (A sua gente, a angústia da seca, a farinhada, a terra, a fauna e flora, os sabores, os falares, as histórias.). O sertão é o lugar da saudade constante da autora, é consolo para os tempos difíceis - “toda vez que o destino me fere mais duro, me maltrata mais fundo, é para lá que eu fujo. Me esconder, lamber feridas. E se para lá não corro nas horas de triunfo, é porque triunfos não os conheço; só modestas alegrias, muito choradas e medidas (...).<sup>489</sup> Pode-se observar assim um diferencial de temática dos demais cronistas – tantas vezes citadinos – de sua linhagem e temporalidade.

Falar sobre as imagens, paisagens do sertão é uma opção por dar notoriedade a esse mundo perdido e atual que sucumbe nas rápidas transformações do capitalismo. A escrita é para resistir. Conservar a fazenda “Não me deixes”, mesmo morando no Rio de Janeiro, é preservar a fonte fecunda das suas experiências onde retira seus personagens, histórias, memórias e afetos. E é também uma opção política diante de uma cultura marcada pelo consumo desenfreado: “só a paz, o silêncio, a preguiça. O ar fino da manhã, o café ralo, a perspectiva do dia inteiro sem compromisso nem pressa. Vez por outra um convidado chega, conta as novidades, bebe um caneco de água, ganha de novo a estrada”.<sup>490</sup>

Com e no sertão, a cronista viveu e aproximou-se da cultura popular, bebeu na fonte do imaginário do povo realizando uma hibridização com a sua formação livresca. Nivelou no mesmo plano a sabedoria das gentes – modo de vida do sertanejo – com o conhecimento cultural da elite burguesa.

\*

Ao olhar para a minha colcha de retalhos textual, percebo que ela exerceu o ofício de jornalista-escritora com muita liberdade e espontaneidade, escrevendo sobre as mais variadas coisas da vida, sem estar presa ao periódico.

---

<sup>489</sup> *As terras ásperas*. p. 19-20.

<sup>490</sup> “Um alpendre, uma rede, um açude” (publicada em 1947). In: *100 crônicas escolhidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 47.

Percebo, que, ao contrário de tantos escritores que foram obrigados a “baixar o nível de qualidade artística da obra e a nela recalcar a crítica social, submetendo-a ao gosto do mercado para ganhar o dinheiro do leite das crianças<sup>491</sup>”, a cronista permaneceu virtuosa e franca-atiradora por toda vida, culminando a sua trajetória com publicação da extensa crônica, que é *Memorial de Maria Moura* (1992) e escreveu até poucos meses antes de sua morte. Quando os dedos, os olhos não permitiam mais, ela com a sua voz transmitia a um escrevente o seu pensamento. Para ela, escrever e/ou viver era a mesma “coisa”.

Mesmo com um “método dramático”, pude perceber que a crônica de Rachel, uma “frutinha” de tempos eufóricos, é marcada pelo empenho, ou seja pelo pragmatismo da escrita. Rachel ao longo dos anos divertiu o leitor, nos mais diversos assuntos, notadamente, em relação à vida literária. Foi como uma humanista declarada que ela procurou contribuir para a vida do público leitor, muitas vezes desmitificando imagens das gentes e do país.

Percebo, reiteradamente, que o seu olhar, a sua palavra, a sua voz contribuíram para a formação da história da leitura no Brasil, da cultura brasileira.

Percebo que há em seus escritos uma necessidade de “tornar visível, acumular dados, instituir lugares da memória”, como sugere Michelle Perrot<sup>492</sup> em democratizar a leitura.

Percebo o seu grande empenho para que a cultura popular – marcadamente oral - seja o nosso “texto-da-diferença”<sup>493</sup>, apresentando-a em suas crônicas sempre como a legítima expressão brasileira;

Percebo que, geralmente, a cronista parece buscar uma “verdade”, fundamentada por sua experiência, sobre os diversos temas (por exemplo, mercado editorial, ato de escrever). Para tanto, procura uma linguagem híbrida objetiva/criativa, distante do tom masculinizante (entendido como direto, grosseiro, sem sutilezas) com recheio de um bom humor para ressoar a marca regional de sua dicção particular..

Percebo que a sua atuação representou ao longo do século XX um paradigma para as mulheres brasileiras por sua vida norteada pela liberdade de escolhas, de quebra de tabus de formalismo. Cito a sua

<sup>491</sup> A expressão é de Santiago referindo-se ao pensamento de Walnice Galvão sobre a Jorge Amado. SANTIAGO, Silviano *Vale quanto pesa*. Ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, 78.

<sup>492</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. v. 9, n. 18, ago-set/1989.

<sup>493</sup> “Vale quanto pesa.” SANTIAGO, Silviano *Vale quanto pesa*. Ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, 39.

escolha para Academia Brasileira de Letras; o seu trânsito na esfera pública, e a ampla contribuição para a literatura brasileira do século XX.

Percebo que, por meio da sua página, em uma época marcada pela “insegurança” feminina e pelo espaço restrito a elas no mercado editorial, Rachel exerceu a solidariedade feminina, fator de grande importância para a história da literatura de autoria feminina.

Percebo que é urgente que haja novas coletâneas - cotejando os periódicos - que possam resgatar as crônicas desqualificadas ou avaliadas com (pré)conceito, ou vista curta. (Política, viagem, literárias, feministas, memorialistas, cotidianas, anti-racial, dedicadas à infância etc)

Gostaria de ter feito muito mais na análise desse maravilhoso manancial que é a crônica de Rachel. Então, resumo um pouco do que gostaria ainda de ter estudado e que deixo para futuros projetos, já que uma tese não termina nunca. O assunto nos domina e continuamos vida afora a estudar os mesmos temas e autores dos tempos do doutorado.

‘Longe de ser o que gostaria ou intentava que fosse esse estudo, desviei-me do caminho reto e mais seguro e sai perambulando pelas páginas, pela voz e escrita de Rachel de Queiroz em um rame-rame de insistências.<sup>494</sup> Com uma grande ambição, termino com um sentimento de insatisfação, por ter deixado tantos textos, assuntos de lado, análises não feitas, excertos soltos, assuntos pendentes.

Por fim, encerro tomando emprestadas as palavras de Lúcia Miguel Pereira “Se mais não fiz, foi que não mo permitiram as forças ou as circunstâncias, entre nós pouco propícias às pesquisas.”<sup>495</sup>

---

<sup>494</sup> Ao escrever estas linhas, recebo a notícia da morte de Moacyr Scliar, exímio cronista, autor do *Imaginário do cotidiano* (2001), e fico os versos de Fernando Pessoa: “Breves os dias vão passando / Depois de passarem / Já os apanho”

<sup>495</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura Brasileira*. Prosa de ficção: 1870-1920. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. Prefácio à segunda edição.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. De Rachel de Queiroz

#### 1.1 Crônicas da revista *O Cruzeiro* (Anos 50)

#### 1.2. Romance

*O Quinze*. Fortaleza: Grafia Urânia, 1930. 86. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

*João Miguel*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1932. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

*Caminho de Pedras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

*As três Marias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

*Três romances (O Quinze – João Miguel – Caminho de Pedras)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

*Quatro romances (O Quinze – João Miguel – Caminho de Pedras – As três Marias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

*Dôra, Doralina*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1975. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

O galo de ouro. *O Cruzeiro*, 1950 (publicado em 40 edições). Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

*Obra reunida*. v. 5. Prefácio de Luiz Carlos Vilaça. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

*Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

#### 1.3 Crônicas em livros

*A donzela e a moura torta*. 45 crônicas escolhidas. São Paulo: Siciliano, 1994; Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

*100 crônicas escolhidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

*O brasileiro perplexo*. Histórias e crônicas. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1963.

*O caçador de tatu*. 57 crônicas escolhidas. Seleção e prefácio de Herman Lima. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994; Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

*As menininhas e outras crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

*O jogador de sinuca e mais historinhas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

*Mapinguari* (integrando *O brasileiro perplexo* e *O jogador de sinuca e mais historinhas*). Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.<sup>496</sup>

*As terras ásperas*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

*Um alpendre, uma rede, um açude* (1948). 100 crônicas escolhidas. São Paulo: Siciliano, 1994.

Cenas brasileiras. *Coleção Para Gostar de Ler*. v. 17. São Paulo: Ática, 1995.

*A casa do Morro Branco*. 2 ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

*Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Arx, 2002.

*Existe uma outra saída, sim*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

*A enfermeira Lindomar e outras histórias*. Rio de Janeiro: Mondrian, 2004.

Melhores crônicas. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (sel). *Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2004.

*A lua de Londres*. In: MIRANDA, Ana (org). Fortaleza: Demo, 2010.

*Do Nordeste ao infinito*. In: RIBEIRO, Regina (org). Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010.

#### 1.4 Memórias (em parceria com a irmã Maria Luiza)

*Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

*O Não Me Deixes*. Suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.

#### 1.5 Antologias de crônica e conto

*Elenco de cronistas modernos*. (Coautoria com Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga). Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.<sup>497</sup>

*O melhor do conto brasileiro*. (Coautoria com Aníbal Machado, Josué Montello e Orígenes Lessa). Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.<sup>498</sup>

*O melhor da crônica brasileira*. (Coautoria com Armando Nogueira, José Lins do Rego, Sérgio Porto). Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

---

<sup>496</sup> A segunda edição, com o título *O homem e o tempo*, foi publicada pela Siciliano, de São Paulo, em 1995.

<sup>497</sup> A partir da 5ª edição, em 1976, a obra passou a ser publicada pela José Olympio, Rio de Janeiro.

<sup>498</sup> A primeira edição desta obra é de 1979.

*Cronistas do Estadão*. In: AMÂNCIO, Moacir (org). São Paulo: Estado de São Paulo, 1991.<sup>499</sup>

*Quatro vozes*. (Coautoria com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira). Rio de Janeiro: Record, 1997.

### 1.6 Em parceria

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. *O nosso Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

QUEIROZ, Rachel de; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Matriarcas do Ceará*: D. Fideralina de Lavras. Disponível em: [acd.ufrj.br/pacc/literaria/donafederalina.html](http://acd.ufrj.br/pacc/literaria/donafederalina.html). Acesso em: 06 jun. 2005.

### 1.7 Romance em colaboração

*Brandão entre o mar e o amor*. (Coautoria com Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego). São Paulo: Marins, 1942.

*O mistério dos MMM*. (Coautoria com Viriato Correia, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Conde, Guimarães Rosa, Antônio Callado, Orígenes Lessa). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.

### 1.8 Infantil

*O menino mágico*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.<sup>500</sup>

*Cafute & Pena-de-Prata*. Ilustrações de Ziraldo. 7. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.<sup>501</sup>

*Andira*. São Paulo: Siciliano, 1992.

*Xerimbabo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

*Memórias de menina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

### 1.9 Poesia

*Serenata*. Prefaciado por Ana Miranda. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2010.

---

<sup>499</sup> Essa obra, organizada por Amâncio, conta com mais 30 autores.

<sup>500</sup> A primeira edição desta obra é de 1969.

<sup>501</sup> Esta obra foi editada pela primeira vez em 1975.

*Mandacaru*. In: BEZERRA, Elvia (org). Rio de Janeiro: Instituto Moréia Salles, 2010.

### 1.10 Tradução

*Teresa de Jesus*. Recontado da obra original de José Baeza. Rio de Janeiro, [s.d.].

CHAPLIN, Charles. *Charles Chaplin, minha vida*. Tradutores: Rachel de Queiroz, R. Magalhães Júnior, Genolino Amado. Introdução de Sergio Augusto. Prefácio de Octavio Faria. Poesia de Carlos Drummond de Andrade. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução e prefácio de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

### 2. Estudos críticos sobre a obra de Rachel de Queiroz

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Utopia e ideologia em *O quinze*, de Raquel de Queiroz. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Constância Lima Duarte (org). Natal: UFRN, 1995, p. 73-80.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rachel de Queiroz. Disponível em: [www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=115](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=115). Acesso em: 7 jun. 2007.

ACIOLI, Socorro. Rachel de Queiroz. In: *Coleção Terra Bárbara*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

ALVES, Roberta Hernandes. *A cesta de costura e a escrivainha - uma leitura de Rachel de Queiroz*. USP, 2005. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, 2005.

AMADO, Gilberto. Rachel de Queiroz, escritor profissional. In: QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. 10-14.

AMÂNCIO, Moacir (org). Apresentação. Rachel de Queiroz. In: *Cronistas do Estadão*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1991.

ANDRADE, Mário de. As três Marias. In: \_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955, p. 115-119.

\_\_\_\_\_. Rachel de Queiroz. In: *Táxi e crônicas no diário nacional*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX. Tessituras de Ignez Sabino e Delia*. PUC, 2008. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

- Disponível em:  
[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1903](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1903). Acesso em: 15 jul. 2010.
- AREAS, Vilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz*. n. 4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set. 1997, p. 87-102.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O sertão em surdina. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais. 12 mai. 2001.
- AZEVEDO, Sânzio de. Rachel de Queiroz e o romance da seca. In: \_\_\_\_\_. *Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: UFC, 1985, p. 112-131.
- BANDEIRA, Manuel. Louvado para Rachel de Queiroz. In: *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- \_\_\_\_\_. Rachel de Queiroz. In: *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz*. Caminhos e descaminhos. São Paulo: Pontes, 1999.
- BARBOSA, Lourdinha Leite; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *100 anos de Rachel de Queiroz – vida e obra*. Fortaleza: INESP, 2010.
- BARROSO, Olga Monte. Rachel de Queiroz. In: *Quem são elas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1992.
- BENEVIDES, Arthur Eduardo. Os 100 anos da Academia Cearense de Letras e Saudação a Rachel de Queiroz. *Revista da Academia Cearense de Letras*. v. 50, ano XCIV. Fortaleza: Inst. Ceará, 1993/94.
- BLOCH, Adolfo et al. *Raquel de Queiroz: Os oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BRITTO, Clóvis Carvalho. *Decifrando O Brasil: itinerários de Rachel de Queiroz*. Disponível em: [www.smb.ueg.br/iconeletras/artigos/clovis.pdf](http://www.smb.ueg.br/iconeletras/artigos/clovis.pdf). Acesso em: 02 mai. 2009.
- BRUNO, Haroldo. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1977.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Rachel de Queiroz: 2*. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- CAMINHA, Edmilson. *Rachel de Queiroz - a Senhora do Não Me Deixes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. Rachel de Queiroz. In: *Presença da literatura brasileira*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CARPEAUX, Otto Maria. Rachel de Queiroz. In: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
- CARVALHO, José Murilo de. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 10 set. 2004. Disponível em: [www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=758&sid=116&tpl=printerview](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=758&sid=116&tpl=printerview). Acesso em: 17 jun. 2008.
- CASTELO. José Aderaldo. História e crônica. In: *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1964, p. 123-141.
- CHIAPPINI, Lígia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: CHIAPPINI, Lígia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 157-176.
- COELHO, Nelly Novaes. Rachel de Queiroz revisitada. In: *A literatura feminina no Brasil*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 310-323.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de escritores brasileiros*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO: Do gênese ao apocalipse. Fortaleza: Tipogresso, 1999.
- COURTEAU, Joanna. The problematic – heroines in the novels of Rachel de Queiroz. *Luso Brazilian Review*. v. XXII. University of Wisconsin, 1985, p. 123-144.
- COUTINHO, Afrânio. Rachel de Queiroz. In: *A literatura no Brasil*. v. V. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970.
- COUTINHO, Fernanda (org). *Uma escrita no tempo: ensaios*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010.
- CUNHA, Cecília Maria. Rachel antes dO *Quinze*. *O Povo*. Caderno Sábado. 11. nov. 1995.
- \_\_\_\_\_. Vida literária em formação. *O Povo*. Especial Rachel 90 anos. 17 nov. 2000, p. 12
- \_\_\_\_\_. A mulher e o tempo. *O Povo*. 4 dez. 2003, p. 7.
- DIVINA, Perpetua Elzira. O romance e a mídia: leituras do Memorial de Maria Moura. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/058/ELZIRA\\_PERPETUA.pdf](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/058/ELZIRA_PERPETUA.pdf). Acesso em: 22 jan. 2010.

DUARTE, Constância Lima. Considerações sobre a crônica feminina no Brasil. *Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: ABRALIC, 1995, p. 213-220.

\_\_\_\_\_. *A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. Vivência. Revista do CCHLA*. v. 9, n. 2. Natal: UFRN, jul.-dez., 1995.

DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiroz – literatura e política no feminino. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Constância Lima Duarte (org). Natal: UFRN, 1995, p. 81-85.

\_\_\_\_\_. *Literatura, política e identidades*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2005.

D'ALGE, Carlos. Saudação a Rachel de Queiroz. *Revista de Letras UFC – Centro de Humanidades*. V. I. Fortaleza: UFC, 1978.

*Dicionário de mulheres do Brasil – de 1500 até a atualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIA, Octavio. Rachel de Queiroz (Arquivos implacáveis). *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1963, p. 86.

FILADELFIO, Joana Alves. Literatura, indústria cultural e formação humana.

Disponível em:

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000300010). Acesso em: 23 jan. 2010.

FILHO, Adonias. O romance *O Quinze*. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL LITERATURA BRASILEIRA.

Disponível em:

[www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biog](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biog). Acesso em: 11 jun. 2009.

FARIA, Octavio. Rachel de Queiroz (Arquivos implacáveis). *O cruzeiro*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1963, p. 86.

FERREIRA, Débora R. S. *Pilares narrativos*. A construção do eu na prosa contemporânea de oito romancistas brasileiras. Apresentação de Susan Canty Quinlan. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2004.

FIGUEIREDO, Adriana Giarola Ferraz. *Entre os dias e os anos: leituras de crônicas de Rachel de Queiroz*. Universidade Estadual de Londrina, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. Disponível em: [dominiopublico.qprocura.com.br/dp/77098/entre-os-dias-e-os-anos-leitura-de-cronicas-de-rachel-de-queiroz.html](http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/77098/entre-os-dias-e-os-anos-leitura-de-cronicas-de-rachel-de-queiroz.html). Acesso em: 17 jul. 2010.

FRANÇA, Ivo Renato D'Ávila. *Memorial de Maria Moura em dupla poética de olhar: do romance à minissérie de televisão*. UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GOMES, Renato Cordeiro. Perfil de Rachel de Queiroz. In: RÓNAI, Paulo (org). *Seleção*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976, p. 08-10.

\_\_\_\_\_. A obra de Rachel de Queiroz. In: RÓNAI, Paulo (org). *Seleção*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976, p. 191-200.

GUERELLUS, Rachel. Modernos e passadista os primeiros escritos de Rachel de Queiroz e a escrita de Mulheres no Brasil (1927-1930). Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/gt2/6.pdf>.

GURGEL, Ítalo. *Uma leitura de Dora, Doralina*. A lição dos manuscritos. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A roupa de Rachel: um estudo sem importância. *Revista Estudos Feministas*. CIEC/ECO/UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_. O éthos Rachel. *Cadernos de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz*. n. 4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set. 1997, p. 103-15.

\_\_\_\_\_. Como entender R.Q.? In: \_\_\_\_\_. Rachel de Queiroz. *Coleção Nossos Clássicos*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Rachel de Queiroz. Disponível em: <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=20>. Acesso em: 17 abr. 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. *Meio século de Presença Literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LIMA, Herman. Rachel de Queiroz. In: QUEIROZ, Rachel de. *O caçador de tatu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

LIRA, José Luís. *No alpendre com Rachel*. Ensaio biográfico de Rachel de Queiroz. Fortaleza: Academia Fortalezense de Letras; Cidadania, 2003.

LOBO, Luiza. Rachel de Queiroz. In: \_\_\_\_\_. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

\_\_\_\_\_. O oral e o popular em *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz. In: COUTINHO, Fernanda (org). *Uma escrita no tempo: ensaios*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010, p. 101-122.

MAGALHÃES Jr., Raimundor. Rachel de Queiroz em perspectiva. *Cadernos de literatura brasileira – Rachel de Queiroz*. n. 4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set. 1997, p. 69-86.

- MENDES, Marlene Gomes. *As três Marias de Rachel de Queiroz: edição crítica em uma perspectiva genética*. Niterói: EDUFF, 1998.
- MENDONÇA, Maria Helena M. F. de. *A crônica e as cronistas brasileiras: questão de gênero(s)*. UFRJ: 2002. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Um romance que não envelheceu. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 12-15.
- MONTENEGRO, Braga. Drama e cangaço. In: \_\_\_\_\_. *Correio retardado*. v. 1. Estudo de crítica literária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986, p. 134-149.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Percurso de Rachel de Queiroz. *Diário Catarinense*. Seção Opinião, 22 e 29 mai. 1989, p. 6.
- NAVERA, Raquel M. C. *Egipciaca: prostituta e santa penitente – um caso de intertextualidade na Literatura Brasileira*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001. Dissertação. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.
- NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel de Queiroz*. Conversas informais com a escritora. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castelões. Rachel de Queiroz tradutora. In: *Pesquisa em Tradução Literária na UFJF*. Disponível em: [http://www.ronai.ufjf.br/05\\_Literaria.html](http://www.ronai.ufjf.br/05_Literaria.html). Acesso em: 28 fev. 2007.
- OLINTO, Antonio. Primeira dama. *O Povo*. Disponível em: <http://www.noolhar.com/rachel/1215.html>. Acesso em: 23 abr. 2010.
- PASSOS, Lucimara. *Rachel de Queiroz e a sua produção literária na década de 30*. Disponível em: [dhttp://www.utp.br/historia/Tcc/lucimara\\_passos.pdf](http://www.utp.br/historia/Tcc/lucimara_passos.pdf). Acesso em: 23 jan. 2010.
- PORTELA, Eduardo. Agora e sempre Rachel de Queiroz. *Jornal do Comércio*. Caderno B: o livro e a perspectiva. Rio de Janeiro: 11 jan. 1959
- PINTO, Cristina Ferreira. *O bildungroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- RAMOS, Graciliano. Caminho de pedras. In: \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, P. 137-139.
- RIBEIRO, Liliane Adriana dos Santos. *Luciérnagas em caminhos de pedra: o estético e político com alternativa de transgressão*. Disponível em: [www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/LILIAN%20ADRIANE%20DOS%20SANTOS%20RIBEIRO.pdf](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/LILIAN%20ADRIANE%20DOS%20SANTOS%20RIBEIRO.pdf). Acesso em: 18 dez 2009.

- ROCHA, Maria das Vitórias de Lima. Personagens femininas de Rachel de Queiroz. Algumas analogias. *Correio das Artes*. 27 jun. 1993, p. 5-7.
- SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. *A culinária do sentido: corpo e memória na literatura contemporânea*. Disponível em: [repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/4926/1/2009\\_AdrianaRodriguesSacramento.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/4926/1/2009_AdrianaRodriguesSacramento.pdf). Acesso em: 15 jul. 2010.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vidal (org). *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SILVA, Gilberto Roberto. *O Brasil dos 40 e 50 nas crônicas de Rachel de Queiroz*. Disponível em: [www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VIISIMPOSIO/comunicacoes/Gilson%20Roberto/gilson\\_roberto.pdf](http://www.catalao.ufg.br/historia/arquivosSimposios/historia/VIISIMPOSIO/comunicacoes/Gilson%20Roberto/gilson_roberto.pdf). Acesso em: 22 jan. 2010.
- SILVA, Márcia Cabral. Correspondência de Rachel de Queiroz com José Olympio. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Disponível em: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf). Acesso em: 17 fev. 2008.
- STEEN, Edla van. *Viver & Escrever*. v. I. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- TAMARU, Angela Haruri. *A construção da mulher nordestina em Rachel de Queiroz*. Universidade de Campinas. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas. Disponível em: [libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=30](http://libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=30). Acesso em: 25 nov. 2004.
- VÁRIOS. A imortal Rachel do sertão. *Entrevista*. Curso de Comunicação, UFC. 1993.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. Panorama da vida e da obra de Rachel de Queiroz In: QUEIROZ, Rachel de. *Obra reunida*. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- ROCHA, Maria das Vitórias de Lima. Personagens femininas de Rachel de Queiroz. Algumas analogias. *Correio da Artes*. 27 jun. 1993, p. 5-7.
- XAVIER, Elódia. Trajetória ficcional de Rachel de Queiroz. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995, p. 86-88.
- \_\_\_\_\_. Rachel de Queiroz: Da casa para a rua. In: \_\_\_\_\_. *Declínio no patriarcado, a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998, p. 33-42.
- \_\_\_\_\_. O corpo violento. \_\_\_\_\_. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

## 3. De consulta geral

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: \_\_\_\_\_ et al (orgs.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 13-60.

ABREU, Ana Carolina Ribeiro. *O Conselho Federal do Jornalismo*. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ana-carolina-Conselho-federal-jornalismo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ana-carolina-Conselho-federal-jornalismo.pdf). Acesso em: 17 out. 2010.

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralía: Reflexões a partir da vida danificada*. Traduzido por Luiz Eduardo Bisca. São Paulo: Ática, 1992.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Destruição da experiência e origem da história. Traduzido por Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. Amizade. Disponível em: [www.usyd.edu.au/contretemps/5december2004/agamben.pdf](http://www.usyd.edu.au/contretemps/5december2004/agamben.pdf). Acesso em: 22 jun 2006. Traduzido para o Inglês por Joseph Falsone. Traduzido para o Português, da versão inglesa, por André Cruz Goulart. Revisão de Selvino Assman.

AGUIAR, Joaquim Alves de. Panorama da música popular brasileira: da bossa nova ao rock dos anos 80. In: SOSNOWSKI, Saul; SCHWARTZ Roberto xxx (orgs.). *O Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994, p. 141-174.

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*.<sup>502</sup> Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou romancista*. Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas: Pontes, 1990.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Silveirinha*. Crônica de verão. Introdução de Sylvia Paixão. Florianópolis: Mulheres, 1997.

\_\_\_\_\_. *Livro das Donas e Donzelas*. Coletânea de crônicas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. Disponível em: [www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/183.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/183.pdf). Acesso em: 19 out. 2010.

AMARAL, Aracy (org). *Tarsila Cronista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

AMÂNCIO, Moacir (org). Cronistas do Estadão. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1991.

---

<sup>502</sup> Crônicas publicadas no *Correio Mercantil* de 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855, em o *Diário do Rio* de 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro do mesmo ano, ambos em jornais do Rio de Janeiro.

- ANAN, Sylvia Tamie. *Crônica da vida inteira: memórias da infância nas crônicas de Manuel Bandeira*. USP, 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-21052007-161100/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-21052007-161100/). Acesso em: 17 dez. 2007.
- ANDRADE, Mário de. *Os filhos da candinha*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes/Brasília: INL, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *Dicionário Musical Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: IEL/Universidade de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- ARAÚJO, Nara. *O tempo e o rastro*. Traduzido por Eliane Tejera Lisboa. Ilha de Santa Catarina: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Traduzido por Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Fragmento sobre crônica*. Boletim bibliográfico – Biblioteca Mário de Andrade. v. 46, n. 1/4, jan.-dez., 1985, p. 44-53.
- \_\_\_\_\_. Móbile da memória. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 67-111.
- \_\_\_\_\_. Onde andaré o Velho Braga? In: \_\_\_\_\_. *Perdidos e achados*. Ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979, p. 159-166.
- ASSIS, Machado de. *Obras completas*. In: COUTINHO, Afrânio (org). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- AYLA, Maria Ignez Novais; DUARTE, Eduardo de Assis. *Múltiplo Mário*. Ensaios. João Pessoa/Natal: UFPB/UFRN, 1997.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Brasileira de Letras, 1976.
- O Modernismo na poesia cearense: primeiros tempos*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.
- BACHELAR, Gaston. *A poética do espaço*. Traduzido por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estéticas*. A teoria do romance. Traduzido por Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 1988.
- BALZAC, Honoré de. *As ilusões perdidas*. Traduzido por Ernesto Pelandá e Mário Quintana. Nota introdutória de Paulo Rónai. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Os jornalistas*. Traduzido por João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BANDINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Traduzido por Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.
- BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto. *Coleção Prestígio*. Ilustrações de Luís Jardim. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.
- \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil-1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROSO, Antonio Girão. *Roteiro sentimental de Fortaleza*. Fortaleza: UFC- NUDOC/SECULT, 1996.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Traduzido por Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Aula*. Traduzido por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos do discurso amoroso*. Traduzido por Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Mitologias*. Traduzido por Rita Buongermino e Pedro de Souza. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Traduzido por Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 669-672.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Fatos e Mitos. Traduzido por Sérgio Milliet. v. I. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O segundo sexo*. A experiência vivida. Traduzido por Sérgio Milliet. v. II. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Traduzido por Sérgio Paulo Rounanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 197-221.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. Traduzido por Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. v. II. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulhers de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T.A Queiroz, 1988.
- BODEI, Remo. *Uma geometria de las pasiones*. Miedo, esperanza y felicidad: filosofia y uso político. Traduzido do Italiano por José Ramón Montreal. Barcelona: Muchnik, 1995.
- BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 134-146.
- \_\_\_\_\_. O campo intelectual: um mundo à parte. In: \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. Traduzido por Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 169-180.
- \_\_\_\_\_. *As Regras da Arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Traduzido por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Traduzido por Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORYSOW, Vitor. *Guimarães Rosa e o Morro da Garça*. Disponível em:  
[www.manuelzao.ufmg.br/festivalhas1/salaimprensa/releasevitor.htm](http://www.manuelzao.ufmg.br/festivalhas1/salaimprensa/releasevitor.htm).  
 Acesso em: 20 jan. 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- \_\_\_\_\_. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.
- \_\_\_\_\_. O tempo e os tempos. In: \_\_\_\_\_. NOVAES, Adauto (org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 19-32.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Um cartão de Paris*. In: FILHO, Domício Proença (sel). 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- BRAGA, Suzana Márcia Dumont. *Vestígios do estranho no familiar: as crônicas de Lobo Antunes*. Disponível em: [http://server05.pucminas.br/teses/Letras\\_BragaSM\\_1.pdf](http://server05.pucminas.br/teses/Letras_BragaSM_1.pdf). Acesso em: 17 mai. 2009.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *História, social da mídia*. De Gutenberg à Internet. 2. ed. Traduzido por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRITO, Cândida de. *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas*. 2. ed. Rio de Janeiro: A Dona de Casa, 1929.
- BRITO, José Domingos de. *Literatura e jornalismo*. v. 3. São Paulo: Novera, 2007.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.
- BUCCI, Eugênio. *O que é ser jornalista*. Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=555JDB002](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=555JDB002). Acesso em: 16 out. 2010.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Crônica/mulher, mulher/crônica*. Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade. v. 46. n. 1/4. São Paulo: jan.-dez. 1985, p. 81-89.
- \_\_\_\_\_. *Imprensa feminina. Coleção Princípios*. v. 41. São Paulo: Ática, 1986.
- BURKE, Peter. *A escrita da história - novas perspectivas*. Traduzido por Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular. História e imagem*. Traduzido por Vera Maria Xavier Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- \_\_\_\_\_. Na boca do povo. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais! 30 set. 2007
- \_\_\_\_\_. Um ensaio sobre ensaios. Disponível em: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/do/cs/ensaio>. Acesso em 05 fev. 2008
- CACCIAGLIA, Mario. *Pequena história do teatro no Brasil*. Quatro séculos de teatro no Brasil. Apresentação Sábato Magaldi. Traduzido por Carla de Queiroz. São Paulo: EDUSP, 1986.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 16 ed. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, 2009.
- COLASSANTI, Marina. Por que perguntam se existimos? *Anais VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. In: XAVIER, Elódia et al (org). Rio de Janeiro: NIELM, 1996, p. 34-40.

- CALDAS, Elaine F.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. *Biblioteca pública no Brasil: políticas de inclusão à leitura*. Disponível em: [alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03). Acesso em: 21 jan. 2011.
- CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. *Revista Espaço Aberto*. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: [www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?ma](http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?ma). Acesso em: 15 fev. 2009.
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Sob revistas, periódicos e qualis tais. *Outra Travessia*. n. 1. Florianópolis, 2003. Disponível em: [www.scribd.com/doc/38783282/Outra-Travessia-01](http://www.scribd.com/doc/38783282/Outra-Travessia-01). Acesso em: 10 fev. 2011.
- CAMARGO, Suzana (coord). *A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000.
- CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. Traduzido por Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Leitores, espectadores e internautas*. Traduzido por Ana Goldenberg. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literárias*. São Paulo: Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- \_\_\_\_\_. A nova narrativa. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.
- \_\_\_\_\_. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- \_\_\_\_\_. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et. al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1981.
- \_\_\_\_\_. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Tese e antítese*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Iniciação à literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira. Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

- CARVALHO, Marco Antonio. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Globo, 2007.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. *Coleção Ensaios Transversais*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.
- CAVALCANTE, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane. *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidade*. Maceió:EDUFAL, 2006.
- CHALHOUD, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social na crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura & Democracia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Simulacro e poder*. Uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leituras*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Aventura do livro*. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. 2. ed. Traduzido por Reginaldo C. Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Leitores, autores, bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Traduzido por Mary Del Priore. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.
- \_\_\_\_\_. O livro e seus poderes (séculos XV a XVIII). Traduzido por Caio Meira. In: COUTINHO, Eduardo Granja; GONÇALVES, Márcio Souza. *Letra, impressa*. Comunicação, cultura e sociedade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 15-52.
- COELHO, Maria. *A evolução do feminismo*. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quíron, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Infantil. Teoria. Análise. Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

- \_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. *Folha de São Paulo*. Ilustrada, 16 out. 1998.
- COSTA, Cláudia Lima. O sujeito no feminismo. Revisitando os debates. *Cadernos Pagu*. (19) 2002, p. 59-90.
- COSTA, Cláudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 54-92.
- COSTA, Cristina. *Pena de aluguel*. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Helouise. *Um olhar que pensa: estética e fotojornalismo*. USP, 1998. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. (mimeo)
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: \_\_\_\_\_ (dir). *A literatura no Brasil*. 3. ed. v. 6. Rio de Janeiro: José Olympio/EDUFF, 1986, p. 117-143.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista - Julgamento severo sobre a vida literária*. Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/literaria/julgamento.html>. Acesso em: 08 jun. 2006.
- CUNHA, Cecília Maria. *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.
- \_\_\_\_\_. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. *Estudos Feministas*. v. 7. n. 1-2. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 271-276.
- D'ANCO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992.
- DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- DIMAS, Antônio. Ambiguidade da Crônica: Literatura ou Jornalismo? *Revista Littera*. Rio de Janeiro, dez. 1954, p. 46-51.
- \_\_\_\_\_. *A crônica de Carlos Drummond de Andrade*. Boletim Bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade. v. 42, n.2. São Paulo, abr.-jun. 1981, p. 7-17.
- DINES, Alberto. *O Papel do jornal e a profissão de jornalista*. 9. ed. São Paulo: Summus, 2009.

- DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. *A mulher na literatura*. v. I. Belo Horizonte: Imprensa Univeristária de Minas Gerais, 1990, p. 70-79.
- \_\_\_\_\_. Nísia Floresta Brasileira Augusta: estudo de vida e obra. In: GOTLIB, Nádía Batella (org). *A mulher na literatura*. v. II. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 113-117.
- \_\_\_\_\_. GT A Mulher na Literatura: história e perspectivas. *Revista da ANPOLL*. v. 1. João Pessoa, 1995, p. 13-18.
- \_\_\_\_\_. O cânone e a autoria feminina. v. I. IX Encontro Nacional da Anpoll, 1995, João Pessoa. *Anais do IX Encontro Nacional da Anpoll*. João Pessoa: ANPOLL, 1994.
- \_\_\_\_\_. A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. *Vivência - Revista do CCHLA*. v. 9. n. 2. Natal: UFRN, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995.
- \_\_\_\_\_. Estudos de mulher e literatura: História e cânone literário. *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. In: XAVIER, Elódia et al (org). Rio de Janeiro: NIELM, 1996, p. 21-33.
- \_\_\_\_\_. Narrativas de viagem de Nísia Floresta. *Via Atlântica – Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP*. v. 2. São Paulo, 1999, p. 58-75.
- \_\_\_\_\_. O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta. Belo Horizonte, 2001. Disponível em: [www.geocities.com.br/Olhardeumaviajantebrasileira.htm](http://www.geocities.com.br/Olhardeumaviajantebrasileira.htm).
- \_\_\_\_\_. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista de Estudos Avançados*. v. 49. São Paulo, 2003, p. 81-90. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttex](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttex). Acesso em: 11 jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. Feminismo e literatura: discurso e história. *O Eixo e a Roda*. v. 9/10. Belo Horizonte, 2004, p. 195-219. Disponível em: <http://www.letrasufmg.br/posli>. Acesso em: 20 jul. 2010.
- \_\_\_\_\_. Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.
- \_\_\_\_\_. Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: resenha de Úrsula. *Revista de Estudos Feministas*. v. 13. Florianópolis, 2005, p. 443-444.
- \_\_\_\_\_. Ementa da disciplina *Literatura Brasileira: a crônica brasileira de autoria feminina*. Faculdade de Letras/UFMG, 2004.2.

- \_\_\_\_\_. Henriqueta e Drummond: a correspondência do afeto. *Minas Gerais. Suplemento Literário*. v. 1, 2007, p. 20-25.
- \_\_\_\_\_. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. *Revista Estudos Feministas*. v. 16(3), 2008, p. 1047-1060.
- \_\_\_\_\_. *Henriqueta Lisboa – Uma biografia intelectual*. Disponível em: [www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html). Acesso em: 06 set. 2009.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Companhia Editora Nacional. Tradição editorial e cultura no Brasil dos anos 30*. Disponível em: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf). Acesso em: 20 jul. 2010.
- EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. Traduzido por Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Gênese e lutas. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- FADUL, Ana Maria. *Indústria Cultural e Comunicação de Massa*. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c\\_ideias\\_17\\_053\\_a\\_059.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_17_053_a_059.pdf). Acesso em: 18 mai. 2010.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves. *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 57-70.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Em busca de Thargélia*. Poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo Oitocentismo (1870-1920). v. 1 e 2. Recife: FUNDARPE, 1991 e 1996.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*. v.7 n.1, 2004, p. 155-188. Disponível em: [www.naea-ufpa.org/revistaNCN/ojs/include/getdoc.php?id=183&article=45&mode=pdf](http://www.naea-ufpa.org/revistaNCN/ojs/include/getdoc.php?id=183&article=45&mode=pdf). Acesso em: 23 out. 2007.
- FIGUEIREDO, Vicente Aquino de. *O gênero em revista: simbiose patriarcado-patriarcalismo na publicidade de O Cruzeiro nas décadas de 1940-1950*. PUC, 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

- FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Introdução de Constância L. Duarte. Traduzido por Francisco das Chagas Pereira. Florianópolis: Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- FORNAZARI, Luciana Rosar. *Gênero em revista: Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra*. UFSC, 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da Cidade de Recife*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- FUNCK, Susana Borneo. A maternidade como determinante social nas utopias feministas de Marge Piercy e Margaret Atwood. In: GOTTLIB, Nádia Battella (org). *A mulher na Literatura*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 93-103.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. As musas sob assédio. Literatura e indústria cultural no Brasil. *Série Livre Pensar*. São Paulo: SENAC, 2005.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GARRET, Almeida. *Viagens na minha terra*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- GIOVANI, Ricciardi. *Auto-retratos*. São: Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.
- GIUSTI, César. Teoria e Prática dos prefácios. Um estudo sobre Tutaméia. Disponível em: <<http://vbookstore.uol.com.br/ensaios/prefacios.shtml>>. Acesso em: 04 nov. 2007.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis. Ficção e História*. 2. ed. Traduzido por Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GOTTLIB, Nádia Battella. *Clarice uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. Correspondências: a condessa de Barral e o imperador D. Pedro II. In.: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 227-239.
- GRANJA, Lúcia. *Machado escritor em formação*. A roda dos jornais. Campinas: Mercado Aberto; São Paulo: FAPESPE, 2000.

- GUIMARÃES, Hélio Seixas de. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin; Universidade de São Paulo, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Traduzido por Flávio Khote. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino*. A luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Traduzido por Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. Traduzido por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX. 1914-1991. Traduzido por Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- \_\_\_\_\_. (org). *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Traduzido por Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). *O Momento literário (1907)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Depto. Nacional do Livro. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_acton=&co\\_obra=2144](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_acton=&co_obra=2144). Acesso em: 10 out. 2010.
- \_\_\_\_\_. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Depto. Nacional do Livro. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_acton=&co\\_obra=2144](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_acton=&co_obra=2144). Acesso em: 10 out. 2010.
- KAMITA, Rosa Cássia. *Resgate e ressonância*. Mariana Coelho. Florianópolis: Mulheres, 2005.

- LACERDA, Lílian. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: UNESP, 2003.
- LACOMBE, Américo Jacobina. Literatura e jornalismo. In: COUTINHO, Afrânio (org). *A literatura no Brasil*. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ EDUFF, 1986, p. 64-116.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LANGENDONCK, Madame Van. *Uma colônia no Brasil: uma viagem ao Rio Grande do Sul em 1862/ Madame de Van Langendonck*. Traduzido por Paula Berinson. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- LANGSDORFF, E de. *Diário da Baronesa E. de Langsdorff – relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S. A. R. Príncipe de Joinville: 1842-1843/ E. de Langsdorff*. Traduzido por Patrícia Chittoni Ramos e Marco Antônio Toledo Neder. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- LAURETIS, Teresa de . A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- LEITE, Míriam Moreira (org). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Livros de viagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- LEMAIRE, Ria. A canção da Malmaridade In.: *Anais do III Encontro Nacional na ANPOLL – GT A Mulher na Literatura*. Nádia Battella Gotlib (org.). Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 13-26.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. 2. ed. São Paulo: COM-Arte/ EDUSP, 1990.
- LISBOA, Maria Regina Azevedo; MALUF, Sônia Weidner (org). *Gênero, cultura e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

- LISPECTOR, Clarice. *Visão do esplendor*. Impressões leves. Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Só para mulheres*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. (1999). Disponível em: <http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Segredos públicos*. Os 'blogs' de mulheres no Brasil. *Ideias contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos & lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. A crônica de Mario de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Narrar ou descrever. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LUSTOSA, Isabel. Roteiro para Herman Lima. *Casa Rui Barbosa*. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/kn/FCRB\\_Isabel\\_Lustosa\\_Roteiro\\_HermanLima.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/kn/FCRB_Isabel_Lustosa_Roteiro_HermanLima.pdf). Acesso em: 17 jul. 2010.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. O conto feminino. In: *Panorama do conto brasileiro*. v. 10. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Civilização Brasileira, 1959.
- MANNHEIM, Karl. O problema da intelligentsia: um estudo de seu papel no passado e no presente. *Sociologia da Cultura*. Traduzido por Roberto Gambi. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 69-109.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARQUES, Ana Cláudia D. R. Considerações sobre a honra cangaceira. In: MARTÍN-BARBERO, Jesus. Redescobrimo o povo: a cultura como espaço de hegemonia. In: \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. v. II (1933-1960). 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

- \_\_\_\_\_. *A palavra escrita: história da imprensa, do livro e da biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Anhembi, 1957.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Estrelas de Couro - A Estética do Cangaço*. São Paulo: Escrituras, 2010.
- MELLO, Maria Amélia. No fio do bigode. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1807201008.htm>. Acesso em: 18 jul. 2010.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Traduzido por Berenice Xavier. Prefácio de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica*. Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade. v. 46, n. 1/4, jan.-dez., 1985, p. 17-41.
- \_\_\_\_\_. *Folhetim. Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MENDEL, Manuel Angel Vasquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In.: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. Coleção Ensaios Transversais*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. São Paulo: LTC, 1978.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigentes no Brasil (1929-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- \_\_\_\_\_. O papel político dos meios de comunicação de massa. In: SOSNOWSKI, Saul; SCHWARTZ Roberto (orgs.). *O Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994, p. 41-73.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MINDLIN, José E. Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros. *Estudos Históricos*. v. 4. n. 7. Rio de Janeiro, 1991, p. 35-54.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito – a escrita autobiográfica na América hispânica*. Traduzido por Antônio Carlos Santos. Prefaciado por Silviano Santiago. Chapecó: Argos, 2003.

- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Livro 1 Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. Livro 2 Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ensaaios*. Livro 3. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- MONTENEGRO, Braga. Drama e cangaço. In: \_\_\_\_\_. *Correio retardado*. v. 1. Estudo de crítica literária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986, p. 134-149.
- MORAES, Eneida. *Aruada – Banho de Cheiro*. Belém: SECULT/FCPTN, 1989.
- MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREIRA, Nadilza M. de B. *Júlia Lopes de Almeida: resistência e denúncia na Belle Époque brasileira*. Disponível em: [www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/artigos\\_finais/artigo\\_nadilza.htm](http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/artigos_finais/artigo_nadilza.htm). Acesso em: 20 jan. 2010.
- MORICONI, Ítalo (org). *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Tomo I. Traduzido por Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2000. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=Tm38cSpH1vAC&pg=PA40&lpg=PA40&dq=Filosofia+and++Arist%C3%B3teles+and+sorte&source=bl&ots=yNBmX7z453&sig=CebYJrlbsISoVGAUED7H\\_40AylA&hl=pt-BR#v=onepage&q=Filosofia%20and%20%20Arist%C3%B3teles%20and%20sorte&f=false](http://books.google.com.br/books?id=Tm38cSpH1vAC&pg=PA40&lpg=PA40&dq=Filosofia+and++Arist%C3%B3teles+and+sorte&source=bl&ots=yNBmX7z453&sig=CebYJrlbsISoVGAUED7H_40AylA&hl=pt-BR#v=onepage&q=Filosofia%20and%20%20Arist%C3%B3teles%20and%20sorte&f=false). Acesso em 13 jan. 2011.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. O Espírito do Tempo 1 – Neurose. 9. ed. Traduzido por Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. In: FUNCK, Susana Bornéo (org). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: EDEME, 1994, p. 263-269.
- \_\_\_\_\_. Parnasianas, sim senhor! A poesia das mulheres no final do século XIX. In: DUARTE, Constância Lima (org). *Anais do V*

- Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995, p. 134-141.
- \_\_\_\_\_. A questão do cânone. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa, 1995, p. 89-99.
- \_\_\_\_\_. Na aprendizagem da palavra: a mulher na ficção brasileira – século XIX. *Anais Fazendo Gênero. Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996, p. 77-83.
- \_\_\_\_\_. *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. I. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- \_\_\_\_\_. Do navegar e de navegantes. In: CUNHA, Maria Teresa Santos; BASTOS, Maria Helena Câmara; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 181-189.
- \_\_\_\_\_. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.
- \_\_\_\_\_. História da Editora Mulheres. *Estudos Feministas*. Florianópolis, set.-dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a11v12ns.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- \_\_\_\_\_. Literatura de mulherzinha. *Labrys. Estudos Feministas* (Online). v. 11, 2007, p. 1.
- \_\_\_\_\_. *A paixão das florestas ou as viagens de Mme. van Langendonck*. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300022&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300022&script=sci_arttext)&. Acesso em: 22 jan. 2008.
- \_\_\_\_\_. Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX. Veredas. *Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. v. 10. 2009, p. 295-317.
- \_\_\_\_\_. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. III. 1. ed. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- \_\_\_\_\_. Uma editora de fundo de quintal: a Editora Mulheres. In: STEVENS, Cristina (org). *Mulher e literatura 25 anos: raízes e rumos*. 1. ed. Florianópolis: Mulheres, 2010, p. 171-184.

- MUZART, Zahidé Lupinacci; DUARTE, Constância Lima. Pensar o outro ou quando as mulheres viajam. *Revista Estudos Feministas*. v. 16/03, 2009, p. 1005-1008.
- NETTO, Accioly. *Império de Papel*. Os bastidores de 'O Cruzeiro'. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: REZENDE, Beatriz. *Cronista do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995, p. 15-31.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*. v. 8. n. 2. Florianópolis, 2000, p. 09-41.
- NINA, Cláudia. *Literatura nos jornais*. A crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: SENAC, 2006.
- NUNES, Valentina. *A produção jornalística de Carlos Drummond de Andrade no Jornal do Brasil (1969-1984)*. UFSC, 1995. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- OLINTO, Antônio. *Jornalismo e literatura*. Porto Alegre: JÁEditores, 2008.
- OLINTO, Heidrun Krieger. Processos midiáticos e comunicação literária. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2002, p. 54-90.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castelões. A cleptomania do tradutor: a tradução no Brasil na década de 40 do século XX. *Anais ABRALIC 2008*. Disponível em: [www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MARIA](http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MARIA). Acesso em: 18 mai. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Entrelaçamento de história e tradução no Brasil*. Disponível em: <http://www.revistaipotese.ufjf.br/volumes/16/15.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2010.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OUTERINHO, Maria de Fátima. Fragmento e narrativa de viagem. In: *O fascínio da linguagem*. Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6712.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.

- PEDRO, Joana Maria. Mulheres século XIX. *Anais Fazendo Gênero. Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996, p. 73-76.
- PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (org). *Masculino, feminino plural: gênero na interdisciplinaridade*. 2. ed. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2006.
- PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf> . Acesso em: 02 dez. 2010.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura Brasileira*. Prosa de ficção: 1870-1920. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Escritos da maturidade*. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). In: VIÉGAS, Luciana (sel). Rio de Janeiro: Graphia, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Leitora e seus personagens*. Seleta de publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. In: VIÉGAS, Luciana (sel). 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica arte do útil ou do fútil*. Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Paulo: Ideia, 1994.
- PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. v. 9, n. 18, ago.-set., 1989, p. 09-18.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres públicas*. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PINTO, Manuel da Costa. Crônica, o mais brasileiro dos gêneros literários. In: \_\_\_\_\_. (org e sel). *Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2005.
- PORTELA, Eduardo. A cidade e a letra. In: \_\_\_\_\_. *Dimensões, I, crítica literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, p. 111-117.
- PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 81-101.
- DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

- QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Seleta*. Organizada por Bella Jozef. Brasília: INL/Ministério da Educação e Cultura, 1970.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topoboks, 1998.
- RAGO, Margareth. Epistemologia, gênero e história. In.: PEDRO, Joana Maria; GROSS, Miriam Pillar. (org). *Masculino, feminino, plural*. Gênero na interdisciplinaridade. 2 ed. Florianópolis: Mulheres, 2006, p. 21-44.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Introdução de Mario Vargas Llosa. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Memórias: uma oportunidade poética*. PUC, 1999. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: PUC, 1999.
- \_\_\_\_\_. et al (org). *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- \_\_\_\_\_. Literatura(s) com(o) disciplina – Esse rumor Catarina. [s.f.].
- \_\_\_\_\_. Por uma poética das memórias literárias. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2008.
- \_\_\_\_\_. Literatura de peso. In.: RIAL, Carmen; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Mulheres, 2004. p. 153-158.
- RANZOLIN, Célia Regina. *Clarice Lispector cronista no 'Jornal do Brasil' (1967-1973)*. UFSC, 1985. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985. (mimeo)
- RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Mirian Pillar (org). *Masculino, feminino, plural*. 2. ed. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2006, p. 21-42.
- RELEITURAS. Disponível em: [http://www.releituras.com/racheldequeiroz\\_bio.asp](http://www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp). Acesso em: 13 jun. 2009.
- RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- RIVAS, Pierre. Paris como a capital literária da América Latina. Traduzido por Ivone Daré. In: CHIAPINNI, Lígia; AGUIAR, Flávio W. (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 99-114.
- RIOS, Kênia Rios. *Campos de Concentração no Ceará – Isolamento e Poder na Seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

- RODRIGUES, Marly. *A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RONCARI, Luiz. *A estampa rotativa na crônica literária*. Boletim bibliográfico - Biblioteca Mário de Andrade. v. 46, n. 1/4, jan.-dez.1985, p. 9-16.
- ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- RUFFATO, Luís (org). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 2004.
- \_\_\_\_\_. Ligeira, sim; superficial, não. *Entrelivros*. n. 2. 13 mai. 2006.
- \_\_\_\_\_. MACEIÓ, 1930 (2) A importância de Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Graciliano Ramos na construção do Regionalismo de 30. *Rascunho*. Disponível em: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&seca>. Acesso em: 20 mai. 2010.
- SÁ, Adísia. *O Jornalista brasileiro: Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais de 1946 a 1999*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- SABINO, Ignez. *Mulheres ilustres do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 1996.
- SADLER, Darlene L. *Não sou cronista: um estudo da crônica de Clarice Lispector*. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista\\_litcult/index.php](http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_litcult/index.php). Acesso em: 15 mai. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e feminino em 'Eles e Elas', de Júlia Lopes de Almeida*. Traduzido por Susana Funck. Disponível em: [www.journal.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/16993/15544](http://www.journal.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/16993/15544). Acesso em: 10 fev. 2011.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Traduzido por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d.].
- SANTA TERESA DE JESUS. *Castelo interior ou moradas*. Trad. Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa, segundo edição crítica de Frei Silvério de Santa Teresa. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SANTIAGO, Silviano *Vale quanto pesa*. Ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- \_\_\_\_\_. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Ora (direis) puxar conversa. Ensaios literários*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida de Moraes: Os Ritos de Entrada e de Permanência no Cenário Político e Jornalístico - Literário Brasileiro (1920-1970)*. 2007, (mimeo).
- SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal*. UFSC, 2002. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos (sel). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SCHWARTZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. 3. ed. São Paulo: 1988, p. 13-28.
- SCHEIBE, Roberta. *A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto Campo*. UPF, 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000572.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2010.
- SCHEIBE, Cristina Wolff; RAMOS, Marlene; OLIVEIRA, Tânia Regina de (org). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- SCHELLE, Karl Gottlob. *A arte de passear*. Breves Encontros. Traduzido por Irene A. Paternot. Prefaciado por Pierre Deshyusses. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHERE, Marta Eymael Garcia. *Bilac - sem poesia: crônicas de um jornalista da Belle Époque*. UFSC, 2008. Dissertação (Mestrado), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0304-D.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2008.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Com o exílio na pele. In: COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2004, p. 197-206.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

- SCOTT, Joan. Experiência, tornando-se visível. Tradzido por Ana Cecília A. Lima. In: SILVA, Alcione et al. *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A cidadã paradoxal - as feministas francesas e os direitos do homem*. Traduzido por Élvio Antônio Funck. Apresentado por Miriam Pillar Gross. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. Ensaio histórico-literário seguido de uma breve antologia. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.
- SILVA, Márcia Cabral da. Correspondência de Rachel de Queiroz com José Olympio. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Disponível em: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf). Acesso em: 17 fev. 2008.
- SILVA, Maria Valdênia da. *As crônicas de Cecília Meireles: um projeto estético e pedagógico*. Universidade Federal da Paraíba, 2008. Tese (Doutorado), João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.
- SIMON, Luiz Carlos Santos. O cotidiano encadernado: a crônica no livro. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Disponível em: [www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/luizcarlossimon.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/luizcarlossimon.pdf). Acesso em: 07 jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX. *Terra roxa e outras terras. Revista de estudos literários*. v. 7., 2006. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol7/7\\_6.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol7/7_6.pdf). Acesso em: 07 fev. 2011.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.
- SOUZA, Eneida Maria de. O não lugar da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara*. Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001.
- STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. 2.ed. v. 1 e 2. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

- STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente*. Disponível em: [www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTINA%20MARIA%20TEIXEIRA%20STEVENS.pdf](http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTINA%20MARIA%20TEIXEIRA%20STEVENS.pdf). Acesso em: 06 set. 2009.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O Brasil não é longe daqui*. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. Sobre a crítica. In: \_\_\_\_\_. *Papéis Colados*. Ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 13-34.
- \_\_\_\_\_ et al. (org). *Vozes Femininas: Gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Casa de Rui Barbosa, 2003.
- TELES, Gilberto Mendonça. O mercado do livro universitário. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLHAMMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2002, p. 32-53.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. *Série Tudo é História*. n. 145. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, mulheres. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord). *Mulheres do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.669-672..
- THAYER, Millie. Transnational Feminism: Re-reading Joan Scott in the Brazilian Sertão. *Revista de Estudos Feministas* [online]. Traduzido por Luiz Felipe Guimarães Soares. v. 9, n. 1. 2001, [cited 03 April 2006], p. 103-130. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2001000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2001000100006&lng=en&nrm=iso).
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O livro no jornal*. Os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TRISTAN, Flora. *Peregrinações de uma pária (1833-18340)*. Traduzido por Maria Nilda Pessoa e Paula Berinson. Introduzido por Roland Forgues. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.
- TÚLIO, Demitri. *Conspiração Nordeste. Rachel 90 anos*. Disponível em: <http://www.noolhar.com/rachel/1689.html>. Acesso em: 06 set. 2009.

- V.V.A.A. *Mulheres do Brasil (Pensamento e ação)*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971-1993. 4 volumes.
- VÁRIOS. *O romance de 30 no nordeste*. Seminário realizado no ano de 1981 na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Proed, 1983.
- VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*. O texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.
- VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão*. São Paulo: Ática, 2000.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001.
- WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso na construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas: Brasil*. [s.f.] (Mimeo).
- WERNECK, Maria Helena. *Lúcia Miguel Pereira e a tradição da biografia no Brasil*. Disponível em: [http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/9Sem\\_08.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/9Sem_08.html). Acesso em: 06 set. 2009.
- WIKIPEDIA. Rachel de Queiroz. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel\\_de\\_Queiroz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel_de_Queiroz). Acesso em: 13 jun. 2009.
- WOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Cenas londrinas*. Apresentação de Ivo Barroso. Traduzido por Miriam Campelo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O leitor comum*. Traduzido por Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.
- WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (orgs.). *Leituras na rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



## **ANEXO**

## LISTA DAS 23 ESCRITORAS

**Heloneida Studart** (Fortaleza, 1925, Rio de Janeiro, 2008).<sup>503</sup> Estudou no Colégio Imaculada Conceição. Iniciou as atividades no jornal *O Nordeste* aos 16 anos. Em 1949 passa a residir no Rio de Janeiro e profissionaliza-se no SESI. Passou a colaborar regularmente para imprensa. Foi redatora da revista *Manchete*. Em 1953, com duas amigas publica *Naipes*. Coursou Educação Social e Psicologia. Publicou *A primeira pedra* em 1954. Rachel de Queiroz foi a sua madrinha literária pois, após uma leitura dos originais, a encorajou para que tornasse públicos os seus escritos há tempos guardados. *Dize-me o teu nome* (1956) recebeu os prêmios “Orlando Dantas” instituído pelo **Diário de Notícias** e “Júlia Lopes de Almeida” da Academia Brasileira de Letras. Nos anos 60 começa a contribuir teoricamente para o movimento feminista. Com uma longa carreira como romancista, teatróloga, roteirista e, notadamente com parlamentar.<sup>504</sup>

**Adolphina Portella** Bonapacen além de *Isa*, publicou o *Preço da paz* (teatro), em 1954.<sup>505</sup>

**Cecília Meireles** (Rio de Janeiro, 1901-1964), professora, uma das vozes poética feminina do modernismo.<sup>506</sup> Seus livros *Spectro* (1919), e segue encantando um grande público de leitores. *Criança, meu amor* (1923), *Nunca mais..* (1923), *Poema dos Poemas* (1923), *Baladas para El-Rei* (1925), *O Espírito Vitorioso* (1935), *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942), *Poetas Novos*

<sup>503</sup> Autoras citadas em “Uma romancista” (*O Cruzeiro*, 13/02/1954, p. 98.) Procuo citar as publicações de cada autoras somente até a data da crônica. Nas notas de rodapé, acrescento outros dados.

<sup>504</sup> Segue com as publicações *A culpa*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963. (Romance); *Deus não paga em dólar*. Rio de Janeiro: Editora Encontro, 1968. (Romance); *No reino da boneca encantada*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, s/d. (Infantil); *Mulher, brinquedo do homem?* Petrópolis: Vozes, 1969. (Ensaio); *A deusa da rádio e outros deuses*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1970. (Romance); *O pardal é um pássaro azul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975 (Romance); *Mulher, objeto de cama e mesa*. Petrópolis: Vozes, 1975. (Ensaio); *China, o nordeste que deu certo*. Rio de Janeiro: Nosso Tempo, 1977. (Reportagem); *O estandarte da agonia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (Romance); *O torturador em romaria*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. (Romance); *Mulher, a quem pertence seu corpo?* Petrópolis: Vozes, 1989. (Ensaio); *Selo das despedidas*. Rio de Janeiro: Bluhm, 2000. (Romance); *Jesus de Jacanã*. São Paulo: Elevação, 2000. (Romance); *Luiz, o santo ateu*. Natal: Editora da EDUFRRN/Diário de Natal, 2006. (Biografia); Em parceria: STUDART, Heloneida; CUNHA, Wilson. *A primeira vez... à brasileira*. Rio de Janeiro: Nosso Tempo, 1977. (Reportagem). *Selo das despedidas*. Rio de Janeiro: Bluhm, 2000. (Romance); *Jesus de Jacanã*. São Paulo: Elevação, 2000. (Romance); *Luiz, o santo ateu*. Natal: Editora da EDUFRRN/Diário de Natal, 2006. (Biografia). Cf. Dados biográficos CUNHA, Cecília. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC v. 7, n.1-2, p.271-276.2008.

<sup>505</sup> Também publica *Romanceiro da Inconfidência: meditações*, em 1974.

<sup>506</sup> A escritora dispõe de uma fortuna crítica. Cf. dados, por exemplo em COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritores brasileiros*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 113-116.

*de Portugal* (1944), *Mar Absoluto* (1945), *Rute e Alberto* (1945), *Rui — Pequena História de uma Grande Vida* (1948), *Retrato Natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1952), *12 Noturnos de Holanda e o Aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Poemas Escritos na Índia* (1953), *Batuque* (1953)<sup>507</sup> Uma “poeta-mulher”, que tornou-se também um paradigma para tantas outras escritoras.

**Lúcia Miguel Pereira** (Barbacena-MG, 1901– Rio de Janeiro, 1959). Romancista, biógrafa, crítica literária, historiadora da literatura e intelectual da cultura brasileira nas décadas de 30 a 50. Começa a publicar ainda jovem em parceria com um grupo de amigas do lançam a revista *Elo* (1927-1929) publicou na imprensa no período de 1931 a 1954, tornando-se uma referência, como por exemplo, no *Boletim Ariel*. Publicou os romances *Maria Luiza* (1933), *Em surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra cega* (1954). Também se dedicou ao público infantil com os títulos *A fada menina* (1939), *A filha do Rio Verde* (1943), *A floresta mágica* (1943), *Maria e seus bonecos* (1943) No campo do biografismo, *A vida de Gonçalves Dias* (1943), *Machado de Assis* (1945) e na crítica *Prosa de Ficção – 1870-1920*, (1950).<sup>508</sup> Também trabalho na Secretaria de Educação, na Biblioteca Central de Educação e organizou eventos e relançamento de obras de autores consagrados como *Eça de Queirós*<sup>509</sup>. A importância de seu nome como estudiosa da literatura brasileira pode ser aferida por Antonio Candido que a cita na introdução no rol de autores que contribuíram para o seu livro *Formação da Literatura*, redigido entre 1945 e 1951.

**Henriqueta Lisboa** (Lambari-MG,1901- Rio de Janeiro, 1985). Poeta, tradutora, , ensaísta, advogada e defensora da causa feminista.<sup>510</sup> Reconhecida pela crítica com um dos grandes nomes da lírica modernista. Além da poesia, dedicou-se ao ensaísmo e tradução e seu nome consta inúmeras antologias. Dedicou-se à poesia desde muito jovem. Com livro *Enternecimento* (1929), de forte caráter simbolista, recebeu o Prêmio Olavo Bilac de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Trocou uma farta correspondência Mário de Andrade, nos anos de 1940 e 1945, tornando-se um conselheiro e amigo. São de sua autoria os livros de poesia: *Fogo-fátuo* (1925); *Enternecimento* (1929); *Velário* (1936); *Prisioneira da noite* (1941); *O menino poeta* (1943); *A face lívida* (1945);

<sup>507</sup> Segue com vasta produção literária: *Pequeno Oratório de Santa Clara* (1955), *Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro* (1955), *Panorama Folclórico de Açores* (1955), *Canções* (1956), *Giroflê, Giroflá* (1956), *Romance de Santa Cecília* (1957), *A Rosa* (1957), *Obra Poética* (1958), *Metal Rosicler* (1960), *Solombra* (1963), *Ou Isto ou Aquilo* (1964), *Escolha o Seu Sonho* (1964).

<sup>508</sup> Cf. estudo sobre a autora em: WERNECK, Maria Helena. Lúcia Miguel Pereira e a tradição Da biografia no Brasil. Disponível em: [http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/9Sem\\_08.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/9Sem_08.html). Acesso em 06 set. 2009.

<sup>509</sup> Ver perfil em: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 762.

<sup>510</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritores brasileiros*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 258-261.

*Alphonsus de Guimaraens* (ensaio, 1945), *Flor da morte* (1949); *Madrinha Lua* (1952). Muitos de seus poemas estão traduzidos para alemão, o espanhol, o francês, o húngaro, o grego, o inglês, o italiano e, brevemente, para o russo.<sup>511</sup>

**Clarice Lispector** ((Chechelnyk-Ucrânia, 1920 - Rio de Janeiro, 1977). É a grande presença do romance feminino na literatura brasileira com merecido reconhecido crítico.<sup>512</sup> Publicou artigos em jornais e os livros: *Perto do coração selvagem* (1943), *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949).<sup>513</sup> Considerada um emblema na literatura brasileira, e a maior de todas as escritoras, por Rachel de Queiroz. Para Clarice: “ Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O ‘amar os outros’ é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”.<sup>514</sup>

---

<sup>511</sup> Como uma obra que ultrapassa trinta volumes: *Azul profundo* (1955); *Lírica* (1958); *Montanha viva* (1959); *Além da imagem* (1963); *Nova Lírica* ((1971); *Belo Horizonte bem querer* (1972); *O alvo humano* (1973); *Reverberações* (1976); *Miradouro e outros poemas* (1976); *Celebração dos elementos: água, ar, fogo, terra* (1977); *Pousada do ser* (1982) e *Poesia Geral* (1985), reunião de poemas selecionados pessoalmente pela autora do conjunto de toda a obra, publicada uma semana após o seu falecimento. Publicou ainda os ensaios *Convívio Poético* (1955), *Vigília Poética* (1968) e *Vivência Poética* (1979), coletâneas de ensaios. Os poemas que traduziu foram recentemente reunidos pela Editora da UFMG em Henriqueta Lisboa: *Poesia Traduzida*. Interessou-se pela literatura infanto-juvenil, destacando a *Antologia Poética para a Infância e a Juventude* (1961), que será reeditado pela Petrópolis brevemente. Segundo Constância Lima Duarte “ao todo são trinta títulos, entre poemas, ensaios, crítica literária, traduções e antologias. A diversidade da obra revela-nos não só os diferentes interesses que a mobilizaram, como as muitas contribuições que nos legou.” Cf. DUARTE, Constância Lima. Henriqueta Lisboa – Uma biografia intelectual. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigos/henriqueta.html>. Acesso em 06 set. 2009.

<sup>512</sup> Escritora de maior fortuna crítica. Cf. dados em LOBO, Luiza. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006, p.94-112.

<sup>513</sup> Cf. Perfil biográfico em: GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995; COLEHO< Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 128-130. Como é uma escritora do Cânone literário brasileiro, me limitei a poucas palavras. Cito apenas as publicações: *Romances A Cidade Sitiada* (1949), *A Paixão Segundo G.H.* (1964), *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* (1969), *A Hora da Estrela* (1977). Contos: *Laços de Família* (1960), *A Legião Estrangeira* (1964), *Um Sopro de Vida* (1978). Também oportuno citar a sua contribuição para jornais e revista, muitas vezes usando de pseudônimo, para publicar os seus escritos. A pesquisadora Aparecida Nunes vem cotejando e analisando essa vasta produção de Clarice Lispector dispersa na imprensa. Ver NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: Páginas femininas & outra páginas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.

<sup>514</sup> Seleta Clarice, 1975. Apud. COELHO, Nelly Novaes. . *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 129.

**Dinah Silveira de Queiroz** (São Paulo, 1911 - Rio de Janeiro, 1982). Romancista, contista, tradutora, radialista, biógrafa e cronista.<sup>515</sup> Autora de *Floradas na serra*, romance (1939); *A sereia verde*, novela e contos (1941); *Margarida la Rocque*, romance (1949); *A muralha*, romance (1954). Recebeu o prêmio Machado de Assis (1954) pelo conjunto de obra concedido pela Academia Brasileira de Letras. Casada com o diplomata Dório Castro Alves, morou em várias cidades, Madri Moscou e Roma. Sobre Dinah e a relação familiar e ABL, a cronista explica: "O primeiro marido dela era meu primo-irmão, o Narcélio [de Queiroz, advogado e literato]. E nós ficamos amigas, cheguei a brigar com o Narcélio. Quando ela brigava com o Narcélio, eu ficava ao lado dela, porque o casamento foi muito difícil, eles tinham muitos problemas. Então a minha candidata era a Dinah, mas ela tinha criado aquele ambiente meio adverso por causa da luta dela para ingressar na Academia e veio me pedir: "Rachel, pelo amor de Deus, aceite essa candidatura, porque a única maneira de eu entrar é você entrar primeiro". De forma que..."<sup>516</sup>.

Será a segunda mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, em 1980. Oriunda de uma família de literatos, Dinah Silveira obteve grande êxito de público. Pioneira na área de ficção científica, também recebeu inúmeros prêmios e teve muitas obras adaptadas para o cinema e TV e inúmeras traduções de suas obras.

Conforme escreve Bella Jozef em uma seleta, Dinah "sente grande admiração, a quem dedica "Amizade fraternal imensa" e diz que o sentido humano da pessoa, Rachel persiste com a mesma sensibilidade, o mesmo gosto pela vida, o interesse pelo próximo, das pessoas que vêem o ser não através da literatura, mas compreendendo física e espiritualmente a raça humana"<sup>517</sup>.

**Maria Julieta Drummond de Andrade** (Belo Horizonte, 1928 — Rio de Janeiro, 1987). Filha única de Carlos Drummond de Andrade. Julieta jamais conseguiu destaque, sufocada pelo sobrenome famoso que carregava. Seu pai veio a falecer em 17 de agosto de 1987, doze dias após sua morte, causada por um câncer ósseo. Publicou *A busca* (1946) e depois enveredou pela infanto-juvenil. Maria Julieta, ao escrever sobre a biografia do seu livro *A busca*, ela cita como grandes estimuladores: "Mamãe e papai, pelo muito que me

---

<sup>515</sup> Obras seguintes; *O oitavo dia* (teatro, 1956); *As noites do morro do encanto* (conto, 1957); *Eles herdarão a terra* (ficção científica, 1960); *Os invasores* (romance 1965); *A princesa dos escravos* (biografia, 1966); *Verão dos infelizes* (romance, 1968); *Comba Malina*, (ficção científica, 1969); *Cafê da manhã* (crônicas, 1969); Seleta, org. sel. e notas de Bella Jozef (1974); *Eu venho, Memorial do Cristo I* (1974); *Eu, Jesus, Memorial do Cristo II* (1977); *Baía de espuma*, ( 1979); *Guida, caríssima Guida* (romance, 1981). Cf. bio-bibliografia Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=459&sid=131>. Acesso em 06 set. 2009.

<sup>516</sup> Cf. Entrevista no programa Roda Viva – **TV Cultura** em 01 de julho de 1991. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/PGM0260>. Acesso em 22 fev. de 2010.

<sup>517</sup> QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Seleta*. Organizada por Bella Jozef. Brasília: INL/Ministério da Educação e Cultura, 1970, p. VIV.

incentivaram, são os verdadeiros culpados dessa novela; principalmente mamãe, a quem coube a pior parte: a de ouvir, todas as noites, com a maior paciência, cada novo episódio. Outra grande responsável é Rachel de Queiroz, cuja opinião de leitura levou o meu amigo José Olympio a publicar o livro”. (**O Cruzeiro**, 20/02/1954, p. 57).

**Helena Silveira** (São Paulo, 1911-1984). Contista, cronista, teatróloga, romancista, jornalista, crítica e radialista. Começou a escrever para a imprensa adolescente, viajou pela Europa com a família e frequentou curso de dicção. Algumas vezes usava o pseudônimo Helen. Escreveu *A humilde espera* (contos, 1943) e *No fundo do poço* (teatro, 1950), *A torre* (teatro, 1952), *Mulheres, frequentemente* (contos, 1953).<sup>518</sup>

**Maria de Lourdes Resende Teixeira** (São Pedro-SP, 1907- São Paulo, 1987). Contista, romancista, ensaísta, biógrafa, memorialista, conferencista, jornalista e tradutora (de Paul Valéry, Collete, Simone de Beauvoir e François de Sagan). Coursou a escola Normal e ainda menina, publicou os primeiros trabalhos (contos) na revista *Papel e Tinta*, na década de 20, fundada e dirigida por Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade. Interrompe a carreira literária por imposição do marido, retornando somente 1945, após o desquite. Em seguida casa-se com José Geraldo Vieira (romancista, poeta, crítico de arte e de literatura e professor). Trabalhou, na *Folha de S. Paulo* e no *Estado de S. Paulo*. Escreveu crítica em periódicos. *Alfeu e Aretusa* (ensaio, 1950), *O banco de três lugares* (romance, 1951). Também publicou o ensaio *Alfeu e Aretusa (as apaixonadas de Goethe)*, 1950<sup>519</sup>.

**Lúcia Benedetti** (Mococo/SP, 1914 – Rio de Janeiro, 1998). Romancista, contista, teatróloga e professora. Começa a escrever ainda criança para jornais escolares. Urso Direito e leciona. No *Jornal A Noite* mantinha uma coluna “Diário de uma professorinha”. Casa-se com Raimundo Magalhães Jr.

<sup>518</sup> Publicou também *Damasco e outros caminhos* (crônica, 1957), *Geografia do nada* (romance, 1960) *Sombra azul e carneiro branco* (1960), *Na selva de São Paulo* (romance, 1966), *Os dias chineses* (contos, 1966), *Memória da terra assassinada* (romance, 1976), *Paisagem e memória* (diversos, 1983), em parceria com Isa Silveira Leal, *A cachorrinha cósmica* (Infãnto-juvenil, 1984) e *Amanheceu e já ontem* (Infãnto-juvenil, 1984). Ver perfil em COELHO, Nelly Novaes. *Op. cit.* p. 525.

<sup>519</sup> Prossegue com as seguintes publicações: *Raiz amarga* (1960), *Rua Augusta* (1962), *A virgem noturna* (1965), *O pátio das donzelas* (1976). Tradutora de muitos títulos, tais como *O Idiota* Dostoevsky, *A cartuxa de Parma* e *O vermelho e o negro* de Stendhal, *O pensamento vivo de Descartes*, de Paul Valéry e *Os mandarins*, de Simone de Beauvoir. Ainda os ensaios *Esfínges de papel* (1956) e *O Pássaro tempo* (1968) Cf. informações em LACERDA, Lílian. *Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 152-156. Ver também entrevista em: STEEN, Edla Van. *Viver & Escrever*. 2. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 44-59.

Durante a Segunda Guerra viajam aos Estados Unidos como correspondentes. Engajou-se no teatro ao Aldo de Maria Clara Machado, Maria Lúcia Amaral e Stella Leonardos além de escrita de peças, também articularam grupos de produção, diretos e atores. Publicou em parceria com o marido *Chico vira bicho e outras histórias* (Infantil, 1943). E segue com os títulos: *Entrada de serviço* (romance, 1946), *O casaco encantado* (teatro Infantil, 1948), *Noturno sem leite* (romance, 1948), *Vesperal com chuva* (contos, 1950), *Simbita e o dragão* (teatro infantil, 1950), ) e *Joãozinho que anda para trás* (teatro infantil, 1954).<sup>520</sup>

**Maria Luiza Queiroz** (Fortaleza-CE, 1926) irmã mais nova de Rachel de Queiroz. Publicou crônica na imprensa e em outros periódicos, como em *O Cruzeiro*<sup>521</sup>.

**Laurita Pessoa** ou Laurita Pessoa Raja Gabaglia. Freira tornou-se carmelita descalça. Escreveu: *Juventude de hoje lares de amanhã* (religião, 1937) *Cardeal Leme, homem do coração* (biografia, 1945), *Epitácio Pessoa-1865-1945* (1951) sobre a vida de seu pai, em dois volumes.<sup>522</sup>

**Carolina Nabuco** (Santos-SP, 1929 – Rio de Janeiro, 1981). Maria Nabuco Carolina de Araújo tinha uma vasta cultura. Foi romancista, conferencista, ensaísta e biógrafa. Para acompanhar o pai, Joaquim Nabuco, Senador do Império, viajou muito para o exterior. Participou de várias associações culturais e recebeu muitos prêmios. São de sua autoria *A vida de Joaquim Nabuco* (biografia, 1928), traduzida para inglês e espanhol; *Catecismo historiado – doutrina cristã para a primeira comunhão* (1940), *A sucessora* (romance, 1934), livro este considerado uma das grandes obras do Modernismo brasileiro, e que foi plagiado pela inglesa escritora Daphne du Marier, em 1938, com o título *Rebeca*; ainda publicou *Chama e cinza* (romance, 1947).<sup>523</sup>

---

<sup>520</sup> Segue com as seguintes publicações: *Três soldados* (romance, 1955), *O chão estrangeiro* (romance, 1956), *O teatro infantil* (vol. I, 1957), *Noves história reunidas* (contos, 1960), *Maria Isabel – uma vila no Rio* (romance, 1960), *O inferno de Rosaura tal como se deu* (conto, 1960), *Figura de Pedro* (teatro, 1960), *O espelho que vê por dentro* (1965), *Aspecto do teatro infantil* (1969), *Teatro infantil* (vol. II, 1971), *Teatro infantil* (vol. III, 1974), *Santos na economia cristã* (1978), *A maravilhosa viagem de João e Joana e outras histórias* (infanto-juvenil, 1979), Escreveu adaptações como *Alice no país das maravilhas*. Mais detalhes biográficos em: COELHO, Nelly Novaes. Op. cit. p. 556-557.

<sup>521</sup> Escreveu em parceria com Rachel de Queiroz, *O nosso Ceará* (Didático, 1996) e *Tantos anos* (Memória, 1998), *Não me deixes: suas história e sua cozinha* (2000).

<sup>522</sup> *Papa João: um camponês no vaticano* (1970), *Convite a literatura* (1976).

<sup>523</sup> *Santa Catarina de Siena* (biografia, 1957), *A vida de Virgílio Melo Franco* (biografia, 1962), *Retrato dos Estados Unidos a Luz da Sua Literatura* (ensaio, 1967), *O ladrão de guarda-chuvas* (1967), *Oito Décadas* (memórias, 1973), *Meu livro de cozinha* (1977). Cf. perfil em: COELHO, Nelly Novaes. Op. cit., p. 245-246.

**Elsie Lessa** (São Paulo, 1912, Portugal, 2000). Contista, radialista, tradutora, jornalista e cronista<sup>524</sup>. Cito NellyNovaes, “estréia em 1942, com os contos *Enfermeira de terceira*, seguindo a mesma linha humanitária de Orígenes Lessa, dando voz a uma consciência dolorida e quase resignada à injustiça social que gera a miséria repentina e sem horizontes a que a maioria do povo está condenado”. Considera uma mulher de beleza rara. Escreveu para o *Jornal O Globo*. Publicou *Pelos caminhos do mundo* (ensaio, 1948), *Armazém da lua* (1956).<sup>525</sup>

**Lúcia Machado de Almeida** (Nova Granja-MG, 1910 - Indaiatuba-SP, 2005). Autora de livros infanto-juvenis.<sup>526</sup>

**Ruth Guimarães** ou **Ruth Guimarães Botelho** (Cachoeira Paulista-SP, 1920). É poeta, contista, romancista, revisora, tradutora, teatróloga. Começou a publicar desde os dez anos, jornalista de atividade intensa em vários jornais do país. Graduada em Letras Clássicas (latim e grego). Foi aluna e discípula de Mário de Andrade, que a iniciou nos estudos de folclore e literatura popular. É a primeira escritora brasileira negra que conseguiu projetar-se nacionalmente desde o lançamento do seu primeiro livro, em 1946, publicou *Água funda*, e em 1950, *Os filhos do medo*.<sup>527</sup>

**Maria José Dupré** ou Sra. Leandro Dupré (Ribeirão Claro-PR, 1898 - Guarujá-SP, 1984). Foi alfabetizada pela mãe e seu irmão. Estudou pintura e música. Coursou a Escola Normal. Sua vida na literatura começa após casar com

<sup>524</sup> COELHO, Nelly Novaes *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, 189-190.

<sup>525</sup> *A dama da noite* (crônica, 1963), *Conto de Natal* (1970), *Crônica de amor e desamor* (1973), *O realismo visual* (crônica, 1973), *Ponte Rio Londres* (1984).

<sup>526</sup> Publicou *O Escaravelho do Diabo* (1955), *Viagens maravilhosas de Marco Pólo* (1956), *Passeio a Sabará* (1956) *As aventuras de Xisto* (1957), *Passeio a Diamantina* (1960), *No fundo do mar* (1960), *Passeio a Ouro Preto* (1960), *Na região dos peixes fosforescentes* (1960), *Xisto no Espaço* (1968) *Estórias do fundo do mar* (1975), *Minas Gerais – roteiro turístico* (1978), *Spharion* (1979), *A vida é fantástica* (1977), *Antíria na Amazônia* (1992). Tive muita dificuldade em fazer o levantamento cronológico de seus livros. Ainda estão sem os títulos pesquisas na Estante Virtual: *Estórias do Fundo do Mar*, *Lendas da Terra do Ouro*, *O Caso da Borboleta Atíria*, *Xisto e o Saca-Rolha*, *Xisto e o Pássaro Cósmico*, *Passeio a Ouro Preto*, *Passeio ao Alto Minho*, *Asteróide*, *O Mistério de Douradinha*.

<sup>527</sup> *Mulheres Célebres* (1960), *As Mães na Lenda e na História* (1960), *Líderes Religiosos* (1961), *Lendas e Fábulas do Brasil* (1972), *Dicionário de Mitologia Grega* (1972), *O Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira* (1974), *Grandes Enigmas da História* (1975), *Medicina Mágica: as simpatias* (1986), *Lendas e Fábulas do Brasil* (1989), *Crônicas Valeparaibanas* (1992), *Contos de Cidadezinha* (1996), *Calidoscópio – A Saga de Pedro Malazarte* (2006), *Histórias de Onça* (2008), *Histórias de Jabuti* (2008) *Traduções: O asno de ouro* (1963), *Histórias Fascinantes*, de Honoré de Balzac (1960), *Os Mais Brilhantes Contos de Dostoievski*, de Fiodor Dostoievski. Introdução, seleção e tradução (1966), *Contos de Dostoievski* (1985), *Contos de Alphonse Daudet*. Seleção e prefácio (1986), *Contos de Balzac* (1986) *Os Melhores Contos de Alphonse Daudet*. Seleção e prefácio (1987), *Os Melhores Contos de F. Dostoievski*. Tradução, seleção e introdução (1987), *Os Melhores Contos de Balzac*. Seleção, tradução e prefácio (1988), *Buda e Jesus, diálogos* (1989). Recentemente foi eleita para Academia Paulista de Letras.

o engenheiro Leandro Dupré. Foi contemporânea de nomes como Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Viana Moog, numa época em que as mulheres intelectuais apenas começavam a exercer alguma atividade profissional. Em 1939, publicou o conto *Meninas tristes*, no suplemento literário de O Estado de S. Paulo, com o pseudônimo de Mary Joseph. Mas sua carreira começou realmente em 1941, com a publicação de *O romance de Teresa Bernard*, 1941. É autora de vários clássicos da literatura infanto-juvenil, mas foi o romance *Éramos Seis*, 1943, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, que a lançou efetivamente no mercado. Prefaciada por Monteiro Lobato, *Éramos Seis* mereceu o seguinte comentário do autor mais significativo da história da literatura infanto-juvenil brasileira: "Tudo fica vida, só vida, em seu extraordinário romance". O livro foi traduzido para o espanhol, francês e sueco e transformado em filme na Argentina, e em quatro ocasiões, na forma de telenovela no Brasil. Escreveu para o público adulto também.<sup>528</sup>

**Francisca Bastos Cordeiro** (Rio de Janeiro, 1875 -1965) ou Francisca Carolina Smith de Vasconcelos. Filha do Barão Rodolfo Smith Vasconcelos (2º Barão de Vasconcelos) e de Eugênia Virgínia Ferreira Felício. Atuou como poetisa, romancista, ensaísta e tradutora. Em 1925, *Única*, importante revista literária escrita e dirigida somente por mulheres. Segundo Elaine Vasconcelos a sua "produção intelectual pode ser criticamente percebida em dois sentidos, um que, conjugam a criação de poesia, romance, contos e ensaios; e outro, a organização e estudos de literatura brasileira e estrangeira, os últimos de finalidade didática, talvez sua mais importante contribuição".<sup>529</sup>

**Ester de Viveiros.** Jornalista Livro: *Rondon conta sua vida*.<sup>530</sup>

---

<sup>528</sup> Ganhou diversos prêmios, tais como: Prêmio Raul Pompéria (ABL) e Jabut (CBL). Ainda publicou nos anos seguintes: *Gina, A Casa de Ódio, Os Rodriguez, Dona Lola (continuação de Éramos seis), Luz e Sombra, Vila Soledade, Angélica, Menina Isabel, Os Caminhos, A Ilha Perdida, O Cachorrinho Samba, O Cachorrinho Samba na Fazenda, O Cachorrinho Samba na Floresta, A Mina de Ouro, A Montanha Encantada*. Cf. dados na disponível em:

< [http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Jos%C3%A9\\_Dupr%C3%A9](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Jos%C3%A9_Dupr%C3%A9).. Acesso em 07 set. 2009

<sup>529</sup> CF.VASCONCELOS, Elaine. "Francisca de basto Cordeiro". In.: MUZART, Zahidé Lupinacci.(Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia Vol. II. Apresentação de Nádia Battella Gotlib. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2004, p. 669. Veja ainda a obras citadas pela pesquisadora: *Jardim secreto* (ensaio), 1923; *Almas do meu caminho* (contos), 1926; *O meu único amor...*(novela), 1928; *Brasilidades, o sertão brasileiro e as raças pré-históricas, segundo a opinião e os escritos de sábios antigos e modernos* (1929); *Canções a esmo* (poesia), 1931); *Antologia infantil* (pedagógico), 1934; *Poetas e prosadores do Brasil* (coletânea), 1936; *China e Índia* (síntese), 1942; *Vultos passados* (esboços biográficos), 1944; *Arde uma chama nas trevas* (romance), 1956; *Machado de Assis que eu vi* (1961); *Machado de Assis na intimidade* (1965). E as traduções: *Ritmos imortais* (poesia), 1943; *O átomo poderoso*, 1923; *O jardineiro*, 1928; ... *E o vento levou* (1934); *Antônio Adverse*, 1941; *A lei da divina harmonia*, 1941; *Por quem os sinos dobram*, 1946); *O Ramayana* (sobre China e Índia), 1946; *Por que não?*, 1948; *As árvores*, 1952.

<sup>530</sup> Ela publicou *Rondon conta sua vida* (1958).

**Eneida de Moraes** (Belém, 1904 - Rio de Janeiro, 1971), ou simplesmente Eneida foi jornalista, escritora, cronista, poeta e pesquisadora do carnaval carioca. Segundo Nelly Novaes. “Dinâmica personalidade que se tornou um das mais queridas e respeitadas no meio intelectual e político nacional.<sup>531</sup> Afirma ainda que ela “teve uma vida intensamente vivida”. Desde cedo que publica na imprensa de Belém. Após mudança para o Rio de Janeiro, em meados dos anos 20, entra em contato com o modernismo e início da anos 30 participou ativamente da vida literária política. Publica o livro de poema *Terra verde* (1930). Em 1932 filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro Presa em 1935, foi mandada para a Casa de Correção do Rio de Janeiro por causa da sua militância política.<sup>532</sup> Graciliano Ramos a imortalizou em *Memórias do Cárcere*. Escreveu *História do carnaval carioca*, a primeira grande obra sobre este assunto, que estabelecerá as principais categorias do carnaval brasileiro ao definir o conceito de cordões, corso, ranchos, sociedades e entrudo, entre tantos outros. Participa da vida cultural ao lado de Murilo Mendes, Múcio Leoa, Prudente de Moarais Neto, Sérgio Buarque de Holanda e Rachel de Queiroz.. Em 1936 publica *Quarteirão*. Publicou crônicas: *Paris e outros sonhos* (1950) *Cão da madrugada* (1954)

Grande carnavalesca, foi criadora do baile do Pierrot no Rio de Janeiro e em Belém. A escola de samba Salgueiro, teve a jornalista como tema do enredo de 1973: *Eneida, amor e fantasia*. Em Belém, o Império de Samba Quem São Eles dedicou também a ela o samba-enredo *Eneida sempre amor...*

**Lygia Fagundes Telles** (São Paulo, 1923). Ainda estudante de Direito, participou ativamente dos debates literários, onde conheceu Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Foi na faculdade que conheceu a poeta que veio a ser a sua melhor amiga, Hilda Hilst. Escreveu para os jornais e, ao mesmo tempo, trabalhava para pagar os estudos e a sua própria subsistência. Foi também em 1941 que terminou o curso de Educação Física. Em 1944 publicou *Praia Viva*. Em 1950 casou-se com o jurista Godofredo da Silva Teles Jr. (filho de Godofredo da Silva Teles), que era seu professor na Faculdade de Direito e deputado federal, o que a levou a mudar-se para o Rio de Janeiro, onde funcionava a Câmara Federal. Em 1952, de volta à sua cidade natal, escreveu o seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, publicado em 1954.<sup>533</sup>

---

<sup>531</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002, 196.

<sup>532</sup> 1959 visitou Rússia China

<sup>533</sup> Livros de contos: *Histórias do desencontro* (1958), *Histórias escolhidas* (1964), *O jardim selvagem* (1965), *Antes do baile verde* (1970), *Seminário dos ratos* (1977), *Filhos pródigos* (1978) (reeditado como *A estrutura da bolha de sabão*, 1991), *A disciplina do amor* (1980), *Mistérios* (1981), *A noite escura e mais eu* (1995), *Venha ver o por do sol*, *Oito contos de amor*, *Invenção e Memória* (2000), *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados* (2002), *Meus contos preferidos* (2004), *Histórias de mistério* (2004), *Meus contos esquecidos* (2005). E os romances: *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973), *As horas nuas* (1989). Também tem publicado em antologia, coletâneas, traduções, crônicas e adaptações.

Maria **Lúcia Fernandes** Martins (Rio de Janeiro, 1926, Fortaleza, 2005. Iniciou muito jovem na literatura, conquistou, em 1945, com menos de dezenove anos de idade, menção honrosa num concurso de conto, promovido para comemorar o centenário de Eça de Queirós. Neste mesmo período, colabora na imprensa do Ceará e de outros estados. Comumente assinava com pseudônimo de *Sandra Lacerda*. Publicou *Destinos Cruzados*, romance, no jornal, *O Povo* (1953), e *A Face Marcada*, novela, no jornal *O Estado* (1955). Também são dessa época alguns contos na revista *Clã*, assinados com o nome real. Membro da Associação Cearense de Escritores e da Associação Cearense de Imprensa. Possui vários prêmios literários.<sup>534</sup>

**Terezinha Eboli** (Nova Friburgo-RJ, 1923 - ?) ou Maria Terezinha de Mello Eboli. Poeta, contista, pedagoga, professora, jornalismo. Como jornalista e poeta desde os anos de 1940. Colaborou regularmente na imprensa. Como tradutora atuou principalmente na área da Educação traduzindo Estréia com livro de poesia *Andante tranqüilo* (1950)<sup>535</sup>

**Morena Flores** (Rio Grande do Sul, 1900- 1996). Gaúcha. Publicava na revista literária de Santa Maria, nos jornais literários, sonetos. Dedicou-se mais à crônica. Ela era gaúcha e feminista. Deixou inéditos.<sup>536</sup>

\*\*\*

---

<sup>534</sup> Em 1967 lançou o romance *Nada de novo sob o sol*, com prefácio de Rachel de Queiroz, posteriormente traduzido para o Inglês e espanhol. O Os contos *Janelas Entreatas* (1971) e *Histórias para passar o tempo*. Cf. AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. p. 486-491.

<sup>535</sup> Em 1959, participou da coletânea *O conto feminino*, organizado por Raymundo Magalhães. Escreveu *Uma escola diferente* (1969), com prefácio de Anísio Teixeira, sobre a experiência coma Educação Integral. Livros infanto-juvenis: *Como os animais vão para o Zoológico* (1970), *Viva Valentim* (1970), *O Carneirinho* (1972), *Heróis da comunidade mundial* (1976), *O gato mágico* (1976), *Preto e branco* (1983), *Ritinha Buscapé* (1985) *Os corações valentes e suas glórias* (1985), *Rosarita rosa choquei* (1988), *Martin filhote de águia* (1989), *Os mequetrefes* (1990), *Beco Barro* (1996), *A lenda da lua da Pixiúba* (1997), *A lenda da lua da Vitória-Régia* (1997), *O jogos dos olhos* (1997), *A lenda da lua cheia* (1997) e tradução, como *Contos Tchecos*.

<sup>536</sup> Informações de Zhaidé Muzart.